



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE –
PPGEduC – CAMPUS 1**

OSVANILDO DE SOUZA FERREIRA

HISTÓRIA/EAD: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA *M-LEARNING*

SALVADOR
2015

OSVANILDO DE SOUZA FERREIRA

HISTÓRIA/EAD: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA *M-LEARNING*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, PPGEduC, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta

SALVADOR
2015

OSVANILDO DE SOUZA FERREIRA

HISTÓRIA/EAD: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA *M-LEARNING*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, PPGEduC, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Banca de Mestrado

Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Doutor em Educação - Orientador - UNEB

Ivaldo Marciano de França Lima

Doutor em História - Avaliador - UNEB

Jaqueline Souza de Oliveira

Doutora em Difusão do Conhecimento - Avaliadora - IFBA

Mary Valda Souza Sales

Doutora em Educação - Avaliadora - UNEB

AGRADECIMENTOS

Sócrates, ao falar do amor, no Simpósio de Platão, se utilizou da Sacerdotisa Diotima e o fez com maestria. Agradecer a Deus e às pessoas que colaboraram comigo nessa jornada, também é um ato de amor.

Nesta liturgia do amor, trago um texto que marcou minha jornada nesta dissertação, trata-se de uma Ode a Maurício Tragtenberg; esse escrito se refere a uma tese, mas gostaria que substituíssem a palavra tese, por uma dissertação. Faço a transposição *ipsis litteris* com objetivo de transmitir muitos momentos que passei na dissertação do mestrado. Ao transpor essa Ode me reservo o direito concedido por esta página, de me manter em “silêncio” nos momentos descritos desses agradecimentos e dessa Ode.

Agradeço a Deus que me deu força, coragem e inspiração para produzir esta pesquisa e, ao universo, por permitir ter vocês como amigos e colaboradores, por fazerem parte desse círculo de pessoas maravilhosas que contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse chegar ao fim dessa primeira caminhada. “Concordo que não é fácil fazer uma tese.” Por isto, esses agradecimentos. (SILVA, 2004).

À minha família, aos meus tios e tias, primos (as), sobrinhos (as), que mesmo de longe, sempre estiveram próximos, torcendo por mim: Maria José de Souza (mãe), Osvaldo Marques Ferreira (pai, *In memoriam*), Janete Ferreira (irmã), Osvaldo Marque (irmão), Osmaldo Ferreira (irmão), Edivaldo Ferreira (irmão), Elisabeth Ferreira (imã) e Cyntia Ferreira (irmã).

À minha microfamília: minha esposa, Isa Virginia Matias Paim de Oliveira; minha filha, Elisa de Souza Ferreira; a meu filho, Elvis Paim Ferreira.

Se não nos cuidamos, ficamos neuróticos. E, em nossa neurose, sacrificamos todos à nossa volta ao “altar” da tese. A esposa já não nos suporta, pois a tese lhe figura como uma rival, uma amante; os filhos reclamam da nossa chatice e da nossa *presença ausente*, nem nós nos suportamos (SILVA, 2004).

“Os amigos se afastam para não nos atrapalhar” (SILVA, 2004).

Aos professores Ivaldo Marciano de França Lima, Jaqueline Souza de Oliveira e Mary Valda Souza Sales, membros da banca de qualificação e defesa.

Os amigos se afastam para não nos atrapalhar – “Ele está fazendo tese!” ou para se livrarem do nosso permanente monólogo sobre a tese. (SILVA, 2004).

Aos professores: Kleber Almeida Freitas, Rita Cristina Coelho de Almeida Santiago, Luciana Conceição de Almeida Martins, Eudes Mata Vidal, pelas primeiras dicas e pela parceria até o final desta pesquisa, sem nunca me abandonarem, em todos os pedidos de socorro.

Nesta fase, como sugere Maria Ester de Freitas, “é essencial ter um pouco de lucidez e de juízo para perceber que ninguém – nem mesmo o melhor amigo – tem a obrigação de nos ouvir dizer cobras e lagartos todas as vezes que nos encontra; assim como a nossa, a paciência dos outros tem limites que a nossa tese ignora”. (SILVA, 2004).

Aos professores tutores/as que contribuíram com dicas, nas reuniões que fizemos para construir soluções para esta pesquisa: Margareth Rodrigues Coelho Vaz, João Marciano de Souza Neto, Jaqueline Souza Pereira, Edemir Brasil Ferreira e Verena Pena S. Pitanga.

As professoras que se desdobraram para contribuir como tutoras nos grupos de *WhatsApp*, dos quatro polos da pesquisa: Claudia Freitas Góes de Souza, Elisa de Souza Ferreira e Islândia Dias de Araújo Góis.

A Jailton Lima Brito, contribuindo com a organização desse trabalho;

A Rita Cristina Santiago, pela organização deste trabalho conforme ABNT e revisão final.

“Há, ainda, a dificuldade de recursos para superar as distâncias, buscar as informações, livros e outros materiais essenciais para a pesquisa. Essa dificuldade só não foi maior devido à possibilidade de usar a *internet*, a qual facilitou o acesso às pessoas que eu não conhecia e que me encaminharam materiais, me ajudaram a descobrir contatos e até mesmo enviaram livros. Manifesto meu agradecimento.” (SILVA, 2004).

Ao grupo dos onze sujeitos aprendentes do Polo de Santo Estêvão, que levou essa pesquisa como colaboradores conscientes de uma missão inovadora de um curso *M-Learning*: Angela, Djalma, Euvaldo, Sandra, Lecivaldo, Leidjane, Laodiceia, Francilene, Euvaldo, Dulce e Adileia.

Aos Coordenadores/as Elielson Teixeira, Eliane Marques e Délia Ladeia; a todos e a todas eu aproveito para pedir ao universo que os gratifiquem, ante ao meu muito obrigado.

Ao professor Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta, meu orientador, pela força, confiança e paciência pelo que construímos juntos, pelas análises, pelo saber compartilhado e, principalmente, por acreditar que meu trabalho é relevante e significativo.

Para mim, fazer a tese foi uma experiência ímpar, prazerosa e profícua. Não que eu tenha navegado em constante calma, mas em nenhum momento me vi diante do risco do naufrágio. É normal certo grau de dificuldades e isso deve ser visto como parte do processo. Se potencializarmos os obstáculos, eles se tornarão maiores do que a nossa capacidade de superá-los - muitos de nós temos a incrível mania de complicar o simples, e de transformar o difícil no impossível. (SILVA, 2004).

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”

(Caetano Veloso)

RESUMO

Esta dissertação analisa o conjunto de soluções criado para o Curso de História/EAD da UAB/UNEB com o fito de valorizar a diversidade sociocultural dos municípios polos do curso de História, tendo como problema o ensino-aprendizagem/EAD. Para tanto, utilizamos vivências pluriculturais, evocando princípios da praxiologia de Gramsci, a dialética de Heráclito, postulados de Williams, da epistemologia pedagógica de Vygotsky e do postulado do Pensar Histórico de Matta. Castells discute o espaço digital e a Sociedade em Rede, sacralizando a Ágora enquanto *locus* democrático de discussão e construção cognoscente do mundo digital contemporâneo. Construiu-se um panorama com a formação histórico-cultural complexada da Bahia. Esse contexto ajudou a revelar os encontros realizados e organizado pelo pesquisador nos polos do interior da Bahia. A metodologia *Design Based Research* - DBR, nessa pesquisa, trabalha na realidade prática, permitindo que os sujeitos aprendentes façam conexão entre os textos históricos e a realidade de seus municípios. Para validar o estudo, essa pesquisa criou e implantou o Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia - CRBP aprovado pelos sujeitos aprendentes do Curso de História/EAD que se utilizaram do *WhatsApp* para executar as tarefas atinentes ao Curso de História que resultou no curso EAD *mobile* ou *M-Learning*.

Palavras-chaves: Ensino de História. *M-Learning*. EAD.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the set of solutions created for the History Course / E-Learning of UAB / UNEB with the aim of enhancing the socio-cultural diversity of the cities poles of the history course, where the problem is the teaching-learning / distance education. Therefore, it was used multicultural experiences, evoking principles of Gramsci's praxiology, Heraclitus' dialectics, Williams' postulates, the Vygotsky's pedagogical epistemology and Matta's Historical Thinking postulate. Castells' discusses the digital space and the Network Society, sacralizing the Àgora as locus of democratic discussion and learning construction of the contemporary digital world. It was built a platform with the complexed historical cultural training of Bahia. This context helped reveal the Meetings held and organized by the researcher in the poles os the interior of Bahia. The methodology, Design Based Research (DBR), in this research works in practical reality, allowing the students to make a connection between historical texts and the reality of their cities. To validate the study, this research has created and implemented the Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia (CRBP) approved by the subjects / learners of History Course / E-Learning, which used the WhatsApp to perform the tasks pertaining to the history course which resulted in a long distance course mobile or M-Learning.

Key-words: History teaching. E-Learning. M-Learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	HISTÓRIA EAD, POR UMA VIVÊNCIA PLURICULTURAL	16
2.1	EAD - UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO	23
2.2	BREVE HISTÓRIA DA EAD PELO MUNDO	25
2.3	A EAD NO BRASIL	27
2.4	A EAD NA UNEB	32
2.5	A HISTÓRIA/EAD DA UNEB: O PESQUISADOR E HISTÓRIA IMPLICADA ...	34
2.6	ENTENDENDO A EAD – ALIADA A UMA PRÁTICA PLURICULTURAL	41
2.7	EMBRIÃO DOS ENCONTROS DE HISTÓRIA/EAD	43
2.8	TEORIA E PRÁTICA DE UMA REALIDADE PLURICULTURAL E DIALÓGICA	47
2.9	O NASCIMENTO DA PROPOSTA DE PESQUISA NA UNEB	49
3	FORMAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL E COMPLEXA DA BAHIA	52
3.1	O PORTUGUÊS COLONIZADOR NA BAHIA	52
3.1.1	Marcas ibéricas na Bahia	54
3.2	OUTROS POVOS NA COLÔNIA DA BAHIA	56
3.3	ALGUNS GRUPOS INDÍGENAS NA BAHIA	57
3.3.1	Marcas indígenas na Bahia	58
3.4	A ÁFRICA BAIANA	60
3.5	AS REGIONALIDADES: UMA VISÃO DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA BAHIA	61
3.5.1	A Bahia e o Recôncavo – Engenhos e Quilombos	64
3.6	A PLURICULTURALIDADE – COMO A ENTENDEMOS	65
3.6.1	Por que a pluriculturalidade precisa das regiões baianas?	65
3.7	INTERPRETANDO AS REGIÕES BAIANAS	66
3.7.1	Mesorregião	67
3.7.1.1	<i>Mesorregião Metropolitana de Salvador</i>	68
3.7.1.2	<i>Mesorregião do Centro - Norte</i>	71
3.7.1.3	<i>Mesorregião do Nordeste Baiano</i>	76
3.7.1.4	<i>Mesorregião do Extremo Oeste Baiano</i>	79
3.7.1.5	<i>Mesorregião do Vale do São Francisco</i>	82
3.7.1.6	<i>Mesorregião do Centro Sul-Baiano</i>	85
3.7.1.7	<i>Mesorregião do Sul Baiano</i>	87
4	PROCESSO DE ESCOLHA DOS POLOS PARCEIROS DESTA PESQUISA E SUA DIVERSIDADE	92
4.1	CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAR OS POLOS DE APLICAÇÃO	92
4.2	POLOS ESCOLHIDOS – UMA PERSPECTIVA DOS PESQUISADORES SOBRE OS MUNICÍPIOS/POLOS SELECIONADOS PARA A PESQUISA	98
4.3	O QUE É DIVERSIDADE CULTURAL PARA ESTA PESQUISA	99
4.4	DIVERSIDADE CULTURAL – UMA PERSPECTIVA A PARTIR DESTA PESQUISA NO CURSO DE HISTÓRIA/EAD	101

4.5	CURSO DE HISTÓRIA/EAD – UMA RESPONSABILIDADE COM A DIVERSIDADE CULTURAL NO SEU <i>LOCUS</i> DE AÇÃO	104
5	UMA METODOLOGIA APLICADA – A DBR E OS CICLOS DE DESENVOLVIMENTO	107
5.1	DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE SOLUÇÃO EAD	109
5.2	MODELO DA PESQUISA DBR A SER APLICADO NOS POLOS: CATEGORIA INDEPENDENTE - BDP-EAD	120
5.3	DEFINIÇÃO DA APLICAÇÃO DA SOLUÇÃO: HISTÓRIA/EAD – CURSO DE REGIONALIDADE BAIANA E POLIFONIA - CRBP	122
5.4	ESTRATÉGIA DE ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	127
6	CRIANDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	141
6.1	INTERDEPENDÊNCIA: CATEGORIAS INDEPENDENTE E DEPENDENTE	141
6.2	MUNICÍPIOS/POLOS: APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE PESQUISA ...	144
7	ANÁLISE DOS RESULTADOS	157
7.1	<i>MODUS OPERANDI</i> – APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE PESQUISA NOS MUNICÍPIOS/POLOS: UTILIZANDO <i>MOBILE LEARNING</i>	157
7.2	CURSO DE REGIONALIDADE BAIANA E POLIFONIA – CRBP	167
7.3	IMPACTO DA ADOÇÃO DO <i>WHATSAPP</i> ATRAVÉS DOS APARELHOS MÓVEIS DE TELEFONES INTELIGENTES	189
8.0	CONCLUSÃO	196
	REFERÊNCIAS	203
	APÊNDICE A - I ENCONTRO DE HISTÓRIA/EAD EM IRECÊ-BA	208
	APÊNDICE B - VII ENCONTRO DE HISTÓRIA/EAD - POR UMA VIVÊNCIA PLURICUTURAL – 28 E 29/11/2014 ENCONTRO TEMÁTICO BARREIRAS-BA	211
	APÊNDICE C - RELATÓRIOS DOS ESTUDANTES DO ENCONTRO EM BARREIRAS-BA	217
	APÊNDICE D - HISTÓRICO DO VIII ENCONTRO DE HISTÓRIA/EAD - POR UMA VIVÊNCIA PLURICUTURAL - 02 E 03/12/2014 EM BOM JESUS DA LAPA - BA	226
	APÊNDICE E - UMA BREVE MEMÓRIA DO IX DO ENCONTRO DE HISTÓRIA NO POLO UAB DE ITAMARAJU EM DEZEMBRO DE 2014	248
	APÊNDICE F - <i>WHATSAPP</i>: EXTRATO DAS INFORMAÇÕES COLHIDAS PARA ESTA PESQUISA - SANTO ESTÊVÃO 13/07/16 A 19/08/15	254
	APÊNDICE G - QUESTIONÁRIO DO CURSO DE REGIONALIDADE BAIANA E POLIFONIA	258
	ANEXO A - CARTA DE IRECÊ – BA	263

1 INTRODUÇÃO

Em abril de 2010, atendendo a convite do prof. Dr. Alfredo Matta, viemos trabalhar na coordenação de tutoria da Universidade Aberta do Brasil – UAB, na Universidade Estadual da Bahia – UNEB, no curso de História de Educação a Distância – EAD.

A experiência adquirida nos levou a pensar em uma proposta de pesquisa com soluções de ensino/aprendizagem para o curso de História/EAD. Aproveitamos nosso conhecimento e vivência no curso de História EAD da UNEB, e o que entendemos como ensino a distância, para desenvolver, cientificamente, uma proposta de aplicação didática apropriada para essa modalidade de ensino.

Estamos, portanto, propondo uma pesquisa aplicada, com abordagem própria, para a modalidade EAD, desenvolvendo princípios de relação ensino-aprendizagem que aproveitem os elementos inexistentes nos cursos presenciais. Nesse sentido, apresentamos a problematização: São desconhecidas soluções aplicadas de ensino-aprendizagem EAD que valorizem a diversidade sociocultural dos municípios/polos para o curso de História da UNEB/UAB.

O passo seguinte para produzir esta pesquisa foi situar os investigadores no contexto baiano, com objetivo definido de delinear um entendimento dos pesquisadores nesta dissertação, na busca de mapear o *locus* da pesquisa.

A construção de um mapeamento cognitivo da Bahia, pelos pesquisadores, corrobora com a tese dessa pesquisa, no sentido de verificar as diferenças e dessemelhanças existentes nas mesorregiões. A gama de diversidade efetiva em cada pedaço de Bahia compõe a realidade desse estado. São dessemelhanças que fazem com que a epistemologia pedagógica encetada para o curso de História/EAD torne-se mais profícua, podendo as diferenças existentes em cada pedaço de Bahia serem exploradas como elementos que se complementam, o que torna a concepção do curso mais efetiva.

Consubstanciar esta pesquisa é também mostrar sua enunciação; sendo assim, estaremos aqui apresentando os oito capítulos, cabendo a esta introdução o papel de precursor do primeiro capítulo.

O capítulo II trata da História/EAD por uma vivência pluricultural. Nesse capítulo, são encontrados: os princípios da praxiologia de Gramsci (1978); a dialética de Heráclito em Konder (1985); os conceitos étnicos culturais de Raymond Williams (2011b); as perspectivas históricas da EAD no mundo, no Brasil, na Bahia e na UNEB, sendo que nesse último concentramos esforços. Castells (2002), com base no seu livro “Sociedade em Rede”, sacraliza a Ágora enquanto espaço grego, transplantando para o mundo digital contemporâneo a ideia de *locus* democrático de discussão. Esse capítulo reporta a história de vida do pesquisador implicada na EAD da UNEB, o que torna imbricada a imersão no contexto, conforme *Design Based Research (DBR)*, doravante DBR, (MATTA, 2014, p. 267-289), que exige engajamento dos pesquisadores. A realidade prática tem em Gramsci (1978) o principal aporte teórico.

Para compreender a pluralidade, o pensador Bakhtin (1997) afirma que os seres são diferentes, e que essa diferença faz parte do somatório e das variedades que os compõem, tornando-os múltiplos e vários (BAKHTIN, 1997). Na direção de uma compreensão sobre a diversidade, encontramos os postulados da UNESCO (2007). Baseado nesses pressupostos, esse capítulo apresenta o nascimento da proposta de pesquisa.

O Capítulo III consolida o contexto da pesquisa, tanto em nível de Bahia, como para os encontros que realizamos nos municípios/polos. O entendimento dos pesquisadores sobre a formação cultural histórica do povo baiano ajudou a compreender a Bahia na perspectiva da construção de um *design* de ensino-aprendizagem/EAD.

Para além de entender que a regiões baianas têm suas peculiaridades, precisávamos, também, ter noção do espaço histórico geográfico e cultural do povo baiano. Para dialogar com essa conformação, primeiro foi produzida uma compreensão das mesorregiões baianas. Nessa linha de construção de um entendimento do *locus* da pesquisa, essas regiões vão sendo apresentadas uma após outra, e também servindo de base de contexto para os encontros que o curso de História/EAD realizou nos municípios/polos, aparecendo, nesta dissertação, fora da ordem de ocorrência, provocando um estranhamento, do por que as regiões aparecem em primeiro lugar.

O Capítulo IV é responsável pela escolha dos polos para a pesquisa; nele, a presença de DBR (MATTA, 2014) é fator preponderante para que a abordagem metodológica possa

escolher, através de critérios de aplicação, os quatro polos. Nesse capítulo, é apresentada a tríade de teorias que sustenta a criação de solução: a) Diversidade da UNESCO (2007); b) Epistemologia Pedagógica de Vygotsky (MATTA, 2006) e o Pensar Histórico de Matta (MATTA, 2006). Essa estrutura vai permitir elaborar as soluções aplicadas de ensino/aprendizagem/EAD que sejam capazes de agregar valor à diversidade sociocultural dos municípios/polos.

O Capítulo V apresenta a DBR enquanto uma abordagem metodológica. Essa abordagem é responsável por produzir o *design* da pesquisa. Sendo uma escolha dos pesquisadores, a DBR estabelece critérios para as intervenções e aplicação do *design* nesse estudo. Para além da criação do modelo, a DBR também será responsável por aplicar os testes e a validade ecológica da teoria dominante, ajudando, inclusive, a formatar conceitos e/ou adaptar postulados de pensadores que trazemos para o debate, na pesquisa.

O aporte teórico da abordagem metodológica DBR está subdividido em cinco itens. Em capítulo próprio serão explorados esses pontos, sendo sua aplicação adaptada ao viés desta pesquisa. A DBR se apresenta como: teoricamente orientada, intervencionista, colaborativa, fundamentalmente responsiva e iterativa. Esses cinco itens são basilares para construção do *design* desta pesquisa.

O *design* cria o curso de ensino-aprendizagem em três etapas e será aplicado nos polos com o nome de Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia – CRBP. A aplicação será nos quatro polos escolhidos no capítulo III e foi concebido para ser realizado em três etapas com uma arquitetura cognitiva baseada nos postulados epistemológicos de Vygotsky (MATTA, 2006); com características iterativas, mas sem a presunção de completude, uma vez que esse projeto deve ser reiniciado quantas vezes for preciso, conforme proposição DBR (MATTA, 2014), formando ciclos.

Os pesquisadores acreditam nos ciclos DBR, todavia, nesta pesquisa, consideram que o primeiro ciclo se encerra ao apresentar o resultado da proposta de ensino-aprendizagem com a denominação – (CRBP). O curso que vislumbramos pretende esboçar um programa que priorize um mergulho dos discentes em sua própria história e também na de seus municípios. Interessa-nos que caminhem na perspectiva de produzirem trabalhos orientados para a historiografia local, mas que, ao mesmo tempo, possam dialogar com o conjunto das regiões,

respeitando e enfrentando as tensões externas nacionais e internacionais.

A DBR criou a categoria independente (BDP-EAD) e a categoria dependente (CRBP); essas duas categorias possibilitarão a aplicação do curso e a verificação de efetividade e do seu registro, contribuindo com a avaliação da proposta de pesquisa.

O Capítulo VI mostra as categorias de análise e um quadro do CRBP para situar quanto às três etapas e aos procedimentos para validarem ou não as atividades que serão aplicadas nos polos. A participação dos coordenadores de polo e das tutoras presenciais foi fundamental para o comparecimento da apresentação da proposta. Ao final de cada encontro produzimos uma foto, em cada polo, com os sujeitos que compareceram.

O Capítulo VII tem a incumbência de acompanhar o *modus operandi* da pesquisa. Nesse sentido, a criação das categorias independente e dependente no capítulo anterior possibilitará a verificação do registro e a eficácia do curso a ser aplicado nos polos. Essa aplicação do curso vai ao encontro do uso do *WhatsApp* enquanto aplicativo instalado em *smartphones*, o que possibilitou o desenvolvimento do curso, uma vez que o *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment - MOODLE* não ficou pronto a tempo. Sendo assim, os pesquisadores voltaram sua atenção para os grupos *WhatsApp* que se encontravam em comunicação com os pesquisadores. Mudando o norte tecnológico da aplicação da pesquisa, os pesquisadores, junto aos sujeitos aprendentes, detectaram a impossibilidade de prosseguir com a plataforma *MOODLE* e provocaram um redirecionamento de intermediação tecnológica, migrando a proposta inicial do curso *E-Learning* para *Mobile Learning* ou *M-Learning*.

Os estudos aqui iniciados justificam-se pela necessidade de valorizar a diversidade sociocultural dos municípios/polos do curso de História. Sendo assim, foi forjada uma solução de ensino-aprendizagem/EAD para os polos participantes da pesquisa, através do Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia - (CRBP). Ao criar uma proposta prática e não apenas teórica como a maioria das dissertações, ganha, esta pesquisa, o caráter de dissertação com tese. Isso porque foi criada a partir das teorias elencadas numa prática, para ser utilizada com a tecnologia dos *smartphones* com *WhatsApp*, no intuito de desenvolver uma proposta inovadora de *Mobile Learning*.

Tal iniciativa redefine o papel da academia, no sentido de não apenas produzir

teorias, mas aproximá-las da sociedade oferecendo-lhe, ao final do processo investigativo, produtos que efetivamente alterem a rotina dos sujeitos participantes, que são pessoas comuns, convidadas para a pesquisa e que se tornam intelectuais orgânicos.

Destarte, espera-se que esta investigação seja uma contribuição acadêmico-social e auxilie pesquisadores na compreensão de ensino a distância, bem como, a utilização do *Mobile Learning* inserido numa proposta dessa modalidade de ensino; também que pesquisadores de TDIC, Cognição, Pedagogia e, principalmente, os de História/EAD, sejam motivados a aprofundarem tópicos aqui discutidos, por não ser pretensão nossa dar a última palavra em tais assuntos.

2 HISTÓRIA EAD, POR UMA VIVÊNCIA PLURICULTURAL

Esta obra pretende elevar nossa consciência da práxis como atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano. (VAZQUEZ, 1990, p. 3).

Evocamos Vazquez (1990), neste início de capítulo, por sua praxiologia, pois a práxis representa um dos caminhos que vamos trilhar para produzir essa pesquisa. Ao assumir a práxis, fica implicado que esse estudo possui relação direta com as concepções dialéticas. Assim, dialética e práxis constituem a base epistemológica da pesquisa desenvolvida.

Segundo Kosik (1976), “A práxis se articula com todo o homem, é o que determina na sua totalidade.” (p. 202). Para esse autor, a práxis é atividade ativa, vetor que revela os segredos do homem ontocriativo - esse ser que sempre se reinventa e que se constitui enquanto singular e plural em suas manifestações coletivas, e acrescenta que práxis é:

- a) Atividade que se produz historicamente, transformando a história;
- b) Relação entre sujeito, objeto, produto e produtividade, criadas.

Essa pesquisa trilha caminhos outros, diferentes dos que levam à ontologia do ser, e privilegiará a ontocriatividade epistemológica, enquanto parte agonizante de uma comunidade de práxis preche de aprendizagem, num ambiente virtual, no qual teoria e prática caminham para uma filosofia materialista, para uma práxis do e para o sujeito.

Para Antônio Gramsci, “[...] uma filosofia da práxis só pode apresentar-se inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente [...]” (GRAMSCI, 1978, p.18).

O autor postula que antes de qualquer teoria científica existe o senso comum, sendo esse o ponto de partida para construção de todas as epistemes da pesquisa. Assim, para o pensador, todos são filósofos. A partir desse horizonte, vamos trazer, para esse estudo, pressupostos que nos permitam desenvolver uma teoria prática, na qual possamos instaurar uma gnosiologia que comporte os sujeitos cognoscentes dos municípios/polos, em sua (deles) realidade local, na perspectiva de intervenção no mundo social e real. (GRAMSCI, 1978, p.18).

A intervenção no mundo natural e social implica imergir nesse universo e se engajar nessa proposta. Nesse sentido, o homem adquire o poder do rei Midas, na medida em que “cada época e cada classe social forma os homens à sua imagem e semelhança”. (PLEKHANOV, 2000, p. 9).

Plekhanov (2000) nos faz compreender que em cada época o ser social e suas classes reagem e forjam os caminhos a serem trilhados de acordo com as condições do período histórico em que se encontram. Em cada período precisamos nos capacitar para as tecnologias existentes, com a perspectiva de transformar o mundo a nossa volta, humanizando-o. Nessa ótica de construção de novos caminhos, assentaremos a proposta desse estudo. Sabemos aonde vamos, por isso só aproveitaremos os ventos que nos forem necessários.

No primeiro momento desse estudo, vamos mergulhar na elaboração de seu contexto histórico, via pesquisa da relação espaço-temporal dos municípios/polos nele abrangidos. Na pesquisa, buscaremos uma compreensão histórica da diversidade das regiões da Bahia. A criação do contexto tem duas razões de ser: 1) O mergulho situacional que os pesquisadores gramscianos devem fazer para tornarem-se legítimos partícipes do processo histórico; 2) O trabalho com modelagem e pesquisa aplicada, como no caso do *Design Based Research* – DBR, que seguimos e que necessita de um contexto o mais amplo e completo possível, a partir do ponto de vista de quem investiga, para que possa servir de base para as modelagens futuras, o que vai nos permitir entender todo esse processo cultural.

Raymond Williams (2011a) conceitua o que é teoria materialista da cultura; todavia, nessa definição, carregada no tempo, em seu contexto histórico, foi estabelecido que cultura não é uma coisa dada. Antes dessa definição conceitual de cultura materialista, Williams trabalhou com Eduardo P. Thompson e Howard Hoggart; ambos o ajudaram a criar a disciplina de Estudos Culturais.

Williams recuperou estudos de Mikhail Bakhtin, que trabalhou com a ideia original sobre a língua, na perspectiva da linguagem, como consciência prática e consciência real. Com Gramsci, Williams compreendeu as concepções de hegemonia e de contra-hegemonia, produzidas pelo poder hegemônico. (WILLIAMS, 2011a).

Essa pesquisa, por seus pressupostos epistemológicos, por sua práxis e dialética, precisa estabelecer os limites espaço-temporal e forjar novos caminhos para uma boa

compreensão dos diversos *locus* da Bahia. Sem esse reconhecimento, não é possível entender e modelar a aplicação que propomos. Por isso, evocamos Williams para nos dar o aporte necessário sobre diversidade, complexidade e, principalmente, sobre como tratar cultura e etnia.

Uma teoria marxista da cultura irá reconhecer a diversidade e a complexidade, levará em conta a continuidade dentro da mudança, [...] tomará os fatos da estrutura econômica e as relações sociais consequentes como o fio orientador no qual uma cultura é tecida e que, seguido, nos permitirá compreender essa cultura. (WILLIAMS, 2011b, p. 294).

Para compreender essa cultura, precisamos construir uma compreensão da diversidade e complexidade dos municípios/polos que serão pesquisados; essa será uma de nossas propostas. Assim vamos nos concentrar no contexto e nessa construção, a fim de conseguirmos uma leitura bem situada dos sujeitos investigadores, ante o contexto ao qual a pesquisa se dedica.

A construção do contexto tem o caráter interpretativo de situar o *locus* da investigação, acompanhando de perto a relação societal da pesquisa, na perspectiva do *locus* da investigação. Williams anteviu “a história da ideia de cultura é um registro de nossos significados e nossas definições, mas essas, por sua vez, só podem ser compreendidas no contexto de nossas ações”. (2011b, p. 321).

A importância da compreensão do contexto se faz presente em toda dissertação, uma vez que possibilita a percepção dos sujeitos engajados no problema em análise. Estar imerso e colaborar com a comunidade é uma condição de partilha desta pesquisa. A imersão permite sinalizar qual o ponto cardeal que está demandando soluções. Toda solução apresentada dispensa, a priori, metafísicos. Por ser DBR, permite ser revista todas as vezes que a solução anterior não dê conta das novas situações-problema.

Nessa ótica, precisamos entender o que é dialética. Para tanto, usaremos os conceitos de Heráclito de Éfeso em (KONDER, 1985, p. 8) que o cita:

- a) ‘Tudo existe em constantes mudanças, o conflito é o pai e o rei de todas as coisas’;
- b) ‘Vida ou morte, sono ou vigília, juventude ou velhice são realidades que se transformam umas nas outras’;

- c) [...] um homem não toma banho duas vezes no mesmo rio’;
- d) [...] os seres se transformam, eles deixam de ser aquilo que eram e passam a ser algo que antes não eram’.

Esses quatro pontos retirados dos fragmentos de Heráclito, o obscuro, trazem clareza a essa dissertação, ao evocar a dialética como pai e mãe dos conflitos e rainha das transformações. Heráclito nos ajuda a problematizar o mundo no confronto de uma relação dialógica, crítica e transformadora.

Na acepção bakhtiniana, a dialogicidade nos ajuda, dialeticamente, a conviver com as diferenças. Essa pesquisa irá provocar transformações, mesmo que seus resultados tenham durabilidade transitória para a pedagogia, na relação ensino-aprendizagem. Estando em permanente movimento, a pedagogia se transforma com os sujeitos discentes do curso de História/EAD, na relação com o outro, em processo cognitivo de um devir histórico. Denis Diderot (1713-1784), iluminista, afirmou que os seres são o que são tendo em vista as mudanças da sociedade. (KONDER, 1985, p.16).

Para Bakhtin (2013b), a linguagem consubstancia a relação dos sujeitos com a sociedade. Nesse sentido, as transformações sociais ajudam a compreender o contexto histórico na sua dialogicidade, a qual embasa a compreensão das situações-problema e essas requerem novas interpretações, o que nos remete dialeticamente para a compreensão do contexto histórico que se apresenta. A dialética demanda que exista continuidade nas transformações possíveis de entender e explicar em termos causais, mesmo admitindo os complexos, sempre possíveis, de reconstrução de uma investigação.

Essas análises vão permitir novas construções do objeto desta investigação e distanciar os resultados de uma perfeição metafísica, permitindo que o corolário desse estudo se apresente com um prisma dialético do materialismo histórico.

A partir dessa concepção materialista histórica, uma epistemologia pedagógica e praxiológica da educação EAD requer sujeitos históricos envolvidos, sendo importante não perder de vista que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, e sim, pelo contrário, seu ser social que determina sua consciência.” (WILLIAMS, 2011b, p. 299).

Bakhtin, na obra “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento”, cita que a cultura está cindida entre a considerada oficial e a popular da praça pública, o que, para essa

pesquisa, não é suficiente, pois o autor não se preocupa em conceituar cultura; faz apenas alusão à sua visão na Idade Média. Assim, o conceito de cultura que adotamos é o produzido por Williams. A forma conceitual de Williams ajuda a compreender o que é diversidade e pluralidade em Bakhtin, portanto, eles se completam apesar de distintos (BAKHTIN, 2013a, p. 83); (GRAMSCI, 1978, p. 52) e (WILLIAM, 2011b, p. 294).

Entendemos, como Williams, que prática cultural é a relação imbricada entre teoria e prática, não permitindo que a teoria perca o elo que a conecta com a vida real. Nesse sentido, o mergulho no contexto e a busca por soluções implicam uma pesquisa objetiva, transformadora, praxiológica e dialética.

Uma pesquisa dialética e praxiológica pressupõe uma investigação cultural, pelo menos parcialmente, pois estamos diante da vida real quando lidamos com seres humanos. Temos um conjunto de sujeitos agrupados em um *locus* específico, que precisa ser estudado para o compreendermos, pelo menos de maneira parcial, como chegaram até esse espaço.

Para esse grupo, de agora em diante, o uso da expressão ‘grupo de sujeitos’ pode ou não aproximar-nos de grupos étnicos; para esses usaremos o conceito que tem como base epistemológica a definição de Williams (2011b) sobre cultura, entendendo que etnia encontra aporte nessa consideração. Desse modo, definimos como etnia um grupo de sujeitos que partilham certa práxis e experiência cultural em uma dada região da Bahia, apresentada na investigação proposta.

Os investigadores dessa pesquisa construíram, entre outros, um entendimento do que seja etnia e, para tal, foram beber na fonte literária de Williams (2011b), pensador anglo-saxônico que conceituou de maneira propedêutica o que seja cultura.

Procurando resumir as considerações que Williams teceu, emprestamos como pontos cruciais para cultura, o seguinte entendimento:

- a) Existe uma dialética quando Williams categoriza que: “é preciso levar em conta a continuidade dentro da mudança.” (WILLIAMS, 2011b, p.294);
- b) Existe uma perspectiva DBR “quando o pensador reconhece a diversidade dentro da complexidade.” (2011b);

c) Existe uma práxis no conceito de cultura ao afirmar que é necessário “compreender a forma como é tecida a construção cultural daquele grupo étnico.” (ou *Ethnos*) (2011b).

Ethnos vem da palavra grega, povo. Nessa perspectiva, um povo pode ser associado a um grupo de sujeitos sociais. Assim, destacamos como compreensão fulcral para essa pesquisa os conceitos que associam a praxiologia, a dialética e a DBR à etnia.

Etnia, para essa pesquisa, utiliza uma concepção construída por esses pesquisadores. Desse modo, propomos que todas as vezes que esse estudo se referir à etnia, sejam utilizados os pressupostos de Williams (2011b) como premissa básica de um entendimento sobre grupo étnico que foi respaldado conscientemente a partir dos estudos desse autor.

Partindo da concepção de cultura de Williams (2011b), essa pesquisa entende que:

a) Grupo étnico é um grupo de sujeitos sociais que, no decorrer de um processo histórico-social, permanece unido pela continuidade das mudanças sociais que ocorrem, as quais são contextos de vida para esses mesmos sujeitos;

b) Grupo étnico é um grupo de sujeitos sociais que tem sua diversidade reconhecida dentro de sua complexidade;

c) Grupo étnico é um grupo de sujeitos sociais que tem na arquitetura cultural de sua construção um fio condutor de identificação dos sujeitos desse mesmo grupo;

d) Grupo étnico é um grupo de sujeitos sociais que prescinde de garantias étnicas de sobrevivência, a partir de apoio democrático e de reconhecimento e reforço dos direitos políticos e sociais específicos desses sujeitos, evitando a extinção e/ou ataques genocidas, conforme historiografia universal da humanidade em relação às minorias.

A DBR exige dividir responsabilidades de investigação; exige também a validação da aplicação com os sujeitos partícipes do processo. Os sujeitos partícipes desta pesquisa - investigadores, professores, educadores e comunidade escolar - precisam estar imersos no contexto da investigação para poderem reiniciar a pesquisa quantas vezes forem necessárias. Esse reiniciar, aliado à teoria e à prática, se dá num processo de retroalimentação. Desse modo, alunos e professores estarão imersos no contexto da pesquisa e, sendo também pesquisadores, estarão contribuindo com a coleta de dados junto a esses investigadores.

Essa imersão, e o estar implicado legitimamente no ambiente da pesquisa, é condição exigida, pois a aplicação feita em DBR não comporta outra postura. Este capítulo servirá como base para a compreensão dos passos e ações necessários ao engajamento dos investigadores ao ambiente. Esses devem necessariamente, segundo a DBR, estar ‘imersos e engajados’ no contexto do problema a ser pesquisado.

Pesquisar o contexto tem o caráter de construir o *locus* da pesquisa para, assim, possibilitar que todos estejam engajados, colaborando com a comunidade e, dessa forma, poderem sugerir e dialogar sobre a sugestão da solução prática demandada. Percebe-se que o método DBR e a epistemologia praxiológica caminham para demandar que os investigadores iniciem a pesquisa construindo um quadro interpretativo sobre o contexto da investigação.

Os investigadores, ao situarem o *locus* da pesquisa, atingem uma compreensão particular do que seja o horizonte dessa construção. É a partir dessa compreensão espacial que atingem um construtor próprio da relação espaço-temporal que será vivenciada, criando assim as condições para que se tornem pensadores articulados à comunidade e, ao mesmo tempo, capazes de pensar em soluções colaborativas com os atores da comunidade.

As soluções colaborativas evocam a metodologia DBR, que, por sua vez, compartilha com a epistemologia praxiológica. As duas caminham para demandar que os investigadores iniciem a pesquisa construindo um quadro interpretativo sobre o contexto da investigação. O horizonte dessa construção é a análise com um entendimento próprio e capaz de conduzir a uma situação de interação entre os investigadores e o contexto; isso cria as condições para que se tornem pensadores articulados às comunidades e, ao mesmo tempo, capazes de pensar em soluções práticas para a realidade objetiva.

É na realidade objetiva que a experiência se alia à teoria. Assim, o empirismo do filósofo John Locke¹ contribui para entendermos que a realidade prática refuta o inatismo. Nesse sentido, o pensamento de Williams contribui para que a humanidade possa

¹EMPIRISMO: Filósofo John Locke (1632-1704) - O conhecimento surge a partir da experiência – Principal representante do empirismo britânico e teórico do contrato social. Postulou que a mente é uma tábula rasa, acompanhado por pensadores posteriores (Davi Hume, Jean-Jacques Rousseau e Kant). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Locke>. Acesso em: 28 fev. 2015.

compreender que há uma conexão entre a teoria e a prática. (WILLIAMS, 2011b).

Esse entendimento servirá de base para a interpretação inicial da pesquisa. Desse modo, um primeiro quadro de aproximação dos princípios teóricos e de conhecimento contextualizado necessário para a investigação precisa ser construído ao final desse capítulo, pois contribuirá para compreender o *locus* desse trabalho em uma concepção epistemológica.

2.1 EAD - UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO

Esta dissertação tem enfoque na EAD do Ensino Superior da UAB/UNEB, no curso de História. Tendo em vista a amplitude do conhecimento existente sobre Educação a Distância (EAD) e, por não sentirem necessidade de aprofundamento do tema para essa pesquisa, os investigadores não vão mergulhar nele, mesmo porque, a seu respeito existe uma literatura vasta, disponível e fácil de ser consultada. Se os pesquisadores sentirem necessidade de trazer luz a algum ponto da legislação sobre EAD.

A mediação didático-pedagógica é o ponto principal a ser destacado nessa modalidade de ensino. Conforme decreto 5622 de 2005, a EAD “[...] caracteriza-se como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação”. A EAD utiliza, também, o sistema de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). As TDIC trouxeram para a EAD diferentes entendimentos sobre espaços e tempo educacionais e sobre o uso das ferramentas. (MIL, *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 170).

As ferramentas disponíveis na *internet* e na EAD têm apresentado características cada vez mais interativas, auxiliando nas relações discente/docente, propiciando aos sujeitos/discentes mais condições de construção de autonomia cognitiva. O primeiro passo, na direção da autonomia discente, aconteceu após o surgimento da *World Wide Web-WWW*.

A teia mundial (Word Wide Web - WWW) (...) A invenção da WWW deu-se na Europa, em 1990, (...) em Genebra (...). Foi inventado por um grupo de pesquisadores (...) com a contribuição da cultura dos hackers da década de 1970. Basearam-se parcialmente no trabalho de Ted Nelson que, em seu panfleto de 1974, “Computer Lib”, convocava o povo a usar o poder dos computadores em benefício próprio. Nelson imaginou um novo sistema de

organizar informações que batizou de “hipertexto”, fundamentado em remissões horizontais. A essa ideia pioneira, Bernes Lee e seus colegas acrescentaram novas tecnologias adaptadas do mundo da multimídia para oferecer uma linguagem audiovisual ao aplicativo. (CASTELLS, 2002, p. 85).

A multimídia e as linguagens audiovisuais se instalam nos grandes centros mundiais e a *World Wide Web*, ou Rede de Alcance Mundial, que Castells (2002) sinaliza como encetada a partir de uma instigação panfletária, uma contravenção de *hackers* ao convocar o povo a ocupar uma nova *Ágora* cibernética, em muito contribui para isso.

A contracultura manifesta e encampada por Ted Nelson propicia a implosão dos nichos da *internet*, levando para a *Ágora* as tendências culturais contemporâneas. A rede de alcance mundial, que antes desse manifesto se encontrava aprisionada ao meio militar e científico, quando se torna disponível ao povo do mundo, passa a ser o maior avanço tecnológico, transformando o *modus operandi* das pessoas e o mundo contemporâneo em um mundo digital. (CASTELLS, 2002).

A tecnologia da *internet* afeta positivamente os sujeitos participantes, ao contribuir com o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos da EAD. A *Ágora* digital potencializa a capacidade cognitiva e torna os sujeitos mais bem aparelhados para responder às provocações do mundo contemporâneo potencialmente digital, que se transforma a cada dia.

Castells sacraliza a *Ágora* contemporânea, ou seja, a *internet* como o “lugar da criação de um novo espaço urbano, um espaço de mobilidade ilimitada, um espaço feito de fluxo de informação e comunicação, gerido em última instância a partir da *Internet*.” Como *locus* de criação de uma nova urbe social, o autor sacraliza este espaço de mobilidade, de fluxo e refluxo, onde correntes transformadoras potencializam os sujeitos que usam essas *infovias*. (CASTELLS, 2002, p. 439).

Os sujeitos, no espaço cibernético, criam espaços de discussão como nas cidades se têm os cafés, os grupos de estudo, os círculos e a *Ágora* ateniense. O mundo digital também se torna dialético; portanto, cheio de contradições, uma vez que é a cópia humana transplantada de sua realidade. Os usuários da *internet* transferem suas realidades para o mundo digital, contribuindo para que a cada dia fique mais difícil perceber de qual mundo estamos falando, se do digital ou do físico.

Castells (2002) aponta que, paradoxalmente, a tecnologia grassou no universo da pesquisa ocidental como uma das grandes promessas no incremento do conhecimento. Esse movimento, que ocorreu, sobretudo, na época contemporânea, ganhou força com o desenvolvimento de redes comunicacionais virtuais.

Silva (2011) sinaliza alguns estudos que apontam o surgimento da EAD, primeiramente na Europa e nos Estados Unidos, no período também inicial das estradas de ferro, elas seriam o princípio motor do desenvolvimento. Os trens estabelecem os primeiros nós de comunicação da EAD entre os grandes centros e as pequenas cidades, transportando na sua rede de comunicação, os jornais, as revistas e módulos EAD pelo mundo.

2.2 BREVE HISTÓRIA DA EAD PELO MUNDO

A EAD tem os seus primórdios nos EUA, em 1728, através de um curso anunciado pela Gazeta de Boston. Já na Suécia, em 1829, ela foi implantada com a participação de 150.000 mil estudantes. (ALVES, 2011).

A falta de equidade na gestão da educação escolar gera consequências como algumas regiões ficarem esquecidas. Assim, é preciso ampliar o índice de oferta através da educação a distância nas regiões esquecidas pelos governos, sem esquecer a qualidade dos cursos. O acesso às multimídias pode levar as comunidades a entenderem que a EAD possibilita a trabalhadores e empresários, acesso à tecnologia digital, sem sair do meio rural ou das pequenas cidades, fixando os sujeitos no campo. Nesse sentido, Castells reforça ao afirmar que: “Dentro da ampla gama de atividades que associamos com o surgimento da nova economia, os trabalhadores e empresários com um elevado nível educativo constituem a fonte fundamental de inovação e criação de valor.” (2002, p. 439).

Para esse autor, a EAD agrega valores sociais às categorias que ainda requerem uma melhor formação. A agricultura, no interior do estado, tem mostrado crescimento com o advento do uso das informações acessadas pela *internet*. Esse conhecimento tecnológico, aliado às quase cem universidades do projeto Universidade Aberta do Brasil - UAB, favorece a logística e provoca o avanço da EAD no Brasil.

O Quadro 01 apresenta uma síntese cronológica sobre os primeiros países que

desenvolveram a EAD no mundo, bem como, oferece informações sobre o processo desse tipo de ensino em cada país citado.

QUADRO 1 – A HISTÓRIA DA EAD NO MUNDO

A HISTÓRIA DA EAD NO MUNDO		
Nº	PAÍSES	DESCRIÇÃO/RESUMO
01	SUÉCIA	• 1829 - Na Suécia é inaugurado o Instituto Lîber Hermondes, que possibilitou a mais de 150.000 pessoas realizarem cursos através da Educação a Distância;
02	REINO UNIDO	• 1840 - Na Faculdade <i>Sir Isaac Pitman</i> , no Reino Unido, foi inaugurada a primeira escola por correspondência na Europa;
03	BERLIM	• 1856 – Em Berlim, a Sociedade de Línguas Modernas patrocina os professores Charles Tous-saine e Gustav Laugenschied para ensinarem Francês por correspondência;
04	EUA	• 1892 – No Departamento de Extensão da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos da América, é criada a Divisão de Ensino por Correspondência para preparação de docentes;
05	RÚSSIA	• 1922 – Iniciam-se cursos por correspondência na União Soviética;
06	JAPÃO	• 1935 – O <i>Japanese National Public Broadcasting Service</i> inicia seus programas escolares pelo rádio, como complemento e enriquecimento da escola oficial;
07	FRANÇA	• 1947 – Inicia-se a transmissão das aulas de quase todas as matérias literárias da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, França, por meio da Rádio Sorbonne;
08	NORUEGA	• 1948 – Na Noruega, é criada a primeira legislação para escolas por correspondência;
09	SUL DA ÁFRICA	• 1951 – Nasce a Universidade de Sudáfrica, atualmente a única universidade a distância da África, que se dedica exclusivamente a desenvolver cursos nessa modalidade;
10	CHICAGO – EUA	• 1956 – A <i>Chicago TV College</i> , Estados Unidos, inicia a transmissão de programas educativos pela televisão, cuja influência pode notar-se rapidamente em outras universidades do país que não tardaram;
11	ARGENTINA	• 1960 – Na Argentina, nasce a Tele Escola Primária do Ministério da Cultura e Educação, que integrava os materiais impressos à televisão e à tutoria;
12	ILHAS E OCEANIAS	• 1968 – É criada a Universidade do Pacífico Sul, uma universidade regional que pertence a 12 países-ilhas da Oceania;
13	REINO UNIDO	• 1969 – No Reino Unido, é criada a Fundação da Universidade

		Aberta;
14	INGLATERRA	• 1971 – A Universidade Aberta Britânica é fundada;
15	ESPAÑA	• 1972 – Na Espanha, é fundada a Universidade Nacional de Educação a Distância;
16	VENEZUELA	• 1977 – Na Venezuela, é criada a Fundação da Universidade Nacional Aberta;
17	PACÍFICO SUL	• 1978 – É criada a Universidade do Pacífico Sul, uma universidade regional que pertence a 12 países-ilhas da Oceania;
18	COSTA RICA	• 1978 – Costa Rica é fundada a Universidade Estadual a Distância;
19	HOLANDA	• 1984 – Na Holanda, é implantada a Universidade Aberta;
20	EUROPA	• 1985 – É criada a Fundação da Associação Europeia das Escolas por Correspondência;
21	ÍNDIA	• 1985 – Na Índia, é realizada a implantação da Universidade Nacional Aberta Indira Gandhi;
22	EUROPA	• 1987 – É divulgada a resolução do Parlamento Europeu sobre Universidades Abertas na Comunidade Europeia (algumas situações c/ a presente não consta c/ foi a fundação, recebendo o dado seco, s/ análise);
23	PORTUGAL	• 1988 – Em Portugal, é criada a Fundação da Universidade Aberta;
24	EUROPA	• 1990 – É implantada a rede Europeia de Educação a Distância, baseada na declaração de Budapeste e o relatório da Comissão sobre educação aberta e a distância na Comunidade Europeia.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base na pesquisa de “Educação a Distância: conceitos e História no Brasil e no mundo” da pesquisadora Lucineia Alves (2011).

2.3 A EAD NO BRASIL

Em 1993 foi criado o Sistema Nacional de Educação a Distância. O tema começou a ser discutido em 1992, quando surgiu a proposta de o Brasil aderir ao “Projeto Cátedras, da UNESCO²”. Assim, lança-se a Coordenação Nacional da EAD, vinculada ao Ministério da

²Projeto Cátedra UNESCO - É criado para dar reconhecimento à importância da atuação das universidades nos países em desenvolvimento. As redes de cooperação já existentes entre as universidades podem ser estreitadas e desenvolvidas com o apoio do programa de Cátedras da UNESCO. (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/networks/unesco-chairs-programme/how-to-create-a-unesco-chair/>>. Acesso em 01 mar 2015.

Educação e Cultura - MEC, através da Secretaria de Ensino Superior - SES, acenando às Instituições Públicas de Ensino Superior - IPES para se engajarem no desenvolvimento do projeto EAD nas universidades brasileiras. (ALVES, 2011).

O Conselho dos Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB e a União dos Dirigentes Municipais de Educação assinam o acordo de Cooperação Técnica 4/92 entre o Ministério da Educação e Cultura - MEC e a Universidade de Brasília - UNB, para que esta fosse a dirigente de um consórcio interuniversitário de Educação a Distância, conforme explicitado no Decreto nº 2494/98. (SALES, 2010).

Para uma visão cronológica das ações EAD, desenvolvidas no Brasil, é interessante visualizar o Quadro 2 que apresenta uma visão panorâmica.

QUADRO 2 - EAD NO BRASIL

EAD NO BRASIL		
Nº	ANO/EVENTO	LOCAL E DESCRIÇÃO
01	1904 – <i>Jornal do Brasil</i>	• 1904 – O Jornal do Brasil registra, na primeira edição da seção de classificados, anúncio que oferece profissionalização por correspondência para datilógrafo;
02	1923 – <i>Rádio sociedade</i>	• 1923 – Um grupo liderado por Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que oferecia curso de Português, Francês, Silvicultura, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefonia. Tinha início, assim, a Educação a Distância pelo rádio brasileiro (uma espécie de educação profissionalizante);
03	1934 – <i>Rádio Escola Mun. Rio de Janeiro</i>	• 1934 – Edgard Roquette-Pinto instalou a Rádio–Escola Municipal no Rio, projeto para a então Secretaria Municipal de Educação do Distrito Federal. Os estudantes tinham acesso prévio a folhetos e esquemas de aulas, também era utilizada correspondência para contato com estudantes;
04	1939 – <i>Instituto Monitor</i>	• 1939 – Surgimento, em São Paulo, do Instituto Monitor, o primeiro instituto brasileiro a oferecer sistematicamente cursos profissionalizantes a distância por correspondência, na época ainda com o nome Instituto Rádio–Técnico Monitor;
05	1941 – <i>Instituto Universal Brasileiro</i>	• 1941 – Surge o Instituto Universal Brasileiro, segundo instituto brasileiro a oferecer também cursos profissionalizantes sistematicamente. Fundado por um ex-sócio do Instituto Monitor, já formou mais de 4 milhões de pessoas e hoje possui cerca de 200 mil alunos; juntaram-se ao Instituto Monitor e ao Instituto Universal Brasileiro outras organizações similares, que foram responsáveis pelo atendimento de milhões de alunos em cursos abertos de iniciação profissionalizante a distância. Algumas dessas instituições atuam até hoje. Ainda no ano de 1941, surge a primeira Universidade do Ar, que durou até 1944. (interessante a nomenclatura que substitui on line – universidade do ar-4 milhões de pessoas);

06	1947 – SESC SENAC	<ul style="list-style-type: none"> • 1947 – Surge a nova Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas. O objetivo desta era oferecer cursos comerciais radiofônicos. Os alunos estudavam nas apostilas e corrigiam exercícios com o auxílio dos monitores. A experiência durou até 1961, entretanto a experiência do SENAC com a Educação a Distância continua até hoje;
07	1959 – Diocese de Natal - RN	<ul style="list-style-type: none"> • 1959 – A Diocese de Natal, Rio Grande do Norte, cria algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base (MEB), marco na Educação a Distância não formal no Brasil. O MEB, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal, utiliza inicialmente um sistema rádio-educativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos (uma espécie de alfabetização);
08	1962 – Ocidental School	<ul style="list-style-type: none"> • 1962 – É fundada, em São Paulo, a Ocidental School, de origem americana, focada no campo da eletrônica;
09	1967 – Instituto Brasileiro de Adm. Municipal	<ul style="list-style-type: none"> • 1967 – O Instituto Brasileiro de Administração Municipal inicia suas atividades na área de educação pública, utilizando-se de metodologia de ensino por correspondência. Ainda nesse ano, a Fundação Padre Landell de Moura criou seu núcleo de Educação a Distância, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio (observa-se que o rádio é a grande alavanca da EAD no período);
10	1970 – Projeto Minerva	<ul style="list-style-type: none"> • 1970 – Surge o Projeto Minerva, um convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e Fundação Padre Anchieta, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos. O projeto foi mantido até o início da década de 1980; (a palavra de ordem é inclusão social do adulto);
11	1974 – TV CEARÁ	<ul style="list-style-type: none"> • 1974 – Surge o Instituto Padre Reus, e na TV Ceará começam os cursos das antigas 5ª a 8ª séries (atuais 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), com material televisivo, impresso e monitores; (ensino pela TV material televisivo ensino pela TV);
12	1976 – TELE- EDUCAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • 1976 – É criado o Sistema Nacional de Teleducação, com cursos através de material instrucional; (material inst = módulos);
13	1979 – UNB – EAD – NÍVEL SUPERIOR	<ul style="list-style-type: none"> • 1979 – A Universidade de Brasília, pioneira no uso da Educação a Distância no ensino superior no Brasil, cria cursos veiculados por jornais e revistas, que em 1989 é transformado no Centro de Educação Aberta, Continuada a Distância (CEAD) e lançado o Brasil EAD;
14	1981 – CIER – COLÉGIO ANGLO AMERICANO	<ul style="list-style-type: none"> • 1981 – É fundado o Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio Anglo-Americano que oferecia Ensino Fundamental e Médio a distância. O objetivo do CIER é permitir que crianças, cujas famílias mudem-se temporariamente para o exterior, continuem a estudar pelo sistema educacional brasileiro; (Fica visível que no início não se tinha uma direção se a educação EAD era para crianças, adolescentes ou adultos. Hoje colégios como o Sartre COC mantêm uma base para consultas na qual o aluno, em casa, pode consultar aulas ministradas e/ou ver aulas perdidas);
15	1983 - SENAC	<ul style="list-style-type: none"> • 1983 - O SENAC desenvolveu uma série de programas radiofônicos sobre orientação profissional na área de comércio e serviços, denominada

		“Abrindo Caminhos”; (A indústria e o comércio já haviam detectado a propulsão – a dimensão que se poderia atingir, por isso, alguns estudiosos afirmaram que a EAD era ou é um ensino industrial;
16	1991 – <i>Jornal da Educação</i>	• 1991 – O programa “Jornal da Educação – Edição do Professor”, concebido e produzido pela Fundação Roquete-Pinto tem início em 1995 com o nome “Um salto para o Futuro”, foi incorporado à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação) tornando-se um marco na Educação a Distância nacional. É um programa para a formação continuada e aperfeiçoamento de professores, principalmente do Ensino Fundamental e alunos dos cursos de magistério. Atinge por ano mais de 250 mil docentes em todo o país;
17	1992 – <i>UAB Brasília</i>	• 1992 – É criada a Universidade Aberta de Brasília, acontecimento bastante importante na Educação a Distância do nosso país;
18	1995 - <i>MultiRio</i>	• 1995 – É criado o Centro Nacional de Educação a Distância e nesse mesmo ano também a Secretaria Municipal de Educação cria a MultiRio (RJ) que ministra cursos do 6º ao 9º ano, através de programas televisivos e material impresso. Ainda em 1995 foi criado o Programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do MEC;
19	1996 – <i>SEED – Secretaria de Educação</i>	• 1996 – É criada a Secretaria de Educação a Distância (SEED) pelo MEC, dentro de uma política que privilegia a democratização e a qualidade da educação brasileira. Nesse ano a EAD surge no Brasil, sendo as bases legais para essa modalidade de educação, estabelecidas pela LDB da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de 12/1996, embora somente regulamentada em 20/12/2005 pelo Decreto nº 5.622 (BRASIL, 2005) que revogou os Decretos nº 2.494 de 10/02/98, e nº 2.561 de 27/04/98, com normatização definida na Portaria Ministerial nº 4.361 de 2004 (PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010);
20	2000– <i>UNIREDE</i>	• 2000 – É formada a UNIREDE, Rede de Educação Superior a Distância, consórcio que reúne atualmente 70 instituições públicas do Brasil comprometidas na democratização do acesso à educação de qualidade por meio da EAD, oferecendo cursos de graduação, pós-graduação e extensão. Nasce o Centro de EAD do RJ. (CEDERJ), com o Gov. do Estado do RJ, por intermédio da Secretaria de Ciência e Tecnologia, as universidades públicas e as prefeituras do Estado do Rio de Janeiro;
21	2002- <i>CEDERJ</i>	• 2002 – O Cederj é incorporado à Fundação Centro de Ciências de Educação Superior a Distância do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ).
22	2004 - <i>MEC prepara a UAB</i>	• 2004 – Vários programas para a formação inicial e continuada de professores da rede pública, por meio da EAD, foram implantados pelo MEC. Entre eles o Pró-Letramento e o Mídias na Educação. Essas ações conflaram na criação do Sistema UAB - Brasil.
23	2005 <i>UAB/MEC Educação Sup. a Distância</i>	• 2005 – É criada a Universidade Aberta do Brasil; uma parceria entre o MEC, estados e municípios; integrando cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância;
24	2006 - <i>Decreto de exercício de funções + EAD</i>	• 2006 – Entra em vigor o Decreto nº 5.773, de 09 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, incluindo os da modalidade a

		distância. (BRASIL, 2006);
25	2007 - Decreto 6303	<ul style="list-style-type: none"> • 2007 – Entra em vigor o Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, que altera dispositivos do Decreto nº 5.622 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2007). (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010). Devido à extinção recente dessa secretaria, seus programas e ações estarão vinculados a novas administrações (PORTAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2011).

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base na pesquisa de “Educação a Distância: conceitos e História no Brasil e no mundo” da pesquisadora Lucineia Alves (2011).

A união entre as Universidades Públicas de Ensino Superior - IPES, formando a parceria entre a Rede de Educação Superior a Distância - UNIREDE e a Universidade Aberta do Brasil - UAB, estimula uma modalidade de educação, ou seja, uma EAD brasileira, com caráter, escopo e projeto públicos. Duran destaca que:

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), que desde a Lei n. 11.502, de 11 de julho de 2007, foi incumbida da formação inicial e continuada de professores para a educação básica, protagoniza um processo de indução da equiparação do prestígio da formação de cientistas à formação de professores. Nesse quadro se vale do apoio da Diretoria de Educação Básica (DEB) e da Diretoria de Educação a Distância (DED), (Preto, 2006). Na DED, o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) articula mais de noventa instituições de ensino superior e cerca de seiscentos polos de apoio presencial espalhados por todo o país, em prol do atendimento de mais de 200 mil estudantes de curso de licenciatura na modalidade de ensino a distância (EAD), frente que contribui para a disseminação do uso de TDIC no ensino superior. (DURAN, 2014, p. 2).

Os números apresentados por Duran (2014) mostram que a UAB tinha mais de noventa instituições universitárias e 200 mil discentes na EAD, o que ratifica o comprometimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES com a UAB e sua ligação com as universidades públicas federais e estaduais. No Nordeste, temos várias universidades participantes desse projeto. Nesse estudo, o enfoque da pesquisa será a Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

2.4 A EAD NA UNEB

De acordo com o autor Ribeiro (2013) “O credenciamento da UNEB para educação a distância se deu através da portaria do MEC 4019, em 22 de novembro de 2005, publicada no Diário Oficial da União de 23 de novembro de 2005, seção 1, página 16.” (p. 17). Todos os decretos que dão apoio legal à estrutura EAD, da UNEB, podem ser encontrados no relatório produzido por esse autor, quando ele ainda era gestor da UAB/UNEB.

A Universidade do Estado da Bahia foi uma das principais articuladoras na criação e formato do primeiro consórcio, criado em 2005, com a participação de várias universidades públicas para ofertar EAD. A partir desse consórcio, nove projetos foram aprovados. No Edital UAB II, consta a autorização para a UNEB, a partir de 2008, ofertar quatro cursos - Especialização *Lato Sensu* em Educação a Distância, Matemática, Química e História.

O início dos cursos se dá em 2009, e neles são matriculados 2350 estudantes. Esse consórcio contou com o apoio do Instituto Anísio Teixeira (IAT) e da Secretaria de Educação e Cultura da Bahia - SEC. (SALES, 2010); (RIBEIRO, 2013).

A UNEB desenvolve mais de 150 opções de cursos nas modalidades presencial e a distância. Neles estão inclusos os *lato sensu e stricto sensu*. Vinte e nove departamentos são responsáveis pela demanda de alunos por cursos presenciais e a distância. A EAD conta com 53 polos de apoio presencial da UNEB/UAB. (RIBEIRO, 2013).

A UNEB, desde 2012, atua no programa UAB com dezessete cursos, e já totaliza 9.147 matrículas registradas no Sistema de Gestão da UAB e (SISUAB). Nesse sistema, atua em quarenta e um polos UAB e doze polos institucionais, que funcionam em instalações distribuídas pelo interior baiano e um polo na capital. (RIBEIRO, 2013).

A UNEB/EAD é assistida pelo Programa Nacional de Administração Pública - PNAP. Como programa piloto, desenvolveu o curso de Administração para os funcionários do Banco do Brasil, que matricularam 672 alunos em 12 polos, sendo 11 na Bahia e 1 em Sergipe, com 75 estudantes. Esses programas foram aprovados em 2008, para as turmas que iniciaram em 2009, com 2.350 matrículas nos cursos de Especialização em EAD, Matemática,

Química, e História. Em 2010 foram matriculados nos diversos cursos EAD, um total de 2.650 discentes. Em 2011, 3500; e, em 2012, alcançou-se um total de 9.147 alunos matriculados (RIBEIRO, 2013).

Os cursos de Química, Matemática e História, que iniciaram suas turmas em 2009, ainda não haviam conseguido graduar todos os alunos até julho de 2015. Os remanescentes vêm fazendo suas graduações individualmente ou em pequenos grupos nos diversos Departamentos da UNEB.

Fica implicado que uma compreensão histórica e geográfica da chegada da EAD à UNEB nos aproxima de um entendimento, se não total, pelo menos regional ou parcial das peculiaridades a serem enfrentadas por um projeto de ensino-aprendizagem EAD de História na Bahia.

A UNEB possui vinte e nove departamentos espalhados por todas as regiões do Estado da Bahia e, por sua característica multicampi, a UAB se utiliza desses espaços para promover uma educação universitária ampliada e a distância, no interior do Estado. Essa UNEB que está enraizada no interior do Estado da Bahia dialoga com as políticas regionais, com as municipais e estaduais, fazendo da vocação unebeana uma representação da Bahia.

Uma Bahia que possui regiões secas, onde o gado morre de sede e o sertanejo migra para o sul ou para o centro à procura de água e emprego; a Bahia que tem sítios históricos preservados; a Bahia que inundou cidades, como Remanso, Sobradinhos e Santo Sé, e que, no mesmo curso d'água, tentou afogar a história de Canudos; a Bahia do Rio São Francisco e da Cachoeira de Paulo Afonso, onde a água jorra e transborda; a Bahia da seca, que tem seu ícone no bode de Uauá e de Vitória da Conquista; a Bahia das palafitas sob o mar interno de Salvador, que ainda existem e nos envergonham; a Bahia, considerada um Estado pobre, mas detentora do ouro negro, no cacau que desaparece aos poucos, e no petróleo que transborda e enriquece, nos orgulha e entristece, quanto à negação da distribuição de renda dos valores agregados a esses bens para população.

Uma Bahia diversa, uma Bahia multifacetada, uma Bahia das gentes vindas de todas as partes do Brasil e do mundo, que agregam muitas culturas. Uma Bahia que abraça o estrangeiro e o brasileiro da mesma forma. Uma Bahia que é carinhosa, alegre e musical. Uma Bahia de muitas culturas e de uma pluralidade difícil de encontrar em outros estados nacionais

e internacionais. Uma Bahia onde a EAD vai buscar, em seus recônditos, sujeitos que estão excluídos do processo cultural difundido na academia. Assim, uma Bahia em que a EAD se faz presente é inclusiva, faz e reforça, todos os dias, essa Bahia pluricultural.

2.5 HISTÓRIA/EAD DA UNEB: O PESQUISADOR E SUA HISTÓRIA IMPLICADA

Nesse ponto, o pesquisador se autoriza a usar a primeira pessoa do singular em seu discurso, por dois motivos: primeiramente, por entender que essa pesquisa tem como um dos pilares epistemológicos a intersecção entre “teoria e a prática, entendida como processo de histórico real” (GRAMSCI, 1978, p.22), ponto discutido exhaustivamente nessa dissertação.

Nesse sentido, e por uma questão ética, não delego a ninguém falar da minha experiência de vida, porque minha experiência é real, concreta. Assim, que seja na primeira pessoa, por se tratar de uma experiência de vida implicada com uma investigação dialética, praxiológica e socioconstrutivista, pautada pela metodologia DBR, a qual conclama que o pesquisador seja um sujeito engajado e imerso no contexto, o que se evidencia na construção dos parágrafos deste texto.

Após o relato de vida imbricada e implicada em uma pesquisa DBR, a primeira pessoa do plural volta para compor a arquitetura desta dissertação nos seus parágrafos que buscam uma compreensão de ensino-aprendizagem na EAD de História, cujo processo de construção se propõe coletivo.

Em abril de 2010, recebi um convite para trabalhar na UAB/UNEB/História/EAD. À época, eu viajava toda semana de Salvador para ministrar aulas no Município de Queimadas-BA, pela Plataforma Freire (PARFOR).

O pagamento, em forma de bolsa, decepcionou-me. Essa é uma forma velada de terceirização da educação, protagonizada pelo Governo Federal, na qual as relações de trabalho e o salário do professor EAD são coisificados e transformados em uma espécie de bolsa congelada há quatro anos. Para demonstrar que essa realidade vem se repetindo na História de maneira hegemônica, recorri à afirmação do pensador italiano Antônio Gramsci de que “[...] a sociedade determina certos efeitos, positivos e negativos. À medida que ela reage é justamente a medida de sua importância histórica, de não ser ela ‘elucubração’ individual,

mas, fato histórico.” (GRAMSCI, 1978, p. 34).

Meus quatorze anos de experiência como professor na Universidade Católica do Salvador (UCSAL), de 1988 a 2012, o conhecimento adquirido na Plataforma Freire (PARFOR) e o trabalho como coordenador da equipe de tutoria da UAB/UNEB/EAD de História me autorizam a pensar na vivência, como professor, no interior do Estado. Essa vivência de teoria e prática permite compreender que as hegemonias perpetradas no interior e na capital são muito fortes. Devido a isso, o curso de História/EAD precisa passar por uma engenharia que provoque nos discentes o pensar crítico e comprometido com as transformações sociais que conclamam uma teoria aliada à prática. (GRAMSCI, 1978).

Procurar entender as políticas econômicas e sociais perpetradas no interior ajuda a compreender o trabalho EAD. Isso permite propor uma pauta que eleja, como temas importantes para o curso de História, o respeito à cultura, a diversidade e a pluralidade, na acepção bakhtiniana, dos sujeitos nos municípios/polos.

Os municípios/polos precisam se utilizar da Rede de Comunicação da *Internet* citada por Castells. Essa rede precisa ser abrangente e capaz de fazer chegar aos rincões do estado uma proposta pedagógica que, sendo única para toda a Bahia, explore as diferenças culturais existentes em prol dos sujeitos/discentes. Isso é o que pretendemos sinalizar com essa pesquisa em relação a um ensino-aprendizado em ambiente EAD, fazendo uso da minha experiência nessa modalidade de ensino.

No meu primeiro dia de trabalho, como coordenador do curso de História na UAB/UNEB, recebi 350 mensagens represadas para responder. Essas mensagens permitiram fazer uma radiografia do curso e formular as primeiras intervenções pontuais. Uma das primeiras medidas foi voltada para os tutores. Ficou evidenciado que uma parte dos problemas se concentrava na postura antiprofissional de alguns tutores, os quais não acessavam o Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA diariamente e sistematicamente durante a semana; outros não dialogavam com os discentes e, devido ao monólogo, não criavam soluções para os problemas. Para mudar tais posturas, a coordenação promoveu palestras, alteração na composição da tutoria, o que gerou solicitação de desligamento do trabalho por parte de alguns tutores ao se perceberem não adaptados ao novo modelo de trabalho.

Essa mudança de postura e comportamento alterou positivamente o relacionamento do curso com relação aos discentes e a outros cursos da UAB/UNEB. Nas reuniões de coordenação de cursos, ficava nítido que o curso de História havia saído da condição de inexperiente e passava a ser referência de bons resultados, à medida que começava a mostrar opções de soluções para problemas comuns de EAD. O curso de História passou a ser norteador para outros cursos que, mesmo sendo menores em quantidade de polos, passaram a seguir as soluções encontradas por História na realidade da prática.

Procurando melhorar a eficácia como coordenador de tutoria, assumi a função de professor formador da turma de 2011. Isso me fez não só compreender o trabalho do Professor Formador – PF em EAD, como também perceber a demanda dos professores em relação aos os tutores. Aproveitei o contato direto com os alunos e tutores e articulei a implantação da prova *online*, já que a prova *off-line*, tradicional opção do curso, vinha apresentando muitos problemas.

Para desenvolver a prova *on-line*, fizemos contato com o gestor de ambientes que disponibilizou ferramentas para construir no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), a prova *on-line* a ser aplicada no lugar da prova convencional. Essa prova teve as seguintes características: a) – prova construída no ambiente e disponível no AVA para dia e hora marcados; b) – provas realizadas pelos discentes nos respectivos laboratórios dos polos, sendo feitas após assinararem lista de presença; c) – provas realizadas nas máquinas do polo e guardadas no AVA com os códigos que confirmam os computadores do polo; d) – provas disponíveis para serem verificadas por fiscais do Ministério da Educação e Cultura (MEC) a qualquer momento.

Passado algum tempo, devido à função de coordenador de tutoria e ao fato de só poder ministrar a disciplina Filosofia, na grade do curso de História, não pude mais acumular a função de professor formador, voltando à dedicação integral para coordenação de tutoria. O fato lamentável foi a decisão tomada de não haver a continuidade das provas *online*, o que ainda considero como uma medida antitécnica. Com o passar do tempo, a organização do curso atingiu níveis mais técnicos e a relação dialógica entre a coordenação e os discentes se ampliou.

A coordenação privilegiou o relacionamento com os polos, o que permitiu uma

relação coletiva e dialógica, estabelecendo um elo entre os sujeitos discentes e a coordenação do curso de História/EAD. Esse espaço dialógico permitiu que os conflitos, antes contidos, viessem à tona, e os sujeitos reivindicassem acesso à direção do curso. Abriu-se, assim, um canal de bivocalidade, que Bakhtin evidencia como uma polêmica de vozes, uma aberta e outra velada. Enfim, a discussão estava instalada e precisava ser enfrentada.

O monologismo passou a dar lugar à polifonia. Os sujeitos/discentes começavam a adquirir voz e a se posicionar diante do curso, enquanto pertencentes a um grupo universitário. Percebemos, pelas várias cartas e mensagens recebidas, que os sujeitos/discentes sinalizavam dissonâncias dialogizadas, transparecendo os equívocos e as necessidades individuais, as quais passavam a ser coletivas pelo conjunto de análises do material que chegava ao curso.

Para Freire (1987), as polêmicas são resolvidas no diálogo. “O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização.” (p.16). Ficou evidente, para a coordenação, que os estudantes se sentiam isolados, sem a possibilidade do *vis a vis*. Os discentes achavam que suas reclamações não eram ouvidas; diziam que, na prática, havia uma espécie de monólogo entre eles e o curso; apenas um lado tinha voz, e eles, os discentes, não faziam parte dele. Apontavam também as contradições do curso e da UAB. Queriam um movimento que transformasse dialeticamente o coletivo, um movimento que, para além de mexer com a prática diária de estudo, também ajudasse nas relações e no ensino-aprendizado da EAD.

Os sujeitos discentes buscavam experiências que pudessem completar a relação do conhecimento historiográfico. Pleiteavam, também, poder olhar para outras realidades, conhecer estudantes de História de outras localidades. Em função desses anseios, com a visão na historicização freireana e, pensando nesse diálogo como a própria historicização, percebemos a necessidade de sair do monologismo apontado por Brait (2013).

De acordo com esse autor, precisávamos caminhar para a polifonia. Seria necessário sair do solipsismo cartesiano e caminhar para uma relação coletiva que contribuísse com o conhecimento totalizante. A alternativa foi construir a possibilidade de espaços de diálogos, uma espécie de “praça pública grega (Ágora), onde se encontra o próprio Estado” (BRAIT, 2013, p.133). Como representantes do curso, eu e a coordenação procuramos atender a essa necessidade e, ao atendê-la, destruímos a antinomia criada.

Antes da criação do espaço de reverberação e de diálogos coletivos, listamos os maiores problemas que estavam presentes na UNEB/UAB, no período da formatação do Primeiro Encontro de História.

Passados alguns anos, parte dos problemas ainda permanece na UAB/UNEB, mesmo com a criação, em 2014, da Unidade Acadêmica de Educação a Distância - UNEAD. São eles:

01 - A maioria dos funcionários da estrutura UAB/UNEB/UNEAD é terceirizada, permanecendo meses sem receber salários; isso provoca descontinuidade nos trabalhos internos de administração e secretarias;

02 - As empresas de locação de automóveis costumam cancelar as viagens aos polos sem comunicar aos professores que aguardam em casa. Esse cancelamento frustra os professores e alunos nos seus planejamentos.

03 - O Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, fica sob a responsabilidade de funcionários terceirizados, os quais não prestam assistência nos finais de semana. Além disso, o sistema fica tempo demais fora de atividade, o que prejudica o acesso de professores, tutores e discentes;

04 - A maioria dos professores e coordenadores de unidades presenciais que tenho tido contatos na UNEB e na UCSAL, não compreendem o funcionamento e não aceitam colocar seus filhos na EAD, conforme declarações que me fizeram. Alguns professores, inclusive, demonstram receio de perder turmas para os profissionais da EAD;

05 - É comum haver planilhas de notas sem registro no sistema SAGRES, da UNEB;

06 - Em relação à Atividade Acadêmica Científica e Cultural - AACC, um grande número de alunos não tem seu histórico escolar atualizado pelas Secretarias Acadêmicas e, como consequência disso, não pode colar grau.

Todas essas questões foram discutidas no I Encontro de História/EAD. A partir disso, ficou a percepção das múltiplas consciências e das muitas vozes e, o mais importante, houve o estabelecimento dessa múltipla compreensão independente e autônoma e o encontro das diversas vozes que, isoladas, se faziam e jaziam monológicas em seus municípios. O movimento transformou-as em polifonia. Desses encontros, derivou um espaço coletivo de

reverberação, demandando uma relação equipolente³. (BAKHTIN, 2010).

Os Encontros tornaram possível aos sujeitos discentes do curso de História/EAD, das regiões da Bahia, uma vivência de diversidade pluricultural. A realização dos primeiros encontros, apesar dos pedidos de apoio à gestão da UNEB/EAD, enfrentou o descaso de alguns gestores, ficando patente que parte deles não demonstra preparo administrativo para a esfera pública. Esse descaso é, possivelmente, fruto da incapacidade de vislumbrar a extensão e a riqueza produzida a partir da relação dialógica no mundo universitário. Esse enfrentamento dialético dos conflitos estruturais junto aos discentes eleva as relações sociais e de práxis, e o coletivo constrói suas práticas nas relações dialógicas.

Também, nesses encontros, foram construídas as bases objetivas para tornar real uma práxis que jazia escondida nos recônditos dos municípios; isso possibilitou criação de uma arquitetura própria de encontros para o curso de História/EAD da UAB/UNEB.

Nos primeiros encontros de História, a vivência dos discentes foi toda pragmática, e os relatos de experiências constituíram-se na base de uma prática social concreta. Aliar a teoria e a prática existentes foi um prenúncio do nosso objetivo, não só dos encontros passados e presentes, mas também dos futuros. Isso implica uma vivência de diversidade pluricultural intencionalmente direcionada para que os discentes percebam a implicação de um curso que prima pela percepção da riqueza cultural existente nos municípios/polos nos quais é ministrado. Uma riqueza cultural aliada à teoria e à prática gramsciana, à perspectiva cultural de Williams e à diversidade pluricultural de Bakhtin. (GRAMSCI, 1978, p.52).

Essa é uma proposta prenhe da maiêutica socrática, na qual os sujeitos partejam o conhecimento a partir de uma realidade prática e partilhada, na qual a vivência, a experiência e a ousadia são a mãe do conhecimento epistemológico.

Portanto, estando provocados, enquanto coordenadores de um curso de História/EAD, a enfrentar as dificuldades e a continuar produzindo encontros que convoquem os sujeitos discentes para uma relação equipolente no conjunto social das relações do curso de História; avançamos na construção dos momentos interativos, caminhando dialeticamente nessa direção para criação e ocupação da ágora pública do curso de História a distância,

³Bakhtin chama de equipolente as consciências e vozes que participam do diálogo com outras vozes em pé de igualdade absoluta. Nesse sentido, não se objetificam, isto é, não perdem o seu Ser. (o Ser de cada representante das vozes).

procurando entender a diversidade e a pluralidade existentes nas práticas culturais situadas nas diversas regiões da Bahia, através da UNEB.

Da diversidade, das práticas culturais presentes nos sujeitos discentes, advindos de todos os cantos da Bahia, e do diálogo com esses estudantes, ficaram muitas informações para a coordenação; entre elas uma propriedade positiva, capaz de ativar o ensino-aprendizagem EAD de história mútua, a partir da evidência da diferença, em meio à identidade, implicada na presença de discentes, todos advindos da Bahia, todos do mesmo curso de História e, ao mesmo tempo, originários de 24 polos e regiões distintas. E isso provoca estranhamento.

Esse estranhamento é a percepção das dificuldades do curso, que prima em gerir a aprendizagem virtual de gente de regiões muito diferenciadas. O fator reverso é que, ao mesmo tempo, esse é o maior patrimônio, pleno de potencialidade construtiva para o processo educacional em curso de História/EAD.

Os sujeitos/discentes, ao participarem dos encontros da UNEB, do curso de História EAD, vivenciam uma realidade diferenciada dos discentes das outras instituições de ensino superior - IES da Bahia e de outras regiões brasileiras. Essa vivência provocada pelos encontros reconhece a Bahia como um estado grande, do tamanho da França. Tal extensão territorial, com reflexo nas suas regiões, resulta numa diversidade e pluralidade sem igual, o que implica um patrimônio cultural e imaterial riquíssimo, espalhado pelas regiões. É desse patrimônio diverso que os sujeitos discentes precisam e merecem se beneficiar.

A imaterialidade desse patrimônio se evidencia na diversidade e pluralidade cultural. Nesse universo de diversidades regionais, surgem também situações críticas. Se, de um lado, encontramos cidades com boa infraestrutura tecnológica, na sua antípoda, nesse mesmo estado surgem as corruptelas que, por vezes, não possuem nem banda de *internet*. Isso exige dos alunos EAD, residentes nos municípios mais carentes, um esforço e uma voz de herói,⁴ para se faz ouvir, para vencer as barreiras e a situação precária de suas regiões, sem falar das condições provocadas pelas hegemonias políticas, sociais e culturais do lugar. Todavia, é na diversidade e pluralidade das regiões, que se situa a riqueza dos sujeitos baianos, e essa

⁴A voz do herói para Bakhtin é a voz da independência do sujeito que se expressa e atua livre da exigência do autor, ou seja, o herói é aquele que possui sua liberdade de ação, sendo sua voz diferenciada da do autor; isso nos faz projetar que o herói do nosso texto é aquele que produz sua própria existência e o seu fazer histórico, acima de todas as mazelas de uma vida preñe de dificuldades.

representação se evidencia nos encontros de História/EAD. (BAKHTIN, 2010).

Mesmo em face da precariedade de alguns municípios, a ação da UAB/UNEB faz a educação a distância se tornar uma educação sem distância, ao tentar cobrir as 417 cidades do estado da Bahia de forma indireta, através dos 53 polos UNEB e dos 24 polos de História envolvidos na ação. Portanto, riqueza cultural, diversidade em prática social e apuro dos discentes no acesso à infraestrutura são as propriedades do curso.

Essas propriedades são o desafio que temos: oferecer formação superior em História/EAD a partir de tamanhas diferenças. Sabemos, por experiência, das dificuldades que isso implica, pois tais propriedades evidenciam as desigualdades, as diferenças e os fatores a mais a serem vencidos. Tudo isso, entretanto, pode se tornar enriquecedor para a aprendizagem e formação de todos. O desafio de termos um processo de formação único implantado em um estado de tantas diversidades pode ser paradoxal, mas também o é desafiador. E esse desafio agrega valor.

Para nós, da coordenação, fazer História/EAD no interior baiano é, antes de tudo, pensar o curso como motor de desenvolvimento social, tendo como foco os sujeitos aliados do processo educacional em vigor e aliados ao desprestígio regional e à falta de uma política pública abrangente e totalizante. A hegemonia perversa produz contradições e antinomias políticas e sociais no seio dessa sociedade que privilegia o grande centro em detrimento das outras cidades. É preciso reverter essa situação, tendo em vista que existe um espaço público com condições de contribuir com os sujeitos na formação de sua cidadania. A UNEB é esse agente público e se encontra em todas as regiões do estado, com potencial para desenvolver uma educação diversa e pluricultural na EAD.

2.6 ENTENDENDO A EAD - ALIADA A UMA PRÁTICA PLURICULTURAL

Para entender uma prática cultural ligada à EAD, é necessário adotar a DBR como abordagem de pesquisa e enfoque no desenvolvimento de aplicações. Isso implica levantar o contexto relativo a nosso objetivo de estudo - o curso de História/EAD da UNEB/UAB, instituído na Bahia. Assim, interpretamos ser a Bahia o ambiente que constitui o contexto a se analisar. Além disso, e mais especificamente, as análises desse estudo recairão nos polos do

curso de História e na produção de um levantamento do conhecimento sobre as regiões em que são ministradas, para apropriação necessária de um conhecimento elementar e de utilidade prática pessoal dos investigadores. Entendemos que essa exigência de contextualização e de engajamento prático é uma demanda DBR.

A partir desse entendimento é que estarão baseadas suas construções de diálogos com os outros sujeitos implicados no contexto da pesquisa, assim como os elementos basilares para o projeto e modelagem da solução aplicada a ser proposta. A DBR, ao tempo em que permite o envolvimento dos atores, exige que sejam explicitados seus engajamentos; deixando assim, às claras, as bases das decisões e construções das potenciais aplicações. Defende uma proposta prática e, para essa proposta, necessita de uma situação interpretativa, válida no nível dos sujeitos implicados. Para cumprir as exigências DBR, vamos apresentar nosso entendimento das regiões baianas, ao tempo em que situamos a participação do curso de História em cada região e, em especial, nos municípios/polos. Assumimos, portanto, a impossibilidade de abarcar todo conhecimento sobre as diversidades das regiões baianas com suas complexas pluralidades culturais.

Apresentamos, então, nosso entendimento, por estudo ou por vivência nas regiões e nos seus respectivos municípios/polos. Nesse sentido, cumpre-se a necessidade DBR, na qual o construído e interpretado sobre as regiões será posto sempre com enfoque nos municípios/polos. As regiões e os encontros que se deram nesses polos, respectivamente, serão caminhos percorridos na construção do saber no curso de História/EAD.

Outra característica importante de nosso estudo de contexto é a diversidade cultural, tendo Arnold Williams (2011b) como suporte teórico para cultura e, Bakhtin (2010), no movimento dialógico para compreender a polifonia. Os dois pensadores se completam na interpretação e compreensão do que seja pluralidade cultural; cultura como prática coletiva compartilhada; portanto, possui a mesma cultura quem compartilha práticas com validade simbólica e estética e outras dimensões da semiótica.

Em Bakhtin (2010) a pluralidade está implicada na diversidade que está contida em cada sujeito, e em sua história. Uma pessoa já carrega em si toda a diversidade do universo. Essa ideia está inserida na identificação da polifonia existente em cada ser humano, fruto de sua história de convivências e relações.

Para explicar esse encontro polifônico dos sujeitos, Bakhtin (2010) utiliza sua teoria do enunciado. Considera-se que o ser humano realiza, como sujeito, essa polifonia em toda a extensão de sua vida. Assim, ao interiorizar a cultura e a diversidade, torna-se pluricultural.

Por sua vez, Williams (2011b) vê a questão da diversidade cultural como um fator incrustado no âmago do sujeito, de forma contra-hegemônica. O autor pensa a cultura como uma interiorização de valores intrínsecos que permeiam a sociedade e são introjetados nos sujeitos. Portanto, uma educação crítica, desmistificadora, problematizadora e que rompa barreiras é fundamental para que a sociedade possa produzir, “antes de tudo, o maior número possível de indivíduos conscientes, capazes de todas as associações necessárias.” (FREIRE, 1987, p. 68); (WILLIAMS, 2011b, p. 366).

As associações descritas pelos autores Williams e Freire são responsáveis pelas transformações sociais, pois são os sujeitos críticos que aliam teoria à prática, numa construção contra-hegemônica gramsciana eles enfrentam dialeticamente os conflitos através das antíteses ou arte do conflito. Essa é uma arte que medeia as relações da teoria e da prática dos sujeitos pela práxis.

2.7 EMBRIÃO DOS ENCONTROS DE HISTÓRIA/EAD

Os Encontros de História/EAD acontecem em todas as regiões da Bahia e se instalam nos municípios/polo que oferecem o curso de História. O processo dialógico entre os sujeitos discentes de História são mediados por uma práxis que contém, em si, um processo propedêutico, que atenta para as dificuldades apresentadas pelos discentes, às quais precisam ser enfrentadas de maneira partilhada e dialeticamente encaminhadas pela coordenação do curso. Esses encontros estão carregados de vozes, de polifonia e dialogismo, o que nos faz identificar a diversidade e pluralidade bakhtiniana.

As regiões e seus contextos contribuem pela diversidade cultural que está imbricada com a “teoria e a prática” cultural propalada por Williams (2011a). A diversidade e pluralidade das regiões, nos municípios/polos, são encetadas pelos sujeitos discentes, os quais deixam claro, na relação dialógica dos encontros.

O que seria uma dificuldade, tendo em vista ser a ementa do curso uma só para todo

o estado baiano, na prática pode ser explorado como ponto positivo para uma abordagem colaborativa, que possa ser aperfeiçoada. Assim, a diversidade vivida se torna uma qualidade pedagógica.

Nos encontros, os sujeitos discentes, envolvidos e engajados no processo de ensino-aprendizagem do curso de História, deixam aflorar a diversidade e a polifonia na mediação pedagógica. (BAKHTIN, 2010).

A teoria e a prática dos sujeitos discentes são contempladas a partir das regiões e, de fato, estimuladas pedagogicamente. Nesse sentido, um estudo EAD socioconstrutivista, voltado para uma proposta pedagógica, precisa ser construído baseado nas teorias de Vygotsky. Esse estudo terá como mote a base de uma teoria aliada a uma prática a ser partilhada entre os atores engajados nessa práxis, que é plena de tonalidade dialógica. Com essa teoria vamos descobrir os tons que compõem os matizes do enunciado de Bakhtin. O que pretendemos é estudar a forma como esse partilhamento se dá no mundo virtual da EAD, tendo como foco o curso de História/EAD. (BAKHTIN, 2010).

Em Bakhtin, o dialogismo e a análise da polifonia são opções para esse trabalho, e isso pressupõe a adoção de estudos de natureza dialética para a história, o processo cognitivo e a educação, implicando a adoção dessa perspectiva epistemológica como sustentação à proposta que fizemos desde o início da nossa pesquisa.

Para contribuir na perspectiva do ensino-aprendizagem virtual, vamos dialogar com a visão de Vygotsky a partir de Matta (2006), por entender ser essa uma perspectiva humanista. Desse modo, nosso entendimento toma emprestadas as lentes desse pensador, e nos faz compreender que “O ser humano aprende através da experiência e da interação com o mundo real, muito mais do que através da memorização de um conjunto de regras [...]” (PAIVA, 2004, p. 52).

E, nesse mundo ao qual também pertencemos, percebemos que a memorização é um projeto estéril, pois aquilo que fertiliza é o aprender fazendo. É da experiência do mundo material que as experiências se fazem concretas. Esse é o olhar que se faz necessário para conhecer o mundo do qual os discentes fazem parte; por isso, o contexto é esse mundo, e precisamos trazê-lo para dentro do programa do curso, o qual precisa influenciar no laborar dos discentes. Esse universo precisa ser visto nas salas de aulas virtuais; não apenas como

vitruve das cidades, mas como elemento do fazer hodierno. Esse fazer precisa ser pedagógico, com os procedimentos didáticos de um curso de História/EAD.

Quando Bakhtin (1997) afirma que os seres são diferentes, e por isso são vários, projeta para a relação do meio de convivência, pois, sendo esse constituído e construído pelos sujeitos, também é vários. Essa experiência da diferença e da completude partilhada precisa ser sentida e relatada ao final da pesquisa. No sentido bakhtiniano, a multiplicidade dos homens é a verdade do próprio ser do homem.

A diversidade presente em cada sujeito singular defendida por Bakhtin pode migrar para nossa pesquisa como pluralidade, conceito que assumimos como fundante para a compreensão da abordagem que defendemos para os diálogos e compreensão. Nesse sentido, Bakhtin afirma:

Todo criador recria a lógica do próprio objeto, mas, não a cria nem a viola. Até uma criança que brinca. Mas Dostoiévski descobre um novo objeto e uma nova lógica desse objeto. Ele descobriu o indivíduo* e a lógica em autodesenvolvimento desse indivíduo, que ocupa posição e toma decisões em torno das últimas questões da ideologia. [...] Antes tudo isso estava situado no plano do monologismo, no plano de uma consciência individual. Agora, porém, descobre-se uma pluralidade de consciências. (BAKHTIN, 2010, p. 340).

Munidos da concepção bakhtiana de que polifonia e dialogismo podem ser considerados como pertencentes a toda experiência social humana e, mais do que isso, foco de análise dessa experiência, pretendemos estendê-la às diversas regiões da Bahia cobertas pela UAB/UNEB/UNEAD/EAD. Esta pesquisa carrega uma prioridade da UAB, ou seja, capacitar professores e cidadãos do interior que não conseguiram fazer um curso superior por questões geográficas ou por inadequação de horário de estudo, o que pode ser simplificado em uma dificuldade espaço-temporal.

A EAD não prescinde de imediato da necessidade de um *locus* e permite estudos, na maioria das vezes, em horários que atendam às necessidades individuais dos discentes, os quais, também em função disso, precisam demonstrar mais esforço e determinação do que seus pares da modalidade presencial de ensino. Por sua morfologia, a EAD permite a inclusão

de maior número de cidadãos, antes desprestigiados pela estrutura presencial de ensino, na qual as relações espaço-temporais são rígidas. Nesse sentido, a parceria UAB/UNEB/EAD traz consigo, desde o nascedouro, uma estrutura em rede de comunicação que permite atingir, com seus nós, todos os cantos da Bahia, principalmente os espaços mais desprestigiados desse estado.

A diversidade e disparidades espaço-temporais, em uma estrutura universitária convencional rígida, é fator de resistência máxima e exclusão para moradores de espaços mais distantes. Já na estrutura EAD, essa diversidade e disparidade não são empecilhos para a inclusão desses sujeitos; pelo contrário, na EAD podemos aproveitar as dificuldades trazidas pela diversidade e pluralidade existentes nas regiões baianas para tornar mais ricos os estudos e a aprendizagem entre os participantes.

A EAD na Bahia está disseminada por todas as regiões, o que confere uma riqueza sem igual para o curso de História. Isso se dá pelo fato de o estado, tanto na geografia como na historiografia e economia, ser plural e carregar consigo a diversidade, a qual se compreende imbricada e também incorporada, em parte, por seus habitantes. Assim, podemos verificar que as regiões da Bahia têm características a serem exploradas pelos discentes durante toda a caminhada que o curso pode lhes proporcionar.

O curso que vislumbramos pretende esboçar um programa que priorize um mergulho dos discentes em sua própria história e também na de seus municípios. Interessa-nos que caminhem na perspectiva de produzirem trabalhos orientados para a historiografia local, mas que, ao mesmo tempo, possam dialogar com o conjunto das regiões, respeitando e enfrentando as tensões externas nacionais e internacionais.

O escopo a ser construído no *design* dessa dissertação como possibilidades de estudo é o resultado das 27 salas do curso, espalhadas nos 24 polos do Estado. A diversidade cultural existente nos municípios/polos da UNEB/UAB contrasta com muitas interações de pontos comuns. Isso possibilita a construção de uma historiografia complexa e plena de uma vantagem possível na EAD e impossível nos cursos presenciais; pois enquanto os presenciais falam e elaboram sobre a diversidade, o curso de História/EAD a vive e, de fato, depende dela para que possa ser melhor e mais rico.

As diferenças regionais, na realidade, fazem com que o processo pedagógico do

curso de História torne-se mais profícuo, podendo ser exploradas como elementos que se complementam, o que o torna mais interessante e elucidativo. Desse modo, o que seria uma dificuldade, tendo em vista a ementa do curso de História ser única para todo o estado baiano, na realidade pode ser interpretado como ponto positivo para uma abordagem colaborativa, que possa ser aperfeiçoada e, assim, a diversidade vivida transformar-se em adicional pedagógico. O curso pode oferecer um constante intercâmbio em caminhos a serem explorados e recebidos de volta, com gráficos construídos na caminhada dos estudantes, professores e demais atores do processo. A vivência dos discentes, em cada região, deve ser sempre respeitada e, de fato, estimulada nessa proposta.

A partir da vivência apresentada no estudo da EAD socioconstrutivista, desenvolvemos essa interpretação de estudo, voltada para elaborar uma proposta de ensino-aprendizagem EAD para esse curso de História, de maneira que a diversidade histórico-cultural seja uma característica não só favorável, mas, de fato, um pressuposto da práxis de ensino-aprendizagem na modalidade EAD.

2.8 TEORIA E PRÁTICA DE UMA REALIDADE PLURICULTURAL E DIALÓGICA

Para esse estudo da prática, será importante trabalhar uma gnosiologia que tenha a teoria e a prática como fatores fundantes para deslindar a realidade prática dos sujeitos discentes nos municípios/polos. (GRAMSCI, 1978).

As regiões ligadas aos municípios/polos serão o *locus* dessa realidade pluricultural e dialógica. Em decorrência da adoção da DBR, como método de pesquisa, o foco de estudo dessa aplicação necessita levantar o contexto do curso de História da UAB/UNEB. Interpretamos as regiões baianas, em especial aquelas que contêm os polos em que atuamos, como o centro principal da diversidade e pluralidade, sendo esse *locus* o ambiente que constitui o contexto a analisar.

Desse modo, é necessário produzir um levantamento do conhecimento sobre as citadas regiões, para a devida apropriação do conhecimento elementar e de utilidade prática pessoal dos investigadores, numa exigência de contextualização e de engajamento prático que entendemos ser demanda DBR.

Uma abordagem DBR exige engajamento, ou seja, participação legítima dos investigadores percebidos como implicados no problema de pesquisa. Isso significa que os pesquisadores, ao levantarem o conhecimento do contexto, não o fazem com o compromisso de construir uma verdade interpretativa absoluta (metafísica) sobre este, mas uma interpretação válida para o momento, uma explicação do entendimento que eles fazem das situações do problema e suas relações.

Ancorado em uma concepção materialista-histórica, Bakhtin (2010) postula que a pluralidade está implicada na diversidade contida em cada sujeito e em sua história. Portanto, “[...] uma pessoa já carrega em si toda a diversidade do universo.” (BAKHTIN, 2010, p. 296).

A diversidade do universo se instaura nos encontros, em uma polifonia dos sujeitos discentes. Para explicar essa diversidade, Bakhtin se utiliza de sua teoria do enunciado: “O falante com sua visão do mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua [...] - eis tudo o que determina o enunciado, o seu estilo e sua composição.” (BAKHTIN, 2010, p. 296).

É nesse sentido que a convergência dos sujeitos mediados pela práxis do encontro resulta no compartilhamento e construção dos enunciados. No caso desta pesquisa, esse encontro plural acontece em ambientes EAD. Definimos assim diversidade plural, ou seja, uma pluralidade de sujeitos envolvidos e engajados no processo de ensino-aprendizagem, com o encontro dessa diversidade polifônica já presente em um sujeito singular, que sempre fala a partir de seus diversos diálogos internos e, mais ainda, em encontros de vários sujeitos, em colaboração (BAKHTIN, 2010).

Somos conhecedores da diversidade existente *a priori* nesse *locus* que sustenta a pluralidade dos sujeitos do ambiente de mediação. Assim, o enunciado compartilhado por quem está engajado em dada práxis é pleno de tonalidade dialógica. Sendo assim, pretendemos estudar a forma como esse partilhamento se dá no mundo virtual da EAD. (BAKHTIN, 2010).

Quando os investigadores convocam Bakhtin para incorporar-se ao texto e participar do contexto, têm como objetivo que os estudos desse pensador russo corroborem a pesquisa. Buscamos o conhecimento bakhtiniano na área da linguística para fundamentar essa investigação e dar sustentação ao arcabouço teórico dessa proposta desde o início de nossa

pesquisa. Para Bakhtin, “Os seres humanos são diferentes, o que implica que são necessariamente vários: a multiplicidade dos homens é a verdade do próprio ser do homem” (BAKHTIN, 1997, p. 294).

A diversidade bakhtiniana, presente em cada sujeito singular, pode ser transposta para nossa pesquisa como pluralidade, conceito que vamos discutir mais à frente, mas assumimos como fundante para a compreensão da abordagem de ensino-aprendizagem que defenderemos para a EAD. Essa diversidade presente nos sujeitos permite uma apropriação ideológica por parte deles, uma posição frente à problematização cotidiana, uma recriação semiótica à luz dos questionamentos.

Bakhtin problematiza a consciência no cotidiano; é essa consciência que ultrapassa o monologismo e caminha para a pluralidade que é construída na relação com o outro e na polifonia. (BAKHTIN, 2010).

A teoria e a prática de uma realidade pluricultural são dialógicas e podem ser introjetadas de modo que essa construção cognitiva se torne semiótica. Isso estabelece símbolos marcantes, com potencialidade para criar novos signos que permitam marcar a lógica de uma estética criativa, a qual, em última instância, pode criar novos valores e dar vez ao nascimento de uma proposta de pesquisa.

2.9 O NASCIMENTO DA PROPOSTA DE PESQUISA NA UNEB

A UNEB está presente em diversas regiões da Bahia e faz a EAD no estado ser potencialmente mais disseminada por esses locais em que a universidade atua; isso confere uma riqueza sem igual para o curso de História. A historiografia, a geografia e a economia da Bahia mostram suas regiões como um estado plural, comportando consigo a diversidade que se compreende imbricada e também incorporada em parte, por seus habitantes. As regiões baianas têm características a serem exploradas pelos sujeitos discentes durante toda a caminhada que o curso de ensino e aprendizagem EAD irá proporcionar a eles, enquanto participantes.

As relações são construídas através dos diálogos baseados no entendimento com os outros sujeitos implicados no contexto da pesquisa. Os elementos de composição da Bahia e

suas regiões são basilares para o projeto e modelagem da solução aplicada a ser proposta.

A DBR, ao tempo que permite o envolvimento dos atores, todos vistos como pesquisadores exige, também, que sejam explicitados seus engajamentos, deixando às claras as bases das decisões e construções das potenciais aplicações. A DBR defende uma proposta prática. Essa proposta necessita de uma situação interpretativa, válida ao nível dos sujeitos implicados. Para cumprir exigências dessa metodologia vamos apresentar no próximo capítulo nosso entendimento sobre as regiões baianas. Apresentá-las exige um esforço hercúlio; todavia, assume-se a impossibilidade de abarcar todo conhecimento sobre as diversidades das regiões baianas com suas complexas pluralidades culturais.

É da soma da vivência na UAB e do estudo EAD socioconstrutivista realizado que desenvolvemos a perspectiva desse estudo, voltado para elaborar uma proposta didático-pedagógica, para o curso de História, de maneira que a diversidade histórico-cultural seja uma característica não só favorável, mas, de fato, um pressuposto da práxis de ensino-aprendizagem da modalidade EAD. Foi a partir dessa realidade didático-pedagógica que vimos amadurecendo essa proposta de estudo. O potencial de interatividade e aprendizagem em rede, demonstrado pela EAD, mesmo em meio a todas as dificuldades apresentadas, era visível. Dessa forma, o que se propõe é um estudo para desenvolvimento de um procedimento de ensino-aprendizagem EAD que se utilize do potencial de interação entre os polos, tendo a diversidade e a pluralidade como princípios de desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Considerando que, historicamente, em sua diversidade e pluralidade, a Bahia é um estado multifacetado, principalmente por manter imbricada a sua história de fundação com a história do Brasil, entendemos que essa historiografia pode se aproximar de um entendimento parcial do que seja a arquitetura da construção das regiões baianas. Faz-se necessário, também, ter uma visão dos povos que aqui chegaram e ajudaram a desenhar geograficamente a Bahia, nesta em que a EAD de História está instalada. Assim foi amadurecido o problema da pesquisa o qual definimos a seguir: são desconhecidas soluções aplicadas de ensino-aprendizagem EAD que valorizem a diversidade sociocultural dos municípios/polos para o curso de História da UNEB/UAB. Partindo da problematização desta pesquisa, disponibilizamos o Quadro 3, que mostra os principais pensadores convocados e seus postulados teóricos que contribuirão com essa investigação. Nominamos os pensadores e seus

constructos apresentados nesse capítulo, os quais darão sustentação epistemológica a essa dissertação, em toda nossa caminhada de construção do *design* de ensino-aprendizado EAD.

QUADRO 3 – PRINCIPAIS PENSADORES E SEUS POSTULADOS

PRINCIPAIS PENSADORES E SEUS POSTULADOS	
PENSADORES	CONTRIBUIÇÃO CONCEITUAL
RAYMOLD WILLIAMS	CULTURA
BAKHTIN	MONOLOGISMO-POLIFONIA-PLURALIDADE
VYGOTSKY	SOCIOCONSTRUTIVISMO
ANTÔNIO GRAMSCI	HEGEMONIA - TEORIA E PRÁTICA
HERÁCLITO	DIALÉTICA
KAREL KOSIK	PRÁXIS
MANOEL CASTELLS	SOCIEDADE EM REDE – SOCIEDADE DE COMUNICAÇÃO

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da dissertação

Os pressupostos hipotéticos elencados nesse capítulo trazem consigo um *a priori* que implica ter uma visão dos povos que aqui chegaram e ajudaram a desenhar as regiões baianas. Com base nesse mosaico de diversidade e pluralidade que configurou a Bahia atual, analisaremos as relações que construíram tais regiões e elegeremos as diversidades e pluralidades que emergirem na pesquisa.

O próximo capítulo comporta as relações baianas com outros povos e a maneira como a configuração geográfica foi sendo delineada para formar a Bahia tal como é hoje. A Bahia com sua miscigenação e com seu povo que adicionou azeite de dendê às receitas aqui trazidas pelos imigrantes; com seu povo que remasterizou os sons, a dança, as representações; com seu povo que customizou as roupas, criou novas fantasias e recriou mitos. A Bahia que refaz a culinária, que cria a estética, e resguarda as marcas dos povos autóctones; a Bahia de antigos e novos sabores e saberes.

3 FORMAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL E COMPLEXA DA BAHIA

Este capítulo tem o objetivo de desvelar as tessituras da rede que compuseram o complexo mosaico cultural da Bahia, formado ao longo dos tempos. Além disso, delinea a geografia do estado e apresenta o que compreendemos ser a historiografia das regiões e a sua configuração atual. Com esses dados, faremos a composição do contexto baiano que interessa a esse estudo.

A perspectiva a ser apresentada tem como base o entendimento dos pesquisadores sobre a complexa formação histórico-cultural da Bahia. A base desse conhecimento é empírica e teórica e nossa pesquisa quer caminhar pelos contornos geográficos e historiográficos baianos na perspectiva da construção do contexto como *locus* da diversidade do estado. O entender da aplicação como o problema, propõe só poder ser efetivado a partir do conhecimento mínimo e básico do contexto onde se efetiva o processo de ensino-aprendizagem EAD em análise. Desse modo, justifica-se a construção de um entendimento sobre a Bahia e seu processo de formação sócio-histórica, ainda que não exaustivo, mas voltado para melhor elaboração do trabalho de aplicação, pelos pesquisadores responsáveis. Assim, cabe agora direcionarmos nosso olhar para esse contexto sócio-histórico da Bahia, especificamente para as regiões onde o curso de História/EAD da UNEB/UAB acontece.

3.1 O PORTUGUÊS COLONIZADOR NA BAHIA

Na Bahia, o ibérico foi o gestor da colonização predominantemente portuguesa, mas já diversa, pois assim como havia colonizadores oriundos da região do Tejo, Alentejo, Algarve, do mundo mouro e das ilhas, havia os também provindos da Galícia, de Andaluzia e de outras regiões da Espanha.

O europeu contribuiu significativamente para a formação do povo brasileiro, mas nessa trajetória, temos a supremacia de espanhóis e portugueses que marcaram a colonização da Bahia de maneira mais acentuada. Por outro lado, vários povos contribuíram para formar o que conhecemos como povo português e, portanto, ainda que indiretamente, também fazem parte de nossa linhagem. O elemento ibérico foi o gestor da colonização, predominantemente

o de origem portuguesa (TAVARES, 2001).

Para esse autor, “a diversidade física dos portugueses testemunha a herança étnica dos seus antepassados (ligúrios, celtas, iberos, fenícios, romanos, visigodos, vândalos, alanos, árabes e judeus)”. (TAVARES, 2001, p. 66). O ibérico trouxe, desde as primeiras capitâneas e morgados, uma forma de comportamento político-social baseado no reconhecimento, troca de favores e prestígio. Esse comportamento sobreviveu ao Império, à República, ao Coronelismo e teima em permanecer ainda hoje. Várias tradições ibéricas, em termos de relacionamento social, tais como celebrações religiosas, vestuário, comportamento, visão de mundo, cosmologia e na prática diária permanecem, sobrevivem nas diversas regiões e municípios baianos. Neles, as tradições culturais e religiosas se reproduzem, muitas vezes, de forma interétnicas, como o Cristianismo, o Catolicismo e a religiosidade popular, todas são fruto desta relação interétnica. (MATTA, 2013).

As etnias que ajudaram a compor a lusitanidade e sua própria diversidade, aliadas a outros povos europeus que aqui chegaram, juntaram-se ao indígena e aos homens e mulheres vindos do continente africano, compondo uma grande árvore geneológica, a qual representa uma parcela significativa do Velho Mundo. Tamanha miscigenação implicou a formação de uma realidade etno racial adversa, antropológica e etnograficamente, o que faz do baiano um povo com origem cosmopolita. (WILLIAMS, 2011b).

Ser cosmopolita aqui é ter uma miscigenação interétnica e poder ser testemunha da convivência entre culturas e tradições de diversas origens. Portanto, o baiano nasce cidadão do mundo na perspectiva etnográfica. Isso nos remete ao primeiro Governo Geral que se instalou no mar da Baía de Todos os Santos, antes de se lançar em terra, sendo os mares simbolicamente uma representação em rede do todos os continentes do mundo.

Raymond Williams (2011b) nos traz o aporte sobre como tratar cultura e etnia, e essa discussão foi desenvolvida no segundo capítulo. A grande quantidade de povoadores que ajudaram na formação do português já é uma demonstração da pluralidade étnica desse povo. Isso implica também a riqueza da miscigenação do português que povoou a Bahia. Contudo, alguns historiadores e o etnógrafo Carlos Otto afirmam que existe uma predominância dos sujeitos portugueses vindos da região de Entre-Douro e Minho, que fica ao norte de Portugal. (TAVARES, 2001, p. 66).

3.1.1 Marcas Ibéricas na Bahia

Uma das maiores contribuições dos portugueses em relação ao povo brasileiro foi a língua, a grande marca fincada em uma terra por um colonizador. Essa marca cravou Portugal na Bahia, assim como a cravaram outros colonizadores em suas colônias. Isso fez e faz da língua um objeto para agrilhoar.

A expulsão dos jesuítas do Brasil pelo Marquês de Pombal instalou um novo símbolo, o logos, enquanto verbo, sinônimo de palavra grega escrita e falada. Pombal imobilizou o processo de construção da língua brasílica, que, inclusive, era usada pelos jesuítas, no lugar do latim, nas missas, nos púlpitos. A intervenção pombalina neutralizou a expansão da língua tupi-guarani e transplantaram em seu lugar a língua e a filosofia ibérica, em evidente conflito entre a escolástica dos jesuítas e o Positivismo de Pombal. (TAVARES, 2001); (MATTA, 2013).

Ao implantar a língua, o português plantou sua marca na Bahia e transferiu a fé cristã para os baianos. Portugal tem a representação religiosa no Vale do Tejo, com o Santuário de Fátima. Na Bahia, temos também uma cidade sincrética, Bom Jesus da Lapa. Salvador mantém tradições culturais e religiosas, como as festas do Senhor do Bonfim. Além disso, há diversas igrejas e capelas que têm seu nascimento na relação de transferência religiosa e na fundação das cidades do interior.

Para além da religião, o português imprimiu uma sociedade agrária, escravista e mercantil, com estrutura social fortemente hierárquica, oligárquica e repressiva. Baseado nessa cultura do poder, o português transferiu a diversidade e a visão econômica ao transplantar as culturas do açúcar, do algodão e do fumo, culturas que perduram até hoje, em maior ou menor escala em território baiano. (TAVARES, 2001).

Na Bahia, tudo acompanhava a cultura portuguesa e, ainda hoje, com limitações e reconstruções, isso acontece. “A casa tradicional baiana, repetiu a planta da casa portuguesa. Os traçados das cidades mais antigas da Bahia, com sua capela, casa de câmara e cadeia; as vilas baianas seguiram uma ‘planta-padrão’ ibérica, unindo os dois mundos.” (TAVARES, 2001, p. 68).

Esses dois mundos têm, na arquitetura, as memórias edificadas nos prédios e nas ruas com seus cortes transversais. Em Lisboa, Coimbra, Porto e Vizeu as ruas partem da direita ou esquerda e se encontram com as vielas e becos estreitos e desalinhados, o que nos remete à Bahia, principalmente a cidade de Salvador, ao Pelourinho, suas ladeiras e adjacências.

Os arredores da Biblioteca Pública Estadual, nos Barris, em Salvador, e da Biblioteca Luiz de Camões, em Lisboa, remete-nos a outras leituras que fazemos dessas ruas entrecortadas que descem, sobem e se cruzam, sem limites, com suas ladeiras. Essas ruas e seus becos mantêm vivos, na arquitetura, os laços e as tradições coloniais de uma época na qual os povos estavam divididos entre o velho e o novo mundo, ressaltando uma cultura eurocentrista. Tanto em Lisboa como na Salvador de hoje, a arquitetura é muito semelhante, lembrando o barroco e o rococó, o que comporta, na América do Sul e na Bahia de Salvador, a presença cultural arquitetônica de França e de Portugal.

Em Lisboa e Salvador, a arquitetura de cada cidade nos leva a diversas culturas em um só lugar. O bonde nº 28, em Lisboa, transporta-nos para castelos, museus, bares e restaurantes. Ao descer a Rua Poço dos Negros, os trilhos nos remetem a outras dimensões culturais. A parada nº 41, do bonde, sinaliza uma espécie de caverna com o nome de *zapata*, onde somos agrilhoados pelo estômago. O conhecimento adquirido com a gastronomia faz dos comensais sujeitos que adquirem a experiência sensível, como a do “Mito da Caverna de Platão”, ao ver e acompanhar a cozinha transformar as iguarias, através do fogo heracliteano, e modificar a realidade material. Isso transmite um novo conhecimento, no qual a realidade prática se faz presente.

O uso das ferramentas pelos sujeitos provoca uma transformação material e simbólica que os remete ao apogeu do conhecimento, dando a conhecer a saída da caverna para a realidade prática. Transforma produtos naturais, peixes e crustáceos, banhando-os no azeite de oliva, fruto cultivado por Tales de Mileto, desde a Grécia antiga. O aprendizado que fica se faz práxis na medida em que transforma a relação dos seres e o conhecimento da realidade.

A dialética se presentifica quando o fogo altera algumas vidas existentes nesses frutos, dando-lhes novo formato de vida, estabelecendo novas práticas de uso e transformando hábitos, gostos, sabores e saberes. Na Bahia, as estradas das regiões, próximas ao mar,

convidam nativos e turistas aos banquetes nas cidades de Valença, Camamu, Cachoeira e Santo Amaro, o que mostra que tais regalos não são privilégios dos ibéricos ou europeus. A hinterlândia baiana prima por oferecer frutos do mar com requintes e porções de pimenta malagueta banhadas com o nosso azeite. No Recôncavo, “[...] as mariscadas, as formas de preparo de ostras, peixadas, caranguejos são a própria mistura [...]” (MATTA, 2013, p. 15-74). A cozinha prepara esses frutos com azeite de dendê, que provoca, até no português, novos sabores e saberes.

Essa mistura de saberes nos faz plural e nos aproxima de Portugal e de outras culturas. São as invenções dos baianos que mostram a criatividade e estabelecem nossa identidade, numa cultura que burla as dificuldades pontuais. Por que isso? Porque “[...] mariscos existem em toda a costa de Portugal e Galícia; na Bahia, porém, além de ganhar a escolha e o gosto pelo marisco pescado ancestralmente pelo índio, a carestia do azeite doce produziu o uso do dendê; nascia a mariscada baiana [...]” (MATTA, 2013, p. 15-74). As mariscadas são encontradas tanto nos restaurantes nobres quanto nos simples de quase todos os bairros de Salvador e do interior da Bahia.

3.2 OUTROS POVOS NA COLÔNIA DA BAHIA

Para a Bahia vieram os judeus, via Portugal e Espanha. Os cristãos-novos fugiram da Santa Inquisição e do Santo Ofício de Roma; compraram da Coroa Portuguesa novos nomes, aqui chegaram e ajudaram na colonização. Os espanhóis aportaram na Bahia como galegos, catalães e bascos. O francês, aliado a Caramuru, fez escambo de pau-brasil. Isso contribuiu para o casamento desse último com a índia Tupinambá, a qual retorna da viagem à Europa com novo nome: Catarina (rainha de França) e sobrenome Paraguaçu. Da união entre esse português e a nativa surgiu a primeira família legalmente constituída na Bahia. A historiografia registra essa miscigenação e o primeiro casamento de uma brasileira em França. (TAVARES, 2001).

Franceses também se relacionaram com as índias e se ligaram aos Tupis, deixando vários descendentes. “Não eram em número que permitisse identificação, em tipos físicos mestiços de francês com tupinambás, mas, ainda assim, foi maior que a dos italianos, ingleses,

alemães, nos dois primeiros séculos da Bahia.” (TAVARES, 2001, p.75).

A Bahia contou com parte dessa miscigenação, incluindo os “[...] povos dos países baixos e do norte da Europa (Inglaterra, Escócia, Gales, Irlanda, Suécia e Dinamarca).” (TAVARES, 2001, p.75). Esses, inclusive, casaram-se e constituíram famílias em vários estados brasileiros; alguns deles mais próximos de nossas regiões como Alagoas e Sergipe. Essa miscigenação vai também ajudar a compor o sertanejo baiano que, na sua mistura, pode encontrar os povos vindos dos continentes africanos e asiáticos; esses últimos se concentrando nos povos autóctones.

3.3 ALGUNS GRUPOS INDÍGENAS NA BAHIA

No que se refere aos indígenas, sabemos que em 1500 eram basicamente originários de diversos grupos étnicos. O mais provável é que tenham descendência dos grupos que, entre 10 ou 20 mil anos atrás, vieram da Ásia pelo Estreito de *Bering* e, para o espaço que hoje se denomina Brasil, eles foram chegando aos poucos, a partir dos Andes, descendo a região amazônica. “Os índios viviam em uma sociedade que poderíamos chamar de comunitárias, sociedades sem classes sociais. Algumas dessas tribos foram identificadas, como os Tupiniquins e os Tupinambás”. (MATTA, 2013, p.19); (MÉSZÁROS, 2002, p.101).

Os Tupinambás foram os primeiros indígenas que tiveram contato com os portugueses. Constituíam uma nação que povoava parte do litoral baiano no século XVI. Habitavam também as margens do rio São Francisco. Os Tupiniquins estavam mais ao Sul, no litoral, desde Camamu até terras hoje fora da Bahia. Viviam em comunidades autossustentáveis e sem diferenciação de classe social. Quando Cabral chegou, os Tupis estavam, aos poucos, deslocando-se para o interior. (MATTA, 2013).

O deslocamento dos índios para o interior foi acelerado por perseguições, invasões, conversão, desapropriação e políticas diversas que tinham em comum a direção do seu extermínio. Apesar das tentativas genocidas, é inegável que as heranças indígenas estão presentes de Norte a Sul e de Leste a Oeste, sendo parte integrante da diversidade e pluralidade da população da Bahia. Muitas cidades recebem nomes indígenas e, inclusive, mantêm parcela dos hábitos nativos, ao conservarem algumas tradições na pesca, nas técnicas

agrícolas e no estilo de construções. Isso influenciou na produção de novos conhecimentos e ampliou a diversidade e a pluralidade dos povos das regiões também constituídas pelos frutos das marcas indígenas. (MATTA, 2013).

3.3.1 Marcas indígenas na Bahia

Das atividades diárias dos índios, ficaram muitas marcas para os baianos, tais como: a coleta de frutos, o tecer das redes de fio de algodão ou de fibra vegetal, a pesca e o plantio em pequenas lavouras. Através da cultura de subsistência, os indígenas se alimentavam de raízes, inhame e milho. O tupinambá, bem como o baiano, alimentava-se de aves, animais, peixes, mariscos, frutas, beiju de carimã e farinha de mandioca.

Segundo Tavares,

os portugueses aperfeiçoaram a técnica de fabricação da farinha, construindo o complexo cultural indígena-europeu que é a casa de farinha. São costumes que perduram em nossa história e que ainda encontramos em todas as regiões da Bahia, comunidades inteiras vivendo do cultivo desses, e de outros hábitos e culturas. (TAVARES, 2001, p. 22-23).

Os indígenas conheciam duas espécies de milho, cinco de feijão, pimenta, abóbora, banana, caju, mamão. Queimavam o mato para plantar; tinham o hábito de dormir em redes, produziam “[...] cerâmica, da qual são exemplos as de Maragojipinho e Najé, com as suas gamelas, talhas, potes e moringas de barro e os enfeites com penas de aves. Utilizavam também uma técnica de conservação dos alimentos chamada de moquéim.” (TAVARES, 2001, p. 22-23).

Tradicionalmente esses hábitos alimentares sustentam financeiramente comunidades como as do Recôncavo, Nazaré das Farinhas, por exemplo. Constituem-se marcas incrustadas nos costumes de todo o estado baiano, o que podemos comprovar em nossas visitas aos municípios/polos de História/EAD.

A culinária não é a única marca indígena. A cosmologia transplantada pelos religiosos; conforme Tavares (2001) faz parte da história baiana, na qual é possível observar o oportunismo dos padres e missionários designados pela Coroa Portuguesa para atuarem na Bahia. O curupira, a caipora, o diabo e o deus que castiga são fortes símbolos semióticos

transplantados para o imaginário mítico da sociedade baiana, os quais ainda vigem hoje nos contos repassados aos rebentos. Esse imaginário é fruto de uma época de convivência e de imposição cultural dos missionários em seu processo de catequese entre os índios, ao atraí-los e/ou capturá-los para as missões jesuíticas. (TAVARES, 2001, p. 23).

Para ilustrar uma das construções possíveis do que seja a dialética para nós pesquisadores, no terreno indígena, vamos transcrever em rápidas palavras uma situação antropofágica. A captura de índios por outras tribos era mais comum do que se possa imaginar. Essa atitude era considerada, conforme Pinto (2013, p. 182-183), “[...] uma estranha dialética da honra e da ofensa”. Nesse sentido, vamos substituir a palavra estranha por metafísica e transformar a frase em uma dialética metafísica, nessa ontologia metafísica do ser índio que se serve da morte do seu inimigo para continuar vivendo como guerreiro, dependente da vida do outro, ou seja, de sua morte.

Nessa dialética metafísica, o ato de morrer e de viver é fortalecido e enaltecido pelo índio inimigo, tendo em vista a teleologia voltada para o outro mundo, ou seja, o objeto primário dessa construção metafísica promove uma busca. O capturador vive após a morte do outro e a partir da vitalidade do capturado. O guerreiro capturado, por sua vez, assume a transcendência de outra vida e é aí que surge a dialética metafísica, enquanto uma meta - objetivo - para além da física. O guerreiro capturado, então, aceita a morte e almeja a outra vida; por outro lado, a morte nas mãos do inimigo é a um só tempo uma grande ofensa e uma honra, por ser o motivo detonador da busca de vingança contra o seu grupo. A honra do capturado está na morte que vive na imortalidade da outra vida. Dessa forma, podemos encontrar a síntese e a antítese, pois a busca da imortalidade produz uma tese metafísica. (PINTO, 2013).

Entendemos que algumas religiões buscaram adaptações a essa dialética metafísica e percebemos isso em alguns religiosos baianos, os quais repetem que a vida pós-morte é uma glória pelos caminhos percorridos aqui na terra. Comungam também dessa forma de pensar homens e mulheres vindos da África. Esse levantamento serve de base para comprovar que os índios vieram de diversas nações e deixaram suas marcas espalhadas por todas as regiões da Bahia.

3.4 A ÁFRICA BAIANA

Quando nos referimos, nesta pesquisa, à África, estamos explicitando os homens e mulheres que vieram para a Bahia, provenientes do continente africano, das mais diversas formas, no período colonial, para compor o que intitulamos de África baiana.

O processo de escravidão era uma solução para o comércio há milhares de anos e, no Mediterrâneo, envolvia povos africanos, europeus e asiáticos. No século XVI, a Europa apresentou uma fome pantagruélica de açúcar, uma fome que carrega a lógica da exploração capitalista, o que ratifica a ideia de escravidão que vinha sendo incentivada pelos ibéricos. Os traficantes trouxeram para o Novo Mundo uma mão de obra barata, com origens e documentos falsificados. Os senhores de engenho não se importavam com a procedência desses homens e mulheres, desde que apresentassem braços fortes. Era isso o que importava para eles, em relação aos “4 milhões de escravos” que vieram para a Bahia. (FREITAS, 1984, p.11); (TAVARES, 2001); (MATTA, 2013, p.11).

Para este estudo, importa mais entender a resistência e a sobrevivência da cultura africana, apesar de toda a perseguição e até ilegalidade. No Recôncavo, no sertão, por resistência firme, comunitária, construída nos terreiros, as irmandades negras, em eventos culturais e festas, e através das tradições e de seus modos de produção de subsistência, em parte presentes, até hoje, graças aos quilombos espalhados pela Bahia, muitas vezes compuseram-se com o indígena. Essa aliança construiu uma nova relação intercultural complexa. As tradições africanas e as marcas das nações indígenas foram fincadas na Bahia e se espalharam nesse complexo caldeirão de misturas que são os municípios baianos, todos imersos nessa pluralidade étnico-cultural.

A africanidade nessa terra é inegável. Algumas regiões da Bahia são bastante povoadas por descendentes de homens e mulheres vindos do continente africano. A forma de enfrentar a tentativa do branco em impor a religião católica levou à ilusão de catequese. Trata-se de uma ilusão, tendo em vista que os senhores de engenho não estavam interessados nas almas dos indígenas. O que queriam eram os corpos dos negros. Os negros não eram almas a salvar, mas máquinas a trabalhar, sendo a mão de obra barata que os brancos pretendiam usar. Para burlar o branco, o negro da sociedade colonial criou o ser damattiano, com personagem

multifacetada por uma tríade, exigida para sobrevivência, apresentando-se ora como o negro da casa, da rua e do outro mundo, ora como se o negro estivesse a colocar o “vinho velho em garrafa nova”, artifício usado pelos ibéricos. (PINTO, 2013, p. 229-230); (DAMATTA, 2004, p.13-20).

3.5 AS REGIONALIDADES: UMA VISÃO DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA BAHIA

Após construir uma compreensão, ainda que superficial, sobre a complexidade da diversidade étnico-histórica da Bahia, cabe construir uma consciência capaz de sugerir a aplicação de propostas pedagógicas para o contexto desta pesquisa nas regiões a serem escolhidas.

A seguir, vamos descrever o entendimento dos pesquisadores, mesclado entre teoria, prática e vivência como causalidade, qualificar nosso engajamento no território baiano, tendo em vista que o curso de História/EAD atua em vinte e sete polos, assim distribuídos: seis, da turma de 2011 - Bom Jesus da Lapa, Brumado, Itamaraju, Itanhém, Mundo Novo e Santo Estêvão; dez, da turma de 2010 - Brumado, Esplanada, Itapicuru, Jacaraci, Jequié, Mundo Novo, Santo Estêvão, São Sebastião do Passe, Sítio do Quinto e Valença; e onze polos da turma de 2009 - Barreiras, Conceição do Coité, Euclides da Cunha, Feira de Santana, Ipiaú, Irecê, Itaberaba, Lauro de Freitas, Rafael Jambeiro, Seabra e Serrinha. As turmas de 2009 e 2010, em processo de Colação de Grau, estão fora de nossa análise, embora tenham sido as que provocaram o questionamento inicial que nos remeteu ao *insight* para iniciar esta pesquisa. Tal opção deveu-se apenas a uma questão prática, vinculada ao método escolhido. Esse método nos remeteu a pensar a ocupação do interior da Bahia, numa perspectiva para contribuir com o entendimento do contexto desta pesquisa.

À medida que nos aproximamos do século XVIII, os caminhos da Bahia vão sendo definidos e, aos poucos, são cada vez mais percorridos por mascates, tropeiros e boiadas que transitam pelo estado. Autoridades e pessoas comuns também usam as vielas ou estradas, antes de folhagens, produzidas pelas pisadas das boiadas nas viagens pela interiorização da Bahia. (MATTA, 2013).

Transitam hoje, por esses caminhos, atores que, em parte são herdeiros, embora muitas vezes não tenham ideia dos conflitos, dos massacres a índios, dos negros fugidos e sacrificados que usaram esses mesmos caminhos e estradas e encheram as paisagens baianas com suas histórias. Em Roma, em janeiro de 2014, a caminho do Aeroporto de Ciampino, passamos por Ápia (considerada a rainha das estradas). Ápia é uma estrada romana de 600 km e existe desde 312 a.C.. Ao passar por ela, remetemo-nos às aulas de Matta sobre a história das velhas estradas. Esse é um bom exemplo, que existe no Brasil e na Europa. As primeiras estradas ainda estão aí para ajudar a contar a história de seus países. E não seria diferente com as estradas baianas, as quais também estão repletas de vivências de todos os que as percorreram. Em Salvador, temos a Estrada da Rainha que ainda existe e guarda muitas histórias a serem desveladas. Dentre tantos espaços prechos de histórias, optamos por iniciar nossa construção de entendimento sobre o contexto sócio-histórico baiano, a partir do estudo do Recôncavo Baiano.

A ocupação do Recôncavo começou graças à estreita relação com a Baía de Todos os Santos; um verdadeiro mar interno desenvolveu-se, e configurou-se a partir daí a região como a conhecemos hoje. “[...] baías e praias do litoral [...] forma utilizada como passagem para as embarcações da Carreira das índias”. (TAVARES, 2001, p. 80).

As embarcações que passavam por Salvador e pelo Recôncavo deram à região uma dimensão histórica cosmopolita. Formou-se, assim, uma região interétnica, com rica pluralidade histórico-cultural, caracterizada pela miscigenação advinda dos casamentos e das relações com os estrangeiros vindos de muitos portos. Alguns, ao se fixarem em solo baiano, ocuparam as regiões internas do Recôncavo, enquanto outros optaram pela Costa.

As regiões do litoral, acessíveis por mar, foram ocupadas primeiramente, em razão da facilidade de acesso. A Bahia recebeu um imenso contingente de trabalhadores compulsórios, vindos do continente africano, que foram trazidos pelos colonizadores europeus para os engenhos e fazendas. Os africanos marcam bastante a região, contribuindo com a religião, a música, a dança e hábitos de alimentação.

Os senhores de engenhos, na Bahia, são uma herança do patrimonialismo ibérico, secular forma de poder senhorial caudilho, que emerge na Espanha ainda romana e sobrevive vindo para o Brasil e para o Recôncavo com essa forma de ordem social adaptada à nossa

região.

O senhor de engenho permanece no Recôncavo e, de fato, em toda a Bahia, o que Hegel, segundo Vasquez (1990), chama de “relação entre o senhor e o escravo.” Já para Mattoso,

[...] quem pensa na Bahia dos séculos XVIII e XIX pensa imediatamente na Bahia capital do açúcar, na opulenta cidade dos senhores de engenho e de seus escravos, na cidade dos ricos negociantes. Maurice Le Lannou qualifica os plantadores de cana do litoral nordeste de ‘sedentários empanturrados. (1992, p. 52).

Vazquez (1990) convoca Hegel em Filosofia da Praxis para esclarecer a relação dialética entre o Senhor e o escravo. Essa é uma relação de dominação e de servidão, na qual a contradição existente para Vazquez faz com que Hegel, ao abordar a contradição entre opressores e oprimidos, não a trate como uma luta mortal ao longo da História. Para Vazquez, Hegel continua na subjetividade. Nesse sentido, Hegel não traz o sujeito para o campo de batalha, onde pode ser apresentado a um fato histórico real, concreto. Em vez disso, a relação é mistificada, transformando essa batalha em uma luta mística pelo reconhecimento.

Entendemos que isso é precisamente o que se dá na atualidade brasileira e baiana em relação aos negros, pois eles lutam por reconhecimento e por espaço, mas requerem que esse reconhecimento seja jurídico - caso das cotas, por exemplo. A participação mais efetiva dos negros nas universidades e em outras instituições fica então garantida por percentuais aprovados pelas leis, e não através de lutas pelo reconhecimento do outro, enquanto humano. Dessa forma, Hegel justifica ideologicamente a servidão, reconhecendo a hegemonia e o poder do senhor, o que nos remete a Gramsci (1978). Na luta contra o *Apartheid*, na África do Sul, Mandiba/Mandela e seus companheiros negros só conseguiram vencer os brancos após guerras sangrentas. O opressor só recuou quando reconheceu que a manutenção do regime levaria à morte de muitos brancos.

O negro da África do Sul não se deixou dominar pela servidão. Lutou e foi em busca do reconhecimento humano, como um ser igual em sua totalidade. Não abriu mão da luta, mesmo que sangrenta, pois teve como objetivo a busca da consciência coletiva, a qual a liberdade do povo era o bem maior a ser realizado no campo material. No sentido oposto,

podemos evocar Gramsci (1978) para mostrar a inversão dos valores; a hegemonia, nessa questão, é a do negro africano, portanto, não mais a do senhor branco, mas a do escravo que se liberta, reconhece a si e se faz reconhecer pelo outro. (COUTINHO, 2013).

3.5.1 A Bahia e o Recôncavo - Engenhos e Quilombos

Segundo Reis, “Na Bahia, os escravos dos engenhos do Recôncavo se rebelaram inúmeras vezes, mais vezes certamente que os escravos de Salvador.” (1996, p.25). As rebeliões dos escravos, no Recôncavo, eram facilitadas pelo fato de andarem pelas vilas da região. Iam às feiras das cidades, transportando ora mercadorias, ora os senhores para seus passeios. Isso os levou a uma maior organização, o que facilitou as revoltas organizadas. Pelo fato de os negros da região terem “passe livre” para circular entre os vários engenhos de um mesmo senhor e participar das feiras locais, alteraram a realidade objetiva ao forjar uma circulação conspiratória no *locus* de vivência. A mata nativa do Recôncavo contribuiu para a logística dos fugitivos na criação dos quilombos. (REIS, 1996, p.26).

No Recôncavo, conviviam padres Jesuítas, índios “amansados”, estrangeiros, que na passagem de seus navios por ali aportavam e, por vezes, tornavam-se residentes, escravos de engenhos. “Essas disponibilidades para mesclar culturas eram um imperativo de sobrevivência, exercício de sabedoria [...] de compor relações sociais às quais inevitavelmente traduziam em transformações e interpenetrações culturais”. (REIS, 1996, p.20).

Os levantes, a resistência negra e o mesclar de culturas ajudaram muito os rebelados. Os quilombolas mantinham redes de comércio, relações de trabalho, amizade e parentesco com os assenzalados. A Baía de Todos os Santos, por sua embocadura, facilitava a navegação e o acesso ao interior. A presença de homens e mulheres vindos do continente africano e a construção dos quilombos - acampamentos forjados por negros, índios e fugitivos de todas as espécies - provocam uma mistura importante, étnico-racial, social e política, além de mesclar os diversos saberes ali aculturados. Essa mistura se torna responsável pelo surgimento de uma cultura própria, viva, nova, no Recôncavo, a qual se dissemina pelas cidades próximas e distantes. Citamos, como exemplo, as cidades de Santo Amaro, São Félix, Jaguaripe, São Francisco do Conde, Itapoá, entre outras. Os sotaques são preservados, assim como os gestos,

ritmos, batuques, danças (capoeira) e festas religiosas e folclóricas. É a força da Bahia que catalisa comunidades e se faz intercultural ao se mesclar com a ibérica, a indígena e a africana.

3.6 A PLURICULTURALIDADE - COMO A ENTENDEMOS

Segundo Bakhtin, “A pluralidade está implicada na diversidade que está contida em cada sujeito e em sua História. Portanto, uma pessoa, já carrega em si toda diversidade do universo” (2010. p. 296). Para uma melhor compreensão do que Bakhtin considera pluricultural, procuramos entender a relação entre diversidade e sujeito histórico. Uma e outro estão contidos no universo do sujeito, e o universo é o próprio sujeito e sua história. Nesse sentido, somos a diversidade e produzimos a diversidade em nosso devir histórico. Portanto, a pluriculturalidade é a forma diversa de ver, viver e fazer as coisas no mundo.

Assim, pluriculturalidade, para os pesquisadores, diz respeito:

- a) Ao fazer religioso, cultural, linguístico, racial e étnico;
- b) Ao enriquecimento de vivenciar o sagrado e o profano, propiciando a cada e a todos a pluralidade cultural;
- c) À forma de vida e de convívio, pelas opções pessoais e compromissos éticos;
- d) Ao compromisso com a transformação de uma sociedade cada vez mais justa;
- e) À busca por destravar caminhos para a plenitude da cidadania;
- f) À diversidade no construto das pessoas, na vida social do baiano, nas suas respectivas cidades e regiões.

3.6.1 Por que a pluriculturalidade precisa das regiões baianas?

A pluriculturalidade necessita das regiões baianas porque “as fórmulas da vida correntes fazem parte do meio social, são elementos das festas, dos lazeres, das relações que se travam no hotel, nas fábricas etc”. (BAKHTIN, 2009, p. 130).

Falar em região é falar no *locus* de ocupação dos espaços eleitos para esta pesquisa. As regiões mantêm uma rede de relações com o estado, de maneira tal, que

imbricadas, tornam-se sua própria representação; são símbolos diversos do pluricultural. “Um signo é um fenômeno do mundo exterior.” (BAKHTIN, 2009, p. 33). Nesse sentido, as representações simbólicas são construídas a partir das representações externas, de forma significativa, demarcando espaço no cognitivo das pessoas de forma inelutável.

3.7 INTERPRETANDO AS REGIÕES BAIANAS

Esta pesquisa nos convoca a interpretar a Bahia por regiões. Certamente não seria uma tarefa fácil de cumprir. Primário engano pensar a Bahia como um território homogêneo. A dissertação intitulada “Bahia em pedaços: desafios de um historiador”, do autor Freitas (In: FARIAS, 2012), convida-nos a refletir sobre a impossibilidade de abarcar a totalidade das regiões na dimensão dessa proposta (2012, p. 69-85).

Cientes de não termos especialistas a contribuir com seus saberes sobre as regiões baianas contempladas nesse estudo, mesmo porque uma vida inteira de pesquisas ainda seria pouco para descrever a realidade vivenciada nelas, permitimo-nos falar da Bahia a partir de nosso conhecimento empírico e com base em algumas construções históricas. (FREITAS In: FARIAS, 2012, p. 71).

Destarte, a narrativa que escolhemos para as regiões da Bahia nos permite aproximar de uma ontologia, não só das regiões, mas também dos encontros de História da UAB/UNEB/EAD nessas localidades, uma vez que lá estivemos convivendo na realidade objetiva. Essa contextualização, para além de ser DBR, também contém as bases epistemológicas que vamos usar para nossa pesquisa.

Os investigadores, portanto, consideram que entender todas as regiões baianas é uma provocação que colocamos em dúvida desde o início da empreitada. As regiões ou partes da Bahia têm uma dimensão imensurável em toda sua historiografia, geografia, filosofia e antropologia. Mesmo reconhecendo que nosso trabalho perpassa por esses conteúdos, temos consciência de que uma vida de investigações não seria suficiente para nos aprofundarmos nesse mosaico de significados e de simbologia dos matizes que constroem as estruturas do povo baiano com todo seu legado cultural. É impossível abarcar a totalidade do conjunto de signos construídos ao longo da história em uma única pesquisa. Eis porque, nesse ponto,

estando dentro das regiões, nossa pesquisa se direciona para os encontros de História/EAD, realizados em cada parte da Bahia, hoje denominado pelo IBGE como mesorregião. (FREITAS, 2012, p. 71).

3.7.1 Mesorregião

É um conceito criado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (IBGE, 2015), que subdivide os estados brasileiros em espaços geográficos que congregam diversos municípios de uma área ou região, denominando de mesorregiões com similaridades econômicas e sociais e políticas. A divisão das mesorregiões se processa através das microrregiões chegando aos municípios.

Os pesquisadores entenderam que essa divisão contribui para o escopo desta pesquisa, sendo utilizada conforme formatação geofísica delineada pelo IBGE, para mapear as regiões atuais das cidades baianas. A formatação espacial compreendida pelo IBGE não é objeto de nossa pesquisa, por isso, vamos passar ao largo dos parâmetros de sua criação por não contribuir para esta pesquisa. Interessa-nos localizar os municípios/polos no interior das mesorregiões, sinalizando os polos existentes na Bahia, nos quais se faz presente o curso de História/EAD da UAB/UNEB.

MAPA 1 – MESORREGIÕES DA BAHIA



Fonte: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_da_Bahia>. Acesso em: 15 jul 2015.

3.7.1.1 Mesorregião Metropolitana de Salvador

Salvador é a capital do estado baiano e nela se localizam a sede da UNEB e o maior polo industrial do estado. A cidade tem uma população de 4,5 milhões de habitantes, o que representa cerca de 1/3 da população da Bahia. Dentro da mesorregião de Salvador, os municípios que interessam para esta pesquisa são Salvador, por ser a sede da UNEB, e Lauro de Freitas, onde fica o Polo Universitário Santo Amaro do Ipitanga - PUSAI, onde é a sede da UAB/UNEB/EAD, com a turma de História/EAD de 2009.

Nos anos 1950, Salvador possuía apenas duas instituições de ensino superior - a Universidade Federal da Bahia - UFBA, fundada em 1950 por Edgar Santos, e a Universidade Católica do Salvador - UCSAL, fundada em 1956. (MATTOSO, 1992, p. 23-44). Hoje a capital baiana possui 50 IES - Instituições de Ensino Superior e pode se considerar privilegiada em termos quantitativos de cursos superiores. No interior, contudo, a carência de IES é muito grande e o estado só se faz presente com um número reduzido nas cidades de médio porte, para atender aos municípios.

Mas nem só de universidades vive o saber. A cultura dos soteropolitanos pode ser encontrada também no Pelourinho, espaço mitificado, onde o Olodum é a representação de uma alegria criada para turistas que passeiam pelas casas do período colonial, transformadas em comércio para atraí-los. Ali, os nativos ficam escondidos e, aos poucos, estão sendo expulsos das ladeiras, pela construção de mais e mais prédios de estacionamento. Na Ribeira, encontramos saveiros e uma praia exuberante, rodeada de bares e restaurantes. Salvador tem seu espaço dividido pelas religiões. De um lado, a Igreja do Bonfim, como representante da religião católica; do outro, o templo da Igreja Universal, congregação evangélica que fica em frente ao *Shopping* da Bahia. Nos dois espaços, o da “fé” e o do “consumo”, trava-se uma luta diária para a conquista e manutenção dos “fiéis”. Nessa divisão de espaços, há também os terreiros e suas representações nas babalorixás, como Mãe Menininha do Gantois, e a Ialorixá Mãe Estela de Oxóssi. Mãe Estela é a primeira representante dos cultos afro a ocupar uma cadeira na Academia Baiana de Letras.

Nas praias do litoral Norte, encontram-se remanescentes dos diversos povos e culturas que formaram a Bahia e que contribuíram para essa forte diversidade cultural, que vai

da alimentação ao modo de viver do baiano, desta e de outras regiões do estado. No caldeirão cultural baiano, misturam-se as frutas locais, a exemplo do dendê, empregado como substituto ao azeite de oliva português. O baiano transforma dando novos significados à sua cultura de sabores e saberes, ressignificando e transformando tudo numa cultura diversa, apreciada por nativos e visitantes, e, sobretudo, percebida como exclusiva.

A região de Salvador possui uma base produtiva diversificada. Seu polo industrial ainda experimenta uma fase favorável, porque tem exploração de petróleo e as indústrias metalúrgicas. Na periferia de Salvador, há algumas fábricas de bebidas, além do turismo costeiro e de uma boa área de fruticultura.

Lauro de Freitas foi uma região ocupada por índios e por missões de jesuítas, o que deu origem à cidade de Santo Amaro do Ipitanga. Essa região também contou com o tráfico de escravos que vieram para os engenhos das áreas costeiras e deixaram como marca os costumes, a pesca e os alimentos. A Linha Verde faz a conexão com a Estrada do Coco e toda região, cortando as principais praias com paisagens ricas, cinematográficas, chegando até Mangue Seco.

Antes de se chegar a Mangue Seco, pela Estrada do Coco, é preciso passar por *resorts* de luxo e pela Praia do Forte, essa a mais destacada da região e possui forte apelo turístico. Todavia, ali, a pobreza dos nativos contrasta com residências e hotéis de luxo. A imponência das residências, hotéis e pousadas não contribui em nada para os nativos que mantêm a logística dessa riqueza, com a pesca e a venda de mão de obra a baixo custo, prestando serviço para bares e restaurantes à beira-mar.

Do mar da praia do Forte, vêm e vão tartarugas protegidas pelo Projeto Tartarugas Marinhas, nominado de TAMAR, criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), que mantêm a preservação da espécie no lugar. O nome Praia do Forte faz referência às ruínas do Castelo dos Garcia D'Ávila ou Casa da Torre, sede do morgadio de um dos dois maiores latifundiários baianos que, em troca de favores no período colonial, ajudou a proteger aquela costa dos inimigos da Coroa Portuguesa.

Para além da diversidade local, importa para o curso de História/EAD que essa região tenha sido o palco do 2º Encontro de História/EAD - Lauro de Freitas, o qual ocorreu em julho de 2012 e contou com as presenças de coordenadores, tutores presenciais e a

distância, de outros municípios/polos.

O vice-presidente da CAPES proferiu a palestra de abertura. Especialistas em educação e historiadores de diversos estados estiveram presentes. Os discentes apresentaram seus primeiros pôsteres, e minicursos foram realizados. O Historiador Alberto da Costa e Silva palestrou, via *internet*, da Academia Brasileira de Letras - ABL do Rio de Janeiro. Na primeira noite do Encontro, contamos com a presença da Prefeita do município, Sra. Moema Gramacho. Foram três dias de troca de relações dialógicas, de compreensão do plano estético nas relações do conhecimento, principalmente historiográfico. Os participantes do Encontro experimentaram a transformação heracliteamente, no qual o ser partícipe é levado a um banho de estética historiográfica. Isso, para Bakhtin, acontece quando “[...] o ato estético dá à luz ao existir em um novo plano axiológico do mundo, nasce um novo homem e um novo contexto axiológico - o plano do pensamento sobre o mundo humanizado.” (BAKHTIN, 2010, p. 177).

O ato estético são as falas que saem do púlpito de forma monológica, promovendo ecos na plenária. Tais ecos atingem, de forma⁵ polivalente, o cognitivo dos discentes/ouvintes, os quais reconstróem os discursos axiológicos que estão ligados a um contexto (no caso o próprio contexto do discente e de sua região, bem como, modo de vida). O que se escuta “[...] está saturado de intenções multifacetadas.” O sujeito/ouvinte recepciona o que Bakhtin chama de “[...] dialogicidade interna da linguagem.” (BRAIT, 2013, p. 122).

Nessa dialogicidade há o enunciado bakhtiniano e, através do enunciado, o cognitivo seleciona, nas discussões histórico-filosóficas que acontecem em plenária, o que interessa para seu entendimento e compreensão como membro partícipe e ouvinte. Ouvir as “verdades”, maneiras axiológicas de reconstrução de um tempo, pela visão de um palestrante e/ou pesquisador, é uma forma de reconstruir novos valores axiológicos.

O enunciado bakhtiniano reproduz novos enunciados, tornando os cognitivos revigorados. Novas sinapses e “um novo contexto axiológico” são reproduzidos no “plano do pensamento” sobre os ouvintes da plenária, ao tempo em que o “pensamento sobre o mundo é

⁵Forma ou materialidade dos fenômenos perceptivos – Para Dewey: “Somente quando as partes constitutivas de um todo têm o único fim de contribuir à perfeição de uma experiência consciente, desenho e imagem perdem o caráter sobreposto e tornam-se FORMA”. (ABBAGNANO, 1982, p.447).

humanizado”. Nesse sentido, o encontro de História/EAD é um encontro bakhtiniano, uma vez que ouvir, falar e construir conhecimento dialógico são uma realidade e uma perspectiva desse pensador russo. (BAKHTIN, 2010, p.177).

3.7.1.2 Mesorregião do Centro-Norte

Feira de Santana tem uma espécie de portal que funciona como entrada/saída de Salvador para o interior baiano e vice-versa. A circulação de veículos do Norte e do Sul do país passa por esse portal e pelas várias rodovias federais, as BRs que cortam a região.

Do ponto de vista do desenvolvimento, a cidade é a segunda do estado, mas, mesmo assim, sofre as consequências da seca, cotidianamente presente nesse espaço baiano. Esta é uma região complexa, como todas as outras, mas Feira de Santana ocupa posição vital dentro do cenário baiano. O mesmo ocorre com “Santo Antônio de Jesus, que em termos de importância, ocupou o lugar da cidade de Nazaré das Farinhas, dos tempos do rio e mar.” (FREITAS In: FARIAS, 2012, p. 80-81).

O texto de Freitas nos faz entender que algumas cidades baianas foram muito importantes no passado, através dos seus rios e acesso ao mar, aumentando o fluxo de riquezas e gozo da opulência. Contudo, perderam o grau de desenvolvimento face ao estreitamento dos rios e o consequente desaparecimento dos barcos a vapor e do uso das estradas pelos carros de bois. Vieram as BRs e o desenvolvimento começou a passar ao largo de cidades como Nazaré das Farinhas.

A Chapada Diamantina conheceu homens que amendrontavam a sociedade; terríveis coronéis de atitude bipolar, que ora mantinham alianças com o governo na guerra civil, ora afrontavam o Estado com a Revolta Sertaneja, em 1919/20. Um desses homens foi o coronel Horácio de Matos, cujos herdeiros exerceram funções executivas e legislativas, tanto na vida política municipal, quanto na estadual. (FREITAS In: FARIAS, 2012, p. 78).

As estradas de ferro, seguidas pelas rodovias, e a chegada dos aviões, meios mais rápidos, parecem ter paralisado essas cidades no tempo, pois não conseguiram avançar; aliás, recuaram e se assoriaram em proporção próxima à poluição de seus rios. O que dizer do acesso mais rápido às informações? Mesmo com o acesso facilitado, esses municípios ainda

convivem com o compadrio, com tensões, conflitos e ranços do coronelismo, e ainda guardam os currais de todo tipo. Se esqueceram, esses senhores, que o tempo cria uma nova visão de mundo e que não existem mais as Casas da Ponte e a Casa da Torre, diferenciando e provando que gente não é gado que foi sendo deixado nas paradas com intuito de criar cidades, estabelecendo uma logística de ponto de apoio.

O mundo atual tem outra dinâmica, renova-se e se reconstrói velozmente, transformando-se, conforme Heráclito, através do movimento. As antenas parabólicas atualizam o ser contemporâneo, dão acesso à *internet* e provocam a chegada do novo. Entretanto, mesmo com tudo isso, algumas cidades baianas ainda se mantêm atrasadas; as pessoas vivem da memória do passado, embora ligadas nas comunicações atuais, mas sem entender o presente.

Entender o presente exige que o cidadão esteja atento não apenas pelos ferros retorcidos das parabólicas, os quais catalizam os sinais dos novos tempos e transportam o conhecimento. Exemplo desse transporte é o uso pelas instituições de ensino dos recursos tecnológicos para expandir seu campo de ação, principalmente via ensino a distância. A EAD alcança, com os sinais digitais, comunidades baianas que não contam com sedes e campi universitários. Daí a importância da UAB/UNEB presente, virtualmente, nas regiões baianas desassistidas por estruturas físicas.

A mesorregião centro-norte conta com oitenta cidades, tendo o curso de História/EAD realizado três encontros em períodos diferentes, não sequenciais, visto que a realização deles não obedece à lógica das regiões, acontecendo em épocas diferenciadas. O 1º Encontro de História/EAD deu-se em Irecê-Ba, aconteceu no Campus XVI da UNEB e teve a participação de sua Diretora, Prof^a. Elga Porto de Miranda. Na abertura, o tutor presencial de Irecê, doravante TP, Felipe Rebouças, do curso EAD de Música, abriu o evento com a interpretação de La Catedral e Prelúdio. O Prof^o. Silvar Ribeiro Maciel, Coordenador Geral da UAB/UNEB, conversou longamente com os participantes sobre as dificuldades inerentes à UAB e os problemas atinentes ao Curso de História. O Prof^o Alfredo Matta proferiu palestra sobre: O Ofício do Historiador. O Prof^o e TD Jodeilson Mafra Martins ministrou a oficina Jogos Eletrônicos e as Mídias Digitais no Ensino de História. O Prof^o. Eudes Mata Vidal apresentou a palestra Os Princípios Pedagógicos do Curso de História. A coordenadora do

polo, doravante CP, Prof^ª Solange Ribeiro Maciel, e o coordenador de tutoria, doravante, CT de História, Prof^o Osvaldo de Souza Ferreira, foram os organizadores e responsáveis diretos pelo Encontro, que recebeu apoio incondicional do coordenador do curso, doravante CC de História/EAD, Prof^o. Alfredo Matta. A CP de Irecê produziu um pequeno relatório do encontro, o qual segue no Apêndice A desta pesquisa.

O Encontro de História/EAD que aconteceu em Irecê foi o primeiro na modalidade de Educação a Distância – EAD, na história de cursos específicos na Bahia e no Brasil, sendo também o primeiro entre os dezesseis cursos existentes na UAB/UNEB. Esse foi um encontro de curso EAD com temática exclusiva e voltado para ajudar os discentes nas disciplinas que frequentam no curso de História, com temáticas diversas.

Esse evento teve como característica principal ouvir o outro; foram dias de muitas reflexões. As reuniões agendadas aconteceram em diversas salas, nas quais os discentes de todos os polos participaram ativamente dos variados espaços de diálogo, divididos por temas. Esse foi o primeiro momento em que a diversidade dos polos se fizera presente e a troca de informações levou a diversidade cultural ao apogeu.

Compreender o espaço cultural produzido a partir dos encontros, e poder pensar o ensino-aprendizagem no curso de História, é o ponto nevrálgico, sensível, na construção do contexto que envolve as regiões da Bahia. Esse contexto é basilar para esta pesquisa, tendo os municípios polos como um dos pontos de apoio do curso de História/EAD.

Esses espaços se fazem *locus* de encontros da pluralidade cultural, onde os sujeitos estudantes trazem uma carga que comporta as dimensões representadas pelas regiões com todos seus ícones e signos. Nesses encontros, experimenta-se, pela primeira vez, a aprendizagem a partir de uma vivência conjunta com participantes de todas as regiões da Bahia.

O polo de Irecê se fez representante de todas as regiões nos dias do encontro de História/EAD. Nesse *locus*, Irecê teve sob sua responsabilidade as representações culturais de todos os municípios/polos do curso de História/EAD. Naqueles três dias, a cidade foi a detentora da diversidade e da complexidade culturais baianas existentes em toda a dimensão cultural do curso de História/EAD.

Ao final dos debates, após exposição em plenária da posição de cada grupo, foi produzida A Carta de Irecê (vide Anexo A) que pode ser utilizada como documento historiográfico. A Carta mostra os primórdios desses eventos e os acontecimentos do período, em formato de memória do curso. Serve como demonstrativo histórico das dificuldades que o curso enfrentava no período, tendo claro que, até o momento de escrita deste estudo, algumas situações problematizadas pelos discentes ainda não foram resolvidas. Encontramos em Mikhail Mikhálovich Bakhtin, citado por Brait, uma outra forma de ler este evento:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis é autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimentos, mantendo a sua imiscibilidade [...]. (BRAIT, 2013, p. 55).

A citação de Bakhtin foi analisada por Brait em sua obra sobre Dialogismo e Polifonia e, por representar bem esse encontro de História, as falas dos atores e a condição de escuta exercida no evento, contribuiu para a emissão da Carta de Irecê ser o apogeu do evento, tornando-o um ato miscível. (BRAIT, 2013).

O Encontro primou pela multiplicidade de vozes que clamavam soluções do EAD para suas dificuldades de ensino-aprendizagem. Duzentos discentes, com suas consciências independentes e imiscíveis, contribuíram para formar uma autêntica polifonia de vozes plenivalentes, representadas na Carta de Irecê.

O 4º Encontro de História/EAD deu-se em Santo Estêvão-BA, e aconteceu no auditório da prefeitura da cidade em outubro de 2013. A participação do Secretário de Educação do município, José Agnaldo Barreto de Almeida, também TD do curso de História na localidade, foi fundamental para a construção do Encontro e para a participação dos cem discentes que compareceram diariamente ao evento. Esse foi o encontro que teve o maior número de pôsteres defendidos em um evento, num total de quarenta e nove, os quais foram defendidos pelos alunos como forma de compensar os créditos faltantes em disciplinas nas quais não atingiram a pontuação mínima necessária para a progressão no curso. Apresentamos

a lista das cidades e a quantidade de pôsteres de cada uma: Esplanada (01), Euclides da Cunha (02), Feira de Santana (11), Itaberaba (01), Jequié (05), Lauro de Freitas (05), Mundo Novo (10), Rafael Jambeiro (04), Santo Estêvão (08) e Serrinha (02).

Para apoiar a estrutura do encontro, os organizadores contaram com os discentes⁶ professores e professoras que saíram de Salvador para Santo Estêvão, permanecendo na cidade nos três dias do evento. A partir desse Encontro, os certificados e declaração de participação passaram a ser emitidos pela secretaria do município/polo.

O 6º Encontro de História/EAD foi realizado em Mundo Novo-Ba, no mês de novembro de 2014. A CP Marileia Santos de Oliveira e as TP's Floriva Moura Oliveira e Jucileida Teixeira G. Costa foram as responsáveis por mobilizar a cidade para o encontro. Diversas autoridades estiveram presentes, inclusive o Secretário de Educação de Jequié, Profº João Magno, aluno do curso de História. A filarmônica da cidade abrilhantou a abertura do evento. A Chefe de Cerimônia, aluna do polo, vestiu-se de baiana. Um funcionário do polo, parente próximo do poeta da cidade, recitou versos com fontes da história da fundação do município. Foi apresentado um vídeo do encontro de Jequié-Ba. Membros da coordenação UAB foram convidados e não puderam comparecer. A atividade para o evento temático foi a visita pedagógica ao Mosteiro de Jequitibá, a 30 quilômetros de Mundo Novo.

Os monges nos recepcionaram, ministrando uma aula sobre a história da congregação dos monges mendicantes, Dominicanos e Franciscanos, na Austrália, até a fundação do mosteiro, no Brasil, que ocorreu durante a II Guerra Mundial. O monge responsável pela aula descreveu as mediações produzidas, pelos membros do mosteiro, na cidade e no povoado de Jequitibá. Falou da escola, das oficinas e das formações ministradas no mosteiro para a comunidade. Também teceu comentários sobre a vida monástica e a respeito de outras realizações silenciosas em defesa da comunidade, feitas no Fórum de Justiça do município de Mundo Novo.

Visitamos a Biblioteca, o Museu de Plantas e Animais das cercanias do mosteiro. Nesse encontro, também participaram discentes de outros polos para defender pôsteres. No

⁶ Lista de professores que apoiaram o Encontro de História/EAD em Santo Estêvão: TD – Elisa de Souza Ferreira; PF – Eudes Mata Vida; PF - Jaqueline Souza de O. Valladares; CT-Auxiliar – João Marciano Souza Neto; TD – Kleber de Almeida Freitas; CT-Auxiliar, Margareth Coelho Vaz; TD – Jodeilson Mafra Martins; TD-Tec em filmagem – Elba Brito do Nascimento, e CT – Osvanildo de Souza Ferreria.

dia seguinte à abertura, tivemos a aula do Prof^o Ivaldo Marciano de França Lima, professor formador - PF da disciplina História Contemporânea I, para a turma de 2011. O encerramento do evento foi no Morro da Cruz. A história de Mundo Novo foi recontada a partir de outra ótica - dois cantadores e tocadores de chula contribuíram com suas interpretações da história local e com a diversidade de atividades culturais do evento. O Morro da Cruz é um espaço simbólico de representação da cidade; é também um local turístico, face à vista privilegiada que oferece da cidade. Ao final, produzimos um memorial pedagógico com relatórios desse encontro, o qual está anexo a este estudo.

3.7.1.3 Mesorregião do Nordeste Baiano

Em Serrinha, a UNEB possui um Campus Universitário e em Euclides da Cunha situa-se outro, o qual mantinha a turma de História de 2009. Essa é a região do polígono da seca. Ali, a criação de bode é frequente, pois esse animal convive bem com o clima da região; quanto ao sistema agrícola, a preferência recai sobre a agricultura de corte. Nessa região, no passado, as mazelas da terra se aliavam com a dureza do cangaço e com as manobras dos coronéis, que, cientes da impunidade, aproveitavam-se dela para confundir a cabeça do sertanejo na relação de compadrio, que misturava o público e o privado.

Essa mistura de papéis entre o público e o privado beneficiava os coronéis. O poder central costumava pedir ajuda a esses mandatários do interior para colocar “ordem” no sertão baiano, o que garantia poder aos coronéis. Quando era preciso, atuavam com suas milícias, formadas por jagunços, ora atrás de cangaceiros, como Lampião, ou mesmo contra a coluna Prestes, a depender da necessidade do governo. Em ocasiões diversas, também se colocavam contra o poder central, a depender da conveniência e dos problemas que quisessem resolver à maneira deles, na região. O caso do enfrentamento a Antônio Conselheiro, na história de Canudos, é um exemplo do coronelismo do local.

Canudos é um vilarejo emblemático, tendo seus signos atrelados às representações políticas e religiosas. Os seguidores de Antônio Conselheiro saíam de todos os cantos, abandonavam as labutas nas fazendas, e os coronéis se sentiam prejudicados. Esses homens e mulheres partiam em busca de uma vida teleológica, com finalidade religiosa, provocando

anseio por um mundo melhor. Os seguidores de Conselheiro buscavam, nessa cosmovisão, a construção de mundo perfeito.

Para nos aproximarmos do que seria um entendimento sobre esses místicos, remetemo-nos à Grécia Antiga e ao ‘diálogo’ de Platão. Nele, encontramos, em ‘Fédon’, as explicações de Sócrates. No ‘Fédon’, o pensador está prestes a beber cicuta e, antes do feito, conversa com seus discípulos sobre os fenômenos físicos. Para Sócrates, essa deve ser uma opção teleológica, pois se justifica na imortalidade da alma. Isso explica, em parte, a união do sertanejo com o beato na construção do povoado do Arraial de Belo Monte, na busca de teleologia utópica.

Canudos, na figura do beato, introjeta no sertanejo uma utopia cognitiva que o faz desejar e buscar um mundo melhor. Para chegar a isso, seus seguidores foram buscar, no povoado do Beato, uma realidade instalada e criada pelo coletivo sertanejo, que alimentava a esperança da “terra prometida” do “outro lado”.

O sertanejo sofrido não temeu o confronto com os soldados. A morte não o assustava. O povoado de Canudos era um sonho? Seria utopia alcançar um mundo melhor? Essa é uma pergunta que fica em aberto. O que se deduz é que os seguidores de Conselheiro tentavam fugir da dicotomia da escolha obrigatória entre cangaceiros e coronéis. Servir a quem? Essa era a questão. Diante disso, viam em Conselheiro a oportunidade de um mundo que compensasse as mazelas sofridas no sertão de cangaceiros de um lado e coronéis do outro. Seguir Conselheiro seria, assim, a opção digna, a resposta a seus anseios.

Após a visita de Getúlio Vargas, decidiu-se pela construção da barragem de Cocorobó, que usou as águas do rio Vaza-Barris e fez desaparecer o vilarejo de Belo Monte. A partir daí surge uma nova Canudos, construída a dez quilômetros da antiga, que desapareceu juntamente com seus vinte e cinco mil habitantes. (VIDAL, 2013).

O 3º Encontro de História/EAD - Sertanias Educação, História e Desenvolvimento Sustentável deu-se em Canudos-Ba, aconteceu na cidade de Canudos que não viu a guerra. Mesmo assim, seus moradores mantêm viva a memória de sua história. Um grupo de estudantes secundaristas nos deu de presente a apresentação de uma peça que mantém viva a história de seus antepassados. Na mesa de debates temáticos estavam presentes Profº. Edivaldo Boaventura, primeiro reitor da UNEB; Profº Alfredo Matta, Coordenador do curso

de História, e o Coordenador do Campus da UNEB de Euclides da Cunha. Todos especialistas no genocídio de Canudos. Esses profissionais fizeram uma conferência no Centro Cultural e de Memória de Canudos, que fica na cidade. Vale salientar que esse Centro Cultural é todo revestido com pedras de mármore, o que cria um grande contraste com a miséria local.

Ao final das palestras, todos se deslocaram para o Parque Estadual de Canudos - PEC, para uma aula campal, proferida pelos especialistas. O local é um verdadeiro museu a céu aberto do sertão baiano, um sítio arqueológico mantido pela UNEB. Nessa aula, foi retratado e apontado o local onde ocorreu o confronto entre os militares do Estado e os seguidores do Beato, uma espécie de místico, rebelde e líder espiritual do arraial de Belo Monte. Ao final do confronto, todos os seguidores de Conselheiro foram dizimados, em genocídio cometido pelo Estado. Os soldados não deixaram sobreviventes. Tão grande foi a brutalidade engendrada contra aquela comunidade, que sequer as crianças do povoado foram poupadas.

A aula campal é uma demonstração e, ao mesmo tempo, um diferencial do curso de História/EAD da UNEB em relação a seus similares em outras instituições de ensino, que não se preocupam com a dialogicidade entre discentes e sua realidade local. Essa prática reforça, a priori, a constatação de Raymond Williams (2011a), ao afirmar que existe uma relação íntima, que não pode ser negada, entre teoria e prática, e que não pode estar desconectada da vida real. (WILLIAMS, 2011a).

Nessa mesma caminhada, encontramos Bakhtin citado por Brait (2013), com idêntica compreensão conceitual de dialogicidade. O pensador russo afirma que “é preciso pensar o mundo social real como exterior ao mundo escrito. Esses mundos, entretanto, são associados e não excludentes”. (2013, p. 123).

Portanto, a realidade local precisa estar ancorada na realidade prática e não pode perder de vista o contexto internacional, dado que existe uma interrelação que provoca relações com o particular. Assim se apresenta o contexto regional baiano.

3.7.1.4 Mesorregião do Extremo Oeste Baiano

Essa mesorregião tem Barreiras (antiga Fazenda Malhadas) como cidade mais importante. Em 1880, só havia ali um povoado com vinte casebres de taipa ou adobe. O barqueiro Plácido Barbosa recebia mercadorias e as descarregava das barcas que vinham de outras regiões.

As barcas transportavam mercadorias que, posteriormente, eram transferidas para as tropas de animais e seguiam para localidades baianas vizinhas e para os estados de Goiás, Minas e o atual Tocantins. No lado baiano, a grande abundância da seiva de mangabeira junto à borracha foram fatores preponderantes para o crescimento da economia local.

O Rio Grande é o maior afluente do São Francisco; esse afluente chega a Barreiras com águas límpidas e velozes, formando cachoeiras e corredeiras. Ao passar pela cidade, esse rio sofre os danos de todos os rios que entram nos espaços urbanos brasileiros - erosão, sujeira, depósitos de dejetos e possibilidade de virar esgoto, assim como os rios que cortavam Salvador e que hoje estão sendo cobertos com parques e jardins para enfeitar a cidade, sem nenhuma preocupação com o reparo ao dano provocado à natureza.

Em Barreiras se trabalha com a pecuária bovina, reflorestamento, projetos agroindustriais e o cultivo na área do cerrado. São também atividades fortes na região o beneficiamento da borracha, algodão e mamona, e o cultivo de soja, que escoam pelas rodovias; essas que passam por dentro de Barreiras ajudam no fluxo de gente e de mercadorias. A construção de estradas interestaduais, Brasília-Barreiras (BR-020/242) e Barreiras-Piauí (BR-135), e as municipais que ligam a cidade a Ibotirama e a Bom Jesus da Lapa, trouxe progresso para a região.

A região Oeste ficou isolada do restante do estado até o século XVIII, o que favoreceu a instalação de mocambos e quilombos de negros e índios fugidos, tornando a cultura dessa região diferenciada da cultura do sertão e da caatinga. Esse isolamento dificultou a compreensão dos hábitos e costumes locais.

Os moradores, inicialmente, viviam da pesca e da coleta do serrado.

Para tentarmos compreender e explicar a Bahia, precisamos ser atrevidos e criativos, aptos para enfrentar desafios e dificuldades, como a ausência de bibliotecas e arquivos na maioria dos municípios; inexistência de um rol de

idosos, que pudessem dar seus testemunhos sobre a vivência nas diferentes regiões baianas, em que pese ser esse o estado brasileiro com a maior presença de centenários no interior da sua população. (FREITAS In: FARIAS, 2012, p.70).

Nesse sentido, Freitas coloca em cheque a quantidade de memorialistas existentes em função da quantidade de municípios. Se essa fosse uma lógica direta, levar-nos-ia ao topo da historiografia oral do país. O autor informa ser a Bahia o estado detentor da maior quantidade de pessoas idosas em seus municípios. Partindo desse pressuposto, seríamos os detentores de um acervo vivo da história oral e de memorialistas. Sendo assim, por que não temos, na Bahia, um número mais expressivo desses contadores de histórias? As universidades federais e estaduais, que são as responsáveis pelas pesquisas, não dão a atenção devida a esse fato? Em nossa caminhada pelos municípios, só tivemos a oportunidade de conhecer uma historiadora viva. Em Santo Amaro, há D^a Zilda Paim, localizada através da dissertação de Santos⁷.

Em Barreiras, fomos agraciados com uma experiência peripatética junto a Sra. Inez Pita, D^a Zilda e D^a Inês, elas são professoras aposentadas, pedagogas e ex-vereadoras das respectivas cidades. O conhecimento dos contadores de história surge a partir de atividade empírica, voluntariosa e em solilóquio. D^a Inez Pita foi convidada pela coordenação do polo de Barreiras para falar no encontro de História, como representante da cidade.

O 7º Encontro de História/EAD - Por uma vivência pluricultural - foi realizado em Barreiras. Na manhã da abertura do encontro, fomos convidados a comparecer à Rádio Vale do Rio Grande - AM 600, para falar do Encontro de História/EAD. Aproveitamos para esclarecer sobre o projeto UAB/UNEB e seus cursos/EAD no município, e para anunciar a formatura da turma de História/EAD de 2009. Abrimos esse Encontro com a presença da coordenadora da DIREC de Barreiras, Kássia Macedo e a TP Ana Catarina. A coordenadora falou da importância da abertura daquele espaço para os alunos. Compareceram a esse evento quatro⁸ representantes da UAB/UNEB. Todos aparecem em fotos do relatório pedagógico (vide Apêndice C) desta dissertação. No dia seguinte à abertura do encontro, tivemos, no

⁷Santos, Aline Assis, pesquisadora do Grupo de Alfredo da Matta, é professora formadora do Curso de História/EAD. Participou do Encontro de Barreiras e produziu o Relatório deste Encontro, contribuindo bastante para esta pesquisa. A dissertação de mestrado da Prof^a Aline nos levou à memorialista Zilda Paim. Estes dados nos remeteram a uma digressão filosófica: uma boa pesquisadora não descarta informações, agrega valores e mergulha na busca incessante por ostras para retirar-lhes as pérolas. Nessa perspectiva, as informações do senso comum são *a priori*, conhecimento científico.

⁸ CT - Osvaldo Ferreira – Coordenador do Encontro, TD-História, Jailton Lim Brito, TD-Ana Carla e PF-Aline Assis Santos.

primeiro turno, a palestra do Prof^o do IFBA, Diego Carvalho, que apresentou sua dissertação de mestrado, cujo tema é Ditadura Militar em Feira de Santana. Em seguida, houve a apresentação da memorialista Ignez Pitta de Almeida, com o tema A Barreiras que vi e estudei. Por fim, estruturamos o espaço para as defesas de pôsteres dos alunos inscritos.

No segundo turno, sob sol escaldante e calor de 40°, descemos as ruas de Barreiras, ouvindo as histórias das edificações e dos casarios antigos. Quando chegamos ao antigo cais do porto, a TV Oeste passou a nos acompanhar, filmando nossa caminhada peripatética, entrevistando alunos e professores. No relatório do encontro em Barreiras foram anexadas fotos dos participantes, percorrendo os diversos espaços da cidade com a Prof^a. Ignez Pita.

A professora lia, de memória, o que havia escrito em um módulo produzido, segundo ela, para os alunos do Ensino Médio de Barreiras conhecerem os fatos históricos da cidade. Prof^a Ignez também se apresenta como escritora, o que nos remete a Freitas (2012), na obra História Regional e Local II, quando afirma o quanto é importante ter, nas cidades, os/as memorialistas, pois são essas pessoas que ajudam na construção de identidades, para não dizer que são guardiãs de uma memória viva.

A baixa autoestima dos moradores da cidade fica evidenciada nas palavras da coordenadora do polo, pois quando comunicamos que os gestores UAB convidados para o evento não poderiam comparecer por falta de transporte, ela comentou: “Eles nunca chegam. Vão ficando pelas cidades que antecedem Barreiras.” Durante o passeio, essa baixa autoestima foi observada também nas falas de Prof^a Ignez, ao soltar constantemente farpas direcionadas ao olhar de fora sobre Barreiras, ao isolamento da cidade e à falta de zelo das autoridades federais com o município. A professora sempre terminava suas críticas afirmando: “Aqui é o fim do mundo e esta temperatura de 40° é igual ao calor dos infernos”.

O título do material impresso pela Prof^a Ignez, Barreiras, uma História de Sucesso, pode ter sido dado com intuito reverso, ilustrando a baixa autoestima dos moradores em relação à cidade. Por outro lado, também pode ter sido escolhido para estimular os moradores a perceberem que a cidade é um sucesso.

A ignorância e a não preservação da memória e dos vários saberes decorrentes de inúmeras práticas culturais comprometem a vida de cada lugar e a construção das identidades. As novas gerações perdem o contato com o passado, tornam-se surdas para esse saber e

perdem o elo com seus antepassados. Não encontram sentido na construção dos signos, nos espaços da história da escola, família, rua, bairro e do envolvimento com o todo, perdendo o sentido do espaço material e espiritual das cidades em que habitam. (FREITAS In: FARIAS, 2012).

Freitas In: Farias (2012) nos projeta ao passado dos lugares, dos núcleos onde vivemos, os quais podem levar as pessoas a pensarem em embelezar suas residências, a darem valor e a lutarem por uma cidade melhor, e a conservarem seus rios e mananciais.

Às margens do Rio Grande, Prof^a Ignez desenha em palavras o antigo porto e descreve o iate com o nome de vapor, o qual navegava para Barreiras. Aponta o morro e conta como os americanos instalaram ali o primeiro aeroporto, explicando os motivos técnicos e políticos da ação. Aproveita para falar da Carta Hidrográfica do Rio São Francisco e das fotos disponibilizadas em seu módulo, datado de 2005. Salta para a Filarmônica 8 de Dezembro e destaca que, em sua pesquisa, localiza as fotos dos integrantes da banda. Por último, nos leva para a Rua Humaitá, descrevendo-a como a mais antiga da cidade, à beira do Rio Grande. Andando por essa rua, chegamos ao Museu da Cidade, criado e administrado por dois jovens voluntários. Esse pequeno museu, inclusive, possui uma página na *internet*. Aprendemos mais um pouco da história de Barreiras através desse trabalho.

3.7.1.5 Mesorregião do Vale do São Francisco

Essa Mesorregião, segundo descrição de Matta (2013): “Sobre o Rio São Francisco além das várias ligações por terra, que faziam das principais vilas do São Francisco, pontos de encontros com caminhos para Recife, Salvador, Vila Rica, Goiás e outras, encontramos a navegação que interligava Minas, Pernambuco e Bahia”. (MATTA, 2013, p. 57).

Carinhanha fica a 11 km de Bom Jesus da Lapa. Os bandeirantes chegavam à região em busca do Rio das Velhas e se confrontavam com os Caiapós, o que resultou em genocídio aos índios. Para se apossarem da região, jagunços da Casa da Ponte, colonos mineiros e paulistas travavam guerra para assentamento do marco de propriedade. No período, surgiram muitas áreas de resistências, ao que hoje chamamos de quilombos. A Coroa ficava preocupada com o exemplo de Palmares e enviou expedição para destruir os quilombos. Bandeirantes de

São Paulo e Minas Gerais atravessaram a Bahia a sangrar terras, a assassinaram índios e negros rebelados até as capitanias de Pernambuco e do Ceará. Essa expedição rendeu a doação da sesmaria que vai de Januária até o município de Parateca. Depois desses episódios, a região do São Francisco tornou-se a via de trânsito entre o decadente nordeste açucareiro e a região das Minas Gerais.

Bom Jesus da Lapa, por ser uma região distante da capital e de difícil acesso, era considerada inóspita até quarenta anos atrás, sendo a navegação fluvial entre o São Francisco e os afluentes o nó que unia as relações dessas terras com a capital e os outros centros. Para entender essa configuração, Freitas (2012) criou a figura da economia do catado. Sua narrativa sobre a economia da região do Vale do São Francisco descreve a união de centenas de produções miúdas, como a da borracha, maniçoba, peles, couros, peixe salgado, mangabeira, óleo de ouricuri, cera de carnaúba, feijão e outras pequenas culturas. (FREITAS In: FARIAS, 2012, p.73).

Com a atenção voltada à economia do catado, os coronéis passaram a alimentar a ideia de independência da Bahia, da mesma região que havia sido Província de Pernambuco em 1824. Contudo, para desgosto dos coronéis, a ideia não foi acolhida na capital. Os residentes se sentiam desprotegidos, os poderosos queriam, com isso, mais poder.

Com o poder dividido entre a Igreja e os coronéis João Duque e Abílio Wolney, a região passou a viver de favores que se transformaram em beneficiamento para suas fazendas, abrindo estradas para ter a acesso ao estado de Goiás. (FREITAS In: FARIAS, 2012, p.73).

Bom Jesus da Lapa é uma cidade com economia voltada para a romaria e a religiosidade, sendo, nesse sentido, a segunda cidade mais forte do Brasil, ficando atrás apenas de Aparecida, em São Paulo. A população residente de Bom Jesus da Lapa é de 65.000 habitantes; contudo, a cidade recebe, nos meses de romaria, 300 mil pessoas por dia, atingindo 1 milhão e 200 mil pessoas por ano.

O 8º Encontro de História/EAD, Por uma Vivência Pluricultural ocorreu em Bom Jesus da Lapa-BA, em novembro de 2014. Na ocasião, os discentes desse polo, com apoio da TP Gabriela Amorim Nogueira e da CP Luci Marques, organizaram a estrutura do evento, tendo como base a pluriculturalidade do município. Poetas, musicistas e cantadoras locais tiveram a oportunidade de realizar suas apresentações nos interstícios entre as palestras e

apresentações de pôsteres, num festival de aprendizagem de História e de manifestações culturais. Num mesmo espaço, música, história e poesia enriqueceram esse encontro e aqueles que dele participaram. Os discentes produziram aulas e defenderam, através de pôsteres, seus estudos e suas visões sobre a História. Foram também ministradas aulas temáticas na Gruta de Bom Jesus e no Museu Santuário da cidade.

A mesa composta por professores da UNEB/EAD, do curso de História (Prof^o Jailton Brito, Prof^o Osvanildo Ferreira e Prof^a Aline Santos), teve a habilidade de tecer considerações enriquecedoras em uma aula de cultura da região e do estado da Bahia, abrilhantando o encontro de História. Um resumo desse encontro pode ser visto no relatório (vide Apêndice D), produzido por Prof^o Brito⁹, membro da equipe de História/EAD da UAB/UNEB.

Ainda nesse encontro, foram apresentados aos professores do curso de História/EAD, para créditos de AACC, treze trabalhos de pesquisa para TCC¹⁰. A variedade e diversidade de temas ilustram o quanto os trabalhos representam a dimensão cultural do município. Já na análise dos resumos, percebemos, estampadas neles, as cores da cultura local.

Ao lermos cuidadosamente o relatório do encontro (vide apêndice D), fica a demonstração de que é possível fazer História local tendo como ponto de partida as monografias produzidas pelos discentes. Isso mostra que é possível ver, através das lentes dos moradores, a cor das cidades onde moram. Com os treze pôsteres apresentados, pudemos mensurar parte dos signos que vigem nas estruturas semióticas dos moradores e estudantes do curso de História/EAD.

Os treze Trabalhos de Conclusão de Curso¹¹ (TCC) desse polo, situado numa região de símbolos tão expressivos, também carregam no seu bojo a estrutura simbólica das representações semióticas de seus moradores e discentes. No Encontro, a relação cultural se

⁹ BRITO, Jailton Lima – É Mestre em História, TD do Polo de Santo Estêvão e candidato a professor formador de TCC do Curso de História.

¹⁰ TCC – Trabalho de Conclusão do Curso – Esses discentes adiantaram o projeto de TCC, o que permitiu que fizessem a apresentação para a comissão de professores, com direito a cinco horas de AACC.

¹¹ Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC dos alunos - Bom Jesus da Lapa - 01 – Ensino de História na Escola Municipal, 02 – Golpe Militar de 64, 03 – Benzedoras em Gameleiras, 04 - Ritos definidos do catolicismo em Gameleiras, 05 - Trajetória de emigrantes da Barragem de Sobradinho, 06 - Educação para Relação Étnico-raciais, 07 - Mestre Guarany, Mestre das Carrancas, 08 - Sociedade Filarmônica de Paratinga, 09 – História e Memória – A Origem da Comunidade Negra – Riacho de Santana, 10 – Festa Junina – História e Cultura da Religião da Gameleira, 11 – Candomblé, História e Cultura e Religião em Gameleiras, 12 – A Trajetória Histórica da Festa do Divino Espírito Santo, em Bom Jesus da Lapa, 13 – É viva a palavra quando são as obras que falam – Santo Antônio de Pádua – História e Devoção e Cultura em Gameleiras.

misturou ao tema do evento - História/EAD - Por uma vivência Pluricultural - e deu aos discentes a chance de construir o próprio conhecimento a respeito de sua realidade. Isso pode ser comprovado nas apresentações.

O Encontro de Bom Jesus da Lapa contou com um fato inaugural para os encontros de História/EAD da UAB/UNEB - pela primeira vez foram apresentados pôsteres com base nas pesquisas monográficas dos discentes.

3.7.1.6 Mesorregião do Centro-Sul Baiano

Essa região era considerada um dos acessos para Minas Gerais, através do Rio São Francisco, num percurso usado por tropeiros da Casa da Ponte. Zona de garimpo e de minérios, os currais eram pontos de apoio para tropeiros que seguiam para Vila Rica. O gado criava o ambiente cultural e ajudava a produzir uma armadura de couro. (MATTA, 2013).

As principais atividades dessa região são: a pecuária, em Itapetinga; a cafeicultura, em Vitória da Conquista; a indústria de transformação, alimentos e têxtil, em Jequié, bem como, o comércio e os serviços. Passa por Jequié, ao longo da BR-116, grande parte das mercadorias que circulam entre o Sudeste e o Nordeste do Brasil. Jequié se desenvolveu com a cultura de bovinos e caprinos. No setor mineral, a região conta com jazidas de granito, reserva de ferro, mármore e calcário, e o oleoduto de derivados de petróleo e álcool, da Petrobrás, Esso e Shell. Esses dados podem ser encontrados em: Italianos no Brasil de Tales de Azevedo. (RIOS, 2011).

A região é também famosa pelas tradicionais festas baianas, particularmente, as juninas. Essas, contudo, têm perdido suas características interioranas em virtude da forte influência da indústria cultural soteropolitana, que impõe ao tradicional os novos estilos musicais praticados na capital do estado (Axé, Lambada e Arrocha).

Jequié também é famosa pela carne de sol, pelos cantadores de feira e pela literatura de cordel, tudo isso como tradições típicas do interior. A cidade possui uma biblioteca municipal, um museu, que se encontra fechado, e um teatro, em ponto de reforma. Nos anos 1960, numa grande efervescência cultural, várias peças foram apresentadas nesse teatro, onde

em 2013 foram proferidas as palestras do Encontro de História da região.

O 5º Encontro de História/EAD, Compartilhando Saberes e Práticas, ocorreu em Jequié-BA, houve três dias de atividades e contou com a presença de doze palestrantes. Os debates foram muito ricos, pois os professores abordaram temas importantes para a comunidade de História. Nesse encontro, vários alunos de outras cidades apresentaram pôsteres. Em contrapartida, alguns alunos do polo deixaram para apresentar os seus trabalhos em outros municípios.

O Encontro de Jequié inaugurou as atividades temático-pedagógicas do curso, as quais se iniciaram com a visita ao Órgão de Educação e Relações Étnicas - ODEERE¹². Nele também foram apresentadas palestras e realizados cursos para negros, índios e quilombolas, além de uma visita ao Colégio Milton Santos, nome dado à escola após o reconhecimento da comunidade do Barro Preto. No colégio, ouvimos a preleção de seu Diretor e TD Tiago Sarmiento Franco Araújo. Na apresentação, o diretor descreveu o processo de reconhecimento daquela comunidade como quilombola e a aprovação do grupo Palmares. Ainda como parte do encontro, houve visitas às bibliotecas do polo e do município e à Igreja Matriz do município. Esse trabalho temático pedagógico foi o principal elemento do encontro, nele pudemos explorar e abordar a diversidade cultural. A importância disso reside no fato de ser nela que professores, tutores e discentes se aproximam da dimensão cultural do município polo.

O ponto destoante do encontro foi o fato de os alunos do polo, alvo inicial do evento, terem tido pouca participação nele. Não cabe aqui, entretanto, entrarmos no mérito das justificativas desse absenteísmo, todavia o registro é importante para que, em estudos futuros, seja feita uma tentativa de entender esse tipo de ocorrência, uma vez que os discentes foram sempre os maiores entusiastas dos encontros realizados em outros municípios. Há de se registrar, também, o fato de que os próprios discentes de Jequié, participantes de encontros havidos em outras regiões, solicitaram, em plenárias, que se levasse para a cidade o Encontro de História.

¹²ODEERE – Órgão de Extensão e Especialização e Mestrados, da UESB de Jequié – BA – Entidade ligada à comunidade, onde se encontram guardados, em um pequeno museu, arquivos de monografias, dissertações e teses ligados aos homens e mulheres escravizados e índios que chegaram à região. Disponível em: <http://odeereuesb.blogspot.com.br>. Acesso em: 06 fev. 2015.

Em atividades temático-pedagógicas, pela cidade, encontramos, por acaso, a tutora de Ipiaú, município/polo de História, o que nos fez estranhar a sua não participação no evento, dado ser ela residente em Jequié e Ipiaú ficar apenas a quarenta quilômetros de Jequié. Estranho também foi constatar, em nosso retorno, que a maioria dos discentes de Ipiaú estava em débito com algumas disciplinas do curso. A participação desses discentes no encontro teria sido uma oportunidade ímpar para recompor seus créditos, sem precisarem aguardar as reofertas de disciplinas. Infelizmente, nenhum aluno de Ipiaú compareceu ao evento. Em contrapartida, discentes de polos mais distantes compareceram, assim como alunos provenientes de Rafael Jambeiro, Euclides da Cunha, Feira de Santana e outros.

3.7.1.7 Mesorregião do Sul Baiano

As duas cidades da região com polos de História são Itamaraju e Itanhém. A mesorregião sul ainda mantém reservas de Mata Atlântica. No final do século XVII, Porto Seguro não fazia parte das rotas internacionais. Às cidades de Itamaraju e Itanhém não se conseguia chegar por via terrestre. A população vivia de pesca e do extrativismo na floresta. De Porto Seguro saíam pequenos barcos, saveiros e jangadas, responsáveis pelo contato de seus habitantes com as cidades de Caravelas, Alcobaça, Prado, Trancoso, Cabrália, Itamaraju, Itanhém e outras. O norte do atual Espírito Santo ainda estava ligado à Bahia. (MATTA, 2013).

Itanhém passa a existir quando o mineiro Simplício Bina vem de Umburana, trazendo consigo quarenta pessoas com trinta e uma cabeças de gado, vinte e seis porcos e algumas galinhas. A cidade foi fundada a partir do município de Água Preta. Com a descoberta de pedras preciosas, o povoamento passa a atrair muita gente do sertão baiano e do norte capixaba. A fauna era constituída de onças, jacarés, antas, veados e macacos. Na agricultura, encontramos o cultivo de banana, laranja, mandioca e milho. A região apresenta também a caprino e a ovinocultura.

Nos primórdios, Itamaraju era campo de caça dos índios nativos encontrados pelos portugueses. O pau-brasil era traficado via Rio Jucuru. Durante a Guerra do Paraguai, soldados desertores se esconderam na região, que antes se chamava Escondido. Os moradores

têm orgulho da cidade ter sido o primeiro continente avistado pelo navegador Pedro Álvares Cabral e de ter se tornado a cidade guardiã do Monte Pascoal.

O 9º Encontro de História/EAD - Por uma Vivência Pluricultural - ocorreu em Itamaraju-BA, em dezembro de 2014. A Coordenadora Délia de Oliveira Ladeia e a TP Esmeralda Lacerda foram as responsáveis por preparar a recepção e a estrutura do polo para esse encontro. O evento foi estruturado para durar apenas um dia, o que tornou a vivência muito intensa pela diversidade de atividades programadas.

O polo de Itamaraju apresentou os signos que mediaram a sua história de fundação, desde a ancoragem de Santa Maria, Pinta e Nina. O Encontro mostrou a disposição do polo em estampar as cores de sua cultura nas paredes do ginásio. O espaço estava repleto de estampas das relações semióticas construídas ao longo da história. As configurações simbólicas estavam todas representadas nos signos e na subjetividade dos discentes de História/EAD. A construção das relações demonstraram um aprofundado grau semiótico das representações simbólicas das diversas culturas existentes no município de Itamaraju. (OLIVEIRA, 2015). Para cada momento desse encontro foi criada uma liturgia, uma espécie de rito de passagem. Toda atividade acadêmica a ser apresentada era precedida por um ato, uma apresentação folclórica, uma relação mediada pela cultura local.

Uma gama de cores e representações simbólicas do município estavam estampadas por todo local. Um grupo de jovens adolescentes índios, vestidos a caráter e pintados, aguardava ao lado da exposição fotográfica da tribo. As fotos exibidas haviam sido premiadas em Salvador, o que gerou muito orgulho na sociedade local. Nesse encontro tivemos problemas de ordem técnica e administrativa, o que impediu a apresentação de pôsteres preparados por alguns alunos de Itamaraju. Isso provocou mal-estar entre os discentes e o problema precisou ser contornado com as promessas de retorno a Itamaraju, para compensar tais falhas, e de avaliação exclusiva dos pôsteres preparados.

A abertura do encontro contou com a dança, apresentada por um casal de jovens, ao som da música Brasileirinho. O professor e escritor Armando Azevedo cantou, em versos de cordel, a história de Itamaraju. O coral da URBIS II recitou o Pai Nosso em dialeto africano. Profº Osvanildo Ferreira proferiu o discurso de abertura e foi acompanhado, com a saudação dos presentes, pelos professores Margareth Coelho, Luciana Martins e Jailton Brito. Em

seguida, Prof^a Luciana palestrou para os discentes sobre pesquisa em História. À tarde, visitamos a aldeia indígena Pataxó Trevo do Parque. Na Aldeia, fomos recebidos com uma oração Pataxó e Awe. Os índios mais velhos falaram sobre a história da tribo. À noite, os alunos dos polos participantes defenderam pôsteres na presença das tutoras Aurileide Alves e Esmeralda Lacerda. O Encontro foi encerrado com a apresentação, em prosa e verso, de uma casal de poetas e musicistas, a qual foi seguida de debate. No encerramento, a Coordenadora Ladeia agradeceu aos presentes, enfatizando que a realização do evento só fora possível pelo conjunto dos polos e pela boa vontade da equipe responsável pela organização.

Realizar encontros de História/EAD da UAB/UNEB tem sido um desafio constante, em virtude das demandas organizacionais que o evento exige e das pesquisas, como, por exemplo, as realizadas para esta investigação.

Esse capítulo teve como tema o contexto dos municípios/polos do curso de História/EAD da UNEB, e nos aproxima da dimensão do que seja a realidade pluricultural baiana. Além disso, constatamos que os encontros de História são ferramentas que contribuem para renovar o curso. Eles possibilitam conhecer as dificuldades e facilidades de ensino-aprendizagem do curso em questão e contribuem para aproximar seus docentes, discentes e coordenadores.

As palestras proferidas nos encontros são revestidas de propósitos temáticos que visam enriquecer a aprendizagem dos discentes da região contemplada. Os alunos se aproveitam do momento científico para apresentar seus trabalhos de pesquisa e pôsteres. A apresentação desses, além da função pedagógica, também pode ser utilizada como instrumento para compensar disciplinas perdidas. As produções apresentadas pelos discentes transformam o momento do encontro em uma pluriculturalidade dialógica bakhtiniana. Sintetizamos, no Quadro 04, as informações dos encontros.

QUADRO 4 - ENCONTROS-HISTÓRIA/UAB/UNEB/EAD – MUNICÍPIOS/POLO:
CHRONOS

ENCONTROS-HISTÓRIA/UAB/UNEB/EAD – MUNICÍPIOS/POLO: CHRONOS				
Nº	ANO	MUNICÍPIO/POLO	TÍTULO PERÍODO	PERÍODO
I	2011	IRECÊ	O Ofício do Historiador	18 e 19/03/2011
II	2012	LAURO DE FREITAS	II - História /EAD Encontro Nacional em Rede	27 a 29/07/2012
III	2012	CANUDOS	III - História /EAD Sertanias Educação – História e Desenvolvimento Sustentável.	29 a 31/08/2012
IV	2013	SANTO ESTÉVÃO	IV - História /EAD Discutindo em Rede o Ensino de História e Novas Perspetivas	02 a 04//10/2012
V	2013	JEQUIÉ	V - Encontro de História em Rede: por uma História Local: compartilhando saberes e práticas	07 a 30/11 e 01/12/2013
VI	2014	MUNDO NOVO	VI Encontro de História/EAD – Uma Vivência Pluricultural	06,07 e 08/11/2014
VII	2014	BARREIRAS	VII Encontro de História/EAD – Por uma Vivência Pluricultural	27,28/11/2014
VIII	2014	BOM J. DA LAPA	VIII ENCONTRO DE HISTÓRIA: Por uma vivência Pluricultural	02 e 03/12/2014
IX	2014	ITAMARAJU	IX ENCONTRO DE HISTÓRIA: Por uma Realidade Pluricultural	16//12/2014

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01.05.15

Ao mesmo tempo em que este capítulo foi o responsável por apresentar o contexto baiano, gerou, a partir daí, o contexto do curso de História/EAD. Os municípios/polos foram identificados nas suas respectivas mesorregiões, deixando claro que para além de ser o primeiro a realizar encontros em EAD, o curso de História da UAB/UNEB, nesses encontros, abordou temas específicos e também sobre a diversidade e pluriculturalidade das regiões baianas.

Nesse sentido, a diversidade e a pluralidade que, a princípio, apresentam-se como um problema, dialeticamente é um potencial para o curso que, ao se aproveitar didaticamente desses elementos, pode produzir um *design* de ensino-aprendizagem para o curso de História de maneira tal que os aproveite positivamente.

Destarte, cada município apresenta sua especificidade cultural e a isso chamamos singularidade. Encontramos diferenças e semelhanças no modo como os sujeitos resolvem

suas contradições e seus enfrentamentos. Não obstante a extensão do território baiano, as semelhanças nos fazem próximos, mas as diferenças, felizmente, respeitam nossas particularidades.

As singularidades das regiões deixam claras divisões regionais denotando seus limites, o que não provoca fosso no aprendizado do curso, todavia, aproveitar essas diferenças, para tornar o curso mais dinâmico e pluricultural na diversidade, é o mote e a lição deixada neste capítulo.

Embora tenhamos tentado abarcar, neste capítulo, a diversidade geográfica e cultural das regiões participantes dos encontros, reconhecemos que o resultado apurado está longe do que seja uma compreensão total do tema.

Assim, ao analisar a diversidade apresentada nesse contexto, comporta as premissas de uma incompletude, estando longe da descrição e compreensão total do que sejam as mesorregiões baianas; por outro lado, ficamos mais próximos da compreensão do contexto dos encontros de História/EAD da UAB UNEB nos municípios/polos, conforme Quadro 4.

Mantendo em vista a proposta inicial deste estudo, qual seja a de potencializar uma perspectiva propedêutica para o ensino-aprendizagem para o curso de História/EAD nos municípios/polos baianos, percebemos a necessidade de criar, no próximo capítulo, ferramentas que nos permitam escolher os municípios/polos para aplicação desta pesquisa.

4 PROCESSO DE ESCOLHA DOS POLOS PARCEIROS DESTA PESQUISA E SUAS DIVERSIDADES

O Capítulo anterior teve como foco o contexto da pesquisa, o que nos permitiu construir uma interpretação da Bahia no curso de História UAB/UNEB/EAD, em seu meio e relações. Essa é uma proposição DBR e o entendimento de contexto dos pesquisadores é a base para produzir critérios significativos que sejam capazes de encontrar polos representativos das mesorregiões da Bahia e do curso de História/EAD.

O entendimento do contexto ao qual pertence o curso de História/EAD é exigência DBR e contribui para delinear uma compreensão do que sejam as mesorregiões da Bahia, sua diversidade e seus respectivos municípios/polos de História/EAD. De posse dos dados que compreendem as mesorregiões e seus polos, vamos criar critérios de escolha que apontem os municípios/polos de aplicação da pesquisa, sendo essa uma condição *sine qua non* DBR deste estudo e deste capítulo.

Nele, vamos viabilizar o *locus* da pesquisa, preparar sua aplicação e identificar os polos parceiros e suas diversidades. O universo de polos existentes é muito vasto; assim, a aplicação da pesquisa em todos os polos do curso de História/EAD seria inviável. Por outro lado, para que possamos desenvolver a aplicação pretendida, é difícil abdicar da riqueza em termos de pluriculturalidade e diversidade que todos os polos apresentam. Daí a importância de construirmos critérios para a escolha de uma quantidade de polos que torne viável a aplicação da pesquisa e que, ao mesmo tempo, seja representativa da pluralidade cultural e riqueza em diversidade dos 24 polos e das 27 salas que representam o curso de História/EAD no estado da Bahia.

4.1 CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAR OS POLOS DE APLICAÇÃO

Os critérios de escolha do universo a ser pesquisado, os quais serão desenvolvidos neste capítulo, pretendem abarcar a real dimensão das mesorregiões baianas. Por isso, viemos construindo, ao longo dos capítulos anteriores, as bases para produzir ferramentas que farão

parte da escolha dos municípios/polos, onde investigadores e atores estarão imersos, produzindo o processo de ensino-aprendizagem nos polos EAD.

Os polos EAD escolhidos devem ser bem representativos, dadas a complexidade e a diversidade das culturas das mesorregiões baianas. Por serem parceiros no processo desta investigação, os atores envolvidos devem trazer para o curso os elementos que compõem a diversidade baiana nas mesorregiões, potencializando as diferentes culturas existentes em cada *locus*. A diversidade cultural das mesorregiões precisa ser destacada a partir dos sujeitos/discentes dos polos escolhidos; portanto devem ser bem representativos dessa diversidade.

Nesse sentido, os polos e os sujeitos/discentes serão parceiros no processo desta investigação que terá seu apogeu ao final, na composição do mosaico baiano do curso de História, no seu processo de ensino-aprendizagem.

Para compor esse mosaico baiano, priorizamos as igualdades e diferenças únicas, singulares - enquanto representantes de uma dada mesorregião, que consigam simbolizar todos os municípios/polos. Para Bakhtin há uma ressonância nesse parágrafo. Nele ecoam as representações simbólicas de um polo no outro, ao se multiplicar uma dada diversidade em todas as mesorregiões, transformando realidades que poderiam ser díspares e realidades e práticas de vida que consideramos total. “Porque é assim que o avanço de seu pensamento se faz, por novas ressonâncias de uma mesma ideia”. (BRAIT, 2013, p. 21). O pensamento diverso torna imiscível¹³ a igualdade na diferença, a pluralidade bakhtiniana e a diversidade dos polos EAD do curso de História da UNEB/UAB como condição, o que nos leva à construção de ferramentas que sejam capazes de dar suporte à escolha de mesorregiões plurais. Desse modo, é preferível que os polos escolhidos sejam de mesorregiões bem diferentes.

É essa diferença na diversidade que o *design* precisa identificar nos municípios/polos. São as diferenças culturais das regiões e, principalmente, dos municípios/polos que precisam ser evidenciadas. Esta pesquisa quer, por princípio, aproveitar

¹³ IMISCÍVEL – Palavra utilizada no texto “Narradores de Javé”. É a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, cujas vozes não são meros objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso, do qual participam mantendo cada um a sua individualidade caracterológica, sua imiscibilidade. Essa palavra ajuda a entender o que é polifonia em Bakhtin.

a pluralidade e diversidade como característica EAD que pode ajudar no ensino-aprendizagem.

Criamos o Quadro 05 com as mesorregiões e seus respectivos municípios/polos da turma de 2011. A partir dele, critérios foram desenvolvidos para identificar os municípios/polos que participariam da pesquisa.

QUADRO 5 - MESORREGIÕES E CIDADES/POLOS DA TURMA DE 2011

MESORREGIÕES E CIDADES/POLOS DA TURMA DE 2011		
1º.	Mesorregião Metropolitana de Salvador	Prejudicado
2º.	Mesorregião Centro-Norte Baiano (dois polos)	Mundo Novo/Santo Estêvão
3º.	Mesorregião Nordeste Baiano	Prejudicado
4º.	Mesorregião Extremo Oeste Baiano	Prejudicado
5º.	Mesorregião Vale do São Francisco	Bom Jesus da Lapa
6º.	Mesorregião Centro-Sul Baiano	Brumado
7º.	Mesorregião Sul Baiano (dois polos)	Itamaraju/Itanhém

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01-05-15

Para atingir o objetivo deste capítulo, serão enumerados os critérios que vão identificar os municípios/polos da pesquisa, conforme a seguir:

1º - Desconsiderar, por ora, as mesorregiões que não tenham os polos da turma de 2011;

2º - Destacar como selecionado, de imediato, o polo que for representante único de uma dada mesorregião;

3º - Com o quadro completo, verificar se há mais de um polo na mesma mesorregião. Na hipótese de isso acontecer, o escolhido será aquele que apresentar a menor distância entre o município e o laboratório de pesquisa de História/EAD - grupo de pesquisa “Sociedade em Rede, Pluralidade Cultural e Conteúdos Digitais Educacionais,” orientado por Matta, registrado no CNPQ e localizado no bairro do Cabula, Salvador, BA.

Após confecção do Quadro 5, percebemos que três mesorregiões (primeira, terceira e quarta) não foram contempladas com polos da turma de 2011. Essas mesorregiões ainda têm turmas de História/EAD em fase de colação grau (turma 2009). A turma de 2015 iniciou em

setembro de 2015 com oito polos, que são: 01 - Amargosa; 02 - Brumado; 03 - Camaçari; 04 - Campo Alegre de Lourdes; 05 - Euclides da Cunha; 06 - Ipuíara; 07 - Itamaraju; e 08 - Pintadas, elevando o número total de vinte e sete para trinta e cinco salas de aulas de História/EAD no estado da Bahia.

O Quadro 06, abaixo, mostra duas mesorregiões que apresentaram respectivamente dois municípios/polos e, portanto, de acordo com o 4º critério, o polo escolhido para ser parceiro desta investigação será aquele que se encontrar mais próximo do laboratório de pesquisa.

QUADRO 6 - DESEMPATE – POLOS DE MUNDO NOVO X SANTO ESTÊVÃO

DESEMPATE – POLOS DE MUNDO NOVO X SANTO ESTÊVÃO				
Mesorregião Centro-Norte Baiano	Mundo Novo	Km - Salvador	292 km	Prejudicado
Mesorregião Centro-Norte Baiano	Santo Estêvão	Km - Salvador	148 km	Polo escolhido

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01-05-15

QUADRO 7 - DESEMPATE – POLOS DE ITAMARAJU X ITANHÉM

DESEMPATE – POLOS DE ITAMARAJU X ITANHÉM				
Mesorregião Sul Baiano	Itanhém	Km - Salvador	759 km	Prejudicado
Mesorregião Sul Baiano	Itamaraju	Km - Salvador	745 km	Polo escolhido

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01-05-15

A escolha do município/polo de uma mesma mesorregião para a pesquisa foi realizada conforme demonstrado nos Quadros 7 e 8.

Os polos dos Quadros 7 e 8 farão parte da pesquisa. Os de Santo Estêvão e Itamaraju foram escolhidos pelo 4º critério e, os outros dois, Brumado e Bom Jesus da Lapa, ficaram como polos parceiros, tendo em vista serem únicos em suas respectivas mesorregiões.

QUADRO 8 - POLOS CLASSIFICADOS PARA A PESQUISA

POLOS CLASSIFICADOS PARA A PESQUISA	
Mesorregião Vale do São Francisco	Bom Jesus da Lapa
Mesorregião Centro-Sul Baiano	Brumado
Mesorregião Sul Baiano	Itamaraju
Mesorregião Centro-Norte	Santo Estêvão

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01-05-15

A turma de História/EAD de 2011 apresentou salas nas quatro mesorregiões a seguir: Vale do São Francisco, Centro-Sul, Centro-Norte, e Sul Baiano, apresentando as características seguintes:

1) Mesorregião Centro-Norte Baiano: Mundo Novo/Santo Estêvão - Os dois polos se apresentaram como representantes dessas mesorregiões; todavia o 4º critério foi o parâmetro que definiu a escolha do polo de Santo Estêvão. O município pertence à mesorregião do Centro-Norte Baiano, que é formada pela junção de oitenta municípios e cinco microrregiões. O PIB *per capita* equivale à metade do PIB - Produto Interno Bruto do estado da Bahia. Os principais produtos agrícolas do município são a mandioca e grãos (soja, milho e feijão); e na pecuária, a prevalência é de caprinos, com destaque para o crescimento da avicultura. As principais cidades dessa mesorregião são: Feira de Santana, Irecê, Itaberaba, Jacobina e Senhor do Bonfim. Santo Estêvão dista 148 km de Salvador e tem como cidades limítrofes Antônio Cardoso, Rafael Jambeiro, Cachoeira, Cabaceiras do Paraguaçu e Castro Alves.

Fatos importantes, dessas cidades, para os alunos do curso de História/EAD: a) guerra contra os índios do Vale do Paraguaçu (Tupinambás, Maracás, Paiaais); b) fundação de Quilombos; c) instalação de Engenhos e senhores de Engenho; d) coronéis de fazendas; e) articulação de estradas entre o Recôncavo, Chapada Diamantina e a região Oeste; f) passagem de vaqueiros na colônia para Cachoeira do Paraguaçu e em direção a outras regiões do país.

A formação étnica dessa região é composta por índios, portugueses, escravos vindos do continente africano, franceses, holandeses, italianos.

2) Mesorregião do Vale do São Francisco: Bom Jesus da Lapa - Essa escolha foi baseada no 3º critério, por ser representante única dessa mesorregião. Bom Jesus da Lapa é

uma cidade pertencente à mesorregião do Vale do São Francisco, a qual é formada pela união de vinte e sete municípios agrupados em quatro microrregiões. Boa parte desse município pertenceu a Pernambuco até 1824. Nessa região localiza-se um longo trecho do curso do Rio São Francisco, o qual é responsável pelo volume d'água que faz funcionar a Usina Hidrelétrica de Sobradinho, pertencente ao complexo de Paulo Afonso. Essa é uma região do semiárido.

Fatos importantes para os alunos do curso de História/EAD: a) questões religiosas, as romarias, disputa de espaço entre as diversas religiões, inclusive com romarias para grutas administradas pela Igreja Católica; b) Antônio Guedes de Brito - maior latifundiário, chefe da Casa da Ponte; c) residências de tribos indígenas; d) artes plásticas; e) presença de índios, portugueses e missionários. A formação étnica dessa região é composta por: índios, portugueses e africanos.

3) Mesorregião Centro-Sul Baiano: Itamaraju/Itanhém - Esses dois polos se apresentaram como representantes dessas mesorregiões; todavia o 4º critério foi o parâmetro da escolha que definiu o polo de Itamaraju para esta pesquisa. O município tem o nome derivado da língua Tupi. É uma cidade que pertence à mesorregião do Sul Baiano, a qual é formada pela união de setenta municípios e três microrregiões. Nessa região há grandes plantações de cacau. As cidades mais importantes são Valença, Itabuna, Ilhéus, Eunápolis, Porto Seguro, Itamaraju e Itanhém. Fatos importantes para os alunos do curso de História/EAD: a) cidade guardiã do Monte Pascoal; b) região campo de caça dos primeiros índios; c) Carta de Pero Vaz de Caminha, a descrever as serras e a região desde Itamaraju até Porto Seguro e Costa das Baleias; d) intenso tráfico de pau-brasil; e) fazendas de cacau, coronéis do cacau; f) desertores da Guerra do Paraguai, os quais se esconderam na região, originando-se, a partir desse fato, o nome da localidade - Escondido; g) padroeiros da cidade, Cosme e Damião; h) festa de São João. A formação étnica dessa região é composta por: índios Pataxós (nativos), africanos e portugueses.

4) Mesorregiões Centro-Sul Baiano: Brumado. A escolha do município foi baseada no 3º critério, por ser representante único dessas mesorregiões. Brumado é uma cidade que pertence à mesorregião Centro-Sul Baiano e formada pela união de cento e dezoito municípios e oito microrregiões. Os municípios mais importantes são: Vitória da Conquista,

Jequié, Guanambi, Itapetinga e Brumado. Fatos importantes para os alunos do curso de História/EAD e que são pontos importantes para estudo da historiografia local: a) fazendas com escravos; b) guerra e destruição de aldeias indígenas; c) terras de coronéis; d) jazidas de magnesita; e) cidades que se localizam aos pés da Chapada Diamantina; f) exploração da região por empresas mineradoras; g) ecossistema: animais da caatinga, pequenas ilhas e florestas tropicais. A formação étnica dessa região é composta por: índios, portugueses, africanos.

A importância de que se revestem os municípios/polos para esta pesquisa está associada a fatores empíricos e teóricos. Esses elementos vão permitir nos concentrarmos em determinados polos e produzirmos a investigação a partir deles. Por outro lado, a partir da escolha dos polos, precisamos criar ferramentas que nos ajudem a expor uma amostragem da vida prática dos discentes, enquanto estudantes em ação.

Os sujeitos da vida prática convivem com a diversidade e pluralidade cultural e por isso esses temas foram evocados para esta dissertação. A convivência aprofunda o que entendemos por diversidade e pluralidade conceituadas no capítulo III, quando nos apropriamos, por empréstimo, do conceito de Bakhtin sobre o tema, o qual vem sendo verticalizado, até esse momento.

4.2 POLOS ESCOLHIDOS - UMA PERSPECTIVA DOS PESQUISADORES SOBRE OS MUNICÍPIOS/POLOS SELECIONADOS PARA A PESQUISA

Os pesquisadores possuem conhecimento empírico sobre os polos selecionados e por aquilo que puderam apreender da parca literatura existente. Por outro lado, o processo empírico se dá na realidade prática, quando da visita feita rotineiramente, na condição de membros imersos nesse contexto.

Os dados lançados como considerações não comportam a pretensão de esgotar a diversidade e pluralidade cultural dos quatro polos escolhidos. A diversidade não é estática; constrói-se hodiernamente, não sendo possível abarcá-la em sua plenitude, todavia buscamos analisar os dados coletados.

Nesse sentido, os pesquisadores pretendem tomar uma amostra, que pode ser significativa para o curso de História no processo de aprendizagem. Os sujeitos discentes poderão escolher outros percursos para apresentarem a diversidade de seus polos. Isso não invalida os dados aqui expostos, elencados com o objetivo de nortear os leitores desta pesquisa, a qual apresenta como foco estrutural a questão de um ensino-aprendizagem que comporte uma realidade prática transformadora maior.

Expostas as justificativas, vamos mostrar o que entendemos sobre os polos e suas mesorregiões, eximindo-nos de uma completude ou totalidade da história local, para os polos de Brumado, Santo Estêvão, Itamaraju e Bom Jesus da Lapa.

Após a escolha dos quatro polos, os pesquisadores elaboraram um primeiro entendimento sobre essas mesorregiões e seus municípios/polos, o que vai contribuir para o conhecimento epistemológico necessário para a pesquisa de ensino-aprendizagem, aliado à diversidade existente nesses locais.

Definido o espaço da pesquisa, a diversidade enquanto patrimônio dos municípios/polos passa a ser a segunda prioridade a ser encetada neste capítulo, numa perspectiva a ser explorada nos polos de História/EAD da UNEB, e como ponto inerente ao curso, sendo o destaque pedagógico desta investigação.

O Capítulo III nos fez compreender que esta dissertação carecia de um conceito ou mesmo um entendimento sobre diversidade, já que os pesquisadores se posicionaram sobre pluralidade numa perspectiva partilhada com Bakhtin, apresentada no capítulo II. Para este segundo momento, os investigadores foram buscar o entendimento sobre diversidade construído por um órgão de reconhecimento internacional - A Organização das Nações Unidas (ONU), junto à UNESCO.

4.3 O QUE É DIVERSIDADE CULTURAL PARA ESTA PESQUISA

A diversidade foi objeto de estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura - UNESCO, que publicou doze verbetes para definir o que entende a respeito do tema. A entidade ratifica “[...] que a diversidade cultural é uma característica essencial da humanidade [...]” e, por esse posicionamento, esta pesquisa partilha

seu entendimento com essa instituição. (UNESCO, 2007). Por ser uma característica da humanidade, a diversidade “[...] é um fator importante que possibilita aos indivíduos e aos povos expressarem e compartilharem com outros as suas ideias e valores [...]”. (BAKHTIN, 2013b, p.6). Bakhtin é um pensador que partilha dessa tarefa de construir um mundo polifônico e destruir as formas monológicas de comunicação destacadas como ponto central para nossa pesquisa. (UNESCO, 2007).

A ONU destaca a diversidade como “patrimônio da humanidade”. Williams mostra que seu conceito de cultura corrobora para entender o que seja diversidade, que ganha aqui outra dimensão cultural. A dimensão da continuidade dentro da mudança na qual uma cultura é tecida, ou seja, é o *locus* e o *modus operandi* desse fazer diário. (UNESCO, 2007); (WILLIAMS, 2011b, p.294); (BAKHTIN, 2013b, p.6).

Com relação aos direitos humanos e sua garantia, o Direito Internacional comporta uma figura de Direito Jurídico que não permite invocar a diversidade cultural para violar os direitos humanos, sendo essa uma garantia do Direito Internacional. Nesse sentido, todos os sujeitos devem se expressar, criar, difundir sua obra na língua que desejarem e, em particular, na sua língua materna. (UNESCO, 2007).

Todos os sujeitos têm direito à educação e à formação de qualidade que respeitem plenamente sua identidade cultural. Todos os sujeitos podem e devem participar da vida cultural que escolherem e exercer suas próprias práticas culturais, dentro de limites que impõem o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais. (UNESCO, 2007).

Nas comunicações, a diversidade se faz presente com garantias de livre circulação das ideias, da cultura, das obras produzidas e da difusão de bens e serviços culturais. Nesse sentido, é preciso garantir a liberdade de expressão de imagem e do multilinguismo, com igualdade de direitos aos artistas, além da disponibilização coletiva do acesso ao conhecimento tecnológico e à imagem digital, bem como, aos meios que serão utilizados por esta pesquisa. (UNESCO, 2007).

4.4 DIVERSIDADE CULTURAL - UMA PERSPECTIVA A PARTIR DESTA PESQUISA NO CURSO DE HISTÓRIA/EAD

Longe de querer representar as quatrocentos e dezessete cidades baianas, e estando mais próximos dos seis municípios/polos da turma de História/EAD de 2011, os quatro polos escolhidos pretendem representar a riqueza material e imaterial dessas sete mesorregiões, nas quais é ministrado o curso de História/EAD. Através dos municípios/polos, vamos colher dados que possam demonstrar pelo menos uma parcela representativa e significativa da diversidade cultural baiana, na totalidade de suas mesorregiões.

A gastronomia é uma cultura preponderante na manutenção da vida humana. Destacamos que onde há monocultura impera a dificuldade e a manutenção da diversidade humana. A Bahia possui uma gastronomia expressiva e as mesorregiões contribuem diretamente para a difusão dessa cultura. Isso faz da diversidade baiana o ponto forte de seu povo.

O Capítulo III sinalizou a gastronomia dos frutos do mar e mostrou uma parcela dessa mistura na culinária do dendê. Nesse sentido, Bakhtin (2013a) dialogiza ao se referir aos enunciados no processo de comunicação. O pensador também ratifica que as palavras perpassam de um falante para outro. Essa transmissão funciona como eco que se espraia de uma mesorregião para outra. Portanto, a igualdade na diferença e na gastronomia apresenta fatores imiscíveis, uma vez que existe variedade nela.

Esse é mais um motivo para que os polos escolhidos sejam de mesorregiões distintas, as quais absorveram diversas práticas culinárias e adicionaram, à cultura existente, a pimenta, o dendê, a farinha e outros elementos, tipificando, cada uma a seu modo, as práticas absorvidas de outras culturas. Os novos pratos criados são amostras que se transformam nos prazeres da culinária, na cultura do churrasco, feijoadas, peixada, carne de sol, cuscuz, paçoca, cocada, pamonha, tapioca, pé-de-moleque e punhetinha de estudante. Há também as baianas e seus tabuleiros, os quais se tornaram bens culturais materiais e imateriais, tombados pelo Patrimônio Mundial da UNESCO.

Na literatura, a Bahia é um estado plural, e sua diversidade está ligada à dança, pintura, literatura e ao teatro. As manifestações musicais sempre foram pontos positivos da

miscigenação. Com a distribuição dos emigrantes pelas diversas regiões baianas, desenvolveram-se ritmos próprios, como o forró, axé, samba, samba de roda e o tropicalismo. Todos esses são elementos que contribuem para a pluriculturalidade do povo baiano até os dias atuais.

A população baiana carrega marcas profundas da experiência humana na família, nas tradições, na caatinga, no coronelismo, no bandoleiro, no cangaço, na profissão de fé, na religião dos negros e na dos europeus jesuítas. Esses são elementos que, entre outros, deixaram marcas indelévels, as quais transformam os sujeitos. Todos são elementos constitutivos da personalidade, do caráter e, como afirma o poeta, são marcas que se carregam n'alma por toda uma vida.

A diversidade comporta uma grande variedade cultural baiana e pode ser encontrada no sertanejo e no morador da costa. A diversidade caminha pelos espaços abertos pelo gado e enriquece as relações populares do litoral e do interior. Esse vai e vem se reflete nos genes, na pele morena, branca, amarela, na garganta, na língua, no traje, na festa, na comunhão da vida hodierna com a religião. Está também presente no transporte do santo do pau oco para driblar o fisco, e no encher de uma garrafa velha com vinho novo para driblar a religião do senhor de engenho. Esse vai e vem compõe a vida prática do ser baiano com todas as suas etnias.

Para esta dissertação, quando nos referimos à etnia, de imediato o conceito se atrela à definição de cultura do autor Williams (2011b), explicada no capítulo II. Assim, etnia se define como grupos sociais de pessoas que compartilham cultura, origens e história. Essa é a definição que mais se aproxima do projeto.

A miscigenação da sociedade brasileira e baiana é resultado de uma confluência de pessoas de origens diferentes, dos povos autóctones, de homens e mulheres vindos do continente africano e de colonizadores lusitanos, europeus, árabes e japoneses, entre outros. Isso será mais evidenciado quando a pesquisa se concentrar em aplicar, nos polos escolhidos, a estratégia de ensino-aprendizagem. Esse é um dos pontos importantes que, aliado à questão da diversidade, irá destacar de maneira mais apropriada, os polos escolhidos para representar a maior diversidade possível. E quanto maior for à diversidade do polo, mais será representado como parceiro direto e indireto desta pesquisa.

Temos consciência de que somos o que somos porque outros foram o que foram e contribuíram para sermos aquilo que somos. Denis Diderot, citado por Konder (1985), diz que somos filhos das mudanças ocorridas na sociedade: “Sou como sou”, escreveu ele, “porque foi preciso que eu me tornasse assim. Se mudarem o todo, necessariamente eu também serei modificado.” Nessa passagem de Diderot, encontramos, nas perspectivas do movimento, as mudanças constantes na construção e no vir a ser, o que evoca o pensador de Sonho de d’Alembert, seu amigo, que dizia no sonho: “Todos os seres circulam uns nos outros, tudo é fluxo perpétuo”. Essa é uma visão compartilhada por Bakhtin e também por Heráclito, quando afirmam que todos estão em movimento e se transformam, transformando o mundo ao qual fazem parte. (KONDER, 1985, p.8, 14-16); (BAKHTIN, 2010).

O estudo do contexto baiano e de suas regiões nos faz revelar nossa experiência da realidade contextual na diversidade. Por outro lado, não perdemos de vista que, para além dessa realidade, existe a construção do ser histórico. A nossa realidade material também se faz presente e evidencia que somos filhos de nossos próprios constructos, desenhados hodiernamente. Hegel apoiava Kant na construção desse desenho e “[...] no reconhecimento de que o sujeito humano é essencialmente ativo e está sempre interferindo na realidade [...]”. (KONDER, 1985, p. 22.). Essa posição kantiana tardia nos permite confirmar a necessidade de explorar a realidade contextual como ponto basilar desta pesquisa.

Temos consciência de que tudo que foi escrito até aqui sobre diversidade cultural nos municípios/polos baianos não vai além de uma pequena parte na dimensão da realidade baiana e de sua diversidade. Todavia, não podemos deixar de citar que se trata de uma visão superficial que, embora não abarque o todo, espelha aquilo que podemos chamar de nossa perspectiva, ou seja, a perspectiva dos pesquisadores, em cumprimento de uma abordagem DBR para as mesorregiões baianas. Esse é o entendimento do que os investigadores, como gestores EAD, colheram em suas vivências nesses municípios/polos, principalmente nos encontros e nas visitas costumeiras aos discentes de História.

É nessa perspectiva que pensamos e acolhemos a diversidade nos polos, de forma propedêutica. Para isso, criamos caminhos que possam substanciar ações para o que se pretende, ou seja, garantir que o curso de História/EAD, ao tempo em que nos permite recolher dados, também nos possibilite analisar a proposta e viabilidade desta pesquisa. Por

fim, face aos dados coletados, esperamos encontrar o estímulo necessário para projetar possibilidades para a construção de iniciativas pedagógicas.

Nessa expectativa de coleta de dados para a análise presente e a prospecção futura, faremos a adaptação dos objetivos e princípios diretores produzidos pela UNESCO sobre diversidade, transportando-os para a realidade dos municípios/polos escolhidos. Sendo assim, vamos criar ferramentas para encontrar a diversidade nos municípios/polos, sem perder de vista a perspectiva dialética, praxiológica e socioconstrutivista.

4.5 CURSO DE HISTÓRIA/EAD - UMA RESPONSABILIDADE COM A DIVERSIDADE CULTURAL NO SEU *LOCUS* DE AÇÃO

Para a UNESCO,

[...] a diversidade cultural refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados. (UNESCO, 2007).

A definição da UNESCO serviu de mote para produzirmos as ferramentas descritas, as quais têm o objetivo de valorizar a diversidade dos municípios/polos do curso de História/EAD e estabelecer o *modus operandi* para que o processo de ensino-aprendizagem se oriente no sentido de produzir o *design* do próximo capítulo. Os atores participantes do processo terão os critérios abaixo como guia para ajudar a formatar essa construção do *design*, quando da visita dos pesquisadores aos polos, são eles:

- a) O curso de História/EAD deverá estimular a identificação da diversidade cultural existente nos municípios/polos. (UNESCO, 2007);
- b) O curso de História/EAD precisa criar condições para que os sujeitos discentes possam promover ações que permitam que a diversidade cultural floresça, interaja e se transforme dialeticamente, em benefício dos municípios/polos e de seus sujeitos do conhecimento. (UNESCO, 2007);

c) O curso de História/EAD precisa encorajar o diálogo entre culturas dos diversos municípios/polos, através de fóruns criados para esta pesquisa; (UNESCO, 2007); socioconstrutivista dialética;

d) O curso de História/EAD pretende fomentar a interculturalidade das mesorregiões baianas e seus respectivos municípios/polos, a partir de apresentações das diversidades existentes em encontros de História (UNESCO, 2007), socioconstrutivista.

Os itens descritos servirão de base para a produção do *design* da pesquisa, o qual precisa ser capaz de transportar as informações e os critérios aqui construídos e transformar esses dados em um *design* de soluções de aprendizagem EAD também para o curso de História.

QUADRO 9 - MUNICÍPIOS/POLOS CLASSIFICADOS - MESORREGIÃO E OS PRIMEIROS POVOS

MUNICÍPIOS/POLOS CLASSIFICADOS - MESORREGIÃO E OS PRIMEIROS POVOS	
Mesorregião Vale do São Francisco BOM JESUS DA LAPA	Índios, padres da Igreja Católica, portugueses, homens e mulheres negros, vindos do continente africano;
Mesorregião Centro-Sul Baiano BRUMADO	Índios, portugueses, escravos africanos, padres e missionários estrangeiros;
Mesorregião Sul Baiano ITAMARAJU	Índios (Pataxós - nativos), escravos africanos e portugueses, padres da Igreja Católica (europeus, no início), emigrantes mineiros, emigrantes sertanejos;
Mesorregião Centro-Norte SANTO ESTÊVÃO	Índios, franceses, portugueses, escravos vindos do continente africano, holandeses.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 30-05-15

O Quadro 9 foi construído com as informações colhidas a partir do contexto desenvolvido no capítulo III e sintetizado neste capítulo. Esses dados nos permitem compreender o porquê da escolha dos polos e ter uma visão do que seja diversidade nas respectivas mesorregiões. Nesse sentido, esse contexto apresentou diversos grupos que vieram a povoar as mesorregiões baianas. Esses dados foram trazidos para o contexto na perspectiva de sinalizar para os sujeitos discentes, do curso de História/EAD, que existe um vasto campo a ser explorado em sua localidade, no tocante a uma possível construção historiográfica dentro do curso.

São essas construções que vão permitir colher dados da realidade objetiva nos municípios/polos. Esses dados fazem parte do contexto de diversidade rica que, aliado à realidade de cada sujeito discente, permite a construção dos liames existentes entre os sujeitos e suas localidades, dando valor ao que nominamos por mosaico baiano.

É baseado na realidade humana que pensadores do porte de Bakhtin, Vygotsky, Vazquez, Arnold Williams, Gramsci, Heráclito, Karel Kosik e Manoel Castells, elencados no Quadro conclusivo do capítulo II, como também Kant, Engels e Marx, pensaram a realidade material e a realidade objetiva como fatores para o constructor humano. Isso permitiu que a história universal pudesse forjar o ser atual e produzir um *paper* publicizado pela UNESCO, que representa um construtor da dignidade humana, com o nome de Diversidade das Expressões Culturais. (UNESCO, 2007); (KONDER, 1985, p. 22).

Os quatro polos escolhidos, quais sejam: Bom Jesus da Lapa, Brumado, Itamaraju e Santo Estêvão serão os representantes do curso de História/EAD nesta pesquisa. Eles comportam parcela dessa diversidade, podendo representar outros elementos, os quais, como afirma Bakhtin (2013b), podem estar em outros polos através da riqueza polifônica. Esse é um formato inovador do que seja uma educação a distância. Desse modo, e partindo dos pressupostos que sustentaram a arquitetura deste capítulo, propomos a construção de um *design* que alcance um conjunto de soluções de ensino-aprendizagem EAD para o curso de História da UNEB/UAB.

5 UMA METODOLOGIA APLICADA – DBR E OS CICLOS DE DESENVOLVIMENTO

Este capítulo está baseado na epistemologia do socioconstrutivismo de Vygotsky em Matta (2006), que utilizou do materialismo histórico de Marx para a construção de seus postulados. A abordagem metodológica tem seu aporte teórico no *Design Based Research - DBR*, que se adapta bem ao trabalho com a praxiologia e a dialética. O Capítulo I, o qual se refere à introdução desta dissertação, apresentou os pontos principais que desenvolvemos aqui e que se refere ao aporte teórico metodológico DBR desta pesquisa.

Para aplicação nos municípios/polos está construído pelos pesquisadores, nos termos que segue:

01 – DBR – INTERVENCIONISTA: Os pesquisadores identificam situação-problema e intervêm no curso, organizam a temática e elaboram a aplicação junto aos sujeitos aprendentes: “a] produtos educacionais, b] processos pedagógicos, c] programas educacionais, d] políticas educacionais”. (MATTA, 2014, 267-289);

02 – DBR – TEORICAMENTE ORIENTADA: Os sujeitos aprendentes serão preparados para iniciar atividades no curso de ensino-aprendizagem, com proposta teoricamente definida, o que implica que o projeto será desenvolvido neste capítulo e estará voltado para a preenchimento de uma ficha individual, (provocação propedêutica), com leitura de textos acadêmicos. (MATTA, 2014, 267-289).

03 – DBR – COLABORATIVA: Os pesquisadores elaboram um curso no qual toda a comunidade do curso de História/EAD da UAB UNEB participa de forma colaborativa, compartilhando das diferentes formas. Todos imersos junto à comunidade de aprendentes contribuirão com o processo de ensino-aprendizagem, conforme a seguir: “a] acordo para extração de dados; b] parceria de investigação; c] acordo de coaprendizagem.” (MATTA, 2014, 267-289).

04 – DBR – FUNDAMENTALMENTE RESPONSIVA: As tarefas estão fundamentadas e são responsivas, implicadas e validadas com os atores sujeitos aprendentes, da comunidade de práxis, entendida assim por Gramsci segundo Matta (2014, p. 267-289). A comunidade de práxis torna-se responsiva todas as vezes que dá retorno aos gestores do curso, das atividades que estão sendo desenvolvidas; o que sugere o empoderamento hegemônico dos participantes, propalado por Gramsci (1978).

05 – DBR – ITERATIVA: “A DBR, por ser uma metodologia voltada para a construção de práticas, não é feita para terminar”, o que propõe um *design* que permite produzir ciclos. (MATTA, 2014, p. 267-289).

Entendemos que a DBR é conhecida por realizar-se em ciclos de pesquisa, cada ciclo se propondo a aprofundar e aplicar os resultados dos ciclos anteriores. Neste capítulo, vamos desenvolver um estudo sobre a aplicação da DBR para o desenvolvimento da solução aplicada que nos propomos. Para essa pesquisa, todos os três capítulos antecedentes são considerados parte de um ciclo DBR, exatamente o ciclo que constrói a situação e desenvolve a proposta elementar de solução resultante da experiência dos pesquisadores no contexto da investigação, assim como também trabalha o problema prático ao qual a solução pedagógica se aplica.

Sendo assim, no capítulo II, tratou-se de explorar a aproximação desses pesquisadores para com a EAD, em particular com relação à EAD da UNEB, para o curso de História, explicando assim as considerações que tivemos em relação aos problemas que encontramos e convivemos, mas também com o desenvolvimento das percepções de caminhos de estudo, análise e desenvolvimento possíveis das propostas de solução prática, o que implicou na adoção da DBR.

A partir deste capítulo, parte do ciclo pessoal de investigação que realizamos é a proposta de um estudo para o desenvolvimento de um procedimento de ensino-aprendizagem EAD que se utilize do potencial de interação entre os polos, sua diversidade e pluralidade, como princípio de desenvolvimento do ensino-aprendizagem, que passou a ser foco de nosso desenvolvimento nessa pesquisa. Proposta essa que possibilitou construir o problema de pesquisa: São desconhecidas soluções aplicadas de ensino-aprendizagem EAD que valorizem a diversidade sociocultural dos municípios/polos para o curso de História da UNEB/UAB, ou na forma de questão: que soluções aplicadas de ensino-aprendizagem EAD podem valorizar a diversidade sociocultural dos municípios/polos para o curso de História da UNEB/UAB?

O Capítulo III, provocado pelo anterior, moveu os pesquisadores a aprofundar sua percepção e interpretação sobre o contexto no qual se dá o curso EAD a ser estudado, e para o qual se propôs desenvolver a solução de ensino-aprendizagem que trabalhe a diversidade como proposta pedagógica. O estudo cumpriu o papel de municiar os investigadores de uma interpretação da área de ação do curso, assim como dos sujeitos envolvidos, não para ter o caráter de estudo definitivo sobre a questão, mas para que fosse desenvolvido o ponto de partida da compreensão e estudos a serem encaminhados, sempre considerados incompletos e abertos a acréscimos e correções. Sem essa investigação, correríamos o risco de tentar

produzir uma solução tecnicista, com proposta genérica de aplicação aos moldes das pesquisas puras quantitativas, o que fugiria ao nosso propósito de construir solução específica.

Esse capítulo, também parte do ciclo pessoal de investigação, teve o papel de conduzir os investigadores à situação de interlocutores e partícipes do contexto, construindo uma posição de validação de sua voz e interpretações junto ao contexto e demais sujeitos implicados. Além disso, ficava, depois desse desenvolvimento, viável criar critérios de indicação de polos da UAB para a condição de parceiros de pesquisa.

O Capítulo IV serviu para escolher os polos, a partir do contexto trabalhado no III. Nesse sentido, os critérios para compreender a diversidade a partir dos postulados da UNESCO, as formulações sobre um estudo de História, o pensar histórico de Matta e os conceitos de Vygotsky, conforme interpretação de MATTA (2006, p.152), foram utilizados para criar uma base epistemológica pedagógica capaz de desenvolver a proposta de intervenção didática EAD que desejávamos produzir desde o início. Por isso, no ponto 4.8, o leitor será capaz de encontrar a proposta pedagógica, fruto de nossos estudos, e que nesse capítulo descreveremos o *modus operandi* da investigação aplicada DBR.

A seguir, passamos a desenvolver o modelo metodológico de nossa aplicação e o estudo sobre suas referências e potenciais resultados. Esses vão ao encontro da DBR, uma vez que contribuirão para a aplicação da pesquisa que estamos desenvolvendo. Como estamos concluindo o primeiro ciclo DBR, entendemos que por uma questão espaço-temporal essa aplicação não poderá ser repetida afirmando, *a priori*, que o resultado final poderá receber continuidade de outras pesquisas, o que também é DBR, uma vez que essa metodologia permite que outros pesquisadores possam se apropriar dos resultados aqui expostos, para servir de norte para outros investigadores; o exposto nesse parágrafo nos autoriza a confiar ao leitor desta pesquisa que a investigação só poderá ser aplicada uma vez.

5.1 DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE SOLUÇÃO EAD

Desenvolver a proposta de soluções de ensino-aprendizagem EAD significa apresentar uma solução para as três bases que discutimos desde o início deste estudo. Esse é um caminho que vem sendo questionado, como se requisitasse várias respostas. Todavia, ao

desenvolvermos a proposta, chegamos à conclusão de que a resposta requer a divisão da solução única em três itens.

Esses três itens a serem aplicados, a fim de encontrarmos a resposta requerida, apresentam-se através da diversidade, da pedagogia e dos conteúdos históricos, todos dentro de uma mesma problemática. Para compreender a diversidade, os estudos foram baseados nos tópicos da UNESCO; para uma epistemologia pedagógica, buscamos as teorias de Vygotsky em Matta (2006) para consubstanciar o contexto de vários pensadores e sua aplicação ao curso, fomos buscar a Historiografia; para o ensino de História/EAD, baseamo-nos nos estudos produzidos por Matta (2006), conforme Tabela 20 do seu livro e, finalmente, como plataforma, optamos pelo *MOODLE*.

I - Sugestão de Solução Proposta - (UNESCO, 2007): Para que a solução proposta atenda à diversidade, que desde o início buscamos estimular, pela construção desse aporte pedagógico EAD, baseamo-nos na Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, desenvolvida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), ratificada pelo Brasil por meio do Decreto Legislativo 485/2006.

A UNESCO, na 33ª reunião realizada em Paris, de 03 a 21 de outubro de 2005, entre outros pontos afirma: “que a Diversidade Cultural é uma característica essencial da humanidade”. (UNESCO, 2007).

Assim, este estudo busca:

- a) Estimular a identificação da diversidade cultural existente nos municípios/polos;
- b) Criar condições para que os sujeitos discentes permitam que as diversidades culturais floresçam, para que haja interação entre eles e para que sejam percebidas as transformações dialéticas;
- c) Encorajar o diálogo entre as culturas dos diversos municípios/polos, através de uma perspectiva do socioconstrutivismo, da dialética e da praxiologia;
- d) Fomentar a interculturalidade das mesorregiões baianas e seus respectivos municípios/polos, a partir das representações e dos encontros de História/EAD.

II - Sugestão de Solução - Epistemologia Pedagógica (MATTÁ, 2006): Nesta

pesquisa vamos utilizar a invenção e o uso dos signos auxiliares para solucionar um dado problema psicológico. Nesse sentido, as categorias de Vygotsky (MATTA, 2006) servirão como instrumento auxiliar para as ações concretas dos sujeitos aprendentes nos diversos *locus* na produção do conhecimento, relacionados entre si, e para a solução de um dado problema, o qual no curso de ensino-aprendizagem/EAD pode ser utilizado dentro das categorias de Interatividade, Contextualidade, Mediação e Colaboração. A solução proposta será, portanto, pedagogicamente vygotskiana, segundo a interpretação de Matta. Para utilizarmos essas categorias, nós, os pesquisadores, compreendemo-nas conforme a seguir:

a) **INTERAÇÃO:** Essa categoria é compreendida, na ótica de Vygotsky, como em constante diálogo com a teoria de Zona de Desenvolvimento e Interação (ZDI). A interação é então definida como a intersecção entre as práticas sociais dos sujeitos aprendentes engajados na solução de problemas partilhados e na construção de conhecimento e de práticas de vida comum. (MATTA, 2006, p.70-71).

b) **CONTEXTUALIDADE:** No socioconstrutivismo, ela é a base concreta da cognição, das práticas sociais e das práticas das comunidades ou dos ambientes aos quais os sujeitos aprendentes, participantes desse projeto pedagógico de ensino-aprendizagem, pertencem. (MATTA, 2006, p.70-71).

c) **MEDIACÃO:** O conceito de mediação é muito utilizado devido à consideração inicial de o computador e os sistemas em rede serem instrumentos capazes de mediar a atuação do pensamento e, portanto, do ensino-aprendizagem. A mediação acontece quando existe a intervenção de um elemento intermediário no processo. Para Vygotsky, conforme Matta (2006) os instrumentos medeiam o trabalho humano, pois estão situados entre esse trabalho e os sujeitos aprendentes que os realiza nesta pesquisa, no processo de ensino-aprendizagem. (MATTA, 2006, p.70-71).

d) **COLABORAÇÃO:** A colaboração é vista e utilizada no projeto para resolução de problemas de princípios socioconstrutivistas. Para tanto, foram desenvolvidos quatro tipos de colaboração: (MATTA, 2006, p.70-71).

- Comunidade de aprendizagem baseada em tarefas;
- Comunidade de aprendizagem baseada em práticas;
- Comunidade de aprendizagem baseada em conhecimento;

- Comunidade de aprendizagem baseada na intersecção das três primeiras.

O socioconstrutivismo exhibe, portanto, respostas ao dialogismo de Bakhtin, adotado, desde o início deste estudo, como visão da diversidade e interpretado como solução didática capaz de lidar com a riqueza da pluriculturalidade e polifonia. Além disso, tendo em vista o valor da contextualidade, fortalece-se a necessidade do estudo que fizemos sobre a história da Bahia e de suas regiões, tendo em vista a necessidade de contextualidade do próprio pesquisador, na idealização de um modelo pedagógico próprio para a problemática em questão.

III - Sugestão de Solução Proposta - Pensar/Histórico/Matta: Na obra Tecnologias de Aprendizagem em Rede e Ensino De História, de Matta, temos as reflexões que Martineau faz sobre o pensar histórico. Em sua proposta, o pensador cria demandas para que o sujeito aprendente seja levado a refletir sobre o seu papel de historiador. Os investigadores desta pesquisa se utilizam dos postulados desse historiador para propor, através dos escritos de Matta e do uso da tecnologia em rede, um processo de ensino-aprendizagem/EAD que possa, por esse modelo, demandar para os sujeitos aprendentes práticas pedagógicas que exijam reflexão e compreensão do processo histórico. Isso precisa ser feito de forma a levar esses sujeitos aprendentes a um horizonte que lhes possibilite construir representações simbólicas e subjetivas, de maneira que o passado lhes sirva como modelo para a compreensão do presente envolto nos conflitos e imbricações sociais de suas mesorregiões e municípios/polos.

Para isso utilizamos parcialmente a Tabela 20 de Matta (2006), no que refere aos procedimentos e para o uso nesta pesquisa, no curso de ensino-aprendizagem/EAD. Destarte, uma nova construção foi desenvolvida no Quadro 10.

QUADRO 10 - INDICADORES DE DOMÍNIO - PENSAR HISTÓRICO

INDICADORES DE DOMÍNIO - PENSAR HISTÓRICO
a) - Se tem consciência da historicidade dos processos e da sociedade;
b) - Se é consciente do valor social da História e do papel educativo do pensar histórico;
c) - Se é capaz de construir hipóteses explicativas e/ou interpretativas;
d) - Se é capaz de tratar e analisar dados de acordo com a hipótese e definição do problema;

e) - Se propõe conclusões e resultados;

Fonte: Elaborado pelo autor com base em (MATTA, 2006, p.152)

A Tabela 20 de Matta (2006) não foi totalmente utilizada, tendo em vista que alguns itens não seriam aproveitados e poderiam comprometer os resultados, por não tratarem da questão aqui em pauta.

Sobre os indicadores de domínio do pensar histórico, entendemos, em acordo com Matta, que todo ser humano engajado em interpretar sua interação com a história elabora e executa essas cinco habilidades de operação do pensar histórico. A prática dessas habilidades é indicativa de aprendizagem de História; portanto, nossa proposta de solução parte da necessidade do estudante de História fazer uso frequente delas.

Partindo da premissa de que precisamos estimular o estudante a fazer da prática a parte mais forte do seu processo de compreensão dos conteúdos históricos, propomos um curso cuja metodologia de ensino-aprendizagem, ancorada na Plataforma *MOODLE* de Comunicação, possa contribuir com essa proposta. Na prática, essa metodologia deve ser capaz de levar o aluno a estabelecer vínculos entre as leituras historiográficas feitas e o seu (dele) contexto existencial.

IV - Sugestão de Solução Proposta – *MOODLE*/Pesquisadores: o *MOODLE* é um *software* livre, plataforma de apoio ao projeto de ensino-aprendizagem/EAD, executado num ambiente virtual. Foi pensando na plataforma *MOODLE* que desenvolvemos o curso abaixo para ser oferecido aos alunos do curso de História, uma vez que essa plataforma já lhes é familiar. O curso de História/EAD criado foi assim nominado: Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia, e se organizou da seguinte forma:

01 - ETAPA I: Municípios/polos - (40 pontos) – Primeira fase: apresentação da proposta (acompanhada pelos pesquisadores). Nela, os alunos deverão:

- a) Preencher ficha com dados pessoais;
- b) Redigir um texto com vinte linhas sobre a diversidade do município, numa perspectiva da valorização historiográfica da cidade;
- c) Apresentar a proposta de pesquisa desse projeto local;
- d) Fazer a leitura de texto acadêmico de História, construindo relação com o

contexto de seu município;

- e) Produzir um vídeo (1 minuto) sobre a relação encontrada, conforme letra “d”;
- f) Apresentar o vídeo individual à equipe composta por três alunos;
- g) Produzir, em equipe, uma apresentação, em *power point*, sobre as relações

encontradas nos três vídeos;

- h) Analisar, em equipe, todas as apresentações produzidas pelas outras equipes;
- i) Construir um relatório e uma apresentação, em *power point*, demonstrando o

resultado representativo do município;

- j) Fazer uma foto dos participantes e da lista de presença;
- k) Encaminhar as fotos para os investigadores, para confirmação de encerramento

da Etapa I.

A participação na etapa II está condicionada à completude da primeira. Esse trabalho só certifica com quarenta pontos àqueles que concluírem todas as fases e obtiverem a confirmação dos pesquisadores do recebimento da apresentação, em *power point*, da lista de presença e da foto dos participantes do trabalho coletivo no município/polo.

02 - ETAPA II: Primeiros contatos com outros municípios - organização sob a responsabilidade dos participantes:

- a) Fazer contato entre participantes dos diversos municípios;
- b) Avaliar apresentação em *power point* de outros municípios;

03 - ETAPA III: Produção final:

a) Reunir os grupos para discutir e analisar todas as produções dos municípios e criar roteiros para a apresentação geral, em *power point*;

b) Produzir a apresentação resultante, em *power point*, a partir de todas as apresentações disponíveis a serem analisadas.

A primeira razão de a proposta ter sido construída como curso é por ser o resultado DBR de solução didática indicada para atender ao desenho de ensino-aprendizagem/EAD e trabalhar a diversidade na prática do curso de História EAD da UNEB. O segundo motivo liga-se ao contexto e às teorias que dão aporte a esta pesquisa, explicitados nos capítulos II e III deste estudo, e que alimentaram o propósito desta pesquisa, qual seja o de elaborar uma solução didática EAD.

O objetivo de uma pesquisa de abordagem DBR é ser aplicada para resolver um problema específico dentro de uma dada comunidade, junto aos atores do contexto, e discutir a ação necessária para a solução do problema.

Essa proposta de ensino-aprendizagem foi pensada e desenvolvida em três etapas. Cada uma delas credita aos sujeitos participantes quarenta pontos e cada ponto corresponde a uma hora de curso. Portanto, todos que concluírem as três etapas e realizarem todas as atividades programadas serão certificados com 120 (cento e vinte) horas de curso. Apresentaremos um descritivo de cada uma das etapas:

01- ETAPA I: Apresentação da proposta pelos pesquisadores nos Municípios/polos; a primeira etapa é a única seletiva. Nela, por uma questão pedagógica, o participante deve atuar em todas as fases e comprovar cada ação pelo envio de suas atividades aos pesquisadores e/ou colaboradores. O participante que não concluí-las permanecerá sem crédito e sem direito à certificação. Essa etapa não gera pontuação parcial. A seguir, apresentamos a descrição da etapa I, item a item, a partir da sua engenharia e da conexão que a determinou dentro da perspectiva da epistemologia pedagógica.

A primeira fase (com acompanhamento dos pesquisadores) consistiu em:

a) Preenchimento de uma ficha com dados pessoais: o preenchimento da ficha pessoal e a produção de um texto fazem parte do processo propedêutico dos cursos de ensino-aprendizagem EAD. O sujeito participante preenche a ficha com informações para além das convencionais. Nela, também informa as redes sociais digitais das quais faz parte, como, por exemplo, *Facebook*, *WhatsApp*, *G-mail*, *Hotmail* e afins. Registra, ainda, se possui filiação a alguma associação de moradores, a grupo religioso e a partido político, dentre outros. O intuito em obter tais informações é captar o sistema de redes digitais das quais o candidato faz parte, bem como, a interligação das redes físicas às quais pertence. Isso pode ser avaliado na perspectiva de ligação entre grupos sociais, sendo esses sistemas de rede física e/ou digitais analisados sob a ótica de Manuel Castells.

No capítulo II encontramos a discussão na qual Castells mostra a EAD produzindo e otimizando valores informacionais, que podem ser adquiridos através do sistema de redes. Para Castells (2002), “a EAD agrega valores sociais.” Nesse sentido, a EAD, aliada ao sistema de redes existente nas estruturas, agrega valores às classes sociais, as quais, por sua

vez, passam a requerer uma melhor formação educacional, o que contribui não só com o crescimento socioeducacional das áreas urbanas, mas, sobretudo, com o das áreas mais afastadas.

A identificação pessoal foi proposta no questionário como primeira forma de atender aos requisitos da diversidade baseada na proposta da UNESCO. Ao se identificar, o candidato mostra aos pesquisadores e a todos os participantes a sua localização municipal de polo e os detalhes de sua localização residencial, mesmo que seja em áreas mais afastadas, como, por exemplo, fazendas, povoados e quilombos. Dessa forma, fica identificada toda a diversidade presente no curso de História em questão. Além disso, ao pedirmos ao participante a identificação de sua rede de relacionamentos, conforme sugestão de Castells, estamos também iniciando o atendimento aos postulados do socioconstrutivismo. Esse é o primeiro passo para identificarmos e construirmos a colaboração recomendada pelo item “d” da base socioconstrutivista relacionada acima. (CASTELLS, 2002); (UNESCO, 2007); (MATTA, 2006).

b) Produção de texto sobre a diversidade nos municípios (20 linhas, no mínimo): a tarefa de produção textual solicita ao sujeito candidato o desenvolvimento de um texto, de no mínimo 20 linhas, sobre a diversidade encontrada no município em que reside; numa perspectiva da valoração historiográfica. Nessa produção textual, o participante deve apresentar sua visão sobre o contexto histórico de sua cidade.

A tarefa proposta atende às bases da diversidade, tanto quanto aos postulados da UNESCO com relação à identificação necessária a este estudo, conforme item 3.7 do capítulo III (Interpretando as Mesorregiões Baianas).

Com essa produção textual do candidato participante, os pesquisadores esperam, após já terem formado opinião sobre os municípios, perceber a ótica que o candidato participante possui sobre o contexto histórico do município em que vive. A tarefa também atende à ideia apoiada por Bakhtin (2010), apresentada no capítulo II, e ratifica a Teoria e Prática de uma Realidade Pluricultural.

A produção textual do candidato deve ser feita antes de ele tomar conhecimento da proposta do curso de ensino-aprendizagem, evitando, com isso, ilações dos pesquisadores sobre a diversidade nos municípios, o que poderia falsear o resultado da pesquisa. (UNESCO,

2007); (MATTA, 2006); (BAKHTIN, 2010).

c) Apresentação da proposta de pesquisa: os investigadores apresentam para os participantes a proposta de pesquisa que deu origem ao curso de 120 horas e mostram os nexos existentes, nessa proposta, entre a teoria e a prática, uma vez que a pesquisa de ensino-aprendizagem tem o curso de História/EAD da UAB/UNEB, seus pesquisadores, professores e estudantes como atores imersos no contexto.

Esse item atende às proposições DBR, mencionadas no capítulo II, que exigem a divisão de responsabilidades na investigação e na validação da aplicação com os sujeitos partícipes do processo. Esse contexto é o *locus* no qual os quatro municípios/polos selecionados estão envolvidos. Na apresentação da pesquisa também é informado que o resultado dela será utilizado no curso de História/EAD da UAB/UNEB.

d) Leitura do texto acadêmico de História e o estabelecimento de relação com o contexto do município: leitura do texto acadêmico escolhido e o estabelecimento de uma relação dele com o município onde vive o participante é uma forma de dar significado ao fazer do aluno, possibilitando-lhe novos aprendizados.

A leitura atrelada ao contexto é uma exigência DBR, fazendo-se necessária uma imersão do sujeito aprendente nesse contexto. Isso o ajuda a estabelecer nexos entre o fazer e o aprender no seu *locus*. Na execução dessa tarefa, os sujeitos aprendentes se utilizam das categorias contextualidade e colaboração, mencionadas por Vygotsky, como ferramentas importantes para sua construção, compreensão e ponto de partida.

Também há na proposta de execução da tarefa a intenção de estabelecer o contexto e fazer a conexão dos participantes com o curso de História/EAD. O contexto apresentado no capítulo II está contemplado pela história da Bahia, pelo histórico e imersão dos pesquisadores, pela visão destes investigadores quanto a um entendimento próprio sobre a Bahia e suas mesorregiões e por uma EAD inserida no contexto dos municípios/polos representados pelos encontros de História/EAD da UNEB realizados em vários municípios.

Ao solicitar que os sujeitos aprendentes façam a leitura do texto acadêmico selecionado, e que apresentem o resultado final desse fazer, os pesquisadores objetivam perceber a visão dos discentes sobre os seus (deles) municípios. A partir desse entendimento, é possível obter a visão partilhada da Bahia entre os sujeitos aprendentes e os pesquisadores.

(MATTA, 2006).

e) Construção de um vídeo sobre a relação entre o texto acadêmico lido e o contexto do município onde reside o participante: ao produzir um vídeo, após a leitura do texto e o estabelecimento da relação entre ele e o contexto do município onde reside, o participante irá se utilizar dos postulados de Vygotsky, dentro das categorias interatividade, contextualidade, mediação e colaboração. (MATTA, 2006).

f) Apresentação de vídeos individuais às equipes (compostas por três alunos), para produção de uma apresentação em *power point*, por equipe, sobre as relações encontradas entre os três vídeos exibidos: a equipe se reúne e produz uma apresentação única, em *power point*, a partir da exibição dos três vídeos. A seguir, redige um relatório de aproximadamente uma lauda, no qual serão utilizados os dados colhidos pela equipe durante a apresentação dos vídeos. Nesse relatório será dada não a visão de cada um dos componentes do grupo, mas sim a visão da equipe como um todo. Feito isso, o grupo produz uma foto dos participantes da reunião e faz uma lista de presença. Esses documentos devem ser digitalizados e enviados em formato de foto.

Na realização dessa tarefa, os sujeitos aprendentes se utilizam dos postulados de Vygotsky com as categorias interatividade, contextualidades, mediação e colaboração. (MATTA, 2006).

g) Análise de todas as apresentações produzidas pelas equipes e elaboração de uma apresentação final do município: a análise de todas as apresentações produzidas pelas equipes e a elaboração de uma apresentação final do município é um trabalho colaborativo e de interação entre os sujeitos aprendentes sobre as atividades individuais, transformando-as em coletivas.

Ao realizarem essa tarefa, os sujeitos aprendentes se utilizam da teoria de Vygotsky, através das categorias interação, contextualidade, mediação e colaboração. (MATTA, 2006).

02- ETAPA II: Municípios/polos - organização a cargo dos participantes:

a) Contato entre os participantes dos diversos municípios: através de um fórum comum a todos, os participantes serão incentivados a estabelecer contato entre si, com o propósito de se estimularem mutuamente no desenvolvimento das etapas que compreendam tarefas sobre a diversidade dos seus municípios e regiões.

Nessa tarefa pretendemos observar a polifonia em Bakhtin (BRAIT, 2013), através do monologismo que ser fará presente no fórum coletivo. Esse é um item que atende também à UNESCO, no quesito da diversidade e das condições para seu florescimento. Além disso, estimula e contribui para a identificação da diversidade cultural existente entre os municípios.

Será criado, no ambiente virtual de aprendizagem, um espaço para que os sujeitos aprendentes possam se relacionar para essa troca de informações sobre os municípios/polos e suas diversidades. Nessa tarefa, o sujeito aprendente se utiliza das categorias da diversidade, postuladas pela UNESCO, nos seus quatro itens principais, a saber: a) estimular a identificação; b) criar condições; c) encorajar o diálogo; d) fomentar a interculturalidade.

Esse é o momento mais rico de todo o processo de ensino-aprendizagem e nele é também possível verificação da polifonia e do dialogismo de Bakhtin (UNESCO, 2007), (BRAIT, 2013).

b) Avaliação da apresentação de outros municípios: na avaliação, a equipe de cada município analisa as apresentações dos outros três municípios participantes e emite, por escrito, um parecer sobre cada apresentação.

Nessa tarefa, os sujeitos aprendentes se utilizam das categorias interação, contextualidade, mediação e colaboração de Vygotsky. As categorias da diversidade postuladas pela UNESCO também serão atendidas nos seus quatro itens principais. (UNESCO, 2007); (MATTA, 2006).

03 - ETAPA III - Produção Final:

a) Reunião, discussão e análise pelos grupos, de todas as produções dos municípios, e criação de um roteiro para apresentação final: A criação do roteiro tem por base o respeito à produção dos outros municípios, não podendo faltar as contribuições principais de cada cidade.

Nessa tarefa, os sujeitos aprendentes se utilizam das categorias interação, contextualidade, mediação e colaboração de Vygotsky. As categorias da diversidade postuladas pela UNESCO também serão atendidas nos seus quatro itens principais. (UNESCO, 2007); (MATTA, 2006).

b) Produção da apresentação resultante da análise das outras apresentações: Análise, planejamento e execução.

c) Resposta ao questionário individual de avaliação, com retorno aos pesquisadores: Nessa tarefa, uma das categorias de diversidade postuladas pela UNESCO será observada - fomentar a interculturalidade.

Todos os outros itens do “pensar histórico” são abordados para compreendermos a perspectiva do participante e mensurar o quanto ele conseguiu absorver de conhecimento. Ao realizar a tarefa, os sujeitos aprendentes se utilizam das categorias interação, contextualidade, mediação e colaboração, de Vygotsky, no desenvolvimento da apresentação, em *power point*, da equipe. (MATTA, 2006); (UNESCO, 2007).

A avaliação do curso é feita através de um questionário individual, o qual visa identificar o grau de absorção dos participantes quanto aos itens desenvolvidos no decorrer do curso e sua avaliação sobre eles. As perguntas versam sobre as considerações positivas e/ou negativas que os participantes tenham a fazer. Também são pedidas sugestões para melhorias futuras.

Ao final do capítulo II fizemos uma declaração: São desconhecidas soluções aplicadas de ensino-aprendizagem/EAD. Nos capítulos seguintes, comprometemo-nos a buscar soluções aplicadas de ensino-aprendizagem/EAD para valorizar a diversidade sociocultural dos municípios/polos e utilizá-la no planejamento e ministração do curso de História da UNEB/UAB.

A sistematização dos capítulos II, III e IV esteve voltada para idear elementos concretos, os quais resultaram, no capítulo IV, na construção do modelo que pretendemos aplicar ao curso de História/EAD. Esse modelo passa, necessariamente, pela elaboração de soluções aplicadas de ensino/aprendizagem/EAD que sejam capazes de agregar valor à diversidade sociocultural dos municípios/polos.

5.2 MODELO DA PESQUISA DBR A SER APLICADO NOS POLOS: CATEGORIA INDEPENDENTE - BDP-EAD

A metodologia a ser aplicada é a DBR. Neste capítulo, desenvolveremos o modelo de aplicação da proposta de solução de ensino-aprendizagem, a ser trabalhado no final do capítulo IV, item 4.6, no qual geramos esse modelo prático.

A categoria independente, chamamos de Bases para a Diversidade e Polifonia em História/EAD – BDP-EAD apresentada no Quadro 11.

QUADRO 11 - CATEGORIA INDEPENDENTE – DIVERSIDADE

CATEGORIA INDEPENDENTE – DIVERSIDADE		
Bases para a Diversidade e Polifonia em História EAD - BDP-EAD		
Subdivisão	Divisão	Descrição
DIVERSIDADE (UNESCO, 2007)	a) - Criar condições para florescer a diversidade;	Promover ações plurilaterais para manter viva a diversidade.
	b) - Estimular/identificação da diversidade cultural existente;	Através de contatos com sujeitos de outras regiões, estimular e identificar a diversidade existente.
	c) - Encorajar o diálogo entre culturas dos diversos municípios/polos;	A relação dialogal entre as culturas das diversas culturas acontecem quando o levar e o trazer de cultura provoca uma mescla cultural. Abrir espaço para expor culturas das outras regiões.
	d) - Fomentar a cultura e a interculturalidade das mesorregiões baianas;	Da diversidade entre as regiões
PENSAR HISTÓRICO (MATTA, 2006, p. 152)	a) - Consciência da historicidade;	E a consciência de tudo que pode ser interpretação historicamente.
	b) - Consciência e valor social da História;	Importância que a história tem para que as pessoas possam explicar sua existência no mundo e as relações com o mundo.
	c) - Capacidade de construir hipóteses;	A capacidade que o sujeito tem de criar nexos explicativos para os eventos da história.
	d) - Capacidade de tratar e analisar dados;	Capacidade de absorver informações históricas e laborar uma construção explicativa a partir dos dados.
	e) - Se propõe a conclusões e resultados;	O sujeito é capaz de tirar conclusões e produzir resultados a partir do conhecimento e informação históricos.
SOCIOCONSTRUTIVISMO (MATTA, 2006, p.87)	a) - Interação	Intersecção entre as práticas sociais dos sujeitos engajados nas soluções de problemas.
Capítulo IV (MATTA, 2006, 87)	b) - Contextualidade	Base concreta da congnição dos sujeitos nas práticas sociais e comunitárias ou ambientes aos quais participam – contexto social.
Capítulo IV (MATTA 2006, p.152)	c) - Colaboração	É vista e utilizada no projeto para criar soluções dos problemas de princípios de

		<i>design</i> no socioconstrutivismo, com três tipos: Baseada em tarefas, em práticas e em conhecimento.
Capítulo IV (MATTA 2006, p.152)	d) – Mediação	Utilizado devido ao uso dos computadores, sistemas de rede encontrados entre os sujeitos e o seu labor.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no contexto da dissertação

Definidas as duas categorias de pesquisa aplicada, entendemos que a categoria 2, dependente, CRBP, deve ser aplicada em campo prático, nos municípios/polos de curso de História da UNEB/UAB, para que possamos acompanhar os efeitos do processo na categoria 1, independente, BDP-EAD, à qual vamos creditar o papel de validar e verificar a efetividade ou não da solução proposta. Para isso, passaremos agora a descrever a pesquisa de Campo.

5.3 DEFINIÇÃO DA APLICAÇÃO DA SOLUÇÃO: HISTÓRIA/EAD - CURSO DE REGIONALIDADE BAIANA E POLIFONIA - CRBP

A pesquisa será aplicada nos municípios/polos de: Bom Jesus da Lapa, Brumado, Itamaraju e Santo Estêvão, polos escolhidos no capítulo IV. Essa aplicação vai acontecer nos polos sinalizados nesse parágrafo, tão logo os investigadores consigam estabelecer uma agenda com as coordenações dos polos, sendo que esta aplicação será feita no curso de HISTÓRIA/EAD, DA UNEB/UAB.

Essa proposta de ensino-aprendizagem EAD, de agora em diante batizada com o nome Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia, será considerada uma categoria de pesquisa dependente, ou seja, aquela que desejamos acompanhar e validar quanto a ser ou não solução para o problema da pesquisa. O modelo de aplicação da proposta: História/EAD - Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia (Categoria dependente) requer a construção de sua estrutura. Essa categoria vai permitir que se acompanhe o resultado da aplicação da proposta pedagógica criada, valindando assim ou não seu caráter de solução didática para o curso de História/EAD.

A categoria dependente é formada pela proposta pedagógica do Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia, que terá que ser acompanhada. Transformando o que desenvolvemos no item 4.6, do capítulo anterior, para essa pesquisa, em categoria, temos a seguinte estrutura: O Quadro 11 descreve as etapas da categoria: História/EAD – Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia - CRBP - Nesse Quadro, todas as etapas estão bem definidas mostrando o passo a passo.

Essa categoria dependente, apresentada em Quadro, é composta pela proposta que criamos, e que necessitará ser acompanhada de acordo com os valores de outra categoria, essa dependente, à qual se compõe dos critérios de variação de qualidade, que serão aplicados à proposta.

Acompanharemos, portanto, a categoria dependente: Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia, a partir dos valores obtidos para a categoria independente BDP-EAD, na prática da aplicação da primeira. Apresentaremos a categoria independente:

QUADRO 12 - CATEGORIA: HISTÓRIA/EAD - CURSO DE REGIONALIDADE BAIANA E POLIFONIA – CRBP

CATEGORIA: HISTÓRIA/EAD - CURSO DE REGIONALIDADE BAIANA E POLIFONIA – CRBP	
Subcategoria	Descrição
1ª – ETAPA	Apresentação da proposta desse projeto e primeiros passos;
1ª – Fase	- Preenche ficha com dados pessoais e de redes sociais;
2ª – Fase	- Produz texto sobre diversidade nos municípios (20 linhas, no mínimo);
3ª – Fase	- Apresentação de proposta de pesquisa deste projeto local;
4ª – Fase	- Leitura de texto acadêmico de História, construindo relação com o contexto do seu município;
5ª – Fase	- Construção de vídeo (1 minuto) sobre a relação que o estudante encontrou (texto/município);
6ª – Fase	- Apresentação de vídeos individuais à equipe (composta por três alunos), para produção de <i>power point</i> por equipe, sobre as relações encontradas pelos 3 vídeos;
7ª – Fase	- Analisam todos os <i>power points</i> produzidos pelas equipes e constrói-se o <i>power point</i> resultante do município.
2ª – ETAPA	Primeiros contatos com outros municípios;
1ª – Fase	- Fazer contato entre participantes dos diversos municípios;

2ª – Fase	- Avaliar <i>power point</i> de outros municípios.
3ª – ETAPA	Produção Final.
1ª – Fase	- Grupos se reúnem, discutem e analisam todas as produções dos municípios e criam roteiro para produção do <i>power point</i> ;
2ª – Fase	- Produção de <i>Power Point</i> resultante, a partir de todos os analisados;
3ª – Fase	- Responder a questionários individuais, com retorno aos pesquisadores; perguntas fechadas e duas abertas.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no contexto da dissertação

Os sujeitos parceiros e colaboradores, nessa articulação junto aos polos, estão relacionados no Quadro 14. Os discentes vão aparecer no momento da visita dos investigadores aos polos, em reunião de apresentação da proposta. O Quadro 13 trata dos colaboradores e professores imersos na estrutura da UAB/UNEB de História/EAD. Esse Quadro foi construído com os nomes e siglas das funções e a atuações destes sujeitos colaboradores na pesquisa: Coordenador de Curso (CC), Coordenador de Tutoria (CT), Coordenador de Tutoria Auxiliar (CTA), Professor Formador (PF), Tutor a Distância (TD). Para além de ser uma realidade dessa pesquisa, a colaboração desses sujeitos é também uma exigência DBR, colaborativa, o que fica tácito que essa pesquisa conta com a laboração da grande maioria dos sujeitos imersa no curso de História/EAD da UNEB.

QUADRO 13 - BOLSISTAS CAPES – FUNÇÃO HISTÓRIA/EAD – APOIO À ESTRUTURA DA APLICAÇÃO DA PESQUISA

BOLSISTAS CAPES – FUNÇÃO HISTÓRIA/EAD – APOIO À ESTRUTURA DA APLICAÇÃO DA PESQUISA			
Nº	NOME	EAD	ATUAÇÃO NA PESQUISA
01	Alfredo Eurico Rodrigues Matta	CC	Orientador da pesquisa.
02	Claudia Freitas Gois de Souza	CTA	Planilha de tarefas <i>WhatsApp</i> .
03	Eudes Mata Vidal	PF	Gestor - <i>MOODLE</i> .
04	Elisa de Souza Ferreira	TD	AVA - polo de Brumado.
05	Isa Virgínia Matias Paim de Oliveira	TD	Leitura e correção de textos.
06	Ivaldo Marciano França Oliveira	PF	Professor Formador da disciplina História

			Contemporânea II.
07	Islândia Dias de Araújo Gois	TD	Planilha de tarefas <i>WhatsApp</i> .
08	Jailton Lima Brito	PF	AVA - polo de Itamaraju.
09	João Marciano de Souza Neto	CTA	Gestor <i>MOODLE</i> /confecção de planilhas e certificados.
10	José Agnaldo Barreto de Almeida	TD	Sec. de Educação de Santo Estêvão: apoio logístico e emissão certificados.
11	Kleber Almeida Freitas	TD	Apoio de leitura do texto inicial.
12	Luciana Souza Martins	PF	Apoio ao projeto início/fim.
13	Margareth Rodrigues Coelho Vaz	CTA	AVA atuação polo de BJJ.
14	Osvanildo de Souza Ferreira	CT	Mestrando – gestor das tarefas.
15	Rita Cristina Coelho de Almeida Santiago	PF	Leitura/correção do projeto e da dissertação.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/08/15

Antes de levar a proposta de pesquisa aos polos, precisamos estabelecer contato com as coordenações dos mesmos para explicar que os alunos de Licenciatura precisam de 200 horas de Atividade Acadêmica Científica e Cultural (AACC). A pesquisa pretende contribuir com os sujeitos/aprendentes desse curso com uma proposta de curso de extensão de 120 horas.

Para manter a proposta do curso de extensão atrelada ao curso de História/EAD da UAB/UNEB, estaremos solicitando aos sujeitos aprendentes do Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia (que nessa pesquisa pertence à Categoria I, dependente), trabalhar inicialmente com os textos selecionados pelo professor Ivaldo Marciano França Oliveira, para a disciplina de História Contemporânea II, conforme Quadro 11.

O Quadro 14 tem sua estrutura de apoio contemplada com colaboradores dos municípios/polos. Como a participação de cada grupo tem características diferenciadas, foi preciso separar os dois grupos de colaboradores para deixar nítida a participação de cada um.

QUADRO 14 - ESTRUTURA DE APOIO – APLICAÇÃO DA PESQUISA –
MUNICÍPIOS/POLOS

ESTRUTURA DE APOIO – APLICAÇÃO DA PESQUISA – MUNICÍPIOS/POLOS			
01	Delia Ladeia	CP	Apoio central/Polo Itamaraju
02	Suzete Moraes	TP	Adm. <i>WhatsApp</i> - Itamaraju
03	Elielson Teixeira	CP	Apoio central/Polo Brumado
04	Selma Silva Oliveira	TP	Apoio sala/Polo Brumado
05	Simone Zuleica da Costa Silva	TP	Apoio sala/Polo Brumado
06	Alessandro Meira Picapau	Aluno	Adm. <i>WhatsApp</i> - Brumado
07	Marcela Macedo Smigura	TP	Apoio sala/Polo Santo Estêvão
08	Angela Ferreira dos Santos	Aluna	Adm. <i>WhatsApp</i> - Santo Estêvão
09	Eliane Marques	CP	Polo: Bom Jesus da Lapa
10	Gabriela Amorim Nogueira	TP	Apoio sala/Polo Bom Jesus Lapa

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/08/15

No Quadro 12 só aparecem os alunos que estão envolvidos diretamente com a organização das atividades, nas quais os discentes administram grupos *WhatsApp*, mais à frente desenvolveremos as atividades que foram criadas especificamente para os alunos a partir da pesquisa de ensino-aprendizagem/EAD, que cunhou como nome para este curso: HISTÓRIA/EAD – Regionalidades Baianas e Polifonia, que entra como categoria dependente e tem nos alunos seus atores principais.

A presença dos estudantes nessa pesquisa vem sendo projetada para esse momento desde os primeiros capítulos, todavia, essa participação efetiva está programada para vigorar a partir do próximo capítulo, no momento em que os estudantes são chamados a convalidar o curso que foi produzido a partir da proposta dessa pesquisa, contemplando os discentes de História/EAD da UAB/UNEB.

Os estudantes, ao assumirem o papel de atores, serão os principais protagonistas, pois caberá a esses atores produzir o ato em cena, mesmo porque essa pesquisa, sendo DBR, exige que haja uma partilha e um acompanhar, com a validação da proposta como pertinente à EAD, em um curso de Graduação em História da UNEB. Vale destacar que são estudantes que cursam as últimas disciplinas e devem construir seus Trabalhos de Conclusão de Curso, TCC, estando assim na proximidade da colação de grau em História.

Para desenvolver esse trabalho nos polos, contamos com a participação dos Colaboradores: Coordenadores de Polo (CP), Tutoria Presencial (TP) e alguns alunos que abriram os grupos dos polos no *WhatsApp* e contribuíram ao tentarem mobilizar a maioria dos colegas a aderirem ao projeto. Essa participação inicial está estruturada com os primeiros apoiadores no Quadro 14.

Os participantes do Quadro 14 são atores dos polos selecionados no capítulo IV. Os Coordenadores desses polos foram contatados por *e-mail* ou por telefone para convidar os alunos e tutorias a comparecerem aos polos.

Deixamos claro que a greve na UNEB não permitia que uma pesquisa diretamente ligada à UAB tivesse o apoio de deslocamento e as diárias, o que aconteceu também com nossa solicitação no mestrado. Nesse sentido, tivemos que assumir os deslocamentos para os quatro cantos da Bahia. O apoio que solicitamos também incluiu estruturar as condições objetivas do curso nos municípios, promovendo as condições espaço-temporais dos sujeitos aprendentes e um pedido para que os candidatos comparecessem à apresentação dessa pesquisa para iniciar a prática.

5.4 ESTRATÉGIA DE ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

O Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia tem o objetivo de aplicar a proposta de solução do capítulo IV, item 4.6. Esse mesmo item partilha a proposta da UNESCO (2007), ao estimular a identificação da diversidade cultural nos municípios/polos e do Pensar Histórico (MATTA, 2006). É também contemplado pela epistemologia pedagógica de Vygotsky quanto à contextualidade apresentada por Matta (2006). A proposta pedagógica que estamos produzindo e, sugerindo na prática, será apresentada na forma de um curso de extensão que será levado pelos pesquisadores aos polos, para os alunos do curso de História/EAD da UNEB/UAB, e certificado a eles, à medida que o completarem, sendo validado para Atividade Acadêmica Científica e Cultural (AACC).

O curso precisava de uma definição em termos de qual seria o suporte EAD mediador do processo, ou seja, quais aspectos de tecnologia digital seriam utilizados. Quanto a essa questão de instalação e viabilidade das atividades dos participantes na *internet*,

conseguimos autorização do professor Matta para utilizar a estrutura do *MOODLE*, que o mesmo o tem instalado e funcionando, e que dá suporte aos projetos das pesquisas que orienta. A vantagem do *MOODLE* é que ele é utilizado pelos estudantes do curso de graduação em História/EAD da UNEB/UAB, em todas as disciplinas da grade curricular, o que facilita o uso da ferramenta tecnológica, uma vez que se trata de um ambiente familiar aos estudos dos discentes; essa escolha, porém, não os retira da zona de conforto no tocante ao uso de instrumentos lógicos da pesquisa.

O trabalho inicial, de caráter preparatório, foi dividido em dois estágios. No primeiro, os colaboradores do Quadro 11, todos imersos e bolsistas da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, passaram a se dedicar na estruturação das salas para um curso de ensino-aprendizagem proposto para essa atividade. Do outro lado, nós os pesquisadores, preocupados em não dispersar os alunos por falta de contato, optamos por uma ferramenta forte e atual para manter o grupo em comunicação ativa: O *WhatsApp*, esse que é considerado, atualmente, como a ferramenta de comunicação mais aceita e utilizada. A partir dessa compreensão, abrimos grupos *WhatsApp* para todos os polos envolvidos na pesquisa e mantivemos contato diários com todo os participantes disponíveis e que se colocaram interessados.

Será aplicada a nossa proposta pedagógica, elaborada tendo por base todo o estudo, e representada pela categoria dependente já definida. Assim, nos resta elaborar os critérios de avaliação e análise da aplicação, que serão utilizados para que possamos acompanhar o desenvolvimento da categoria dependente em relação à independente, à qual foi construída com o propósito de permitir avaliar a proposta pedagógica como solução para os cursos de História/EAD, conforme temos discutido desde os capítulos iniciais desse trabalho.

Interessa agora identificar quais serão as estratégias de acompanhamento das categorias da qualidade de uso da proposta pedagógica, foco desse estudo, no que se refere ao atendimento das prerrogativas de efetividade consideradas e sistematizadas na categoria independente. De fato nos interessa construir ferramentas para medida de efetividade da aplicação proposta nos municípios/polos.

Estabelecemos estas estratégias: o curso proposto deve ser avaliado quanto à efetividade relativa à categoria independente, em todas as etapas e fases de etapas, conforme

definido:

01 - ETAPA I: primeira fase (acompanhada pelos pesquisadores) - Apresentação da proposta pelos pesquisadores.

a) Preencher ficha com dados pessoais: essa ficha está dividida em duas partes. A primeira solicita ao candidato ao curso para acrescentar o nome da cidade onde mora ou da localidade, tipo: povoado, área quilombola ou município circunvizinho. A segunda parte deverá ser preenchida com tópicos relacionados a grupos de relacionamentos dos municípios dos participantes, extra espaço universitário UAB, do tipo: grupos de religiosos, partidos políticos, lideranças de bairros, grupos *yahoo*, *gmail*, *facebook* e *WhatsApp*.

Na primeira parte, esses dados serão colhidos para compor um quadro a ser construído pelos pesquisadores, com informações dos candidatos presentes no dia da apresentação da proposta, com o intuito de verificar se o curso de História/EAD tem, no seu contexto de regionalidade baiana, participantes que residam em cidades ou distritos circunscritos ao município ou não, e se suas residências estão para além do espaço geográfico compreendido por sua mesorregião. O registro da variedade de localidades presentes será o indício de efetividade da etapa.

Na segunda parte, registrar o sistema de rede dos candidatos; sejam eles na convivência no seu *locus* residencial e/ou na estrutura de rede, tendo como objeto procurar identificar se esses participantes fazem parte de grupos colaborativos da comunidade e se estão ligados às estruturas de rede da *internet*, existentes para além da Universidade Aberta do Brasil - UAB. O registro nesses grupos será considerado evidência de efetividade.

b) Escrever um texto com 20 linhas sobre a diversidade do município, numa perspectiva da valorização historiográfica da cidade: a produção desse texto, para além de ser provocativa, na medida em que pretende verificar a diversidade do município, pretende compreender a perspectiva do aluno com relação à historiografia de seu município. Esse ponto pretende provocar o primeiro nexo entre o pensar histórico e uma realidade prática, mostrando a consciência histórica de cada participante, o que implica percepção de um estudo de História voltado para sua cidade ou região. Destacar monumentos importantes, fatos históricos e/ou questões políticas e sociais é uma forma de mostrar aos pesquisadores a ótica do candidato com relação ao seu contexto e a consciência da historicidade do seu município.

O registro de monumentos e de elementos de patrimônio tangível e intangível, assim como a observação de construção de nexos entre conhecimento de história e realidade prática serão as evidências de efetividade dessa fase.

c) Apresentação da proposta de pesquisa deste projeto local: embora não seja um item de registro, mas de fornecimento de informação por parte da equipe de investigadores, as questões dos participantes, suas dúvidas e observações, quando acontecerem, e se acontecerem, podem representar aportes importantes para a compreensão da aplicação de nossa proposta.

d) Leitura de texto acadêmico de História, construindo relação com o contexto de seu município: também não é um item de registro, mas de fornecimento de informação por parte da equipe de investigadores. Da mesma forma, as questões dos participantes, suas dúvidas e observações, quando acontecerem, e se acontecerem, podem representar aportes importantes para a compreensão da aplicação de nossa proposta.

e) Construção de vídeo de um minuto sobre essa relação que o estudante encontrou (texto/município): O vídeo será produzido a partir das seguintes instruções: o discente, após estabelecer o nexo do texto com a sua cidade e encontrar um ponto de intersecção do texto com o município, se dirige ao local para fazer uma filmagem de um minuto, descreve o nome do lugar que está filmando e qual a conexão com o nome do texto. Ao final, o discente aparece no vídeo e faz uma declaração de autorização ou não do uso do vídeo para fins acadêmicos em encontros, congressos e seminários. O sujeito aprendente deve encaminhar o vídeo para local indicado e passar automaticamente para a próxima tarefa. Portanto, o discente que não produzir esse vídeo não tem como prosseguir no curso, tendo em vista a quebra da cadeia pedagógica. Quem não lê, não tem o que interpretar por não ter produzindo material cognoscível para produzir o vídeo.

A produção do vídeo é uma demonstração da capacidade do pensar histórico de produzir explicações e interpretações, encaminhando seu conteúdo aos pesquisadores, que após a recepção darão um sinal positivo para prosseguir no curso. Ou seja, produzir o vídeo já é uma evidência e um registro de efetividade; o registro dos participantes e suas contribuições também. Esse vídeo precisa destacar a diversidade e criar condições de fazer florescer a diversidade. Observar-se-á, no vídeo produzido, referências e discussões que correspondam à

diversidade e que permitam notar as diferenças regionais e outros dados presentes na produção.

Dessa forma, os pesquisadores assistem ao vídeo e anotam se o discente atendeu ao solicitado e se estabeleceu nexos entre o texto proposto e a cidade escolhida pelo sujeito aprendiz - outro elemento que se acontecer indica a efetividade do processo proposto.

f) Apresentação de vídeo individual à equipe (composta por três alunos) e produção de *power point*, por equipe, sobre as relações encontradas nos três vídeos: esse é o primeiro momento de socialização dos discentes. Inicia o processo de colaboração, interatividade e atitude responsiva. Os alunos se reúnem em trio, produzem um pequeno relatório, com uma lauda, no máximo, sobre a compreensão geral dos vídeos e, de forma seletiva e participativa, identificam a lógica dos três vídeos para a produção do *power point* do trio.

A equipe de pesquisa deverá assistir aos três vídeos e verificar se os estudantes incluíram conteúdo dos três participantes, provocando uma lógica de compreensão do *power point* por parte de quem assiste aos vídeos e não teve oportunidade de se apropriar do conteúdo dos três textos.

g) Análise todos os *power points* produzidos pelas equipes e construir um relatório, *power point* resultante do município: os participantes deverão fazer uma foto dos participantes e da lista de presença e encaminhar para confirmação de encerramento da I Etapa. A participação na etapa II está condicionada a completar a primeira. Esse trabalho só certifica com quarenta pontos quem concluir todas as fases da Etapa I e após recepção do *power point* com a lista de presença e a foto dos participantes em trabalho coletivo no município/polo.

Nesse item, os participantes se reúnem e produzem um resumo individual de cinco linhas, cada um, abordando sobre os *power points* de todas as equipes daquele polo. Após essa tarefa, apresentam para todos ouvirem. De posse dessa informação, os participantes dividem o grupo para produzirem um relatório e um roteiro para a produção do *power point* do município.

Concluída a tarefa, os sujeitos aprendentes enviam o *power point* para o endereço indicado, produzem uma lista de presença, fazem uma foto com todos os presentes e

encaminham na mesma hora. Observação: os pesquisadores acompanham a tarefa em tempo real, dando orientações e confirmando a recepção da documentação exigida para conclusão dessa tarefa: relatório, *power point*, fotografia da equipe e lista de presença. Os pesquisadores devem examinar o resumo individual produzido, o relatório e o roteiro de *power point*, procurando elementos de registro da diversidade regional e outros presentes nos trabalhos. A presença desses registros será indício de efetividade do modelo.

02- ETAPA II: Primeiros contatos com outros municípios (organização por conta dos participantes).

a) Fazer contato entre participantes dos diversos municípios: os sujeitos aprendentes são provocados a entrar em contato com os participantes dos outros municípios. Esse contato tem como objetivo acompanhar o desenvolvimento das tarefas dos outros polos para entender a lógica de construções das diversas tarefas de cada município. Verificar-se-á, através dos fóruns, diálogos que possam confirmar interação e polifonia nesse contato entre os participantes de todos os polos envolvidos.

b) Avaliar *power points* de outros municípios: as equipes, dos diversos polos, emitirão relatório sobre a produção dos *power points* dos outros municípios. O relatório é encaminhado junto à produção final, por se tratar de uma tarefa próxima e, em certos casos, pode ser realizada no mesmo dia.

03 - ETAPA III: Produção final.

a) Os grupos se reúnem, discutem e analisam todas as produções dos municípios e criam roteiros para produção do *power point*: essa tarefa deve ser construída pelos sujeitos aprendentes da forma mais conveniente, podendo os participantes se encontrar em espaço físico ou virtual, a depender da escolha. Verificar-se-á se os roteiros apresentam manifestações de interação e polifonia.

b) Produzir o *power point* resultante a partir de todos os *power points* disponíveis a serem analisados (podendo se encontrar *on line* ou em um determinado ponto físico): essa produção precisa ser realizada de maneira tal que possa representar:

– Os *power points* precisam contemplar nos textos, de maneira resumida, as três bases do Curso de Regionalidades Baianas e Polifonia (Pensar Histórico, epistemologia pedagógica e Diversidade);

- Fotos e imagens de todos os municípios envolvidos;
- Desenvolvimento de textos com linguagem compatível com a estrutura desenvolvida no curso, respeitando as três bases apresentadas no item I;
 - As lâminas não devem ultrapassar o número de dez, para não cansar quem analisa.

Os investigadores examinarão a produção procurando evidências do Pensar Histórico, Epistemologia pedagógica socioconstrutiva e Diversidade, manifestados por seus subcampos, nos seus diálogos, imagens e demais registros. Também vão responder questionário individual, retornando aos pesquisadores com várias perguntas fechadas e duas abertas, voltadas para o *modus operandi* do Curso de Regionalidade Baianas e Polifonia.

O questionário será encaminhado aos sujeitos aprendentes no momento em que a atividade de *power point* se propõe a ser a representação final de todos os trabalhos produzidos.

O questionário foi produzido tendo as três bases: a) Pensar Histórico; b) Diversidade; c) Epistemologia Pedagógica como pontos a serem verificados em termos de aprendizado proporcionado pelo curso.

A abordagem DBR adaptada vai contribuir para dar fechamento ao segundo ciclo DBR, uma vez que o primeiro ciclo encerrou-se com o entendimento dos pesquisadores sobre o contexto da pesquisa e uma explanação da história de vida dos investigadores, como uma exigência DBR interativa e de contexto. A partir da experiência da vida real dos investigadores e da imersão engajada nesse contexto, propusemos um aporte teórico com os cinco itens mais importantes DBR adaptados à realidade desta pesquisa.

Além das etapas pedagógicas propostas, elaboramos um questionário que auxiliará nas análises de efetividade das soluções pedagógicas produzidas pela pesquisa para o processo de ensino-aprendizagem/EAD, com o curso CRBP.

O principal motivo para produzir esse questionário, será para dar o caráter de responsividade que a DBR exige, sem ter que retornar aos polos, já que não haveria tempo para tal, tendo em vista os prazos do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), do Departamento de Educação do Mestrado da UNEB, que precisamos cumprir. Dessa forma, o questionário dará um retorno capaz de nos fazer

reformular a solução proposta, tendo em vista as reações dos estudantes participantes.

Além da exigência DBR, pensamos num questionário para levantar outros indícios sobre a efetividade do modelo, segundo a percepção do aluno, quanto a ser a solução capaz de realizar um procedimento socioconstrutivista, respeitoso do pensar histórico, e que considere a diversidade como parte da prática pedagógica, o que ajuda a responder o problema da pesquisa.

Para atender o problema da pesquisa, cada conjunto de perquirições receberá sua análise, tendo como base a abordagem DBR e as questões conceituais atinentes a cada uma das três etapas básicas que estiverem envolvidas. Para isso, criamos uma parametrização geral para avaliação das respostas, em decorrência da análise percentual das indagações e de suas respostas, o que pode ser encontrado no Quadro 15.

QUADRO 15 - PARÂMETROS PARA AUXILIAR AS ANÁLISES DAS RESPOSTAS

PARÂMETROS PARA AUXILIAR AS ANÁLISES DAS RESPOSTAS		
a)	Se até 50% das respostas forem de 01 a 05: considera-se que:	Não houve compreensão do quesito, podemos considerar este item como reprovado e passível de ser refeito;
b)	Se 50% das respostas forem de 01 a 05, considera-se que:	Não ficou clara a pergunta, provocando um retorno dúbio, o que exige modificações no processo;
c)	Se 60% das respostas forem de 01 a 05, considera-se que:	Não houve compreensão total do quesito, merecendo novos estudos com o objetivo de reformular, aproveitando parcela positiva;
d)	Se 60% das respostas forem acima de 05, alcançando a média 07, considera-se que:	Houve uma compreensão crescente do quesito, merecendo novos estudos com o objetivo de reformular, ampliando a compreensão do quesito;
e)	Se 70% ou mais das respostas forem de 07 a 08, considera-se que:	Houve compreensão do quesito. O parâmetro apresenta o item como aprovado, merecendo correções.
f)	Se 80% ou mais das respostas forem de 08 a 09, considera-se que:	Houve compreensão do quesito. O percentual sugere que o parâmetro utilizado requer algumas correções.
g)	Se 90% ou mais das respostas forem de 08 a	Houve compreensão do quesito. Sugere manutenção

	09, considera-se que:	do item.
h)	Se 100% das respostas apresentarem avaliação (10) como parametrização máxima, considera-se que:	Houve compreensão total do quesito analisado, não havendo necessidade de correções de rumo.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados colhidos da própria pesquisa em 01/08/15

O Quadro 15, produzido pelos pesquisadores, comporta os parâmetros para validar os quesitos do questionário numa perspectiva da existência ou não da compreensão dos participantes do curso CRBP, e foi desenvolvido com padrões percentuais para esse entendimento a partir das respostas fornecidas pelos participantes do curso com relação às três bases que são: Pensar Histórico, a Epistemologia Pedagógica e a Diversidade.

Para atender ao Quadro 15, vamos apresentar a argumentação produzida pelos pesquisadores para criar o questionário, arguir os participantes e avaliar as devolutivas produzidas, com base no pensar dos sujeitos aprendentes sobre as três bases elencadas no parágrafo anterior e formatadas nas questões.

Na primeira etapa, privilegiamos o Pensar Histórico (perguntas de 01 a 05). Ao conjunto de interrogações produzidas para esse tema - Ao produzir essas cinco questões, nosso primeiro objetivo foi atender a DBR quanto à responsividade, ou seja, as devolutivas quanto ao aprendizado e, nesse curso CRBP, quanto à DBR Intervencionista, no tocante às letras: a) produtos educacionais e b) processos pedagógicos. No capítulo IV (4.6), que se refere ao livro Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de História, de Matta (2006), fizemos uma reflexão a respeito do Pensar Histórico, no qual o autor afirma que o sujeito aprendente também seja levado a pensar seu papel de historiador com o uso das tecnologias em rede, em seu processo de ensino-aprendizagem.

O Pensar Histórico não pode estar dissociado dessas ferramentas e da tecnologia. Sendo assim, um processo de ensino-aprendizagem deve ter uma aplicação em que a consciência do historiador e o seu papel na realidade prática seja ponto crucial na reflexão, seu papel social e perspectiva dos estudos em que o contexto e seu *locus* estejam sempre em evidência nas leituras e produções nacionais e internacionais. Por isso, essas perguntas estiveram voltadas para as categorias que elevam e destacam o papel do historiador como

sujeitos históricos. Nesse questionário, tivemos como objetivo coletar dados sobre a efetividade desse curso junto aos sujeitos aprendentes do CRBP.

Sendo assim, os resultados apresentados a partir do questionário serão tabulados para que possamos perceber, a partir da ótica dos alunos, se eles têm noção, para cada item solicitado, do que seja o Pensar Histórico. Esse material está disponível, mas, por ora, não temos condições de abarcar essa análise de maneira pontual, tendo em vista que a questão temporal está sinalizando uma parada para reflexão, o que estamos fazendo. Nesse sentido, a equipe do Colegiado do Curso avaliou que o questionário parece confiável. Seguem as questões referentes ao Pensar Histórico:

01 - Consciência da historicidade – É a consciência de tudo que pode ser interpretado historicamente;

02 - Consciência e valor social – Importância que a História tem para que as pessoas possam explicar sua existência e as relações com o mundo;

03 - Capacidade de construir hipótese – A capacidade que o sujeito tem de criar nexos explicativos para os eventos da História;

04 - Capacidade de tratar e analisar dados – Capacidade de absorver informações históricas e laborar uma construção explicativa a partir dos dados;

05 - Se propõem a conclusões e resultados – O sujeito é capaz de tirar conclusões e produzir resultados a partir do conhecimento de informações históricas. Por não termos tido tempo para avaliar uma a uma as perguntas, submetemos as perguntas do Pensar Histórico a um conjunto de *experts* da coordenação de História, que aprovaram as mesmas como pertinentes e da área. A seguir, apresentaremos essas questões.

Na segunda etapa, os aspectos a serem observados foram a Diversidade e a Polifonia (perguntas de 06 a 12). Ao conjunto de interrogações produzidas para esse tema, os pesquisadores elaboraram essas questões com o fito de obter como resultado sobre a Diversidade, uma devolutiva quanto à DBR, com uma compreensão teoricamente orientada, com foco determinado na Diversidade (UNESCO). Como responsividade DBR, queremos saber se os sujeitos aprendentes conseguiram, através do curso, criar condições para identificar e florescer a Diversidade; se durante o curso CRBP foram fomentadas a cultura e a interculturalidade; se foi permitido que houvesse uma aprendizagem a partir das relações com

os outros municípios e se essa relação criou condições para aprender sobre a realidade do outro município. Nesse sentido, questionamos ainda se foi possível, durante o processo de relacionamento intercultural entre os municípios, perceber a existência da Polifonia de Bakhtin (2013a).

Seguem as perguntas produzidas com intuito de levantar as questões propostas. Como fator de aferição, temos o Quadro 15:

06 - O Curso de História/EAD, em sua opinião, criou condições para estimular e identificar a diversidade cultural existente nos municípios/polos?

07 - O Curso de História/EAD, em sua opinião, criou condições para que as diversidades culturais possam florescer e que os sujeitos discentes possam promover ações que se transformem dialeticamente em benefícios dos municípios polos e dos sujeitos, transformando o conhecimento em ações praxiológicas?

08 - O Curso de História/EAD, em sua opinião: encorajou o diálogo entre culturas dos diversos municípios/polos? – A relação dialogal entre as diversas culturas acontece quando o trânsito cultural permite mesclar as culturas de tal forma que o levar e o trazer conhecimento cultural de uma e outra região possibilite abertura de espaços para expor culturas dos outros lugares, principalmente nas feiras semanais;

09 - O Curso de História/EAD, em sua opinião: fomentou a cultura e a interculturalidade das mesorregiões baianas – provocou o diálogo entre as diversas culturas dos diversos municípios/polos, através dos fóruns criados para essa pesquisa, numa perspectiva do socioconstrutivismo e da dialética?

10 - O Curso de História/EAD permitiu que você aprendesse a história dos municípios participantes? Com os dados fornecidos pela pesquisa realizada, pelas produções disponíveis aos alunos, e pelos alunos no interior do curso, e por toda polifonia que se deu no fórum – grupão – o Curso de História EAD permitiu um aprendizado dos outros municípios?

11 - O curso de História/EAD, em sua opinião: criou condições para que você aprendesse sobre a história dos outros participantes em suas diversidades e ao mesmo tempo possibilitou uma melhor percepção sobre sua própria diversidade, a partir da experiência?

12 - No curso de História/EAD, a partir do fórum de estudo e discussão, você foi capaz de compreender o que é polifonia, na perspectiva de Bakhtin? Conseguiu perceber

quando cada personagem atuou no fórum como seres autônomos, com visão própria e com visão própria e autônoma? Seria capaz de descrever esse momento?

Na terceira etapa, haverá a análise das perguntas do questionário sobre socioconstrutivismo, epistemologia pedagógica (perguntas de 13 a 16). Ao conjunto de interrogações produzidas para esse tema, os pesquisadores elaboraram essas questões com o desígnio de obter, como resultado sobre o tema Epistemologia Pedagógica, de maneira devolutiva, em que a DBR é intervencionista, conforme processo pedagógico, com uma compreensão DBR teoricamente orientada, na qual a interação, a contextualidade, a mediação e a colaboração sejam itens vygotskianos para serem averiguados, resposta se os retornos deram conta. No colaborativo precisamos verificar se os acordos do capítulo IV, item 4.6, dão o retorno com as letras a) acordo de extração de dados; b) parceria na investigação; e c) acordo de coaprendizagem. Essas questões foram criadas para apurar se o processo de ensino-aprendizagem/EAD, junto à Epistemologia Pedagógica de Vygotsky, contribui para os quatro pontos desse item fossem absorvidos pelos sujeitos aprendentes. Sendo assim, esses pontos vão aparecer como fator de aferição para as questões de 13 a 16, tendo o quadro 15 como ponto de referência para tentar a efetividade das questões acima. Apresentamos estas questões:

13 - O socioconstrutivismo, estudado nesse curso de História/EAD, permitiu que você tivesse percepção da interação durante o curso – intersecção entre as práticas sociais dos sujeitos engajados nas soluções de problemas?

14 - O socioconstrutivismo, estudado nesse curso de História/EAD, permitiu que você tivesse a percepção da contextualidade – base concreta da cognição dos sujeitos engajados nas soluções de problemas?

15 - O socioconstrutivismo, estudado nesse Curso de História/EAD, permitiu que você tivesse a percepção da colaboração – vista e utilizada no projeto para criar soluções dos problemas de princípios de *design* no socioconstrutivismo, com três tipos: baseados em tarefas, em práticas e em conhecimento. Foi possível essa percepção?

16 - O socioconstrutivismo, estudado nesse curso de História/EAD, permitiu que você tivesse a percepção da mediação – Utilizada devido ao uso dos computadores, celulares e sistemas de rede, encontrados entre os sujeitos e o seu labor diário?

As perguntas de 17 e 18 são proposições abertas. Ao conjunto de interrogações produzidas para esse tema, os pesquisadores construíram duas perguntas abertas para que os sujeitos aprendentes pudessem se expressar sobre o conhecimento adquirido nesse curso, com relação à realidade objetiva, na qual entra a visão do historiador e o aprendiz. A pergunta inclui a polifonia para saber se os sujeitos captaram a ideia de Bakhtin quanto à ideia de polifonia por ele desenvolvida. A pergunta de número 18 é a que se relaciona diretamente com o projeto, pois ela quer verificar se existe uma coerência das respostas dos sujeitos aprendentes quanto ao que deve ser alterado. Essa alteração ao final pode provocar uma mudança profunda não só no questionário, mas também na proposta do curso CRBP, a depender da sinalização dos discentes, se na categoria independente ou dependente.

Apresentamos estas questões:

17 - Qual o conhecimento adquirido nesse curso que você considera como mais importante e que deveria ser divulgado como uma boa prática de ensino-aprendizagem durante o curso de História/EAD – Regionalidade Baiana e Polifonia?

18 - O que você mudaria nesse curso, nos procedimentos e por quê?

Nesse capítulo, desenvolvemos a descrição da aplicação da metodologia DBR, da forma como será aplicada no estudo. Assim, desde o início, ficou evidenciada nossa opção pela abordagem DBR. Ratificamos o que já havíamos dissertado no capítulo IV sobre a inexistência de soluções didáticas pedagógicas EAD para aprendizagem. Nesse sentido, repetimos nosso problema quando dissemos que: São desconhecidas soluções aplicadas de ensino-aprendizagem EAD que valorizem a diversidade sociocultural dos municípios/polos para o curso de História da UNEB/UAB.

Assim, este capítulo V dissertou e engendrou os laços que permitiram aplicar as soluções EAD, construídas no capítulo IV. A arquitetura necessária para essa construção vem desde o capítulo I, quando da apresentação de nossa proposta. Desse modo, no capítulo V, a pesquisa criou a categoria dependente através do curso de História/EAD – Curso de Regionalidade e Polifonia (CRBP), que será acompanhada na aplicação. A partir daí deslindou os meandros necessários para a aplicação do curso de ensino-aprendizagem/EAD através do curso CRBP apresentado no Quadro 11, no qual as categorias que vêm sendo destacadas ficaram evidenciadas através dos postulados (Pensar Histórico, Epistemologia

Pedagógica e Diversidade).

Após apresentarmos os primeiros colaboradores da pesquisa, todos ligados à estrutura EAD, e na sua maioria bolsistas da CAPES, criamos a estratégia de acompanhamento e análise dos dados da pesquisa através das etapas I, II e III, já formatadas através do curso de ensino-aprendizagem/EAD que os pesquisadores criaram através do aporte teórico DBR adaptado à nossa pesquisa, foi transportada com as principais aplicações DBR, que vão permitir ao final do Curso CRBP uma análise DBR responsiva do questionário que criamos para esse fim.

Este capítulo V contou com a parametrização criada para validar a verificação das respostas ao questionário que será aplicado ao final do curso. Isso nos faz entender que ao afirmarmos a inexistência de soluções didáticas quando perguntamos: que soluções aplicadas de ensino-aprendizagem EAD podem valorizar a diversidade sociocultural dos municípios/polos para o curso de História da UNEB/UAB? As soluções foram apresentadas nesse capítulo, cabe agora aplicar e analisar os resultados e a viabilidade ou não na realidade prática. Visto isso, resta-nos agora desenvolver o estudo analítico e a validação da aplicação, o que ocorrerá no próximo capítulo, o de resultados.

6 CRIANDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Este capítulo é responsável pela criação das categorias independente e dependente, sendo a primeira de Base para a Diversidade e Polifonia (BDP-EAD) e a segunda, do Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia - CRBP. As duas categorias vão permitir o desenvolvimento do modo de verificação e validade do CRBP que será aplicado nos polos escolhidos para esta pesquisa. Para esta aplicação, antecede a visita aos polos.

No Capítulo VII analisaremos os resultados da aplicação. De acordo com os critérios elencados, conduziremos esta narrativa tendo as três bases e etapas construídas no IV capítulo, para o processo de ensino-aprendizagem/EAD. Para esta pesquisa, o processo de ensino-aprendizagem/EAD trata-se da categoria independente que gerou a categoria dependente – História/EAD – Curso de Regionalidades Baianas e Polifonias - CRBP, que será objeto de análise neste capítulo.

Para mostrar essa caminhada na realidade objetiva, será preciso visitar os polos escolhidos no IV capítulo e apresentar aos candidatos o curso que pretendemos desenvolver na realidade prática, o CRBP.

Em cada município/polo e na coordenação de História/EAD pudemos contar com colaboradores como atores desse curso conforme Quadros 13 e 14. Esses colaboradores contribuíram de maneira tal com a pesquisa, que sem eles não se poderia ter chegado a desenvolver todo o *pari passu* das etapas I, II e III nos polos de: Brumado, Bom Jesus da Lapa, Itamaraju e Santo Estêvão.

6.1 INTERDEPENDÊNCIA - CATEGORIAS INDEPENDENTE E DEPENDENTE

Para compreender as categorias independente e dependente, entremeamos as informações no Quadro 16, do CRBP, categoria dependente, com os dados da categoria independente, advindos das definições do capítulo V, BDP-EAD, o que resultou em uma sistematização ao aplicarmos uma proposta para avaliar a efetividade relativa aos dados aferidos a partir da efetividade e registros da solução construída e, assim, responder com nossa prática de aplicação, o problema enunciado desde o início dessa investigação sobre

quais soluções aplicadas de ensino-aprendizagem EAD podem efetivar a valorização da diversidade sociocultural dos municípios/polos para o curso de História da UNEB/UAB. Dessa forma, estamos, nesse estudo, levantando um problema, construindo uma solução proposta conforme pressupostos e diálogos com a comunidade e, finalmente, apresentando uma solução aplicada para a efetividade do que foi proposto.

Essas informações foram mescladas no Quadro 16 para permitir maior compreensão do processo de metrificação e validação num só espaço. A criação desse quadro é a fusão das categorias - independente e dependente -, e suas respectivas funções nesta pesquisa, o que permite para os pesquisadores alcançar o processo de validação almejado neste capítulo. Tal processo vai ser estruturado a partir do Quadro 14, que será a base para comprovação da viabilidade de cada item descrito nas três etapas do desse quadro.

O Quadro 14 está mesclado com duas informações em cada um dos planos, às quais uma é de execução e a outra é de comprovação e legitimidade do ato em si. Esse quadro foi construído para se ter uma compreensão dos passos da solução do problema da pesquisa, sem que tenha que voltar aos capítulos nos quais se encontram os respectivos quadros. Uma segunda opção encontrada pelos pesquisadores para que não tenham que percorrer os capítulos anteriores foi adicionar duas cores, em que o texto construído com as letras pretas corresponde à categoria independente e o texto de vermelho à categoria dependente. Em cada uma das fases do quadro 14 apresentar-se-á a questão referente a efetividade e ao registro de cada passo percorrido pelos sujeitos aprendentes nessa caminhada de ensino-aprendizagem/EAD, *E-learning*.

QUADRO 16 - CATEGORIAS E OS SEUS PROCESSOS: EFETIVIDADE E REGISTRO

CATEGORIAS E OS SEUS PROCESSOS: EFETIVIDADE E REGISTRO	
Categoria Independente - Base para a Diversidade e Polifonia (BDP-EAD)	
Categoria dependente: HISTÓRIA/EAD - Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia - CRBP	
PROCESSO DE VALIDAÇÃO - CATEGORIA DEPENDENTE	
ETAPAS	CATEGORIA DEPENDENTE
1ª – ETAPA	Apresentação da proposta deste projeto e primeiros passos;
1ª – ETAPA	Apresentação da proposta acompanhada pelos pesquisadores;

1ª – Fase a)	- Preenche ficha com dados pessoais e de redes sociais; O registro da variedade de localidades presentes será o indício de efetividade da etapa - Perceber a diversidade presente;
2ª – Fase b)	- Produz texto sobre diversidade nos municípios (20 linhas, mínimo); Registram suas relações e grupos nas cidades e nas Redes de Sistema;
3ª – Fase c)	- Apresentação de proposta de pesquisa deste projeto local; Registro de monumentos – Patrimônio - elementos tangíveis e intangíveis – evidência de efetividade; Verificar se pensar histórico se associaram monumento com material do professor;
4ª – Fase d)	- Leitura de texto acadêmico - construindo relação –contexto/ município; Não é item de registro;
5ª – Fase e)	- Produção de um vídeo (1 minuto) sobre essa relação que o estudante encontrou. (texto/município); Evidência de um registro de efetividade;
6ª – Fase f)	- Apresentação de vídeos à equipe (composta por três alunos), para produção de <i>power point</i> por equipe, s/ as relações encontradas pelos 3 vídeos; registro de efetividade na construção da lógica <i>power point</i> ;
7ª – Fase g)	- Analisam todos os <i>power points</i> produzidos pelas equipes e constroem o <i>power point</i> resultante do município. Registro é postar <i>power point</i> , enviar lista de presença e foto da equipe;
2ª – ETAPA	Primeiros contatos com outros municípios;
1ª – Fase a)	- Fazer contato entre participantes dos diversos municípios; Verificar registro nos fóruns s/ interação e polifonia entre participantes;
2ª – Fase b)	- Avaliar <i>power point</i> outros municípios; O registro da efetividade está no ato de postar relatório dos <i>power point</i> ;
3ª – ETAPA	Produção Final
1ª – Fase a)	Grupos se reúnem, discutem e analisam todas as produções dos municípios e criam roteiro para produção do <i>power point</i> ; Sem registro;
2ª – Fase b)	Produção de <i>Power Point</i> resultante a partir de todos os analisados; Registro – os pesquisadores procuram evidência do Pensar Histórico no <i>power point</i> produzido;
3ª – Fase c)	Responder questionários individuais com retorno aos pesquisadores; Perguntas fechadas e duas abertas; O registro é o retorno do questionário.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01.09.15

6.2 MUNICÍPIOS/POLOS - APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE PESQUISA

Para apresentação da proposta de pesquisa é necessário fazer uma visita aos municípios/polos, Esse é um dos pré-requisitos mais importantes desta investigação, uma vez que é o momento de o estudante conhecer a proposta de pesquisa formatada para um curso de 120 horas a ser aplicada. Apresentar essa proposta aos polos escolhidos no capítulo IV é uma exigência DBR, uma vez que o estar imerso no contexto e vivenciar com os atores da pesquisa é parte conjunta da DBR e da construção desta narrativa desde os primeiros capítulos.

O período de recesso para festejos juninos retardou a agenda de visitas. Foi preciso aguardar o final das festas, pois nas cidades da Bahia e de todo o interior do nordeste existe a tradição de se comemorar o São João e o São Pedro. São festas muito fortes no imaginário coletivo do sertanejo, o que justifica a primeira visita só ter acontecido a partir de 01/07/15.

A decisão sobre a agenda de visitas do primeiro ao quarto e último município a serem visitados, não foi aleatória, foi balizada nos contatos com as coordenações de polos das quatro cidades envolvidas. À medida que recebíamos retorno de contato feito e se confirmavam as visitas, agendamos as viagens.

A primeira viagem foi para Brumado. Levamos a proposta de ensino-aprendizagem/EAD a ser aplicada e analisada conforme proposta CRBP. Antes dessa aplicação, relataremos nossa viagem, os acontecimentos e exemplos de diversidade que vivenciamos nos percursos. De Brumado fomos para Santo Estêvão, retornamos a Salvador. Na semana seguinte, partimos para Bom Jesus da Lapa; de lá fomos para a região sul, onde visitamos Itamaraju. Nessas viagens recortamos mesorregiões baianas de ônibus e adquirimos mais conhecimento sobre a diversidade baiana trabalhada nessa pesquisa.

Para melhor visualizar nosso percurso em termos de regiões percorridas e os municípios/polos visitados, produzimos um mapa da Bahia que será mostrado mais à frente que desenvolvemos tendo como objetivo maior mostrar os municípios/polos de História/EAD e as cidades visitadas para aplicar esta pesquisa; criamos também o Quadro 17 para mostrar as relações e imbricamentos entre as regiões e as cidades pesquisadas.

O Quadro 17 mostra que existe uma relação de intersecção entre os municípios/polos da pesquisa. Analisar as informações postadas nesse quadro evidencia que os quatro polos estão entrelaçados entre si e se comunicam através das regiões e suas fronteiras, o que permite que a diversidade seja mesclada não só entre si, mas também com outras regiões, refletindo nos atores participantes dos polos de História/EAD. Esses argumentos mostram que a relação de representatividade desses quatro polos se refletem nas demais regiões, o que pode ser constatado no Quadro 17.

QUADRO 17 - REGIÕES - CIDADES DE INTERSECÇÃO - POLOS/ PESQUISA

REGIÕES - CIDADES DE INTERSECÇÃO - POLOS/ PESQUISA			
Nº	Polo	Regiões	Intersecção/regiões
01	BRUMADO	Centro Sul	Sul Baiano, Metr. SSA, Centro Norte Baiano, Vale S.Francisco
02	BOM JESUS DA LAPA	Oeste Baiano	Vale S. Francisco
03	ITAMARAJU	Sul Baiano	Metropolitana Salvador
04	SANTO ESTÊVÃO N/C nome no mapa não foi digitado, falha. Essa cidade é próxima a Rafael Jambeiro e fica a 40 km de Feira de Santana.	Centro Norte Baiano	Metr. Salvador – Centro Sul - Nordeste Baiano Vale S. Francisco

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados retirados da pesquisa em 30/08/2015

O Mapa 2, a seguir, permite acompanhar as viagens e as cidades percorridas para chegar aos municípios/polos desta pesquisa. Através desse mapa é possível localizar as regiões e cidades visitadas, percebe-se, também, a dimensão geográfica da pesquisa e das cidades investigadas nesta dissertação. Permite entender que esta pesquisa se aproxima de uma geografia total da Bahia, se não, pelo menos que busca o todo das regiões dos quatro polos sobre suas diversidades. Considera-se, também, a dimensão de compreensão total da diversidade baiana nos municípios/polos da pesquisa no curso de História/EAD.

Esta pesquisa pretendeu abarcar a Bahia na sua diversidade, através deste projeto. O

Mapa 2¹⁴ permite se compreender que os pesquisadores acertaram ao conceberem a abordagem metodológica DBR para esta pesquisa, uma vez que a escolha dos polos foi uma questão metodológica e não aleatória. Essa metodologia foi também responsável no processo de escolha dos polos no capítulo IV. As quatro cidades escolhidas para a pesquisa aparecem no mapa de tal forma que a relação do Quadro 15 e a figura 6, criada por estes pesquisadores, dão conta que esses quatro municípios, inseridos no Quadro 15, estão interligados e se comunicam com todas as regiões da Bahia.

Mapa 2 - Mesorregiões e Municípios da Bahia



Fonte: Fonte: Próprio autor em 01/08/15

¹⁴ Este mapa é de nossa autoria, uma vez que pagamos para um profissional reproduzir-lo a partir de dois mapas do IBGE (um sobre as mesorregiões e outro sobre as cidades baianas). A maioria das cidades que digitamos neste mapa faz parte do percurso que fizemos para visitar os polos do curso de História/EAD. Para orientação no mapa, lançamos algumas cidades não visitadas, mas que fizeram parte do percurso que levam aos polos via BR, para facilitar a visão no mapa do trajeto percorrido para produzir esta pesquisa e para visitas a nossos polos. Esquecemos-nos de lançar uma cidade e o tempo não permitiu uma revisão, ficando a lacuna da cidade de Santo Estevão que fica entre Feira de Santana e Rafael Jambeiro, estas últimas com polos de História.

01 - Município/Polo de Brumado – BA: De passagem comprada para Brumado, seguimos viagem. Saímos de Salvador às 6 horas, com previsão de 12 horas de viagem. (Salvador, Simões Filho, via BR 116; Feira de Santana, Santo Estêvão, BR116; Jequié, Poções, Milagres, Vitória da Conquista, Brumado).

Nossa saída foi acompanhada de forte chuva. Ao atravessarmos o Portal do Sertão, entrada de Feira de Santana, o sol e o calor dominaram a BR 116. Quanto mais adentrávamos no sertão, mais a vida ia ficando inóspita e as relações tomavam outra configuração diferente da vida de Salvador que chovia a cântaros.

O sol forte do lado de fora do ônibus contrastava com a alegria dos passageiros: homens, mulheres e crianças se divertiam, não falavam do calor, contavam histórias, usavam aparelhos *smartphones*. Mesmo na BR existem trechos privilegiados que permite o alcance da *internet*, nesses lugares os passageiros trocam mensagens por *whatsapp* com os outros das poltronas próximas e até mesmo com pessoas do outro lado do mundo. O que importa para essas pessoas é estar conectadas, é ser consideradas *smart* com seus *phones* e ter acesso aos sistemas em redes e a integração ao sistema de comunicação *on line* com o mundo.

Falar desses sistemas nos remete a Manuel Castells (2002) que produziu *Sociedade em Rede*, ao fazer suas ilações sobre o mundo atual e o sistema de comunicação, discurso que pode ser verificado no capítulo II, quando o autor descreve que todos que estão conectados em rede estão à frente na comunicação; por outro lado, os lugares e pessoas que não interagem a partir do sistema de rede, estão vivendo um mundo distante do processo de informatização que possibilita acessos a muitos dados, e a se tornarem seres conectados.

Os passageiros mais humildes, aqueles que carregam as características primordiais do sertanejo, também portam aparelhos celulares, porém mais simples, de custo menor. Nessa estrutura capitalista, de fortes contradições, o poder econômico evidencia a diferença de classe também através do porte de um simples aparelho de bolso. O celular é um símbolo de ostentação e de empoderamento. A comunicação das pessoas mais simples ainda é no *vis-à-vis*, com o/a companheiro/a ao lado, com seus pares à frente ou atrás nos ônibus e em consulta constante ou confirmação dos dados apresentados em conversas em tom alto e sem necessidade de megafones atingem de ponta a ponta o corredor do ônibus. Para alguém que

está ali a coletar dados sobre a diversidade das regiões e das pessoas, o ônibus é um bom laboratório, um lugar onde os humanos carregados de informações e sedentos de vida, trocam experiências.

O movimento das pessoas no subir e descer nas cidades, nos povoados, está carregado de simbologia, de ideologia de concepções filosóficas e antropológicas que representam o movimento da vida daqueles lugares. Esse meio que transporta, também liga uma cidade a outra e, na sua lida diária, ajuda a construir na realidade prática, a diversidades das pessoas e dos lugares do interior do estado.

Nosso percurso foi premiado por fatos inusitados não observados em outras visitas que fizemos a essas cidades; tendo em vista que foram realizadas em carros pequenos de locadora e com paradas direcionadas aos momentos de refeições. Nas viagens anteriores, não vivenciamos a realidade objetiva das pessoas e das regiões. Fizemos várias viagens às quais foram apresentadas no capítulo III, quando tratamos dos encontros de História/EAD, mas o brilho das viagens ficou concentrado nos encontros.

Nessa viagem a Brumado, nos mantivemos atentos na diversidade do percurso, nas representações existentes nas cidades e nas pessoas do lugar. Ampliamos a audição e, com os sentidos mais apurados, fomos contemplados pela diversidade das relações e das práticas das cidades e dos lugares por onde passamos.

Nossa atenção nos fez perceber a força do movimento das vidas das pessoas daqueles lugares. Um movimento bem compreendido por Heráclito, no fazer e refazer, no construir e reconstruir novos valores, na permanência e na alternância dos valores antigos que se renovam e que se mostram diferentes conforme os conceitos morais e éticos do lugar. Para Heráclito, tudo recomeça partindo de onde parou. Na construção diária de novos paradigmas; nas dificuldades para resolver as antinomias do sertão; no subir e descer daquele veículo também comportam sinais antropológicos, geográficos e filosóficos.

Casos inusitados são vivenciados: Um pretense passageiro do lado de fora pede parada, e das primeiras escadas, próximo ao motorista, somos convocados a ouvir uma declaração de amor inesperada. O suposto passageiro, sem cerimônia, se dirige à amada e, de maneira enamorada, tenta convencê-la a não seguir viagem, ao tempo em que a amada aproveita a oportunidade, faz provocações carinhosas, pedindo que o outro faça juras de amor

como condição para o recomeço. Juras de amor são trocadas de maneira sub-reptícias e na frente de todos, ao modo deles, ao modo da região é selado o pacto e ela desce. Esse pode ser um sinal antropológico de uma relação de amor na caatinga. Não comportam sinais medievais, não tem castelo, não tem tranças e nem janelas ao longe para avistar os cavalos de Sancho e Pancho, o sonho dos romances se desfaz na realidade diária e um veículo motorizado se torna responsável pela realidade concreta e objetiva, que transporta as novidades desses lugarejos. O ônibus segue o destino traçado: chegar a Brumado, cidade que comporta uma relação simbólica com os investigadores e esta pesquisa, o que representa o sinal geográfico do lugar que buscamos nessa viagem. A relação do casal foi selada, ao descenderem. Os dois seguem para uma nova vida, pois conforme Heráclito (1991) ninguém vive a mesma história duas vezes, esse é um sinal filosófico. Essa é uma representação simbólica da força da diversidade do lugar (antropológico), com a representação do amor ao outro, da cultura e da vida das pessoas daquela região.

O veículo segue por ruas ora asfaltadas ora de terra, entra e sai em vielas das pequenas cidades. As bibocas servem de paradas de ônibus improvisadas como rodoviárias; as mercearias dos pequenos vilarejos comportam tabuletas fixadas da empresa de transporte. Comerciantes com talão fiscal na mão aguardam o ônibus que fazem ponto naquele estabelecimento. Acompanhamos as relações do motorista com os sertanejos do lugar, o cumprimentar de alguém que é conhecido por todos; a simpatia, o parar onde for preciso, o saltar e o subir representam o movimento heracliteano de ir e vir, refazendo as coisas através daquele ser movente que representa o novo, no seu fazer diário de ir e vir com as pessoas e suas diversidades, isso é antropológico.

A diversidade também é destacada nos víveres transportados de um lugar para outro, permitindo misturas de ambientes só explicados pela ecologia. Esse transportar de um lugar para outro também representa a abundância dos que vendem e a escassez das regiões e das pessoas que os adquirem para amenizar suas existências. Esses e outros fatores ilustraram nossa viagem e nos fizeram perceber uma diversidade não permitida em outra forma de traslado, quiçá mais confortável.

Aquela é a vida dos moradores da região, pedem paradas ao motorista à noite ou ao dia em lugares ermos, onde o deserto e o calor compõem as antinomias sertanejas que

contrastam com as inspirações que levam às produções do cinema novo de Glauber Rocha com filmes tipo: Deus e o Diabo na Terra do Sol, filmado em Monte Santo, descrevendo a vida do sertanejo, as contradições com os coronéis e a fuga para a religião como tendência teleológica, isso numa sanha parecida com a de Canudos que descrevemos no Encontro de Sertanias e Educação, que lá realizamos em 31/08/2012, descrito no capítulo III. Essas atitudes aparecem em momentos de aflição, nos quais os seres se agarram à religião como salvação para seus males. O desertão e as contradições vividas pelo povo do interior, aliados ao calor, mexem com o imaginário coletivo dos poetas, escritores e produtores do cinema nacional, mais não amenizam, nem reduzem as contradições seculares da vida do lugar.

O passageiro pede parada no meio da BR, naquele lugar inóspito que parece não existir mais ninguém, para além do sertanejo que desce carregado de tralhas adquiridas nos municípios e/ou nas feiras das cidades mais fortes da região.

Esta jornada serviu para ampliar a visão dos pesquisadores sobre as mesorregiões apresentadas no III capítulo. Permanecer atentos durante o percurso foi nosso objetivo, queríamos captar a diversidade, tínhamos sede de conhecer mais um “cadinho” de Bahia, na palavra do sertanejo, ampliar nosso entendimento sobre a Bahia, buscando a visão total, nunca atingida, mais procurada em seus meandros.

Chegamos a Brumado, usando também um aparelho celular, conforme o combinado e contatamos o coordenador sobre nossa chegada ao município. Elielson, CP, prontamente fez a gentileza de ir nos buscar e alojar no Hotel Alvorada. Percebemos no hotel que o preço de cinquenta reais era um bom investimento para nossos poucos recursos e para as boas instalações apresentadas com mezaninos e sofás, jogos de mesas antigas e uma varanda voltada para a rua principal. Na entrada ao polo, Elielson nos apresentava a estrutura do prédio com vários andares, auditório, inclusive com salas cedidas ao Instituto Federal da Bahia - IFBA.

Cumprimentamos a todos e nos dirigimos para a secretaria onde fizemos algumas cópias do material que repassamos aos candidatos do curso em nossa preleção. Reproduzimos a ficha que levamos aos polos com propósitos propedêuticos de provocar, *a priori*, uma imersão dos candidatos no contexto dos municípios.

Fotografia 1 – Alunos de Brumado



Fonte: Acervo do autor em 01/07/2015

Entregamos aos alunos uma consulta que construímos em formato de ficha com frente e verso. A fotografia da turma que nos esperava para nosso encontro no polo. Solicitamos informações aos candidatos de todos os exemplos a seguir através das etapas. Por ser a primeira viagem, nossas expectativas foram todas positivas, mas no dia seguinte refletimos sobre o resultado do encontro: Ao final de nossa explanação, fomos convidados a responder algumas perguntas sobre a UAB e o curso de História, a forma como fomos abordados e as questões levantadas permitiram nossas inferências sobre a quantidade de participantes, por isso, pensamos que só metade daquele grupo estaria interessado no curso, uma vez que estavam na sala alunos que já haviam concluído o curso de História e aguardavam convocação para a formatura; outros queriam soluções para questões atinentes a conclusões de disciplinas perdidas ao longo do curso.

Ao sairmos de Brumado para Santo Estêvão fazíamos perguntas se essas questões também iriam ser mote para a maioria ir ao próximo polo. Nosso retorno via Santo Estêvão estava repleto de incertezas. Quando fomos a Brumados tínhamos construído hipóteses que justificariam a aceitação do curso, tendo em vista a UNEB estar em greve; a certificação de 120 horas de um curso voltado para a disciplina História Contemporânea II, e que serviria

para agregar valor a carga horária necessária de AACC e o preenchimento do tempo ocioso que poderia ser ocupado com um curso com estrutura e ferramentas disponíveis iguais as do curso de História/EAD. Por esses motivos voltamos carregados com muitas dúvidas para Santo Estêvão, que seria o nosso próximo encontro.

02 - Município/Polo de Santo Estêvão - BA: O percurso de Brumado para Santo Estêvão já havia sido feito ao inverso, o que pode ser confirmado através da figura 6, a qual se refere a um mapa construído para ajudar a entender a dinâmica de nossa viagem e a geografia das regiões percorridas, mostrando os quatro pontos que esses polos ocupam numa lógica que nos obrigou a recortar a Bahia quase toda, cruzando por cinco, das sete regiões baianas, durante as visitas de implantação do curso CRBP conforme Mapa 02. Na tarde de 2 de julho, data da festa da independência da Bahia, chegamos a Santo Estêvão. No dia seguinte, estávamos no polo e aproveitamos para fazer uma foto conjunta como comprovação de nossa pesquisa naquele lugar.

Fotografia 2 - Alunos de Santo Estêvão – BA



Fonte: Acervo do autor em 03/07/2015

Chegamos ao posto de gasolina que fica na entrada da cidade no dia 02 de julho, feriado da independência da Bahia. A cidade se apresentava tranquila. Santo Estêvão é referência para muitas cidades, à sua volta há um movimento grande de pessoas que vêm dos povoados próximos e de cidades menores. No centro, uma imensidão de *Vans* de aluguel; taxis e motos fazem ponto e ficam aguardando passageiros para outras localidades, sem contar com a rodoviária localizada na entrada da cidade. Santo Estêvão é uma cidade forte para a região, pertence ao recôncavo. Muitas cidades à sua volta são pobres, excetuando Feira de Santana, que é a segunda maior da Bahia.

Ficamos hospedados no Hotel LM, localizado próximo ao centro e que mantém uma galeria com lojas de serviços anexos, ocupando um quarteirão completo, com uma galeria de lojas que dá acesso ao centro da cidade, onde todos os bancos têm suas agências; há a prefeitura e muitas casas comerciais. A cidade tem uma feira interessante, com uma seção de farinhas que deve dar inveja aos moradores de Nazaré, cidade próxima a Valença, todas pertencem ao recôncavo. Estivemos diversas vezes nessa cidade e não vimos uma feira como em Santo Estêvão. O que se percebe nela é que o burburinho dos transeuntes, vindos de vários povoados, faz daquele centro um lugar atípico, mostrando nos seres a diversidade humana do sertão.

No dia seguinte, um carro da prefeitura nos levou para fazermos cópias na secretaria de administração. Mais uma novidade: o secretário administrativo, Paulo Roberto Santos Brito, é ex-aluno do curso de História/EAD da UAB/UNEB de Santo Estêvão.

A DBR exige que os sujeitos aprendentes estejam imersos no contexto a ser pesquisado, o que torna mais fácil para se compreender os problemas e enfrentar as situações a serem solucionadas com legitimidade junto à comunidade, nesse curso de ensino-aprendizagem/EAD. (MATTA, 2014, p. 13).

O polo de Santo Estêvão divide o Colégio Estadual Edvaldo Boaventura. A metade do colégio tem sua entrada para rua principal, próximo ao batalhão da polícia militar. O outro lado é entrada do polo. Esse polo foi contemplado com um encontro de História/EAD conforme descrito no capítulo III. A partir das 14 horas os alunos foram chegando, uns vieram das redondezas, outros de Feira de Santana, enfrentando a BR 116; outro de Mata de São João, lugar onde trabalha. Trinta e cinco participantes representam dois cursos de

História/EAD das turmas de 2010 e 2011. Às 16 horas saímos rápido, para não perdermos o ônibus para Salvador às 16h40min.

No dia seguinte, fizemos um café da manhã coletivo com um grupo de tutores que iriam nos apoiar nesse trabalho. Cada um trouxe uma contribuição, e o debate sobre o ocorrido nos dois polos e a necessidade de ter apoio no *MOODLE* foi a tônica do *coffee break* naquele sábado, em que discutimos com a tutoria presente a necessidade de apoio para o projeto de pesquisa. Para a tutoria também estavam sendo oferecidas 120 horas com certificação emitida pelos municípios.

03 - Município/Polo De Bom Jesus Da Lapa – BA: A viagem para esse município não foi construída com os dados sobre a diversidade que captamos no primeiro percurso, porque fomos surpreendidos pelo cansaço das viagens anteriores, aliado a uma reunião no retorno de Santo Estêvão. O ônibus chegava a Paratinga quando passamos a questionar a diversidade local. Cidade próxima a Gameleira da Lapa onde foi filmado *Narradores de Javé*, filme de Eliane Caffé, que trata de uma pesquisa científica, e pretende empoderar a memória oral através da palavra dos sertanejos para resolver o problema daquela pequena cidade que iria submergir devido a ameaça a inundação da hidroelétrica. No filme, a pesquisa precisa provar a origem da história de Javé, mostrando sua importância para a Bahia. Esse é um filme que mostra o poder da palavra. Esse mesmo empoderamento da palavra que vamos usar para convencer os alunos a fazerem o curso. Chegamos ao final do dia na cidade e nos hospedamos próximo à rodoviária, para facilitar a saída de Bom Jesus da Lapa para Itamaraju no dia seguinte.

Estávamos transferindo nossa experiência de coordenação de tutoria para obter os melhores resultados na pesquisa. Mesmo não sendo otimista quanto à adesão, ainda assim, a segurança exigia que se preparasse para o melhor, ou seja, e se todos aceitassem a proposta? Passamos o domingo com a família e na segunda-feira 06/07/17 viajamos: Salvador/Bom Jesus da Lapa - BA. Como na partida anterior, a chuva nos levou até a rodoviária e logo estávamos na companhia do sol do sertão após o portal de Feira de Santana. Enquanto Salvador “derrete” com a chuva, o sol queima a pele do sertanejo. As águas ameaçam pela primeira vez, construções mais sofisticadas, diferente de outros anos; os Bairros do Itaigara e Pernambués, por conta dessas chuvas, têm prédios condenados.

Nossa rota para a Lapa se altera em Feira de Santana. O ônibus segue: Ipirá, Conceição do Almeida, Itaberaba, Lençóis, Seabra, Ibotirama, Paratinga, Gameleira da Lapa e Bom Jesus da Lapa. Chegamos às 19 horas e encontramos um hotel próximo à rodoviária para facilitar a viagem ao sul da Bahia. O polo situa-se em uma casa de dois pavimentos. Diferente de outras turmas de Histórias/EAD que estudam a noite, esse polo tem seus encontros presenciais no período da manhã. Os alunos da turma de 2011 são dedicados e apresentaram bastante interesse com a apresentação; inferimos uma participação dos alunos no curso de ensino-aprendizagem em torno dos 90%. O 8º. Encontro de História/EAD, por uma vivência Pluricultural, realizado em Bom Jesus da Lapa, descrito no capítulo III, gerou grande expectativa nos investigadores com relação a esse polo. Ao final de nossa apresentação, fomos recepcionados com um lanche promovido pela equipe do polo, tendo à frente a coordenadora Eliane Marques e a tutora presencial Gabriele.

Fotografia 3 - Alunos de Bom Jesus da Lapa-BA



Fonte: Acervo do autor em 07/07/2015

Para relatar o desenvolvimento dos alunos e para uma comunicação rápida entre os sujeitos aprendentes e os pesquisadores, será utilizado o *WhatsApp* que norteará as primeiras produções, seguidas pela elaboração de textos, vídeos e do *power point* que terá seu aporte no *MOODLE* e no *AVA*, ferramentas que vão dar a sustentação lógica dessa pesquisa.

04 – Município/Polo de Itamaraju – BA: Nossa viagem de Bom Jesus da Lapa para

Itamaraju foi uma Odisseia, uma vez que não havendo ônibus direto, tivemos que voltar por Brumado e fazer baldeação em Vitória da Conquista, e às 23 horas seguir para Itamaraju onde chegamos às 6 horas da manhã.

Fotografia 4 - Alunos de Itamaraju – BA



Fonte: Acervo do autor em 09/07/2015

Os atores estão ligados à estrutura UAB/UNEB de História/EAD. A escolha de sujeitos imersos no contexto, conforme descrito no capítulo IV, é uma exigência DBR. Por se tratar de uma pesquisa-ação, vinculada à abordagem metodologia DBR, exige a imersão dos atores parceiros nesse estágio da pesquisa.

7 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo é responsável pela descrição e discussão dos resultados desta pesquisa, conforme proposta que foi apresentada no capítulo anterior. Ao longo desta narrativa, avaliaremos a Categoria Independente - Base para a Diversidade e Polifonia (BDP-EAD) e a Categoria Dependente - Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia, o CRBP.

Essas categorias fazem parte do projeto piloto que será aplicado nos polos escolhidos, apresentando as etapas I, II e III, em um processo de registro e efetividade das ações dos sujeitos aprendentes dos polos participantes deste projeto. Nesse mesmo capítulo, avaliaremos a proposta que promoveu a realização do CRBP através do *WhatsApp* e seus efeitos na comunidade de sujeitos estudantes que foram alvo dessa aplicação.

Para que a avaliação do uso do aplicativo *WhatsApp*, para um curso de extensão em História, seja analisada com êxito, precisamos compreender como esse aplicativo foi considerado uma ferramenta possível de ser utilizada no curso CRBP, num processo de ensino-aprendizagem/EAD que, inicialmente, estava encetado para usar a plataforma *MOODLE*. Portanto, essa seria uma pesquisa *E-Learning* que migrou para uma investigação de ensino aprendizagem *M-Learning*, M-L.

7.1 *MODUS OPERANDI* - APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE PESQUISA NOS MUNICÍPIOS POLOS: UTILIZANDO O *MOBILE LEARNING*

Na aplicação dessa proposta, as condições objetivas se fazem presentes e se instalam através do processo operacional. Neste capítulo, analisaremos também o *modus operandi* dos sujeitos aprendentes na sua realidade prática quando da utilização das tecnologias digitais junto ao Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia CRBP.

Na contemporaneidade, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) têm sido elevadas ao “altar sagrado” das inovações tecnológicas mais importantes. Os sujeitos aprendentes usam cotidianamente as TDIC.

Essas tecnologias facilitam o processo de ensino-aprendizagem quando utilizadas nas plataformas multimídias que acompanham os aparelhos móveis. As facilidades apresentadas

no uso das tecnologias móveis e sua portabilidade contribuíram para a opção desses pesquisadores pelos “telefones inteligentes”, *smartphones*, para serem usados no processo de ensino-aprendizagem do CRBP, uma vez que o sistema *MOODLE* não deu o retorno esperado para esse momento da pesquisa.

A adequação ao uso de um bem cotidiano dos discentes, para o ensino/aprendizagem/EAD, tem grau de importância elevado devido: a) à familiaridade, b) à mobilidade/portabilidade, c) à conectividade e d) aos aspectos cognitivos. (FONSECA, 2013, p. 164). A esse conjunto de fatores positivos que estimulam e ajudam a optar pelo uso de aparelhos telefônicos inteligentes destacamos, abaixo, uma compreensão do autor (FONSECA, 2013, p.164).

- a) FAMILIARIDADE – O *smartphone* comporta uma tecnologia que permite a prática cotidiana dos sujeitos aprendentes e é de fácil aquisição;
- b) MOBILIDADE/PORTABILIDADE - Os aparelhos: *smartphones*, *tablets* e *Ipods*, permitem ser transportados junto ao corpo dos sujeitos aprendentes, em suas mochilas e bolsos, sendo utilizados no deslocamento de um lugar para outro. O uso dessas funções contribuem com a interação sujeitos, máquinas, *internet* e conteúdos, ao tempo que são beneficiados em seus cognitivos;
- c) ASPECTOS COGNITIVOS – Os aparelhos celulares inteligentes contribuem com a aquisição de conhecimento dos sujeitos aprendentes na interação que estabelecem com outros sujeitos e com as informações e serviços disponibilizados e bem apropriados da *internet*, nesse sentido as informações disponíveis no meio em que vivem são registradas e vivenciadas por esses sujeitos através de textos, som, imagens e vídeos produzidos pelos sujeitos e/ou apropriados pelos mesmos;
- d) CONECTIVIDADE - A *internet*, através do serviço de banda larga, potencializa todos os atributos e funções desses aparelhos móveis, podendo tornar os serviços disponíveis em qualquer lugar e em qualquer hora, desde que as empresas de comunicação apresentem eficácia em suas coberturas de bandas largas, permitindo uma boa comunicação.

Esses aparelhos de telefones celulares se utilizam de uma tecnologia atual que se espalha e está sendo adotada na maioria dos países do mundo de uma forma muito rápida. Por esse motivo, “a União Internacional de Telecomunicações considera que o celular é a tecnologia mais rapidamente adotada na história da humanidade” (CASTELLS, 2008 In: FONSECA, 2013).

Atualmente o Brasil tem mais telefones celulares que habitantes. Dados da Anatel indicam que o país terminou o mês de março de 2013, com 264,05 milhões de celulares. De acordo com a pesquisa realizada pela empresa de segurança digital F-secure, da Filândia, o Brasil ocupa a quinta posição no ranking em relação a números de celulares móveis e está em terceiro lugar no quesito acesso de criação a dispositivos móveis. (FONSECA, 2013, 167).

Segundo dados da Agência Nacional de Telefonia, “O Brasil registrou 280,02 milhões de linhas ativas na telefonia móvel em agosto de 2015” (ANATEL, 2015). Os números das aquisições de aparelhos celulares vêm crescendo, basta ver a citação de Fonseca (2013), constatando um aumento nas compras individuais de aparelhos celulares no país de 2013 para 2015. Esses pequenos aparelhos que cabem na palma da mão são um fetiche para as pessoas dos grandes e dos pequenos centros urbanos, evidenciando que não há mais tanta diferença na aquisição; a dificuldade ainda se encontra em algumas regiões que não contam com a cobertura da banda larga, principalmente as rurais.

A comunidade absorve essa tecnologia quase que de imediato, o que gera um aumento das comunicações e transmissão de dados com conexão e velocidade de acesso à *internet* a telefones celulares cada vez mais modernos, explorando de maneira crescente potencialidades na comunicação que permitem aprendizagem, inclusive formais, e ampliam as relações, compartilhando ideias e novas tecnologias (FONSECA, 2013).

Tendo em vista um conjunto de possibilidades para a aprendizagem. Permite trocar informações, compartilhar ideias, experiências, resolver dúvidas, acessar uma vasta gama de recursos e materiais didáticos, incluindo textos, imagens, áudio, vídeo, notícias, conteúdo de blog e jogos, tudo isso no exato momento em que faz necessário, devido à portabilidade. (FERREIRA et al., 2012, In: FONSECA, 2013, 168).

O *Mobile Learning* ou *M-Learning* tem nos *smartphones* o melhor caminho para que os sujeitos aprendentes compartilhem ideias e experiências sobre a diversidade existente nos municípios/polos, possibilitando trocas de experiências entre os participantes dos diversos grupos em seus municípios, no que concerne ao ensino-aprendizagem/EAD a partir da realidade local.

Antes de concebermos o *M-Learning* ou *M-L* para este projeto, desenvolvemos o escopo do *design* que nos possibilitou criar as ferramentas para uma proposta de ensino-aprendizagem, tendo como base o material didático do curso de História/EAD da UAB/UNEB.

Essa proposta epistemológica pedagógica, desenvolvida para o ensino-aprendizagem, permite compartilhar os textos básicos do curso de História/EAD, da disciplina escolhida junto aos sujeitos aprendentes no uso dos recursos de áudio, vídeo e de outros conteúdos acessados nas plataformas existentes na *internet* para os aparelhos celulares inteligentes com sistemas móveis, aparelhos que servem de base para desenvolvermos uma proposta M-L.

Para Mulbert e Pereira, citados por Fonseca, *Mobile Learning* é:

o conceito que representa a aprendizagem entregue ou suportada por meio de dispositivos de mão, tais como, PDA (Personal Digital Assistante), smartphones, Ipods, tablets e outros pequenos dispositivos. Esses autores relatam que o termo *mobile learning* aparece pela primeira vez em uma publicação científica no ano de 2001, (...), pautada nas vantagens de estudar em qualquer lugar e tempo. (MULBERT e PEREIRA, 2011 In: FONSECA, 2013, p. 169).

Assim, Fonseca (2013) mostra as vantagens de projetos de aprendizagem que podem ser estudados em qualquer lugar, conforme citação acima.

No mesmo caminho, a UNESCO (2013) desenvolveu projetos como estudo de casos: a *Nokia Life* (que orienta alunos do ensino médio a se desenvolverem em área específica e a orientar os pais a identificarem diversas doenças); b – **Projeto Alfabetização Móvel** da UNESCO (Essa entidade pesquisou formas de usos dos aparelhos celulares e aplicou a investigação em aldeias, onde as pessoas não tinham acesso a computadores, e a conexões de *internet* confiáveis por linha fixa, o estudo foi desenvolvido por meio de telefones celulares); c – *Ecomobile* (permite a alunos do ensino médio americano, quando em estudos feitos em ecossistemas, como, por exemplo, visitar uma lagoa; o uso de aparelhos móveis para explorar o ecossistema em volta da lagoa); d – **Projeto Gestão para melhoria da aprendizagem - GEMA**, com ajuda do Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF. (UNESCO, 2013).

Os projetos apresentados no parágrafo anterior serão destacados no Quadro 18 ao final desse item. A lição que aprendemos com o uso desses dispositivos é que se os utilizarmos como ferramentas, sob orientação e com objetivos pedagógicos, fornecendo aos sujeitos aprendentes plataformas que deem conta da realidade de cada grupo, as informações e os conteúdos chegam mais rápido aos sujeitos aprendentes. O *feedback*, através desse sistema, também chega mais rápido; isso possibilita que o ensino-aprendizagem seja utilizado na relação espaço-temporal nesse novo *modus operandi* educativo em: “(...) “anytime/anywhere (a qualquer hora, em qualquer lugar), para aprendizagem *in loco*, entre outras questões. “Instituições como a UNESCO, por exemplo, têm incentivado o uso de dispositivos comunicacionais móveis pela educação, com destaque para o telefone celular”. (FONSECA, 2013, p. 174).

O *M-L* quebra barreiras espaço-temporais que ainda existem na escola tradicional presencial. Essa forma de lidar com os conteúdos formais permite que os sujeitos aprendentes possam ir além de uma programação formal, trazendo para o coletivo de sujeitos as informações adquiridas de maneira híbrida (tratando informações formais com as adquiridas no dia a dia junto à experiência e às estruturas sociais da *internet*), em *anytime/anywhere*.

Essa nova forma de conceber o conhecimento através da colaboração e do compartilhamento provoca nos sujeitos uma interação com as tecnologias e o seu *locus* pela quebra das barreiras do espaço e do tempo (FONSECA, 2013).

O texto em tela chama atenção para evitarmos a visão tecnocêntrica da tecnologia, demonstrando que o aparelho celular não é um fim em si mesmo. Sendo assim, não representa uma panaceia pedagógica. Por esse motivo, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO propõe questões mais gerais para trabalhar com aparelhos móveis no ensino-aprendizagem (FONSECA, 2013).

A coordenadora da UNESCO no Brasil, Rebeca Otero, afirma que aqui os professores têm certa resistência em incorporar novas tecnologias. Essa é uma resistência que conta com o apoio das escolas de todos os níveis, pois em grande número delas há nos quadros das salas de aula do Brasil: é proibido usar celulares (UNESCO, 2013).

O documento produzido pela UNESCO (2013) destaca que na sua maioria os estudantes de todos os níveis estão conectados à *internet* através de seus *smartphones* com

aplicativos ligados a tecnologias móveis. Outros aplicativos deverão aparecer, o importante é que comportem uma interatividade homem e máquina de tal forma que seja amigável como é hoje o *WhatsApp*, permitindo que o usuário não tenha que se preocupar com questões técnicas. O aporte teórico que conceitua o ensino aprendizagem móvel, ou seja, *M-Learning*, para UNESCO é:

A aprendizagem móvel envolve o uso de tecnologias móveis, isoladamente ou em combinação com outras tecnologias de informação e comunicação (TIC), a fim de permitir a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. A aprendizagem pode ocorrer de várias formas: as pessoas podem usar aparelhos móveis para acessar recursos educacionais, conectar-se a outras pessoas ou criar conteúdos, dentro ou fora da sala de aula. A aprendizagem móvel também abrange esforços em apoio a metas educacionais amplas, como a administração eficaz de sistemas escolares e a melhor comunicação entre escolas e famílias. (UNESCO, 2013, p. 8).

As “Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel” (UNESCO, 2013) apresentam dez recomendações aos governos quanto ao uso dos aparelhos móveis na educação *M-L* e treze sugestões como benefícios particulares da aprendizagem móvel. Nesse contexto, vamos estudar mais de perto as treze recomendações da UNESCO (2013), tendo como premissa o olhar pedagógico para a pesquisa que estamos desenvolvendo.

- 1 - Espraiar a área de alcance e a equidade em educação;
- 2 - Melhorar a educação em áreas de conflito ou em áreas que sofreram desastres naturais;
- 3 - Criar condições especiais de ensino-aprendizagem para discentes com deficiência;
- 4 - Otimizar o tempo de ensino-aprendizagem na sala de aula;
- 5 - Criar condições de ensino-aprendizagem *anytime* e *anywhere*;
- 6 - Ajudar as comunidades de ensino-aprendizado a construir grupos de estudo e a participar de outras comunidades de aprendizado;
- 7 - Estruturar e apoiar o ensino-aprendizagem fora do espaço formal;
- 8 - Estabelecer canal que permita uma retroalimentação entre o ensino formal e o informal;
- 9 - Fornecer, após avaliações, os *feedback* dos processos de ensino-aprendizagem;
- 10 - Simplificar o ensino-aprendizagem personalizado;
- 11 - Ampliar a comunicação e estimular a colaboração entre sujeitos e grupos com ajuda mútua;
- 12 - Contribuir para ampliar a relação entre os sujeitos aprendentes e

melhorar a relação custo benefício da educação;
13 - Intensificar o ensino-aprendizagem e promover a logística que permita continuidade.

Após leitura acurada sobre os treze pontos do guia, vamos focar, para esta pesquisa, nas diretrizes que foram elencadas pela UNESCO para a aprendizagem móvel e, em especial, nos pontos em que os sujeitos aprendentes podem aproveitar esse conhecimento para compreender melhor sobre a diversidade dos municípios/polos pesquisados diretamente por eles. Baseados nestes pressupostos, os pesquisadores selecionaram para esta pesquisa, como mais importantes, para este momento, os itens abaixo:

04 - Otimizar o tempo de ensino-aprendizagem na sala de aula. “Um modelo de sucesso na América do Norte vira as salas de cabeça para baixo” (UNESCO, 2013, p.18). Nele, os sujeitos aprendentes se utilizam dos aparelhos móveis para assistirem em casa, na rua, e até mesmo debaixo de uma árvore, o que é considerado por aula expositiva, deixando para que a sala de aula seja ponto de discussão e avaliação dos aspectos sociais da aprendizagem.

05 - Criar condições de ensino-aprendizagem *anytime* e *anywhere*. “Os aparelhos móveis também tem um histórico de fortalecer a retenção de informações essenciais.” (UNESCO, 2013, p.16). Lugares em que antes não seria possível de imaginar (ônibus, trens, jardins, praças públicas, pizzarias) que estavam reservados a outras atividades, com a posse de aparelhos móveis de telefonia celular, agregados a serviços de *internet* pode-se aprender em qualquer hora e lugar.

06 - Ajudar as comunidades de ensino-aprendizado a construir grupos de estudo e a participar de outras comunidades de aprendizado. “Sistemas massivos de cursos abertos *online*, (...) experimentaram vários métodos para estimular a comunicação produtiva entre alunos que cursam as mesmas disciplinas” (UNESCO, 2013, p.19).

Nesta pesquisa de ensino-aprendizagem/EAD, nossa proposta tem por base uma disciplina para aproximar a investigação do curso de História. Os diversos sujeitos aprendentes dos diversos municípios trocaram informações tendo como base o mesmo curso e a mesma disciplina.

07 - Estruturar e apoiar o ensino-aprendizagem fora do espaço formal. “Na América

do Norte e na Europa, vários projetos empregaram aparelhos móveis para ‘ampliar’ a realidade”. (UNESCO, 2013, p.20).

Nossa investigação transfere parte da produção para que seja executada na realidade dos sujeitos aprendentes. Nesse caso, eles ampliam sua perspectiva com a realidade no seu próprio mundo.

08 - Estabelecer canal que permita uma retroalimentação entre o ensino formal e o informal. “(...) as tecnologias móveis ajudam a assegurar que as aprendizagens, dentro e fora da sala de aula, apoiem-se mutuamente” (UNESCO, 2013, p.23).

Nossa proposta de ensino-aprendizagem permite que os sujeitos aprendentes obtenham seus textos a partir das disciplinas que são alocadas no ambiente virtual de aprendizagem, produzindo, a partir da realidade prática e dos grupos criados nos aparelhos telefônicos móveis, as tarefas pertinentes à realidade prática. Nesse sentido, existe um apoio mútuo.

O uso de aparelhos móveis de telefones celulares inteligentes para projetos de educação tem como ponto principal o estranhamento com o novo. As novas tecnologias estão sempre quebrando tabus e estabelecendo novos paradigmas. Quando uma pesquisa se propõe produzir uma nova proposta de ensino-aprendizagem na qual a participação, a colaboração e o aprendizado coletivo são a questão principal, indiscutivelmente se defronta com o uso de novas linguagens e o uso de novas ferramentas.

Esses aparelhos celulares comportam aplicativos que têm quatro principais fatores que facilitam o processo de ensino-aprendizagem *M-Learning*, são elas: acessibilidade, interoperabilidade, durabilidade e ubiquidade.

Ubiquidade: os sujeitos aprendentes utilizam a característica principal dos aparelhos e aplicativos *Mobile Learning*. Essa capacidade os torna especiais, relevantes, com boa acessibilidade, com interoperabilidade e durabilidade (FABRE In: TAROUCO, 2013, p.3);

Acessibilidade: os sujeitos aprendentes podem se utilizar de possibilidades de acessar recursos educacionais em locais remotos e usá-los em muitos outros lugares (FABRE In: TAROUCO, 2013, p.3);

Interoperabilidade: os sujeitos aprendentes podem utilizar componentes desenvolvidos em um local com algum conjunto de ferramentas, ou plataforma; em outros

locais, com outras ferramentas e plataformas; (FABRE In: TAROUCO, 2013, p.3);

Durabilidade: os sujeitos aprendentes podem continuar usando esses recursos educacionais quando a base troca, quando a base muda sem programação ou reconfiguração antecipada (FABRE In: TAROUCO, 2013, p.3).

[...] como qualquer recurso, suplementar ao processo de aprendizagem, que pode ser reusado para apoiar a aprendizagem. Objeto educacional (Learning object) geralmente aplicar-se a materiais educacionais projetados e construídos em pequenos conjuntos com vista a maximizar as situações de aprendizagem onde o recurso pode ser utilizado [...] ideias básicas e a de que os objetos sejam como blocos com os quais será construído o contexto de aprendizagem. [...] (FABRE In: TAROUCO, 2013, p.3)

O que Fabre deixa entrever na citação acima é que os aparelhos são intermediários no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos aprendentes, portanto servem como apoio no processo de aprendizagem. Esclarece também que cada ferramenta, usada ou reusada nesse processo, serve de base para a construção de um ensino-aprendizagem que se utilize do *M-Learning*. (FABRE in: TAROUCO, 2013, p.3).

O *M-Learning* apresenta vantagens em relação ao *E-Learning*, uma vez que esse último não possui a tríade: Acessibilidade, interoperabilidade e durabilidade.

Nessa perspectiva, os pesquisadores haviam programado desenvolver as atividades no *MOODLE* e o resultado não seria o mesmo, uma vez que se tratou de um curso intenso, por outro meio nem teria sido desenvolvido. Os sujeitos aprendentes teriam aguardado um momento apropriado, após o trabalho; os mais rígidos poderiam até ter produzido algumas respostas no horário do almoço, mas a maioria iria esperar momentos oportunos para acessar a base educacional, o que deixaria de ser *M-Learning*, permanecendo na modalidade EAD que conhecemos *E-Learning*, o que o não seria efetivo para nossa proposta, visto que essa exigia rapidez e retorno às atividades antes que a greve da UNEB fosse suspensa, pois os sujeitos aprendentes não iriam dar conta de dois projetos de estudo com exigências díspares. Nosso CRBP foi encerrado próximo ao retorno dos professores da UNEB, não provocando nenhum desconforto aos aprendentes. Por isso, nossa opção passou a ser a de trabalhar em cursos rápidos e mais longos, com outra estrutura, mas com *M-Learning*, que tem o *smartphone* como base.

Os *smartphones*, neste estudo, representam a ferramenta fundamental para fazer chegar aos sujeitos aprendentes um novo *modus operandi* de se pensar e se fazer educação. Esse novo modo de adquirir conhecimento de maneira partilhada e colaborativa, através de aparelhos móveis e inteligentes, permite que a aprendizagem seja *anytime* e *anywhere*.

Para que esse ensino-aprendizagem possa acontecer de maneira partilhada, se faz necessário criar diversos grupos em locais diferentes, para que a troca de informação e o crescimento aconteçam voltados ao coletivo. A UNESCO (2013) desenvolveu atividades ligadas à educação com *smartphones* e com a contribuição de vinte países. Para ratificar esse trabalho, a UNESCO (2013) apresentou um documento que aconselha o uso dos aparelhos *smartphones* para a educação. Para melhor compreensão do que estamos tratando, apresentaremos, no Quadro 18, alguns estudos de caso já relatados em parágrafos anteriores desse mesmo capítulo.

QUADRO 18 - ESTUDO DE CASO

ESTUDO DE CASO				
Nº	PROJETO	BENEFÍCIO	POPULAÇÃO	PAÍS/REGIÃO
01	<i>Nokia Life</i> (p. 12)	Usuários escolheream as áreas: educação, saúde, agricultura e empreendedorismo.	90 milhões de pessoas e 18 idiomas.	Índia, China, Indonésia, Nigéria.
02	Alfabetização Móvel (p.17)	A UNESCO está projetando alcançar 2,5 milhões de pessoas.	250 meninas.	América do Norte.
03	<i>EcoMOBILE</i> (p. 21)	Permite que discentes do ensino médio aprendam mais sobre temas afins, incluindo problemas de vida.	População não informada.	América do Norte.
04	Projeto GEMA (p. 27)	Gestão para melhoria do aprendizado – UNICEF.	População não informada.	Gestão em muitos países.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados obtidos do documento da UNESCO (2013), em 01/09/15.

Esses estudos de caso apresentados demonstram que é possível desenvolver um projeto de ensino-aprendizagem utilizando a tecnologia móvel e, a partir dela, desenvolver um curso eficaz. O uso do aparelho móvel, na palma da mão, permitiu certificar seus participantes, registrar e comprovar sua eficiência. A partir desse contexto, desenvolvemos o Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia e apresentamos os pontos para análise e registro.

7.2 CURSO DE REGIONALIDADE BAIANA E POLIFONIA (CRBP)

Conforme explicamos a partir do estudo de caso no Quadro 18, com relação à primeira fase, da primeira etapa, precisamos verificar se a diversidade dos participantes aparece quando descrevem seus contextos na perspectiva da construção contextual.

Essa etapa poder-se-ia chamar de etapa de aprovação da proposta de ensino-aprendizagem/EAD. O conjunto total da primeira etapa da proposta de ensino-aprendizagem/EAD corresponde à aprovação da comunidade, através dos participantes, ao aderir ao projeto executando as etapas proposta nos polos de Brumado, Bom Jesus da Lapa, Itamaraju e Santo Estêvão. É nessa etapa que os investigadores vão expor o projeto para atrair o maior número possível de candidatos ao curso.

Os pesquisadores submeterão os candidatos a uma produção de cunho propedêutico, aplicando essa proposta nos quatro polos. Essa etapa é constituída de sete fases. Consideramos a primeira fase como a mais importante do projeto de ensino-aprendizagem/EAD, pois se trata da apresentação da proposta e convencimento dos candidatos.

Apresentamos o CRBP, que foi desenvolvido para esta pesquisa e que comporta duas categorias que serão apreciadas durante o curso. A categoria independente, que foi formatada a partir da pesquisa (BDP-EAD), e a dependente (CRBP), sendo essa última apreciada em todas as suas etapas; foi verificada ao final de cada etapa e suas fases se a diversidade solicitada foi registrada.

Nessa primeira etapa, nossa proposta migra da condição de projeto piloto e passa a condição de curso: História/EAD – Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia. Todos os passos do curso serão percorridos a partir da primeira etapa que se inicia no Quadro 19.

QUADRO 19 - ETAPA 01 - FASE 01 - ANÁLISE E REGISTRO - RESULTADOS DO CRBP

ETAPA - 01	FASE 01 - ANÁLISE E REGISTRO - RESULTADOS DO CRBP
Categoria Independente: Princípios de <i>Design</i> e Desenvolvimento da Proposta Pedagógica	
Categoria Dependente: Procedimento Pedagógico EAD para o Ensino-Aprendizagem de História	
1ª – ETAPA	Apresentação da proposta desse projeto (pelos PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE) e primeiros passos;
1ª – Fase	- ESTUDANTE: preenche ficha com dados pessoais e de redes sociais; O registro da variedade de localidades presentes será o indício de efetividade da etapa Vamos acompanhar a diversidade presente nesses registros.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

Nesse sentido, a primeira etapa quer verificar a diversidade dos participantes e sua efetividade nas suas respectivas regiões.

QUADRO 20 - MUNICÍPIOS/POLOS – SEDE E CERCANIAS

MUNICÍPIOS/POLOS - SEDE E CERCANIAS			
MUNICÍPIOS	SEDE	POVOADOS	TOTAL
BRUMADO	29	05	33
SANTO ESTÊVÃO	19	09	28
BOM JESUS LAPA	26	00	26
ITAMARAJU	37	01	38

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

Sobre o registro de diversidade: em Brumado houve, porém em número muito pequeno de municípios. Para um total de trinta e três participantes, encontramos apenas quatro localidades distintas da sede (Lagoa Real, Maetinga, Contendas do Sincorá e Livramento de Nossa Senhora do Brumado), portanto quatro participantes são uma representatividade muito pequena. Em Santo Estêvão, a diversidade aparece, em um número mais representativo; para o total de vinte e oito participantes, encontramos nove para duas localidades diferentes da sede (08 discentes de Feira de Santana e 01 de Itapecaeta), portanto nove participantes é uma representatividade considerável para o número total citado. Em Bom Jesus da Lapa, essa diversidade não aparece nos registros, pois não representa o total dos alunos que tem suas

residências fora do município/polo. Consideramos esse retorno como não válido, uma vez que apenas no povoado de Gameleira, próximo ao polo, reside um número considerável de alunos que vem de ônibus da prefeitura.

O Encontro de História/EAD sobre a diversidade que fizemos em Bom Jesus da Lapa, conforme relatório (vide Apêndice D) ratifica o que acabamos de afirmar. Em Itamaraju, a diversidade não aparece, mas pode ser encontrada nos registros dos estudantes. O número total de trinta e oito participantes. Temos conhecimento empírico, através dos contatos anteriores, de viagem a esse polo e em conversa com os alunos, das dificuldades enfrentadas por alunos não residentes no município para chegarem ao polo, principalmente nos dias chuvosos.

QUADRO 21 - FASE 02 - ANÁLISE E REGISTRO - RESULTADOS DO CRBP

ETAPA - 01	FASE 02 - ANÁLISE E REGISTRO - RESULTADOS DO CRBP
2ª – Fase	- ESTUDANTE: produz texto sobre diversidade nos municípios (20 linhas no mínimo); Vamos registrar suas relações e grupos nas cidades e nas redes de sistema.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

Para a produção dos textos, entregamos aos candidatos um formulário com uma ficha que denominamos de provocação propedêutica, na qual é possível registrar o sistema de rede dos participantes. Estar inserido em um sistema de rede, qualquer que seja, é a prova da efetividade da existência dos seres e seus grupos. A ficha nominada de provocação propedêutica foi entregue aos participantes para serem preenchidas antes que eles tomassem conhecimento da proposta de pesquisa e do CRBP, o que foi feito para não influenciar as respostas. Foi solicitado que colocassem seus dados pessoais, bem como, telefones, localidades e o grupo ao qual pertencem. Entendemos inicialmente por grupos: entidades religiosas, partidos políticos, lideranças de bairros, grupos do *yahoo*, *gmail*, *facebook* e *WhatsApp*.

QUADRO 22 - SISTEMA DE REDE COMUNIDADE DOS POLOS/MUNICÍPIOS

SISTEMA DE REDE – COMUNIDADE DOS POLOS/MUNICÍPIOS					
MUNICÍPIO/POLO	WHATSAPP	FACEBOOK	HOTMAIL	GMAIL	OUTROS
BRUMADO	28	15	4	1	1
SANTO ESTÊVÃO	26	14	11	14	29
BOM JESUS DA LAPA	26	0	21	01	04
ITAMARAJU	29	0	32	04	02

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

O primeiro resultado do Quadro 22 (*WhatsApp, facebook, hotmail e gmail*) demonstrou que a preocupação dos pesquisadores estava correta, evitando discorrer sobre o CRBP. Os resultados demonstraram, a partir da ficha de provocação propedêutica, que os sujeitos participantes já trabalhavam com o *WhatsApp* como melhor alternativa para comunicação. Ficou evidenciado que esse aplicativo via *internet* é o mais utilizado pelos participantes dos quatro polos.

No polo de Brumado, vinte e oito dos trinta e três alunos responderam que são participantes do *WhatsApp*. Em Santo Estêvão, vinte e seis dos vinte e oito responderam positivamente ao uso do aplicativo. Em Bom Jesus da Lapa, todos os vinte e seis presentes e, em Itamaraju, vinte e seis dos trinta e oito alunos. Portanto, os alunos de todos os polos apresentaram uma boa adesão ao uso de grupo no *WhatsApp*, apresentando menor parcela de outros serviços de comunicação, o que atesta sua popularidade.

Para os pesquisadores, ficou evidenciado, através dessa amostra, que a maioria dos discentes se utilizam da *internet* para acessar a rede de comunicação, tendo o aplicativo *WhatsApp* apresentado-se como o principal veículo. Nesse sentido, atestamos através do Quadro 22, que o *WhatsApp* é o mais lembrado pelos discentes. Sendo assim, consideramos esses sujeitos participantes como pessoas conectadas ao mundo digital. Os argumentos apresentados acima ratificam que a resposta dos sujeitos aprendentes é positiva quanto à efetividade solicitada pela questão. Os pesquisadores, ao formularem essa questão, se inspiraram em Manuel Castells.

No Capítulo II, adotamos Castells como aporte teórico para a Educação a Distância (EAD). Castells sacraliza a *Internet* como a *Ágora* contemporânea. Para ele, esse é o “lugar da criação de um novo espaço urbano, um espaço de mobilidade ilimitada, um espaço feito de fluxo de informação e comunicação, gerido em última instância a partir da *Internet*” (CASTELLS, 2002, p. 439).

Para Castells (2002), a *internet* é o novo *locus* de criação de uma nova urbe social, Castells sacraliza esse espaço como *locus* de mobilidade, de fluxo e refluxo, que demanda uma corrente transformadora e que potencializa os sujeitos aprendentes no uso das infovias. Castells (2002) nos autoriza inferir que se ele fizesse uma pesquisa a respeito da estrutura e do uso da *internet* pelos alunos do curso de História/EAD no interior da Bahia, procurando o sistema de rede aos quais pertencem, talvez fizesse a mesma pergunta da ficha de provocação propedêutica; portanto, em termos de dados, chegaria à mesma conclusão.

O Quadro 23 vai nos situar quanto ao entendimento dos sujeitos participantes desse encontro, uma vez que o contexto já foi construído pelos investigadores no Capítulo II. Nesse item, pretendemos levantar dados que nos permitam ver como esses sujeitos percebem suas regiões e municípios em termos da diversidade patrimonial e dos bens materiais e imateriais.

QUADRO 23 - FASE 03 - ANÁLISE E REGISTRO - RESULTADOS DO CRBP

ETAPA - 01	FASE 03 - ANÁLISE E REGISTRO - RESULTADOS DO CRBP
3ª – Fase	- PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE: apresentam proposta de pesquisa desse projeto local (registro de monumentos - Patrimônio - elementos tangíveis e intangíveis - evidência de efetividade). Vamos verificar se associaram monumentos com o material do professor (se desenvolveram o pensar histórico).

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa 10/09/15

Consideram-se monumentos para essa pesquisa: construções ou representações artísticas, estruturas construídas por motivos simbólicos e estruturas para comemorar determinado feito, que não se utilizam de ordem funcional.

Como patrimônio material ou imaterial, entendemos que são os bens que devem ser considerados de interesse social, também podem ser simbólicos tendo funcionalidade ou não. Essa é uma perspectiva dos pesquisadores nesta investigação quando do entendimento do que

possa ajudar a compor a diversidade das regiões representadas pelos municípios/polos da pesquisa.

QUADRO 24 - MONUMENTOS E PATRIMÔNIOS MATERIAIS E IMATERIAIS

MONUMENTOS E PATRIMÔNIOS MATERIAIS E IMATERIAIS					
MUNICÍPIO/POLO	IGREJAS	CASARÕES	FESTAS	PESSOAS	FILMES
BRUMADO	01	03	03	03	0
SANTO ESTEVÃO	01	03	02	03	0
BOM JESUS DA LAPA	01	02	05	02	02
ITAMARAJU	0	02	02	02	0

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

Quanto à quantidade de informações gerada pelos documentos produzidos pelos alunos, denominada de provocação propedêutica, obtivemos como devolutiva uma quantidade muito grande de informações, não cabendo uma tabulação precisa, por isso vamos reduzir essa lacuna fazendo uma demonstração rápida dos principais elementos elencados por grupo de respostas por polo.

A ficha provocação propedêutica retornou muito encorpada de dados, o que torna rica qualquer pesquisa sobre a diversidade dos municípios/polos nos quais ela foi preenchida. É preciso destacar que a questão temporal não nos permite uma verticalização neste estudo. Sendo assim, destacaremos os elementos que consideramos suficientes para esta pesquisa.

01 - Brumado: dez participantes sinalizaram que deveriam estudar a empresa Magnesita; cinco, a história social; e três, a Igreja Matriz no século XVIII. Conforme capítulo III, sobre contexto, verifica-se que as igrejas foram um marco para a fundação da maioria das cidades do interior da Bahia.

Foram apontados como patrimônios, e/ou pontos a serem estudados, a Casa Grande, Casarões e fazendas de Condado, cultura folclórica e comidas, sertão e vaquejadas, histórias de vida do Padre Ladislau, do Monsenhor Fagnes e de Plínio, fundador de Brava, além das histórias do Rio do Antônio e da Lagoa Real; em Brumado, especificamente (Sociedade de Patrimônio de Brumado, estudo sobre a escravidão, sobre as minas, patrimônio e arquitetura), festas de São João e São Pedro e condado do Monsenhor.

02 - Santo Estêvão: treze participantes sinalizaram que se deveria estudar o Rio Salgado; um, a luta de vitalização do Rio Salgado; um, a Lagoa do Rio Plínio Monte; quatro, a origem de Santo Estêvão; seis, a Igreja Matriz e sua arquitetura, a religião, os monumentos arquitetônicos, a feira de Feira de Santana, a Fazenda Olhos D'água, polos voltados para o comércio, Casarão Froes, Casa da Misericórdia, Palácio do Menor, a feira livre, origem no gado, camdomblé de Feira, Centro Industrial Subae, festas dos reis no distrito de Tiquaruçu, Micareta, carnaval fora de época, cidade do entroncamento, nacional e internacional. Nome da cidade de Santo Estêvão e o primeiro povoado; dois alunos sugeriram estudar o prédio da prefeitura, Rio Paraguaçu, feiras livres e associação de verdureiros ambulantes composta por maioria afro-descendente, miradouro ao redor da sede; mercado de arte e cultura, festa do milho, e artes usadas na época da escravidão; sete alunos sugeriram estudar a comunidade Congas Quilombolas, Rio das Rãs, fazendas dos municípios e pontos turísticos, casarões antigos, Fazenda mucambos; dois deles sugeriram estudar a Quixabeira, os grupos de rodas de samba, as comunidades católica e protestante, a história Itapecaeta (Capoeira, Indígena da região), a ditadura militar, contexto sociopolítico dos anos 60 e 70, bancada de cimento das lavadeiras na década de 40 e mulheres rendeiras; dois sugeriram estudar sobre Maria Quitéria.

03 - Bom Jesus da Lapa: Sítio do Mato (Chegada dos americanos na Cidade), Gameleira (dois estudantes: Filme: Narradores de Javé), Santo Antônio (Igreja Matriz), Sítio do Mato (município mais pobre do país, conforme "IBGE", Igreja presbiteriana Unida), os casarões antigos, o Mercado Municipal, a Sociedade Filarmônica 13 de junho, o Camdomblé, São Gonçalo (A Roda de S. Gonçalo), os primeiros habitantes, os atos religiosos, as devoções aos Santos, comidas, formação das filarmônicas, religiões afro, vestígios indígenas, Festas do Divino Espírito Santo (cento e dois anos); 7 de Setembro, Festa de Santo, Junina, o São João, o Carnaval, Reizadas Comunidade de Gameleira da Lapa, festejos de São Gonçalo do Amarante, dos Santos Padroeiros, Padroeira N. S. do Rosário, Gameleira e Sítio do Mato; festas religiosas, Marujada, Candeeiro, da Lapinha, da Alvorada, Santo Antônio, as quadrilhas, as fogueiras, Bloco Carnavalesco, Devoção aos Santos, Projeto dia do Saber, Padroeira de Santa Virgem da Vitória, da Gruta de Bom Jesus (300 anos) – A trajetória das lutas da comunidade quilombolas de Rio das Rãs e da comunidade negra, a comunidade indígena, descobertas arqueológicas de vestígios cerâmicos e ossos de habitantes,

provavelmente há 1200 anos, O Rio São Francisco, História do monge de Bom Jesus da Lapa, cultura e religião de Gameleira, a conjuntura historiográfica da região oeste baiana, manifestações culturais, sociais e econômicas.

04 - Itamaraju: Perspectiva de contextos - (15) Monumento Pedra do Monte Pesçoço (05), origem do nome Princesinha do Extremo Sul, (4) Lavoura cafeeira, (4) Rio Jucuruçu, História de Moisés Almeida, que deu o nome a Itamaraju, época do escondido, Parque Nacional, (2) aldeias indígenas, (2) indígenas, manifestações culturais indígenas, cultura indígena, escolas indígenas, desenvolvimento comercial, catadores de café, elementos naturais, extração de madeira, (03) maior produtora pecuária da Bahia, produção de cacau, Rio Jacuípe, religião católica, manifestações culturais e religiosas, festas da padroeira, união das culturas: (francesa, suíça, africana e indígena), Padroeira da cidade, (4) Igreja Matriz Católica São Cosme e Damião, solo fértil, (2) agricultura, pecuária, primeiros habitantes, emancipação política, baleia Jubarte, (3) Mata Atlântica, coronéis do Cacau, remédios de plantas e cultura para idosos, movimentos sociais e religiosos, (2) MST, Rua 05 de outubro, escravos e portugueses, construções históricas senzalas, óleo de Baleia, (3) quilombos, ocupação e fundação da cidade, festas juninas, missionários, Igreja Presbiteriana, Maçonaria, exploração da madeira, povoado do esconderijo, diversidade cultural.

A pergunta inicial é se a diversidade aparece nos registros dos polos pesquisados. A coleta dos dados que acabamos de fazer a partir do Quadro 24 corresponde às respostas dos cento e vinte e um participantes que preencheram a ficha de provocação propedêutica. Os dados colhidos servem para complementar as informações sobre o contexto dos municípios/polos, a partir dos sujeitos neles imersos. Os dados de contexto produzidos pelos pesquisadores precisavam ser complementados por informações de colaboradores, imersos conforme orientação DBR. Sem dúvida, o contexto se faz presente no capítulo III, no qual tratamos das mesorregiões, e no item 3.3 procuramos identificar a origem dos habitantes dessas regiões, informando a perspectiva dos pesquisadores.

Mesmo já tendo construído perspectiva: Brumado, vinte e oito participantes apresentaram proposta de estudo para a empresa Magnesita; Santo Estêvão, vinte e seis participantes apresentaram proposta de estudo para o Rio Salgado; Bom Jesus da Lapa, trinta e oito participantes apresentaram proposta de estudo para as festas, e dois deles destacaram o

filme *Narradores de Javé*, que foi gravado em Gameleira da Lapa; Em Itamaraju, vinte e nove participantes apresentaram proposta de estudo voltada para os monumentos do descobrimento do Brasil e do Monte Pescoço, existentes no município.

A pergunta inicial foi se a diversidade aparece nos registros dos polos pesquisados. Os cento e vinte e um participantes que preencheram a ficha provocação propedêutica nos permitem afirmar que o resultado é positivo. Em Brumado, vinte e oito participantes citaram a empresa Magnesita como o símbolo mais importante a ser estudado. Santo Estêvão apresentou vinte e seis participantes destacando o Rio Salgado como ponto fundador da cidade. Bom Jesus da Lapa, trinta e oito participantes deram atenção à quantidade de festas e ao filme *Narradores de Javé*. O que pode ser avaliado, na ótica de Bakhtin, é que as representações através da fala dos moradores defendendo Javé da cheia da hidrelétrica; as cidades e povoados apresentados pelos discentes, quando relatam as festas e demais pontos a serem estudados, corroboram com esses investigadores quando afirmaram que todos os participantes do encontro não eram de Bom Jesus da Lapa. Em Itamaraju, vinte e nove participantes prenderam suas atenções aos monumentos do descobrimento do Brasil e no Monte Pescoço, força da história daquele lugar, conforme relatório do XI encontro de História/EAD, que foi produzido por colaboradores desta pesquisa, dando conta da riqueza da diversidade do lugar e que consta no Apêndice E, ao final do texto.

A participação dos discentes dos polos é muito importante porque colabora com a construção do contexto para essa pesquisa, trazendo um prisma diferenciado e de um número significativo de pessoas. O conjunto de palestras proferidas nos polos teve a participação de cento e vinte e um discentes.

Na concepção de Matta (2006), a grande gama de elementos apresentados sobre a relação dos sujeitos participantes com seus municípios, ao apresentar os monumentos e patrimônios materiais e imateriais, é demonstração cabal que os sujeitos aprendentes foram sensibilizados através do sistema cognitivo, provocado por recursos de habilidades cognitivas, promovendo o levantamento individual de maneira subjetiva quanto ao problema do Pensar Histórico em questão.

Nossa proposta de ensino-aprendizagem permite que os sujeitos aprendentes obtenham seus textos a partir das disciplinas que são alocadas no ambiente virtual de

aprendizagem e produzam, a partir da realidade prática e dos grupos criados nos aparelhos telefônicos móveis, as tarefas pertinentes à realidade prática; nesse sentido, existe um apoio mútuo.

QUADRO 25 - FASE 03 - LEITURA E RELAÇÃO DO CONTEXTO NO MUNICÍPIO.

ETAPA - 01	FASE 03 - LEITURA E RELAÇÃO DO CONTEXTO NO MUNICÍPIO.
------------	---

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

No item nove, a UNESCO (2013) ajuda a entender a relação entre a leitura de textos acadêmicos e a tecnologia. “(...) as tecnologias móveis ajudam a assegurar que as aprendizagens, dentro e fora da sala de aula, apoiem-se mutuamente” (UNESCO, 2013, p.23). Não é item de registro, mesmo porque, conforme citação, a leitura de texto é uma relação subjetiva e de grande importância para essa pesquisa. Por isso, é oportuno destacar que os sujeitos aprendentes receberam orientação para desenvolver todas as tarefas do CRBP através do grupo *WhatsApp*¹⁵, isso confirma que os discentes estavam se organizando para executar essa tarefa.

No Quadro 26, os sujeitos aprendentes inquiriram os pesquisadores sobre qual melhor forma de participação no curso. Eles recebem orientações através do *WhatsApp*, o que pode ser confirmado a partir desse quadro, no qual vemos as primeiras interrogações a respeito da orientação de como proceder com a leitura do texto acadêmico e sua conexão com a realidade prática.

¹⁵*WhatsApp* – Antes de iniciar as tarefas nesse sistema de comunicação, os pesquisadores já estavam mantendo contato com todos os grupos, com o objetivo de evitar dispersão dos discentes até que o sistema *MOODLE* estivesse preparado. Por inviabilidade desse programa, optamos pelo *WhatsApp*.

QUADRO 26 - DIÁLOGOS - *WHATSAPP* - PRIMEIROS PASSOS

08 - 13/07/2015, 19:34 - pergunta - desistente: 01 - Osvanildo quais sao os proximos passos. O meu texto e a guerra fria da década de 1980 nas histórias em quadrinhos

09 - 13/07/2015, 19:40 – prof. responde: 02 - Moodle ainda não está na hora

10 - 13/07/2015, 19:42 - pergunta - desistente: 01 - Osvanildo passa uma orientacao geral no email como relacionar o assunto do texto com o video, pra gente andar.

11 - 13/07/2015, 19:47 - resposta prof: 01 - Eu não posso sugerir. Leia pensando na cidade. Na política, nas questões que a câmara do município resolve e a forma como usam as pessoas como marionete.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 13/07/15

A leitura em si, dos textos acadêmicos, não sugere verificação de registro e de efetividade; para essa comprovação precisamos caminhar para o próximo item que dá sustentação ao Quadro 26.

QUADRO 27 - PRODUÇÃO INDIVIDUAL - VÍDEO

ETAPA - 01	FASE 05 - PRODUÇÃO INDIVIDUAL - VÍDEO
5ª – Fase	- ESTUDANTE: realiza produção de um vídeo (1 minuto) sobre essa relação que encontrou. (texto acadêmico/município); A produção é em si evidência de efetividade pedagógica dessa proposta. A análise das produções deve ser organizada para captar concepções de história e outras presentes.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

A urgência em começar as atividades e de se produzir os vídeos foi o primeiro passo para pensar no *WhatsApp* como alternativa, uma vez que o *MOODLE* não estava dando retorno. No diálogo do Quadro 26, percebe-se que o *MOODLE* não respondia, retardando o início das atividades que estavam sendo solicitadas pelos sujeitos aprendentes, ávidos por iniciar o curso.

Ao iniciar a discussão sobre o *modus operandi* dos vídeos, esclarecemos que seria criado o item 7.3 para discutir o impacto da adoção do *WhatsApp* nesta pesquisa e entender a importância do *WhatsApp* para esta investigação. Sendo assim, vamos procurar deslindar os caminhos que trouxeram o *WhatsApp* para a pesquisa em andamento.

O item 7.3 trata, especificamente, das questões inerentes ao *WhatsApp* e o CRBP. Da união que se forma entre os dois resulta uma liga que só é possível explicar através da

composição do amálgama entre os sujeitos aprendentes e processos cognoscitivos. Na expectativa de indigitar os caminhos, vamos deslizar no item 7.3 a problemática que surge com a chegada do *WhatsApp* nesta pesquisa. Nesse sentido, postamos algumas questões.

Devido a isso, voltaremos à questão da produção do vídeo, com a contribuição dessa ferramenta, e deixaremos a apresentação formal do *WhatsApp* para o tópico 7.3, no qual todas as questões levantadas serão tratadas. Esse ponto está reservado para tratar do registro e efetividade do vídeo na pesquisa.

Os três vídeos demonstram o registro de efetividade necessária para esse item. O *WhatsApp* é o veículo intermediador que ajudou a construção dos vídeos, conforme a seguir.

QUADRO 28 - SINOPSE DO VÍDEO 01 - EQUIPE DE SANTO ESTÊVÃO

SINOPSE DO VÍDEO 01 - EQUIPE DE SANTO ESTÊVÃO			
01 - APRESENTAÇÃO DOS VÍDEOS - CARACTERÍSTICAS			
CÓDIGO	I	AUTORIZA - USO DO VÍDEO	SIM
TEMA		Guerra Fria – II Blocos, duas potências – EUA/RÚSSIA	
LOCAL		Câmara de vereadores de Santo Estêvão	
PENSAR HISTÓRICO		Cenário da guerra fria presente na atualidade dos partidos políticos – alianças partidárias em detrimento de grupos.	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

A caixa de diálogo *WhatsApp*, do Quadro 29, está postada como reforço do que entendemos sobre processo de discussão entre os sujeitos aprendentes.

QUADRO 29 - DIÁLOGOS *WHATSAPP* - SANANDO DÚVIDAS

12 - 13/07/2015, 19:49 – Participante:01 - Santo Estêvão: Vc vai no google abre a pagina do gmail e depois coloca o endereço que Osvanildo colocou e a senha
13 - 13/07/2015, 20:44 – Participante:02 - Como deve ser este vídeo, da uma explicação
14 -14/07/2015, 09:12 – Participante:02 - Professor, o prazo para postar o vídeo vence realmente hj?
14/07/2015, 14:46 – Participante: 02 - Osvanildo eu não estou conseguindo falar nem com xxxx e nem yyyyyy, eu faço parte deste GRUPO o texto é Globalização o de 07 o vídeo só PODE ser confeccionada por 03?
15 - 14/07/2015, 15:15 – Participante:02 O prazo para a postagem do vídeo está muito curto!

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 13 a 14/07/15

A caixa de diálogo *WhatsApp* do Quadro 30 está postada como reforço do que entendemos por dificuldades de acesso dos sujeitos aprendentes.

QUADRO 30 - DIÁLOGOS *WHATSAPP* - DIFICULDADES DE ACESSO

19 - 15/07/2015, 13:17 – Participante: 01 - Professor não tô conseguindo enviar meu vídeo
20 -15/07/2015, 13:18 – Participante: 02 - Pois Osvanildo disse q o slide é pra manhã!
21 -15/07/2015, 13:18 – Participante: 03 - Enviei o meu, porém ainda nao chegou no ambiente
22 -15/07/2015, 13:21 – Participante: 01 - O que fazemos professor?
23 -15/07/2015, 13:24 – Participante: 03 - Meu vídeo tem 1 minuto e 29 segundos e não carrega
24 -15/07/2015, 13:25 – Participante: 03 - Posso mandar por aqui?
25 -15/07/2015, 13:26 – Temos disposição de viver:04 - Historiaeadumarealidade@gmail.com

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 19 a 25/07/15

Nas caixas de diálogos dos Quadros 30 e 31, fica evidente que a confecção desses vídeos se deu com o acompanhamento dos pesquisadores, via *WhatsApp*.

QUADRO 31 - VÍDEO 02 - EQUIPE DE SANTO ESTÊVÃO

VÍDEO 02 - EQUIPE DE SANTO ESTÊVÃO			
02 - APRESENTAÇÃO DOS VÍDEOS - CARACTERÍSTICAS			
CÓDIGO	II	AUTORIZA - USO DO VÍDEO	SIM
TEMA		Globalização - Contextualização Histórica	
LOCAL		Centro Cultural de Santo Estêvão	
PENSAR HISTÓRICO		Pequena reflexão - Globalização e o processo da História	

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

A caixa de diálogo *WhatsApp*, do Quadro 32, reforça a participação e o diálogo colaborativo na confecção dos vídeos.

QUADRO 32 - DIÁLOGOS *WHATSAPP* - PARTICIPANTES E SUAS EQUIPES

28 -15/07/2015, 14:13 – Participante: 01 - Vc esta com qm ?
29 -15/07/2015, 14:20 – Participante: 02 - Bom, como estamos com o mesmo texto
30 -15/07/2015, 14:20 – Participante: 01 - Achei que tivesse q fazer contigo
31 -15/07/2015, 20:33 - Temos disposição de viver:03 - PEDIMOS NÃO LAÇAR NESTE ESPAÇO VÍDEOS NEM BRICADEIRAS. AQUI É UMA SALA DE INSTRUÇÕES.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 28 a 31/07/15.

Na caixa de diálogos *WhatsApp*, do Quadro 32, os sujeitos aprendentes discutem como produzir vídeos da melhor forma para a conclusão da tarefa atinente a esses participantes.

QUADRO 33 - VÍDEO 03 - EQUIPE DE SANTO ESTÊVÃO

VÍDEO 03 – EQUIPE DE SANTO ESTÊVÃO			
03 - APRESENTAÇÃO DOS VÍDEOS - CARACTERÍSTICAS			
CÓDIGO	III	AUTORIZA - USO DO VÍDEO	SIM
TEMA	Guerra Fria - Uso das comunicações pelos EUA		
LOCAL	TV SUBAÉ - Feira de Santana		
PENSAR HISTÓRICO	Reflete uso das comunicações como poder dos EUA		

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

O uso do Pensar Histórico está presente no vídeo 03, configurado através do registro e efetivado ao estabelecer o nexa entre o texto e o contexto na região de residência do sujeito aprendente. O *WhatsApp* foi o sistema em rede encontrado para agilizar a comunicação entre os pesquisadores e os discentes dos quatro polos. Os três vídeos acima foram escolhidos pelos pesquisados como parte da amostra desse item.

Nesse momento histórico para o curso de História/EAD, o uso do *WhatsApp* foi efetivo, já que a produção dos vídeos e a postagem desses materiais significa a efetivação e o registro solicitado para comprovar que o CRBP correspondeu ao esperado até aqui.

QUADRO 34 - APRESENTAÇÃO DE VÍDEO À EQUIPE

ETAPA - 01	FASE 06 - APRESENTAÇÃO DE VÍDEO À EQUIPE
6ª – Fase	- ESTUDANTES: apresentação de vídeos à equipe (composta por três alunos), para produção de vídeo ou <i>power point</i> por equipe; registro de efetividade de aprendizagem na construção da lógica <i>power point</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

Na sexta fase da pesquisa (apresentação de vídeos à equipe – composta por três discentes – para produção de *power point* por equipe, com registro de efetividade na

construção da lógica *power point*), utilizamos como exemplo o trabalho produzido por alunos de Santo Estêvão. O *Power Point* foi produzido a partir de orientação transmitida pelos pesquisadores através do *WhatsApp*. São dados repassados por esse aplicativo e que foram disponibilizados pelo mesmo sistema através de fotografia. Os discentes trabalharam com três textos básicos e souberam criar o nexu histórico entre os textos e a realidade local do *WhatsApp*.

QUADRO 35 - DIÁLOGO *WHATSAPP* - ORIENTANDO VÍDEO

<p>18/07/2015, 13: 34 - Temos disposição de viver: 01 - Correto nossa âncora, para a socialização vcs escolhem o meio. Primeiro todos visualizam todas as publicações depois marcam um encontro q pode ser na pizzaria, no bar ou na lanchonete ou na casa de uma pessoa com bolo e café. Discutem o que viram faz uma fot coloca no Zap, faz uma lista de presença e fotógrafa enviando no Zap. Blz.</p> <p>18/07/2015, 18:10 – Âncora:02 - Meu amado seja flexível e tente entender que PARA domingo não será possível pois o tempo é pouquíssimo muitas pessoas tem seus compromisso com suas vidas religiosas, familiar, trabalho e com sigo mesmo TEMOS que assistir os vídeos forma opiniões e só depois em GRUPO formatar relatório, mesmo sendo em GRUPO VC há de admitir que a semana não foi nada fácil o pessoal mal respirou da maratona emposta pelas tarefas então vamos fazer assim teremos até à meia noite de terça para encerra a MARATONA.Certo ASSIM será melhor para todos e também preciso de tempo para fazer os BOLOS.</p> <p>06:10. 03 - parada para localizar confecção do primeiro PP.</p>
--

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 18/07/2015

O quadro 35 explicita diálogos que dão mostra que os sujeitos envolvidos nesta pesquisa atuaram, inclusive, no domingo. O diálogo com a Âncora (cognome) esclarece que os sujeitos desta pesquisa precisam de mais alguns dias para que a reunião de finalização e colaboração na última tarefa possa ser executada. A próxima fase será a última da primeira etapa, esses sujeitos aprendentes vão ser capacitados a seguirem para a segunda etapa, após concluírem a fase 7 (sete).

QUADRO 36 - *POWER POINT* CONCLUSIVO DA PRIMEIRA ETAPA

ETAPA - 01	FASE 07 - <i>POWER POINT</i> CONCLUSIVO DA PRIMEIRA ETAPA
7ª – Fase	<p>- ESTUDANTES: analisam todos os <i>power points</i> produzidos pelas equipes e devem construir o <i>power point</i> resultante do município;</p> <p>Como registro: postar <i>power point</i>, enviar lista de presença e foto da equipe.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

O Quadro 36 solicita aos discentes uma lista de presença, um *power point* colaborativo e conclusivo do município. Para isso, o Quadro 37 aborda o deslocamento dos participantes para fazerem essa atividade.

QUADRO 37 - DIÁLOGOS *WHATSAPP* - DESLOCAMENTOS DOS SUJEITOS APRENDENTES

20/07/2015, 14:16 - Âncora: **01** - NÓS PRECISAMOS LEMBRAR E PENSAR COMO GRUPO, AS PESSOAS VÃO VIR DE LONGE TAMBÉM PARA A REALIZAÇÃO DA TAREFA O QUE VAMOS DIZER A ELAS OU NÃO ESTAMOS PENSANDO NOS OUTROS DE LONGE.
 20/07/2015, 23:20 → Âncora: **01** BOA NOITE CLG E CLG E A CLG QUE JUNTOS TORNARAM POSSÍVEL O ENVIO DESTA TAREFA HOJE. BOA NOITE OSVANILDO E A Âncora SEM ACENTO. BOA NOITE GRUPO. BOA NOITE A TODOS NÓS QUE SUPERAMOS JUNTOS MAS UMA ETAPA.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 20/07/15

Como confirmação da sétima etapa da pesquisa, apresentamos uma foto transmitida por uma das equipes, via *WhatsApp*. Acrescentamos que entre esses participantes alguns são residentes em Feira de Santana, em fazendas e povoados próximos a Santo Estêvão e alguns na cidade. Durante a reunião, a equipe se encontrou conectada via *WhatsApp* com os pesquisadores, recebendo orientações e concluindo a tarefa demandada: produção de um relatório e do *power point* contendo material de todos os polos.

Fotografia 5 - Equipe de Santo Estêvão



Fonte: Fotografia produzida para essa pesquisa em 20-09-15

A foto 05 registra a conclusão dessa primeira etapa. Os pesquisadores acompanharam pelo *WhatsApp* o deslocamento dos sujeitos aprendentes, que iam postando

suas localizações para a Âncora, que monitorava e estimulava a chegada da equipe, alterando horário e fazendo algumas adaptações para permitir a participação do maior número possível de discentes nesse evento de conclusão parcial; nesse sentido, ficou evidenciada a colaboração e a interatividade com a diversidade de cada polo envolvido em suas realidades práticas.

QUADRO 38 - DIÁLOGOS *WHATSAPP* - COMEMORANDO JOGANDO CHAPÉUS PARA CIMA

21/07/2015, 09: 30 - Âncora: **01** Bom dia amados GRUPO. Estamos aguardando o nosso Comandante Osvanildo sinalizar em nossa direção que a primeira ETAPA, foi vencida e concluída com louvor. Estamos esperando o seu sinal de aprovação para que nossas com ciências possam descansar. E ai qual o veredito precisaremos JOGAR OS CHAPÉUS PARA CIMA. Confirme as HORAS prometidas...

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 21/07/15

A primeira etapa foi considerada concluída pelos pesquisadores, tendo como base o registro e a efetividade na demanda solicitada: fazer um relatório contendo uma lista de presença e uma fotografia com todos os participantes. A equipe da fotografia pertence ao polo de Santo Estêvão. Até a conclusão dessa primeira etapa, os pesquisadores administravam os diálogos com os quatro grupos separados (Brumado, Bom Jesus da Lapa, Itamaraju e Santo Estêvão), via *WhatsApp*. Nesse sentido, esta pesquisa tem seu início como uma investigação *E-learning*, migrando, por força da conjuntura e da pressão dos discentes, para uma educação móvel, portanto *Mobile-Learning* ou *M-Learning*.

A partir desse momento, os grupos são convocados para participarem da segunda etapa através de uma convocatória com orientações dos passos que deverão seguir. Todos são chamados a participarem de grandes praças de debates, como as existentes na Grécia Antiga, só que de uma forma inovadora, num espaço aberto no mundo virtual, no sistema em rede. Nesse sentido, migramos todos para um novo *locus*, todos foram cadastrados na Ágora.

QUADRO 39 - ETAPA 02 - FASE 01 - PRIMEIROS CONTATOS ENTRE MUNICÍPIOS

ETAPA - 02	FASE 01 - PRIMEIROS CONTATOS ENTRE MUNICÍPIOS
2ª – ETAPA	Primeiros contatos entre municípios;
1ª – Fase	- ESTUDANTES: Fazem contato entre participantes dos diversos municípios; Verificar registro nos fóruns sobre interação e polifonia entre participantes.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

No guia da UNESCO (2013), item 07, a questão referente a apoiar o ensino-aprendizagem fora do espaço formal é trazida para a discussão dos projetos criados em outros países, conforme citação: “Na América do Norte e na Europa, vários projetos empregaram aparelhos móveis para ‘ampliar’ a realidade”. (UNESCO, 2013, p.20).

Aqui os sujeitos aprendentes são convocados a desenvolverem as atividades através da tecnologia móvel, referentes às segundas e terceiras etapas em *locus* específico para esse fim, o qual designamos *Ágora*. Nesse espaço, os sujeitos aprendentes participam do processo de colaboração com outros municípios/polos, na construção do CRBP. Saem da zona de conforto e são convocados, provisoriamente, a experienciar a Zona de Desenvolvimento e Imediato (ZDI) de Vygotsky.

QUADRO 40 - *WHATSAPP* - DIÁLOGOS POLIFÔNICOS

<p>58 - REPRODUÇÃO DE CAIXA DE VOZ - 01 - OLÁ MESTRE: Não sei se é possível continuar, não sei trabalhar sem organização .</p> <p>59 – 01 - como vamos trabalhar com aquela bagunça, vamos criar um zap à parte. É só nós na fita. O zap foi a fuga do engarrafamento humano.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 21/07/15

Por que os sujeitos aprendentes chamam esse momento dialógico, na *Ágora*, de bagunça? Diferente dos fóruns da EAD, nos quais os sujeitos encontram uma pergunta e obtêm uma ou várias respostas para a mesma pergunta, na *Ágora* os sujeitos aprendentes têm no mesmo *locus* todos os participantes, ao mesmo tempo, consultando outros participantes. Ocorre que enquanto um sujeito aprendente faz uma pergunta para alguém de uma mesorregião, conforme mapa 1, onde aparece Itamaraju (sul baiano), um terceiro entra nesse *locus* e oferece uma alternativa para um quarto participante (do Vale do São Francisco), que estuda no polo de Bom Jesus da Lapa. Na sequência, o quinto participante, de Santo Estêvão (centro-norte baiano) responde a uma consulta do sexto participante de Brumado, que pertence à mesorregião (centro-sul baiano). Isto posto, a primeira vista se apresenta como uma bagunça, mas, na realidade objetiva, essa é uma construção de enunciados polifônicos. São

relações dialógicas que, para Bakhtin, representam um dialogismo em que há recepção e transmissão de uma enunciação, o qual constitui um território comum em que a ligação é construída na relação entre os sujeitos que produzem um movimento dialógico.

Na *Ágora*, os sujeitos aprendentes de um município evocam os sujeitos de outros municípios ao dialogismo bakhtiniano. Esses sujeitos vão experienciar a recepção/compreensão de um enunciado (Pensar Histórico) dentro do contexto (região de residência) entre locutor e locutário. Na *Ágora*, o processo de interação entre sujeitos aprendentes e seus textos provocam a comunicação através da escrita, da voz, das leituras dos textos, das produções em vídeos e *Power Points*, os quais não são vistos isoladamente, exigindo-se sempre um nexos entre as “falas”, as escritas e as participações na *Ágora*, fortalecendo a categoria dependente (CRBP), que ajuda a construir o enunciado de Bakhtin, gerando, nesse *locus*, a Polifonia. Nesse sentido, o “Pensar Histórico” será a base textual para a construção, *a priori*, dos discursos.

O ensino-aprendizado/EAD passa por um *vis-à-vis* intermediado por um celular e por um sistema em rede ligado a um aplicativo, o *WhatsApp*, mas, acima de tudo, elaborado pelos sujeitos aprendentes. Esse dialogismo alcança a Polifonia de Bakhtin. Nesse processo colaborativo e interativo, o ensino-aprendizagem/EAD será apresentado pelos pesquisadores conforme item 4.6, em todos os seus requisitos postos no capítulo quatro.

QUADRO 41 - ETAPA 02 - FASE 02 - POSTAR RELATÓRIO

ETAPA - 02	ETAPA 02 - FASE 02 - POSTAR RELATÓRIO
2ª – Fase	- ESTUDANTES: Avaliam <i>power point</i> de outros municípios. O registro da efetividade está no ato de postar relatório dos <i>power points</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

Os sujeitos aprendentes não enviaram o relatório, por isso consideramos que essa fase não foi efetivada. Essa segunda fase pode ser retirada, tendo em vista sua não efetividade.

QUADRO 42 - ETAPA 03 - FASE 01 - ROTEIRO - PRODUÇÃO DO *POWER POINT*

ETAPA - 03	FASE 01 - ROTEIRO - PRODUÇÃO DO <i>POWER POINT</i>

3ª – ETAPA	Produção Final
1ª – Fase	Grupos se reúnem, discutem e analisam todas as produções dos municípios e criam roteiro para produção do <i>power point</i> .

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01/09/15

Grupos se reúnem para analisar as produções dos municípios e criam roteiro para produção do *power point*. Os sujeitos aprendentes residem em várias localidades e tendo em vista a distância geográfica, a reunião se dará na *Ágora*, sem precisar que os sujeitos aprendentes se desloquem. Cada um da sua região, portanto, vai se utilizar do sistema de rede de comunicação favorecida pelo aplicativo *WhatsApp*. A *Ágora* é um espaço democrático criado para desenvolver tarefas e promover o constructo desses sujeitos no dialogismo de Bakhtin.

Os sujeitos aprendentes do Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia (CRBP) vão produzir a obra final dando o fechamento, com um produto que vai pertencer a todos os municípios/polos. Será um *Power Point* com bricolagens de todos os polos, de forma tal que represente a diversidade dos municípios/polos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem/EAD.

QUADRO 43 - ETAPA 03 - FASE 02 - *POWER POINT* RESULTANTE DOS MUNICÍPIOS

ETAPA - 03	FASE 02 - <i>POWER POINT</i> RESULTANTE DOS MUNICÍPIOS
2ª – Fase	Produção de <i>Power Point</i> resultante a partir de todos os analisados; Registro – os pesquisadores procuram evidência do Pensar Histórico no <i>power point</i> produzido.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01-09-15

O *Power Point* foi laborado em uma reunião virtual, através do *WhatsApp*. Os pesquisadores acompanharam essa construção junto aos sujeitos aprendentes. Nesse mesmo dia foi produzido o relatório de análise advindo deles e encaminhado junto com o *Power Point*, o que complementou a falha do anterior. Esse *Power Point* deu conta de apresentar a diversidade dos polos, a epistemologia pedagógica de Vygotsky e o Pensar Histórico de

Matta. Quanto ao Pensar Histórico, os sujeitos aprendentes foram efetivos na medida em que apresentaram um senso crítico e postularam uma hipótese sobre a produção dos municípios que conseguiram participar do processo de ensino-aprendizagem/EAD – *M-Learning*. Essa última tarefa foi considerada registrada e seu resultado considerado efetivo.

QUADRO 44 - ETAPA 03 - FASE 03 - RESPONDENDO AO QUESTIONÁRIO

ETAPA - 03	FASE 03 - RESPONDENDO AO QUESTIONÁRIO
3ª – Fase c)	Responder ao questionário individual com retorno aos pesquisadores; Perguntas fechadas e duas abertas; O registro é o retorno do questionário.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01-09-15

Quanto ao questionário, vamos procurar avaliar a opinião dos discentes em relação ao curso, mesmo não analisando as outras perguntas e respostas do questionário (vide Apêndice G), comentaremos a última resposta e o deixaremos no Apêndice para ser analisado na primeira oportunidade. A pergunta que fizemos foi a seguinte: 18ª - O que você mudaria nesse curso, nos procedimentos e por quê? Trouxemos esse ponto porque foi o item mais criticado, os outros apresentaram uma média em sua pontuação, a qual consideramos como positiva; o que pode ser verificado na íntegra.

Vamos colocar a resposta dada por um sujeito aprendente e avaliar com base nessa pergunta, uma vez que a maioria trilhou por este tipo de resposta: “O curso foi bem estratégico em seus objetivos, mas faltou uma organização maior do cronograma, no que diz respeito ao tempo para a execução das atividades”.

O ponto criticado pelos sujeitos aprendentes no CRBP foi o pouco tempo para executarem as tarefas. Creditamos essa intercorrência a dois fatores: primeiro o da greve na UNEB, por ter atravessado o calendário desta pesquisa, o que impediu a nossa ação por quase trinta dias, até que o movimento grevista autorizou que as pós-graduações pudessem fazer reuniões. Tivemos que aguardar essa autorização para só depois promover encontros nos municípios, com caráter de curso particular. Articulamos com as prefeituras, que assumiram as certificações, o que levou alguns dias. O segundo fator derivou da não observância do

tempo para que os sujeitos aprendentes pudessem descansar de uma atividade para outra, mas estávamos afetados pelo tempo.

Os discentes apresentaram uma avaliação final do CRBP como positiva. A partir dessas informações, os investigadores avaliam que a sinalização procedia e que faltou pensar no “cronotopo” para o desenvolvimento das cenas estabelecidas no CRBP. Nesse sentido, o próximo curso terá um cronograma que permita, de forma bakhtiniana, o uso do “cronotopo” específico para o curso; nele, a questão temporal para produzir uma relação com a comunidade será feita de maneira tal que possa permitir a produção de vídeos sobre a realidade local, fazer uma leitura do Pensar Histórico de maneira responsiva e promover atos cognoscitivos junto às comunidades de prática, numa relação colaborativa mantida. Pelo exposto, consideramos nossa aplicação como efetiva e podendo voltar a ser adotada em outras comunidades aprendentes, com as correções sinalizadas e respectivas adaptações ao espaço receptor.

Quanto às sinalizações enviadas durante o curso e ao final, temos poucas alterações a propor para o Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia (CRBP). Pensando em dar continuidade, é preciso ser observado o seguinte, para todas as três etapas:

Etapa I, quanto à leitura do texto: seria exigido um retorno dos sujeitos aprendentes quanto à questão da compreensão e reflexão do Pensar Histórico.

Etapa II: Transferir o envio do relatório para a etapa III.

Etapa III: O relatório teria uma produção individual. Isso possibilitaria uma maior contribuição dos participantes com o coletivo, permitindo maior reflexão na última reunião para produzir a última tarefa.

Dentro da proposta DBR, a aplicação do CRBP continuará passando por alterações, até porque os discentes já estão pedindo novos cursos de extensão, provando com isso que a metodologia DBR está sendo mesmo adotada. Esse curso será certificado pelas prefeituras que querem mantê-lo, haja vista já haver contato com o secretário de educação de Santo Estêvão nesse sentido.

Quanto ao questionário (vide Apêndice G), por uma questão temporal só vamos avaliar a última resposta. Deixaremos as outras dezessete para outra oportunidade. O questionário foi aplicado e suas respostas poderão ser apreciadas em outro momento. Nesse

questão, não podemos perder de vista que a maioria dos sujeitos aprendentes responderam ao questionário pelo *WhatsApp*. Desse modo, precisamos compreender qual foi o impacto para o CRBP quando da adoção desse aplicativo enquanto ferramenta utilizada através dos *smartphones*.

7.3 IMPACTO DA ADOÇÃO DO *WHATSAPP* ATRAVÉS DOS APARELHOS MÓVEIS DE TELEFONES INTELIGENTES

Esse é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantânea de textos, imagens, áudios e vídeos. Ele permite ligações para qualquer contato de sua agenda *WhatsApp*, e faz chamadas nacionais e internacionais nos mesmos moldes do *Skype*.

O aplicativo foi fundado em 2009, por Brian Acton e Jan Koum, ambos veteranos da empresa *Yahoo*. A sede do *WhatsApp* está situada em Santa Clara, na Califórnia. Em abril de 2012 atingiu 2 bilhões de mensagens por dia e em agosto do mesmo ano saltou para 10 bilhões ao dia. Em 2014, ele foi vendido para o *Facebook* por US\$ 16 bilhões. (O GLOBO, 2014). O *WhatsApp* aparece, pela primeira vez nesta pesquisa, no processo de análise que fizemos nos questionários aplicados, quando da nossa visita aos polos. Ao analisarmos a ficha - provocação propedêutica -, preenchida pelos participantes do curso de História/EAD dos polos visitados, ficou evidenciado que mais de 90% dos presentes possuíam aparelhos celulares inteligentes com aplicativo *WhatsApp*.

Quando visitamos o município de Itamaraju para apresentar a pesquisa, falamos com a coordenadora Délia que gostaríamos de criar um grupo de Itamaraju no *WhatsApp*; então, com auxílio daquele polo, saímos do município conectados a todos os participantes que estavam naquela apresentação. A partir daí, o *WhatsApp* passou a ser nossa ferramenta de comunicação através dos *smartphones*.

A partir do uso diário do referido aplicativo, nos comunicávamos com os sujeitos aprendentes e pedíamos que aguardassem o *MOODLE* disparar uma mensagem de contato. Fizemos algumas simulações e os participantes apresentavam impaciência pelo fato de não iniciarmos o curso. Chegamos a entrar na segunda semana de espera. A impaciência dos aprendentes se tornava notória, estavam ficando cansados de esperar, alguns começaram a

abandonar o grupo cancelando suas participações. Por fim, um grupo de alunos disse que não poderia aguardar mais, então autorizamos o início das tarefas de leituras do texto e produção dos primeiros vídeos.

Os colegas TD's, que se prontificaram a nos ajudar, tiveram dificuldades para fazer funcionar a estrutura do *MOODLE*, mesmo porque não foram habilitados como técnicos desse sistema. Informo que esses professores foram contratados, em sua maioria, para serem tutores de História/EAD.

Nesse sentido, o impacto causado pelo *WhatsApp* na comunidade aprendente, no primeiro momento, foi pequeno, uma vez que já estávamos atuando nos quatro grupos criados. Mesmo com alguns estranhamentos, os sujeitos aprendentes desenvolveram todos os esforços para construir soluções que os permitissem estar o tempo todo com seus aparelhos de celulares inteligentes ativos no CRBP, produzindo as atividades solicitadas, bem como, o *power point* e os vídeos.

Após a produção dos primeiros vídeos e dos primeiros *power points*, os alunos já davam conta intuitivamente que estavam usufruindo de uma EAD móvel, portanto de um ensino-aprendizagem *Mobile Learning - M-L*, tamanha eram as atividades que estavam sendo disparadas das mais diversas localidades (igrejas, quartéis, ônibus, praças públicas, serviços públicos, lanchonetes e até mesmo no aniversário de um dos participantes). Portanto, nas mais diversas localidades, cidades, bairros e regiões diferentes os sujeitos participantes disparavam e recebiam informações. Assim, estava instalado e constatado o diálogo diante dos mais diversos interlocutores.

Essa forma de entender e de ler os interlocutores foi traduzida assim: “Bakhtin sublinha ser importante entender e interpretar as palavras dos outros, como uma ‘hermenêutica do cotidiano’” (BRAIT, 2013, p.126).

QUADRO 45 - DIÁLOGOS HERMENÊUTICOS *WHATSAPP*

60 - 22/07/2015, 09: 37 – 01 - Âncora: Bom agora é nós na fita e na imagem e que imagem estamos FAZENDO HISTORIA. Este acontecimento ficará registrado nos ANAIS da História do Pólo e da UNEB. Um dia seremos lembrados como exemplos a serem seguidos. Parabenizo a todos que formam este GRUPO DO CURSO DE HISTÓRIA.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 22/07/15

Para Bakhtin, o sujeito fala como um ideólogo, usa a palavra e representa um ponto de vista particular do mundo, a partir da sua visão de mundo. (BRAIT, 2013, p.126).

O Quadro 45, de diálogo *WhatsApp*, revela uma hermenêutica do curso, uma espécie de estratificação da palavra, um dialogismo, pois trata-se de uma construção que reverbera nos outros participantes, que pactuando transformam essa informação de dados comuns em necessidades compreendidas e comuns a todas as falas, em enunciados polifônicos.

Denominamos o espaço de discussão onde todos os sujeitos aprendentes atuaram, fizeram suas discussões e construíram seus objetos de estudo, como *Ágora*. Nela, os sujeitos aprendentes construíram seus significados, edificaram uma relação coletiva junto aos participantes dos quatro polos. Os sujeitos estudaram de forma imbricada, de maneira colaborativa e participativa; transferiram e receberam textos, imagens e sons. Esses sujeitos transmitiram um enunciado no qual a representação verbal coaduna com o significado, com a fala dos participantes na busca do mesmo objetivo, ou seja, a produção do objeto, através do conhecimento requerido pelo CRBP.

A realidade objetiva guiou esta investigação, mesmo porque nossa pesquisa foi pautada pela prática, pela dialética e por respeito à realidade e à diversidade dos atores em seus municípios/polos; como exemplo, notamos ansiedade por parte dos sujeitos aprendentes, que exigiam o início rápido do curso, não suportando a espera de um *MOODLE*, que apresentava problemas e não atendia às necessidades mínimas de conexão.

A ansiedade notada nos sujeitos aprendentes, pelo início do curso, obrigou os pesquisadores a migrarem a proposta *E-learning* para *M-learning*, uma vez que os grupos por polos já estavam constituídos e se comunicando via *WhatsApp*. Partindo dessa urgência, criamos um *locus* que denominamos de *Ágora* e convocamos todos os sujeitos participantes dos quatro polos para que partilhassem daquela estrutura na qual o dialogismo bakhtiniano se fizesse presente. Assim, os sujeitos aprendentes conviveram com o processo de ensino-aprendizagem/EAD *M-learning* boa parte do seu dia, acessando o curso criado e socializado, partilhando conhecimento em um grupo formado no *WhatsApp*.

A proposta de curso que segue é uma reformulação da aplicação principal que se encontra nesta pesquisa. Destarte, entendemos que a partir da conclusão dessa fase, e da

reestruturação que fizemos no projeto inicial, os cursos que pretenderem fazer suas aplicações, tendo como base esta pesquisa, devem fazer suas adaptações e seguirem o projeto reformulado, conforme nossa avaliação no Quadro 46.

QUADRO 46 - PROCESSO DE VALIDAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DA CATEGORIA DEPENDENTE

PROCESSO DE VALIDAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DA CATEGORIA DEPENDENTE	
Categoria Independente - Princípios de <i>Design</i> e Desenvolvimento da Proposta Pedagógica (PDDPP)	
Categoria Dependente - Procedimento Pedagógico EAD para o Ensino-Aprendizagem de História (PPEADEAH)	
ETAPAS	CRITÉRIOS DE ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE DE VALIDAÇÃO
1ª – ETAPA	Apresentação da proposta deste projeto (pelos PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE) e primeiros passos.
1ª – Fase	ESTUDANTE: preenche ficha com dados pessoais e de redes sociais; O registro da variedade de localidades presentes será o indício de efetividade da etapa; Vamos acompanhar a diversidade presente nesses registros.
2ª – Fase	ESTUDANTE: produz texto sobre diversidade nos municípios (20 linhas no mínimo); Vamos registrar suas relações e grupos nas cidades e nas Redes de Sistema.
3ª – Fase	PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE: apresentam proposta de pesquisa desse projeto local (registro de monumentos - patrimônio - elementos tangíveis e intangíveis - evidência de efetividade). Vamos verificar se associaram monumentos com o material do professor (se desenvolveram o pensar histórico).
4ª – Fase	Leitura de texto acadêmico - construir relação – contexto/município.
5ª – Fase	ESTUDANTE: realiza produção de um vídeo (com um 1 minuto) sobre essa relação que encontrou (texto acadêmico/município); Na produção, se há evidência de efetividade pedagógica dessa proposta. A análise das produções deve ser organizada para captar concepções de história e outras, presentes.
6ª – Fase	ESTUDANTE: apresenta vídeos à equipe (composta por três alunos) para produção de vídeo ou <i>power point</i> por equipe; registro de efetividade de aprendizagem na construção da lógica <i>power point</i> .
7ª – Fase	ESTUDANTES: analisam todos os <i>power points</i> produzidos pelas equipes e constroem o <i>power point</i> resultante do município; O registro é postar <i>power point</i> , enviar lista de presença e foto da equipe.

2ª – ETAPA	Primeiros contatos entre municípios;
1ª – Fase	ESTUDANTES: Fazem contato entre participantes dos diversos municípios; Verificar registro nos fóruns de interação e polifonia entre participantes.
2ª – Fase	ESTUDANTES: Avaliam <i>power points</i> de outros municípios; O registro da efetividade está no ato de postar relatório dos <i>power points</i> .
3ª – ETAPA	Produção Final.
1ª – Fase	Grupos se reúnem, discutem e analisam todas as produções dos municípios e criam roteiro para produção do <i>power point</i> .
2ª – Fase	Produção de <i>Power Point</i> resultante a partir de todos os analisados; Registro – os pesquisadores procuram evidência do Pensar Histórico no <i>power point</i> produzido.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa em 01.09.15

Como contribuição de solução, o Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia - (CRBP) é hoje uma realidade prática e comprovada, haja vista alguns estudantes desejarem continuar fazendo outros cursos no mesmo formato. A prefeitura de Santo Estêvão, por exemplo, sinalizou que está disposta a promover novos cursos *M-Learning*. O CRBP é uma solução de ensino-aprendizagem/EAD que foi construída em seus mínimos detalhes para ser aplicada por qualquer disciplina de qualquer curso.

Nessa primeira oferta aplicada, houve a elaboração de ensino/aprendizagem/EAD capaz de agregar valor aos sujeitos aprendentes e à diversidade sociocultural dos municípios/polos que participaram dessas atividades, tonando os participantes aptos e capazes de lidar com essa linguagem virtual. Sendo assim, elencamos algumas vantagens que esse trabalho gerou para a comunidade de sujeitos aprendentes, conforme exposição do grupo de Santo Estêvão - BA. Após fim do curso, retornamos ao polo para entregar os certificados e fizemos a seguinte pergunta: Com este curso *M-L*, e com as ferramentas que foram utilizadas por vocês, foi possível aprender História/EAD na palma da mão? A avaliação conjunta entre pesquisadores e discentes do CRBP possibilitou uma compreensão coletiva elencada nos itens, conforme seguem:

✓ **Foi possível aprender, na prática**, intermediado por um telefone inteligente, a partir de um projeto pedagógico de ensino-aprendizagem, no qual a pedagogia incluiu o **curso**

de História/EAD na palma da mão, M-L;

✓ O curso *M-L* oportunizou momentos de **interação e colaboração** entre os diversos grupos (**Vygotsky**);

✓ Um curso *M-L* que promoveu a **quebra de paradigmas** na relação espaço-temporal, transferindo salas de aula para outros *locus*. Os sujeitos discentes transportavam suas “aulas”. Esse movimento transferiu as aulas para a palma da mão. (**Mobile Learning – M-L**);

✓ O *M-L* possibilitou **um estudo anytime/anywhere** (estudar a qualquer hora e em qualquer lugar);

✓ Foi possível estudar e fazer uma relação entre a **teoria e a prática**, *in loco*;

✓ O curso *M-L*, na palma da mão, facilitou a **comunicação** entre todos os sujeitos discentes dos diversos grupos e dos diversos polos ao mesmo tempo, (**comunicabilidade**);

✓ A estrutura do curso possibilitou **o uso das redes sociais** de maneira intensa (CASTELLS, 2002);

✓ O curso proporcionou aos sujeitos aprendentes, um **olhar crítico sobre a História local dos diversos municípios/polos e sobre diversidade e pluralidade existentes** nesses espaços (MATTA; BAKHTIN, 2010);

✓ A praticidade dos aparelhos móveis e inteligentes (*smartphones*), a dinâmica do curso promoveu uma **interação entre todos os participantes**;

✓ Uma dinâmica na qual o **compartilhar** conhecimento envolveu discentes de vários municípios, ao mesmo tempo, em trabalho único e **colaborativo**;

✓ O *M-L* é um estudo com tecnologia inovadora, capaz de mobilizar os sujeitos aprendentes a darem continuidade, em suas salas de aula, ao conhecimento adquirido na prática dessa epistemologia pedagógica (**práxis**).

A foto 06 corresponde à conclusão da aplicação em um dos polos. Os certificados foram produzidos pelas secretarias de educação de cada prefeitura, numa prova cabal da participação dos municípios em colaboração com os pesquisadores, professores e sujeitos aprendentes, sendo Santo Estevão, na Bahia, o polo escolhido para representar a aplicação de nossa proposta de pesquisa CRBP, conforme foto.

Fotografia 06 - Certificação da equipe de Santo Estêvão



FONTE: Arquivo do autor em 29-09-15

A entrega dos certificados é a comprovação de conclusão do CRBP, com o retorno dos pesquisadores a esse polo. Isto posto, podem considerar-se capacitados no processo de ensino-aprendizagem/EAD para contribuírem com a continuidade desta proposta – CRBP: os professores formadores, os tutores envolvidos, bem como, orientador e orientando dessa pesquisa. Isso implica que estamos todos mais aptos para cumprirmos e gerarmos uma nova forma de ensino-aprendizagem/EAD.

8 CONCLUSÃO

Algumas considerações precisam ser colocadas pelos pesquisadores, mesmo que provisórias, pois sendo a educação dialética, não comporta uma reflexão definitiva que encerre e que comporte a pretensão de completude de uma *episteme* pedagógica que está sempre se refazendo, estando sempre em movimento.

Uma epistemologia dialética precisa acompanhar as revoluções tecnológicas que se processam na humanidade. As novas tecnologias exigem que a academia tenha a sensibilidade para perceber para onde os sujeitos aprendentes estão olhando, trazer o olhar da rua para o mundo acadêmico e retornar à rua como ciência a ser aplicada no dia a dia.

Nessa perspectiva, nosso *design* de ensino-aprendizado levou o sujeito aprendente para as ruas, a partir de uma proposta epistemológica pedagógica de ensino-aprendizagem na qual os sujeitos precisaram encontrar o elo entre a discussão teórica da sala de aula, a partir das leituras de textos acadêmicos, e a realidade encontrada nas ruas dos seus municípios polos.

Para esta pesquisa foi necessária, também, uma investigação que envolveu toda a estrutura do curso de História/EAD. Seus atores precisaram avaliar as questões do contexto da pesquisa e a relação espaço-temporal no curso. Para esse cenário (tempo de atuação, conclusão das etapas do curso e o *locus* da implantação da proposta a ser construída) foi necessária uma boa estrutura, a partir de uma plataforma com um encadeamento bem construído.

A construção dessa plataforma exigiu a investigação do contexto baiano. Pesquisamos a formação histórica complexa da Bahia. Essas informações contribuíram para que os investigadores produzissem um entendimento próprio do conjunto de circunstâncias levantadas.

No capítulo IV, os investigadores apoiados pela abordagem metodológica DBR, construíram ferramentas que promoveram a escolha dos polos para aplicar a pesquisa: Brumado, Bom Jesus da Lapa, Itamaraju e Santo Estêvão. Essa escolha tornou possível pensar um projeto que permitiu aos sujeitos aprendentes o entendimento sobre a diversidade existente nos municípios/polos.

Nesse ínterim, descobrimos o postulado sobre a diversidade produzido pela UNESCO (2007). Esse postulado passou a ser o fio condutor desta investigação. A partir dessa descoberta, todas as teorias passaram a dialogar com a diversidade proposta pela UNESCO. Nesse sentido, a cada teoria que era convidada a participar dessa dissertação, recebia logo o convite ao diálogo com esse constructo. A partir desta ótica, até a DBR, que foi a responsável pelo norte do trabalho, foi convidada a dialogar com a diversidade. Nesse diálogo, participaram o Pensar Histórico de Matta e a Epistemologia Pedagógica de Vygotsky, apresentada a essa pesquisa por Matta. Esses postulados formaram um arcabouço teórico que permitiu aos pesquisadores concluir ser essa tríade de teorias que daria suporte à construção do curso de ensino-aprendizagem/EAD, concluindo um ciclo DBR.

Após encerramento desse ciclo DBR, foi necessário fazer uma análise dos quatro primeiros capítulos da dissertação. A pergunta lançada aos pesquisadores foi: existe a necessidade de alterar algo que venha a melhorar a compreensão dos quatro capítulos anteriores, para uma próxima pesquisa?

Ao refletirmos sobre a pergunta, fomos projetados ao capítulo II, e concluímos que o mesmo não seria alterado, tendo em vista tratar-se da história de vida dos pesquisadores, uma história implicada que convoca Kosik e Gramsci para dialogar sobre práxis; Raymond Williams, para “falar” de teoria materialista da cultura; Bakhtin, para além de trazer uma linguagem que perpassou toda a pesquisa, também apresentou conceitos sobre pluralidade, dialogismo e polifonia; Konder, que remonta as contribuições da dialética de Heráclito e ajudou a construir diversas passagens nessa pesquisa, quando houve necessidade de demonstração da dialética; e Castells, que contribuiu com a *Ágora grega*, enquanto criação de um novo espaço democrático e sobre a compreensão do sistema de redes na *internet*, possibilitando compreensões e ilações dos pesquisadores sobre a EAD no mundo, no Brasil e na UNEB; portanto, não há o que sugerir, só o que dilatar ou estender, e havendo novas possibilidades teremos construções a partir dessa base, isso já afirmava Heráclito ao dizer que o homem não toma banho duas vezes no mesmo rio.

O capítulo III apresentou outra construção. Seu título é mais compacto, porém sua compreensão exigiu uma formação historiográfica mais vertical, pois a base é a formação histórica complexa da Bahia, que pressupõe um entendimento da origem desse estado desde

os seus primórdios, fato inusitado e impossível abarcar como um todo; todavia, fez-se necessário, para um entendimento sobre a Bahia, para poder se pensar em criar uma proposta EAD para esse estado. A mesma pergunta feita no início, transportamos para o capítulo III. Nossa resposta foi diferente: Sim, algo precisa ser feito de forma mais objetiva.

Para se chegar a construir uma compreensão da Bahia, os pesquisadores fizeram uma pesquisa muito grande, todavia o retorno para esta pesquisa foi pequeno em relação ao processo investigativo. Seria interessante mudar a ordem para que se faça a aplicação da pesquisa, tendo essas informações consolidadas sobre o foco dos quatro polos e suas regiões. Acreditamos que uma proposta de investigação direta poderia ter reduzido o tempo gasto e as informações seriam mais abrangentes sobre os municípios/polos da pesquisa e suas regiões. A investigação ficaria centrada nos polos, poder-se-ia gerar até um mapa dos caminhos que construíram as cidades escolhidas para uma pesquisa focada nos municípios/polos, isso contribuiria para produzir um questionário com uma definição mais focada na historiografia local.

Apresentamos uma proposta para inversão do estudo do contexto, no qual os polos seriam os primeiros a serem escolhidos; o contexto seria estudado após a seleção; nessa direção, a quantidade de polos seria uma questão para os especialistas da coordenação do curso de História.

Quanto aos capítulos VI e VII, concluímos que a participação dos sujeitos aprendentes foi abaixo do esperado, isso porque nós tínhamos a expectativa de que a frequência seria por volta de 90%. A frustração foi aumentando à medida que fazíamos as visitas de apresentação das propostas. No final, tivemos uma participação de 30% das pessoas que estiveram presentes nas reuniões de apresentação da proposta.

O que nos fez pensar que teríamos uma participação maior que os 30%? a) o público alvo desta pesquisa foi os discentes da UNEB História/EAD; portanto, já que os professores da UNEB estavam em greve, essa seria uma grande oportunidade para que os discentes se capacitassem, tendo em vista o tempo ocioso dos mesmos e por se tratar de assunto correlato ao curso de História; b) o discente que completasse o curso faria jus a um certificado de 120 horas ou parcial, podendo usar essa certificação nas secretarias de educação dos municípios e na UNEB como Atividade Acadêmica Científica e Cultural.

Quanto à contribuição para a pesquisa, a metodologia DBR foi coadjuvante nessa investigação, para que o resultado pudesse apresentar três níveis de benefícios:

- a) Nível teórico: Epistemologia pedagógica de Vygotsky. A partir desse resultado, os estudiosos de Vygotsky poderão acrescentar ao rol de pesquisas que usaram esse postulado, através do ensino-aprendizagem/EAD, e afirmar que o curso que fizemos (CRBP) é mais uma ferramenta a ser utilizada e aplicada em nome do socioconstrutivismo;
- b) Diversidade: O CRBP comprovou que os sujeitos aprendentes são as pessoas capazes de mostrar, nas pesquisas, como veem a diversidade dos municípios/polos aos quais participam e o próprio entendimento sobre suas diversidades; que a pluralidade e a diversidade fazem parte dos sujeitos aprendentes;
- c) Pensar Histórico: Esta pesquisa conseguiu mostrar que é possível estudar o Pensar Histórico através de outras ferramentas, como o *Mobile Learning*.

Depois de chegarmos às nossas conclusões sobre as três bases desta dissertação, vamos analisar como se desenvolveu, na prática, a ação dos sujeitos aprendentes no dia a dia do CRBP, com relação a: **colaboração, realidade prática, diversidade, ensino-aprendizagem, participação dos municípios e do M-Learning**.

✓ **COLABORATIVA** – Esta pesquisa foi colaborativa porque houve um acordo tácito entre os sujeitos aprendentes dos quatro municípios/polos na produção dos trabalhos solicitados pelos pesquisadores durante o CRBP;

✓ **REALIDADE PRÁTICA** – As produções estabelecidas por esta pesquisa primaram por uma proposta de ensino-aprendizagem na qual os sujeitos aprendentes fizeram suas produções nos intervalos diários do seu cotidiano, nas ruas e praças dos municípios/polos, orientados pelo CRBP;

✓ **DIVERSIDADE** – Os sujeitos participantes refletiram sobre suas cidades, bem como, em suas formas de viver com a diversidade e relataram essa diversidade na ficha:

provocação propedêutica. Nessa ficha reproduziram a diversidade existente nos municípios/polos a partir da ótica desses sujeitos;

✓ **ENSINO/APRENDIZAGEM** – A proposta de solução EAD criada pelos pesquisadores apresentou três bases: a) solução sobre a Diversidade; b) o Pensar Histórico; e c) Epistemologia pedagógica de Vygotsky. Esses três postulados foram estudados pelos sujeitos aprendentes, e os retornos através dos trabalhos acadêmicos propostos pelo CRBP foram considerados pelos pesquisadores como positivos, passíveis de adaptações, conforme reformulação do *design* proposto nessa avaliação;

✓ **PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS/POLOS** – As prefeituras participaram desse projeto emitindo as certificações do CRBP, os polos cederam salas e convocaram os participantes para assistirem à proposta dos pesquisadores;

✓ **M-LEARNING – M-L** – O CRBP se utilizou da mobilidade e praticidade dos *smartphones*, enquanto ferramentas transportadas pelos sujeitos aprendentes em mãos e em mochilas, como ferramenta de curso. O *WhatsApp* foi o aplicativo utilizado para fazer chegar *anytime/anywhere* as solicitações do curso e os retornos imediatos. A comunicação entre os sujeitos aprendentes na *Ágora*, enquanto espaço de comunicação criado no *WhatsApp*, contou com participações diárias das contribuições, dos compartilhamentos e das colaborações dos sujeitos. O *M-L* possibilitou diálogos instantâneos, produções de vídeos, áudio e mensagens curtas, com *feedback* rápido. Ao final do curso, os sujeitos aprendentes enviaram *power points* como trabalhos de conclusão do CRBP, os quais foram analisados pelos pesquisadores.

Nossas conclusões sobre o *modus operandi* dos sujeitos aprendentes, ao executarem as tarefas sinalizadas pelo CRBP, é de que a novidade educacional apresentada para eles sobre uma tecnologia que é usada diariamente nos *smartphones* pode beneficiá-los. O fato de os sujeitos aprendentes responderem às questões propostas pelo curso a qualquer hora e lugar, estimulou os pesquisadores a produzirem um *design* de curso de ensino-aprendizagem inusitado para esses sujeitos e para o curso de História/EAD.

Destarte, as tecnologias precisam ser apropriadas para a pedagogia no ensino-aprendizagem, mesmo porque o olhar dos sujeitos contemporâneos está voltado para as novidades tecnológicas. Temos que tornar essas tecnologias nossas aliadas. Nesse sentido, uma tecnologia que pode ser transportada na mão, pode também portar todo um conjunto de

educação formal em prol do ensino-aprendizagem da humanidade.

Qual a importância dessa pesquisa *M-learning*, com característica de tese, para a Bahia, para a UNEB e para a sociedade? Para a Bahia podemos ampliar essa pesquisa na perspectiva de tentar ultrapassar os bolsões de área sem *internet* via telefone, para que os sujeitos aprendentes possam se articular de maneira tal que consigam fazer cursos nos rincões baianos. Para a UNEB, a importância é a novidade de se produzir um projeto de ensino aprendizagem capaz de elevar o nome da instituição baiana para outras áreas do país, tendo em vista que o projeto foi testado no curso de História da UNEB.

Para a sociedade, é importante mostrar que aparelhos telefônicos inteligentes, que estão praticamente nas mãos de todos os cidadãos, podem dispor de uma tecnologia amigável para a educação formal. Essa tecnologia precisa ser aproveitada para beneficiar o ser comum, em processo de ensino aprendizagem, que vai da alfabetização ao nível superior, portanto alcançando todos os níveis da educação na sociedade.

Sendo assim, a proposição: são desconhecidas soluções aplicadas de ensino-aprendizagem/EAD para os municípios/polos do curso de História, apresentada no início desta dissertação, agora pode ser respondida: Podemos afirmar, até que surjam outros problemas nessa área da educação, portanto, de maneira provisória: Não são mais desconhecidas essas soluções, pois junto ao coletivo da UAB da UNEB/EAD, fomos capazes de criá-las. Criamos um *design* que possibilitou aplicar o CRBP no curso de História/EAD. Isso nos permite afirmar para a proposição inicial: sim, nós temos uma solução.

Em vista dos argumentos apresentados, propomos que possamos dar continuidade a um processo de doutoramento ampliando as possibilidades de curso através do *M-Learning*. Por outro lado, acreditamos ser essa uma oportunidade para a UNEB admitir esse projeto inicial desenvolvido e experimentado nessa pesquisa e criar um mestrado em *M-Learning*, no qual possamos participar como professores colaboradores.

Creditamos como consequência previsível desse estudo a continuidade da aplicação em futuros mestrados e doutorados. Para tentar concluir esta dissertação, dialogamos com Bakhtin, quando ele afirma que: “O personagem dostoiévskiano, por exemplo, é um ser inacabado e em luta consigo mesmo” (BAKHTIN apud BRAIT, 2013, p. 153).

Essa citação de Bakhtin nos autoriza a dizer que essa dissertação está agonizante,

pois uma pesquisa não permite seu fim, agoniza por vida e só tem vida quem está na lida e na construção e reconstrução da realidade prática. Nessa agonia, clama essa dissertação que outras pesquisas possam continuar a partir dessa parada agonística.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Trad. Antônio Borges Coelho, Franco de Sousa e Manuel Patrício. 5. ed. Lisboa: Presença, 1991.

ALVES, Lucineia, **Educação a distância: Conceitos e História no Brasil e no Mundo – módulo EAD**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf>. Acesso em: 01 set 2015.

BAKHTIN, Mikhail, Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud & Yara Franteschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maira Ermatina Galvão G. Pereira, 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento** O Contexto de François Rabelais. Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2013a.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra, 5. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2013b.

BRAIT, Beth. **Bakhtin - dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer, 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Ler Gramsci e entender a realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DAMATTA, Roberto. **O Que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DURAN, Maria Renata da Cruz; ALBERTI, Verena. **Dossiê de história 2.0: ensino a**

distância, redes sociais e recursos educacionais abertos. Disponível em:
<http://www.academia.edu/9711948/Dossi%C3%AA_Hist%C3%B3ria_2.0_ensino_a_dist%C3%A2ncia_redes_sociais_e_recursos_educacionais_abertos>. Acesso em: 18 set 2014.

FONSECA, Ana Graciela M. F. da. Aprendizagem, Mobilidade e Convergência: Mobile Learning com Celulares e Smartphones. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**. Artigos Seção Livre, n. 2, 163-181, junho, 2013.

FREIRE, Décio. Palmares. **A Guerra dos escravos**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS. Antônio Fernando G. Moreira. Bahia em Pedços: desafios para o historiador, In: FARIAS, Oliveira Sara; LEAL, Maria das Graças de Andrade. **História Regional e Local II o plural e o singular em debate**, EDUNEB, 2012. (p.69-85).

FREITAS, Décio. **Palmares: A Guerra dos Escravos**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1984.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ministério do Planejamento Orçamento, Gestão, Governo Federal do Brasil, Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba>>. Acesso em: 25 out 2015.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

KOSÍK. Karel. **Dialética do concreto**. Trad. Célia Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MATTA, Alfredo. **Tecnologia da aprendizagem em rede e ensino de história**: utilizando comunidades de aprendizagem e hipercomposição. Salvador: FAPESB, Líber livro Editor, 2006.

_____. **História da Bahia**: Licenciatura em História. Salvador: EDUNEB, 2013.

_____. Novas linguagens para a História, In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, ano 175, n. 464, tomo 1, n. 1, RJ, Brasil, 2014, p. 267-289.

MATTOSO, Kátia de Queiroz. **Bahia – Século XIX** : uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: Rumo a uma teoria da transição. Trad. de Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boi Tempo e UNICAMP, 2002.

MIL, Daniel; DA SILVA, Aparecida Ribeiro; BRITO, Nara. Sala de aula virtual: novos lugares e novas durações para ensinar e aprender na contemporaneidade. In: OLIVEIRA, Maria Olívia de Matos; PESCE, Lucila (Org.) **Educação e Cultura Midiática**, vol. I, Salvador: EDUNEB, 2012.

O GLOBO. **Quem é o criador do WhatsApp**. Sociedade e Economia. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/quem-o-criador-do-whatsapp-11663905>>. Acesso em: 01 set 2015.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Lev. Vygotsky**: Metodologia. São Paulo, Vídeo, produção de ATTA – Mídia e Educação, [1999] direto - Colégio Pentágono, 2015, uma fita de vídeo de 45:09 min. VHS, som color.

PAIVA, João. **E-Learning**: o estado da arte, sociedade portuguesa de física. Portugal: Softciências, 2004.

PINTO, Margutti Paulo Roberto. **História da filosofia do Brasil** – O período colonial (1500-1822). São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PLEKHANOV. **O Papel do indivíduo na história**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

REIS, João José. O Povo negro, quilombos e revoltas - a greve negra de 1857 na Bahia, In: **Revista USP**, 18,1993, (28). São Paulo: dezembro/fevereiro. 1995/1996. p. 14-39.

RIBEIRO, Silvar Ferreira. **Relatório de gestão coordenação UAB/UNEB**. 2009-2013, Salvador, 30 de abril de 2013.

RIOS, Demirval Ribeiro. **Jequié: Síntese histórica e informativa**. 2. ed. Salvador: JM Gráfica, 2011.

SALES, Mary Valda Souza; VALENTE, Vânia R; ARAGÃO, Cláudia. **Educação e tecnologias da informação e comunicação**. UNEB/EAD, 2010.

SILVA, Antônio Ozair da. SANTOS, Robson. Maurício Tragtenberg e a Pedagogia Libertária: anotações sobre a experiência ao fazer a tese. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 36, maio de 2004. Disponível em: <www.espaçoacadêmico.com.br/0036/36poe.html> . Acesso em: 01 set. 2015.

SILVA, Robson Santos da. **GESTÃO DE EAD – Educação a distância na era digital**. Novatec, 2013.

SISUAB – CAPES – Sistema da Universidade Aberta do Brasil – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: <http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1>. Acesso em: 15 ago 2013.

TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach, et al. **Objetos de Aprendizagem para M-Learning**. Florianópolis: SUCESU. Congresso Nacional de Tecnologia da Educação, 2004. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/CESTA/objetosdeaprendizagem_sucesu.pdf>. Acesso em: 18 set 2015.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. **História da Bahia**. 10. ed. Salvador:EDUNEB, EDUFBA; São Paulo: UNESP, 2001.

UNEB-AVA4. Universidade Estadual da Bahia. **Ambiente Virtual de Aprendizagem**.

Disponível em: < <http://www.ava4.uneb.br>>. Acesso em: 15 ago 2013.

UNESCO. **Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais**. BR/2007/PI/H/1. 2007. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba>>. Acesso em: 08 out. 2015.

UNESCO. **Policy guidelines for mobile**, 2013. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>>. Acesso em: 01 set 2015.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da práxis**. Trad. Luiz Fernando Cardoso. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIDAL, Eudes Mata. **Aplicação do jogo RPG by moodle para a aprendizagem sobre a guerra de Canudos**. Dissertação de Mestrado. UNEB, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Trad. Maria da Penha Villa lobos. São Paulo: Ícone, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Trad. André Glaser. São Paulo: UNESP. 2011a.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Trad. Vera Joscelyne Glaser. São Paulo: UNESP. 2011b.

APÊNDICE A - I ENCONTRO DE HISTÓRIA/EAD EM IRECÊ-BA

Fotografia 1 - Divulgação do Evento



Fonte: Acervo particular do autor, 2011

Fotografia 2 - Equipe do Polo de Irecê e o professor Osvanildo (coord. tutoria História)



Fonte: Acervo particular do autor, 2011

BREVE HISTÓRICO

O Primeiro Encontro de História UNEB/EAD foi realizado na UNEB, Campus XVI, em Irecê, nos dias 18 e 19 de março 2011. O evento contou com a participação de estudantes, tutores e coordenadores de vários polos. Os presentes foram: Irecê (anfitrião); Conceição do Coité; Seabra; Ipiauí; Itaberaba; Valença; Barreiras; Mundo Novo; Jequié; Rafael Jambeiro; Itapicuru; Santo Estêvão e Feira de Santana.

No primeiro dia, 18/03, à noite, tivemos a abertura, com a participação de Felipe Rebouças – tutor EAD e músico de mídias do curso de Licenciatura em Música da

universidade Federal do Rio Grande do Sul e universidades parceiras (UFBA, UFAL, UFMT, UNIR, UDESC, UFES), tocando "La Catedral" - Agustín Barrios e "Prelúdio" - J. S. Bach.

A mesa foi composta pelos professores:

- Professora mestranda Helga Porto de Miranda- diretora da UNEB Campus XVI, a qual deu as boas-vindas e todo o apoio possível a todos os participantes do evento;
- Professora Mestra Rúbia Margareth Dourado Oliveira Macedo Matos - secretária de educação de Irecê - palestrou sobre "O professor de História";
- Professor Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta - coordenador do curso de História;
- Professor Mestre Silvar Ribeiro - coordenador UAB UNEB - falou sobre o projeto UAB e os cursos UNEB/UAB;
- Professor Osvanildo Ferreira - coordenador de tutoria do curso de História;
- Eudes Vidal - assessor pedagógico do curso de História;
- Paulo Henrique Costa - Ponto de Cultura Ciberparque Anísio Teixeira: filmou o evento;
- Professora Solange Ribeiro da Silva Maciel - coordenadora do Polo UAB de Irecê e do evento, juntamente com a equipe do Polo e do curso de História EAD.

No dia 19/03 aconteceram as seguintes atividades:

TURNO MATUTINO:

- As representações de estudantes de pedagogia, professores em exercício, sobre a relação professor-estudante - Profª Mestra Cenilza Pereira dos Santos (UNEB);
- *Weblog*: perspectivas tecnológicas da linguagem escrita - Prof. Mestre Robério Pereira Barreto (UNEB);
- O ofício do historiador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta;
- Debate;
- Jogos no Ensino e Pesquisa: Professor Jodeilson Martins - Tutor UAB/UNEB.

TURNO VESPERTINO:

- Encontro técnico:
 - a) Eudes Vidal - assessor pedagógico do curso de História - Os princípios pedagógicos do curso de História. - Coordenadores do curso de História (curso, tutoria, UAB/UNEB);
 - b) Formação de grupos para a elaboração da "Carta de Irecê": documento constando as dificuldades, anseios e expectativas dos estudantes em relação ao curso de História EAD;
 - c) Apresentação das propostas dos grupos na plenária e escolha de quatro estudantes para elaborar a "Carta de Irecê", a partir das propostas dos grupos;

- d) Encerramento do encontro: Professores Silvar, Alfredo, Helga, Osvanildo, Eudes e Solange;
- e) Apresentação cultural: Zé Bigode e Banda.

Vale ressaltar, também, a colaboração da Escola Municipal Ineny Nunes Dourado - Escola Parque, na pessoa da diretora Maria Cristina Ribeiro de Souza, no alojamento a vários estudantes. As Secretarias de Educação de Irecê e de Ibititá, pelo apoio ao evento, aos estudantes de História do Polo de Irecê, pela ajuda na organização geral do evento, ao Ponto de Cultura Ciberparque Anísio Teixeira, através do coordenador Ariston Eduão e do funcionário Paulo Henrique Costa, a equipe do Espaço UFBA e do Polo UAB, ao professor Osvanildo, articulador do evento e a todos os que, direta ou indiretamente colaboraram para que este encontro de História acontecesse.

Abraços a todos e todas.

Solange Maciel - CP Irecê

APÊNDICE B - VII ENCONTRO DE HISTÓRIA/EAD - POR UMA VIVÊNCIA PLURICUTURAL – 28 E 29/11/2014 - ENCONTRO TEMÁTICO BARREIRAS-BA

Fotografia 3 - Fotografia do Cais, Mercado Velho e seu entorno



Fonte: Napoleão Macedo (in memoriam). Disponível em: <http://www.novoeste.com/index.php?page=destaque&op=readNews&title=O+contraste+do+antigo+com+o+moderno+denuncia+a+depreda%E7%E3o+hist%F3rica+em+que+vive+Barreiras+nos+seus+%FAltimos+tempos>. Acesso em: 01 set 2014.

BREVE HISTÓRICO DE BARREIRAS

Situada no Oeste da Bahia, Barreiras compõe, junto a outras cidades vizinhas, a maior região agrícola do Nordeste onde a soja é um de seus principais produtos cultivado na atualidade.

A história de rios e portos como importantes elementos de ligação e comunicação é secular, sendo assim, não deixaria de existir também nessa localidade, cujo rio principal é o Rio Grande que corta a cidade estando à margem esquerda do rio São Francisco.

Segundo dados da biblioteca do IBGE o território de Barreiras integrava a Sesmaria da Casa da Ponte de Antonio Guedes de Brito. Embora seu povoamento tenha ocorrido a partir da segunda metade do século XIX, foi a descoberta da borracha, extraída da seiva da mangabeira, que impulsionou a formação do arraial de Barreiras, elevado à freguesia em 1881.

Como vimos, foi através do rio Grande que ocorreu o início do povoamento dessa cidade, mas as mudanças políticas e de infraestrutura também chegaram, dessa forma, à

construção da rodovia Salvador/Brasília (BR-242) e intensificou o desenvolvimento do então município, em 1961.

No decorrer de sua história, Barreiras teve seu território desmembrado algumas vezes, sendo o último, de acordo com dados do IBGE, datado de 31-11-1963, tornando-se o município constituído do distrito sede.

FALA DE ABERTURA

Estiveram presentes na abertura do VII Encontro de História EAD - Por uma vivência pluricultural, além dos estudantes, professores, coordenadores de polo e tutoria, também diretores de órgãos voltados para educação. As falas dos presentes que compuseram a mesa versaram sobre a importância, crescimento e necessidade de valorização do ensino e aprendizagem a distância. Ênfase foi dada para a inauguração da nova sede do polo situado na escola Polivalente de Barreiras.

Os presentes, oportunamente, externaram sua satisfação em participar desse que era o VII Encontro de História a distância, e da importância que deve ser dada à temática da pluriculturalidade, considerando as especificidades regionais, que engrandecem os estudos históricos e contribuem para melhores análises sociais.

Encerraram suas falas com desejos de boas vindas aos estudantes, a toda equipe da UNEB ali presente e falando da importância de que iniciativas de desenvolvimento de encontros que tenham como finalidade a valorização do estudante da EAD, bem como, seu local de vivência, possam continuar acontecendo.

RELATÓRIOS DOS DOCENTES E TUTORES

Por: Aline de Assis

Interação, agregação, aprendizagem, são palavras que representam a experiência vivenciada no VII Encontro de História/EAD: por uma vivência pluricultural. A interação com os estudantes do polo ocorreu de forma harmoniosa e direcionada, pois estavam todos envolvidos e participativos nas atividades propostas para os dois dias de evento. A experiência como tutora a distância, nesse polo, me possibilitou ver, em trabalhos dos

estudantes que construía seus projetos de pesquisas, informações sobre Barreiras, obtidas através da professora Inês Pitta. A oportunidade de conhecê-la me fez entender o motivo pelo qual tanto respeito e atenção são dados a ela pelos estudantes de História da localidade. Memorialista e professora de séries iniciais, Inez Pitta demonstrou conhecimento e respeito pela história de Barreiras, nos conduzindo por suas ruas e centro histórico, sempre com atenção e cuidado em nos relatar os referenciais históricos de cada lugar.

Ouvir de estudantes, como Maria José, relatos sobre a importância do aprendizado em História a distância, bem como, de outros participantes que, ao narrarem suas trajetórias de vida, pontuaram as dificuldades para manterem-se estudando e a emoção e satisfação em serem prontamente respondidos por um tutor a distância, torna nosso trabalho mais gratificante e prazeroso.

Empenho, dedicação, dúvidas e expectativas puderam ser vivenciados em diferentes momentos do evento, sobretudo o da apresentação de pôsteres de disciplinas pendentes. Esse foi um momento singular para todos, pois evidenciou a forma cíclica de aprendizagem perpassando pelas experiências de todos, coletivamente.

Por: Ana Carla Sousa

O encontro de Barreiras, apesar de haver poucas pessoas presentes, foi bastante proveitoso, produtivo e eficiente, acredito, para todos, não só para os alunos, como também para todos que participamos no encontro. Além do encontro cujo tema foi: Por uma vivência pluricultural, também aconteceu a inauguração do novo polo de Barreiras, pois a escola Polivalente em Barreiras cedeu uma parte para que fosse construído o polo dessa cidade.

No decorrer do evento, tivemos participações produtivas com Diego Carvalho nos trazendo um pouco sobre a história da Ditadura Militar; Inez Pitta, trazendo uma grande bagagem sobre a história da cidade, nos levando a um passeio temático com riqueza de detalhes sobre Barreiras e seus antepassados; Carlusia (Vereadora da Cidade), relatando a importância do curso para a comunidade barreirense; Kássia (Coordenadora do Polo) e Ana Catarina (Tutora Presencial); além de Maria José (aluna concluinte do curso de História), que deu seu depoimento sobre o curso e as contribuições do curso e da EAD.

Os alunos, apesar de estarem nervosos, todos apresentaram seus pôsteres com coerência e souberam trazer cada um, de modo particular, a explicação de seus conteúdos, alguns com suas limitações e seus anseios pelo nervosismo, porém todos apresentaram.

Posso concluir que o encontro foi muito produtivo, com riqueza de informação trazida por todos da cidade que estavam envolvidos no encontro. E para finalizar, não posso deixar de comentar sobre o passeio temático com a “historiadora” Pedagoga Inez Pitta de 72 anos, que nos trouxe alguns pontos importantes para a contribuição da história de Barreiras. Tudo estava bem estruturado, articulado e organizado pelos alunos, coordenadora e a tutora do polo, que nos receberam muito bem.

Por: Ana Catarina Sena F. Santos

O VII Encontro de História/EAD em Barreiras surgiu como possibilidade de integração dos alunos nessa etapa final do curso de História, como um momento de sanar disciplinas pendentes, através da apresentação de pôster e, principalmente, como motivador para a inauguração do polo que há cinco anos estava sendo estruturado para receber os cursos e alunos. O projeto do evento foi organizado em parceria com o coordenador de tutoria Osvanildo Ferreira, a coordenação de polo, na pessoa de Kássia Macêdo, a tutora presencial Ana Catarina Sena F. Andrade, a secretária de polo Palmira Figueredo e de um grupo significativo de alunos.

Tivemos muitas dificuldades para colocar o projeto em prática. Inicialmente, os alunos já muito dispersos do polo, não se empenharam em ajudar, restando um grupo pequeno de seis alunos, em um universo de trinta e dois que, de fato, colaboraram. Segundo, não tínhamos verba para arcar com as despesas do evento, tais como: material de consumo, pastas, material de limpeza, lanches, *coffee-break*, ornamentação, painel, *banner*, material de divulgação, música, almoço, camisas etc.

Tudo que utilizamos de material foi produzido com os recursos que o polo dispunha e a maioria dos gastos foi dividida entre coordenação de polo, tutoria e os alunos da comissão organizadora. Contamos com o apoio da TV local/TV OESTE, que divulgou o evento em chamadas diárias, e a Rádio Vale que promoveu uma entrevista com os coordenadores Osvanildo Ferreira e Kássia Macêdo.

O que tornou possível a realização do evento foi nossa coragem, somada à imensa vontade de realizar o encerramento do curso e, principalmente, trazer uma visibilidade do polo à comunidade local. Além disso, o empenho da comissão organizadora, representados pela coordenadora de polo, tutora presencial, coordenação de tutoria, secretaria de polo e as alunas Aglaura Ceres, Genilda Crisostomo, Iracema Matos, Luciana Rodrigues, Maria José dos Santos e Noely da Silveira, que colaboraram muitíssimo, participando das reuniões semanais, fazendo panfletagem nas ruas, convidando pessoas, contribuindo com seu tempo e, principalmente, com seus recursos financeiros.

Iniciamos na noite do dia 28/11 com a uma mesa redonda de abertura e inauguração do polo. Contamos com as presenças das representantes da DIREC 25, a vereadora Karlúcia Macêdo, coordenador de Tutoria Osvanildo Ferreira, coordenação de polo e tutora presencial. Cada membro da mesa deu sua contribuição ressaltando a importância do evento e do momento para a construção de uma nova fase na educação de Barreiras.

Foi uma noite memorável. Contamos ainda com a presença de alunos do curso de História, Matemática, Letras (UESC) e a comunidade local. Na oportunidade, alunas do polo fizeram um desabafo sobre os desafios encontrados ao longo do curso, agradeceram a oportunidade que a UNEB/UAB deram pronunciamentos e se emocionaram muito. Logo após tivemos um momento agradável com música ao vivo com um cantor da terra e um delicioso coquetel servido a todos.

Na manhã do dia 29/11, iniciamos as atividades com uma mesa redonda abordando o tema: História Regional: relatos de experiências históricas; contamos com os palestrantes professor Mestre Diego Carvalho, professor de História do Instituto Federal da Bahia – IFBA, a pesquisadora da cidade Ignez Pitta e a aluna concluinte do curso de História, Maria José dos Santos. O professor Diego Carvalho nos agradeceu com uma discussão acerca da temática regional a partir de sua pesquisa na cidade de Feira de Santana, sobre a ditadura militar na perspectiva dos acontecimentos do dia 31 de março na cidade em questão.

Com muita propriedade, o professor discorreu sobre a História vista a partir de grandes acontecimentos nacionais, apontando a importância para o local e regional como parte do todo e principalmente como possibilidade de compreensão da história nacional de forma mais clara e específica. A pesquisadora Ignez Pitta nos presenteou com informações

preciosas sobre a história de Barreiras, com dados e fontes que a mesma vem coletando há anos e que resultou na elaboração de um livro informativo sobre a cidade. Para finalizar as atividades da manhã, a aluna Maria José fez um relato de sua experiência enquanto aluna do curso de História na modalidade a distância, apontando desafios e conquistas. A plateia contribuiu com perguntas e questionamentos, o que engradeceu muito esse momento.

Após a feijoada de confraternização, promovida pela comissão organizadora, abrimos o espaço para a organização das bancas de avaliação de pôster. A mesma foi composta pelo coordenador de tutoria Osvanildo Ferreira e os professores Jailton Lima Brito e Aline Assis. Foram apresentados seis pôsteres. Às 16h fizemos uma visita ao centro histórico da cidade de Barreiras, na companhia da pesquisadora Ignezz Pitta, que nos revelou aspectos importantes e interessantes da formação da cidade, dos casarões, das ruas, das vielas e do universo Barreirense tão esquecido e deixado de lado.

Finalizamos com a vista belíssima da primeira rua da cidade, a Rua Humaitá, que dá acesso ao rio Grande que passa por dentro da cidade e que possui um museu com objetos diversos sobre a história de Barreiras. Nesse último momento, contamos com a presença da TV OESTE, que acompanhou o percurso de visitas e divulgou a culminância do encontro abordando a importância de tais eventos para a cidade.

APÊNDICE C - RELATÓRIOS DOS ESTUDANTES DO ENCONTRO TEMÁTICO EM BARREIRAS-BA

PASSEIO CULTURAL NO CENTRO HISTÓRICO DE BARREIRAS- BAHIA

Por: Luciana Rodrigues de Souza Magalhães

Nos dias 28 e 29 de novembro de 2014, aconteceu na cidade de Barreiras- Bahia o VII encontro de História/EAD: Por uma vivência pluricultural. Como encerramento houve um passeio cultural pelo centro histórico, tendo como guia na explanação a Professora Ignez Pitta de Almeida. O passeio iniciou pelo Polo Barreiras que fica anexado ao Colégio Estadual Professor Alexandre Leal Costa.

Fotografia 4 - Área externa do Colégio Professor Alexandre Leal Costa



Fonte: Acervo particular do autor, 2014

O colégio foi inaugurado em 1974, seu nome foi em homenagem ao professor e médico Alexandre Leal Costa, um homem que lecionou em várias instituições de ensino e fez parte em diversos cargos e funções na Faculdade de Medicina, sendo principal responsável na instalação do Instituto de Biologia, do qual foi eleito diretor após a sua criação. O colégio fica situado à Rua Coronel Magno, assim como Antônio Balbino, foram coronéis de destaques da época e contribuí para o crescimento da cidade, participando de decisões sociais, economias e políticas.

Dando sequência ao passeio, passamos pela Praça Castro Alves, conhecida por muitos pelo nome de Praças das Corujas, que segundo a professora Ignez Pitta, quando foi

inaugurada havia estátuas com imagens de corujas, anões, anjos etc. O apelido foi algo instituído pelas crianças que começaram a dizer que lá era a praça das corujas, e até hoje muitos moradores se referem a ela dessa forma.

Conta-se que nessa praça há muitos anos atrás foi encontrado um baú, que os representantes políticos e famílias de influência tiveram acesso ao seu conteúdo, mas nada foi revelado até hoje para a população.

Fotografia 5 – Fotografia da Praça dos Pombos



Fonte: Acervo particular do autor, 2014

Seguimos em direção ao cais, passamos em frente da casa do primeiro médico de Barreiras, Doutor Augusto César Torres Barrense, também personagem importante para a história local. Veio para Barreiras após o fim da guerra do Paraguai, em que serviu. Além da medicina se dedicava à política e à cultura, criando em 1918, o jornal semanal O Rio Grande. Paramos em frente ao Clube ABCD, criado na década de 1950, com o objetivo de local de recreação principal ponto de entretenimento.

Fotografia 6 - Fachada da Associação Barreirense



Fonte: Acervo particular do autor, 2014

Continuando nossa caminhada, chegamos à Praça Marechal Deodoro, nesse momento estávamos em frente ao antigo porto de Barreiras, onde a Professora Ignez Pitta

relatou um pouco da história da cidade, enfatizando a importância do porto para o desenvolvimento de Barreiras, pois era o meio de transporte da época. Pelo porto chegavam e saíam mercadorias, era o principal transportador da borracha de mangabeira, produto que contribuiu para a imigração e crescimento do lugarejo que posteriormente se tornaria cidade.

Assim como o porto, dois outros vetores foram importantes para o progresso de Barreiras: a segunda hidroelétrica da Bahia e o Aeroporto. Em 1928, foi construída no município, a hidroelétrica, que fez com que indústrias se instalassem na região. Desse modo, em pouco tempo, a cidade que praticamente não crescia economicamente viu surgir frigoríficos, máquinas beneficiadoras de arroz e algodão, fábricas têxteis, curtumes e empresas especializadas na extração de borracha. Importante salientar que o aeroporto foi uma base de abastecimento para as tropas americanas, na II Guerra Mundial.

Fotografia 7 - Caminhada em direção a Praça Landulfo Alves



Fonte: Acervo particular do autor, 2014

No local onde hoje é a Praça Landulfo Alves existia uma grande casa que foi desapropriada para a instalação da feira livre. O Mercado Municipal começou a funcionar em 1950 e após dez anos não suportava o contingente de feirantes, fazendo as barracas se instalarem na praça.

Hoje a praça é um local de lazer, ouvir uma boa música e encontrar amigos. O Mercado Municipal é rodeado de bares, lojas diversas (artesanato, conserto de máquinas).

Saindo de lá, nos direcionamos para a primeira Igreja de Barreiras “Santa Teresinha”; antes de chegarmos, passamos pela Praça Duque de Caxias onde nos deparamos com um grupo de pessoas organizando um movimento cultural que iria acontecer à noite, com

exposição de pinturas, apresentação musical e capoeira.

Em seguida, nos direcionamos para a primeira Rua de Barreiras, Rua Humaitá, a beira do rio Grande, vimos como os moradores preservam o local e as barreiras que foram feitas para que não desmoronassem as terras nas encostas. Um projeto muito bonito de retirada de lixo do rio e reutilização dos materiais é direcionado pelo casal Tonny e Fernanda. Visitamos um terreno à beira do rio que será um parque para a cidade, e visitamos uma casa onde eles implantaram um museu com diversas peças, fotografias, livros e um grande acervo da história de Barreiras.

O VII seminário foi enriquecedor, ocorrendo mesa redonda, apresentação de pôster e para encerramento o passeio cultural pelo centro histórico de Barreiras- Bahia. Acredito que quem participou retornou para sua residência com o sentimento de realização pela gama de conhecimento que adquiriu no decorrer de todo o evento. Foram momentos de descontração, vivência, troca de informação e reestruturação de conhecimento. Todos tiveram a oportunidade de lembrar um pouco da cidade de Barreiras e conhecer alguns pontos históricos jamais visitados pelos estudantes que ali estavam presentes.

O evento foi gratificante tendo participação de professores da UNEB, do IFBA, estudantes de História/EAD, estudantes de Matemática/EAD e da comunidade barreirense.

RELATÓRIO DE VISITA AO CENTRO HISTÓRICO DE BARREIRAS / BA

Por: Iracema Matos

Relatório de visita ao Centro Histórico de Barreiras/BA apresentado ao Professor Osvanildo de Souza Ferreira, como requisito para carga horária AACC, durante o Encontro, no Curso de História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho inclui relato sobre as observações feitas e a apresentação da Prof^a

Inês Pitta no Centro Histórico de Barreiras, orientado pelo professor Osvanildo de Souza Ferreira, Universidade do Estado da Bahia/UNEB/UAB/EAD/Polo Barreiras. A visita ao Centro Histórico foi realizada no dia 29/11/2014, sendo três horas de observação.

Barreiras é um importante centro agropecuário e o principal centro urbano, político, educacional, tecnológico, econômico, turístico e cultural da região Oeste da Bahia. Nesse contexto de cidade polo regional, Barreiras cada vez mais tem se fortalecido economicamente dado ao seu desenvolvimento em segmentos e setores diversificados dando-lhe um ritmo de desenvolvimento mais acentuado, sustentável e seguro, com fornecimento de serviços diversos (com destaque na educação e saúde), comércio pujante e agronegócio, forte incremento imobiliário e construção civil, entre outros segmentos que se complementam.

IMPORTÂNCIA E OBJETIVOS

A visita a Centros Históricos deve estar presente na rotina de todas as pessoas e ainda mais especialmente dentro de todos os níveis educacionais, como o objetivo de alcançar todos os alunos em fase escolar. Assim, devemos desenvolver projetos culturais voltados ao nosso patrimônio histórico e trabalhar com conceitos e conhecimentos voltados para a preservação do Patrimônio Histórico Cultural e uso sustentável dos recursos naturais.

ÍTEMS DE OBSERVAÇÃO SOBRE A VISITA AO CENTRO HISTÓRICO

O presente relatório é resultado de experiências vivenciadas durante a visita ao Centro Histórico de Barreiras. Assim, em 29/11/2014, às 15h aproximadamente, iniciamos a nossa caminhada partindo do Polo/UAB de Barreiras localizado nas dependências do Escola Polivalente Prof. Alexandre Leal Costa, onde a professora Inês Pitta relatou que o prefeito Baltazarino Araújo Andrade, quando assumiu a Prefeitura após Aníbal Barbosa, murou a área total, mais de 29 mil m², na certeza de que no futuro iria desapropriá-la e que anos depois o Estado se utilizou da área para, além de construir a unidade escolar, implantou também o Núcleo de Tecnologia da Educação e o prédio da SEMARH, já que nunca teve legalmente posse de titularidade da área. E ainda, para viabilizar recursos para as obras de reforma e de

ampliação do Colégio, somente agora o governo do estado, através de um ofício ao prefeito de Barreiras, alegou que o município precisa regularizar a propriedade, no caso sua escritura de doação.

Em seguida, paramos na Avenida Benedita Silveira, que leva o nome de uma parteira que durante muitos anos atendeu muitas mulheres em trabalho de parto e cuidou de muitos bebês. Também, paramos na Praça Castro Alves, conhecida como “Praça das Corujas” que segundo Pitta, o nome “Praça das Corujas” foi devido a ornamentação de pequenas “corujinhas” em determinado período da história de Barreiras.

Já no centro histórico, a historiadora fez uma longa explanação sobre o Mercado Caparosa, criado pelo prefeito da época Sabino Dourado. De acordo com Inês, o mercado é muito bonito, mas o interior dele é um local abandonado, do qual poderia se tirar proveito. E que há muita demolição de prédios antigos e construção de prédios modernos. Embora esses novos prédios sejam bonitos, eles não são adequados ao ambiente que os cerca. Um ambiente de casas antigas do fim do século 19, com o estilo renascentista. Algumas das casas mais bonitas já foram demolidas. Algumas são destruídas e nada é construído no lugar. Todas as cidades preservam seu Centro Histórico para manter sua identidade, mas não se vê isso aqui em Barreiras.

Recentemente, teve início a reforma do prédio da Sertaneja. Esses prédios antigos precisam ser restaurados. Os donos de lá estão tomando o cuidado para não afetar a arquitetura do lugar. Preservar a identidade dessas casas antigas é fundamental.

A prefeitura tem uma lei para a preservação do Centro Histórico. Ela foi aprovada pelos vereadores e sancionada pelo prefeito Antônio Henrique em seu mandato anterior, mas infelizmente, ela jamais foi colocada em prática. Ela determinava que a prefeitura criasse um órgão chamado Serviço ao Patrimônio Artístico Municipal, que ficaria responsável pelo estudo técnico. Caso uma casa tivesse as características necessárias, seria feito o tombamento. A lei fala do patrimônio arquitetônico, natural e imaterial, que são todos os costumes da sociedade, porém nada disso foi feito até agora. Ressalta que está na hora de essa lei ser posta em prática.

A historiadora Inês Pitta também falou sobre os maus tratos ao rio Grande. Falta de respeito e de consciência estão cooperando para a extinção do símbolo maior da região. O rio

faz parte da história de Barreiras. Em meados dos anos 1980, o rio recebia grandes embarcações que traziam mercadorias, mas hoje o lixo e o baixo volume de água não permitem isso. Quem passa pela orla do cais em Barreiras - BA, não tem mais aquele prazer de usufruir da beleza do local que, infelizmente, está ameaçada pelo descaso de uma boa parte da população e do poder público. Não tem muito tempo que alguns mutirões foram realizados para limpar as margens do rio, tirando toneladas de lixo com todo o tipo de materiais, desde garrafas PET até restos de móveis. Mesmo com tantas campanhas realizadas na cidade para a conscientização ambiental, o mau hábito de jogar tudo dentro das águas continua. Nos finais de semana, o cais é a principal atração da cidade para os jovens. Latinhas e garrafas de bebidas são avistadas com frequência naquela região depois de cada noite de farra.

Por parte do poder público resta a falta de um projeto para tirar o vergonhoso esgoto que é derramado todos os dias do rio. A falta de fiscalização dos órgãos responsáveis também é notada pela parte da população que luta por um rio mais acessível, mas que no momento, infelizmente, agoniza sem nenhum tipo de atenção. É até estranho quando se fala em cuidar do meio ambiente, quando o próprio órgão fecha os olhos para a realidade que está escancarada e não apresenta qualquer tipo de solução para frear essa prática que, aos poucos, está destruindo o que a região tem de mais precioso, o rio Grande.

Fotografia 8 - Explicação da professora Inês Pitta



Fonte: Acervo particular do autor, 2014

Fotografia 9 - Equipe organizadora do evento



Fonte: Acervo particular do autor, 2014

Da esquerda para a direita: Kássia Macêdo- coordenadora do polo; Noely Sousa – discente; Luciana Rodrigues- discente; Ana Catarina Sena- tutora presencial; Tânia- representante da Direc 25; Osvanildo Ferreira – coordenador de tutoria EAD; Neildes – representante da Direc 25; Ana Carla Sousa – assistente da coordenação pedagógica de História; Aline de Assis, professora formadora; e Jailton Brito, tutor a distância.

LISTA DE ORGANIZADORES DO EVENTO

Aglaura Ceres- Discente
 Ana Catarina Sena- Tutora Presencial
 Genilda Crisóstomo- Discente
 Iracema Matos- Discente
 Kássia Macêdo- Coordenadora de Polo
 Luciana Rodrigues- Discente
 Maria José dos Santos- Discente
 Noely da Silveira- Discente
 Osvanildo Ferreira- Coordenador de Tutoria
 Palmira Figueiredo- Secretária Acadêmica
 Romênia Barbosa- Discente

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização do patrimônio histórico e cultural deve ser abraçada pela comunidade como um todo, pois o passado contido nos inúmeros bens arquitetônicos existentes na cidade

de Barreiras será mantido com a sua devida importância. Contudo é necessário conscientizar a população para que ela compreenda que se não cuidar do seu patrimônio, esse perderá seu sentido. Uma população sem patrimônio é um conjunto de pessoas sem história, sem cultura, sem tradição. Determinado bem cultural não precisa, necessariamente, possuir atratividade turística, mas o cuidado e o interesse por parte dos residentes não deve deixar de existir.

Resgatar a história e memória de uma região é trabalho do historiador que reverbera na educação, nesse tocante a temática Por uma Vivência Pluricultural, nos remete a pensar sobre a construção de significados e valores para a sociedade. Obviamente se trata de construção de significados e valores para uma dada sociedade e estamos trabalhando com as especificidades de vida das pessoas envolvidas na formação acadêmica, em nosso caso, a distância.

Esses elementos tornam a perspectiva dos encontros mais produtiva e proveitosa, pois trazem as vivências individuais, associadas às coletivas em um constante vir a ser integrador e agregador de conhecimentos que nos possibilita formação de opiniões, empoderamento nas ações, valorização de nossas práticas e melhora de nossa autoestima cultural. A mobilização, organização, presença e participação de todos nesse encontro, evidenciaram o quanto o compromisso e respeito com educação, supera o fato de ser educação presencial ou não, deixando implícito que o que vale é a responsabilidade, o engajamento de todos.

APÊNDICE D - HISTÓRICO DO VIII ENCONTRO DE HISTÓRIA/EAD - POR UMA VIVÊNCIA PLURICUTURAL - 02 E 03/12/2014 EM BOM JESUS DA LAPA – BA

BREVE HISTÓRICO: BOM JESUS DA LAPA

Bom Jesus da Lapa é um município brasileiro do estado da Bahia, situado a 796 km da capital estadual. A sua população em 2007 era de 62.199 habitantes conforme o IBGE, mas a estimativa que em 2009 tenha aumentado para 66.192 habitantes; possui uma área total de 4148,5 km², banhada pelo rio São Francisco.

O grande diferencial entre Bom Jesus da Lapa e as outras cidades da região é o morro em estilo gótico e suas grutas que lhe conferem um clima místico e diferenciado. A Lapa é uma região que fazia parte da sesmaria do Conde da Ponte, Antônio Guedes de Brito, quando Francisco de Mendonça Mar, peregrino para uns, e andarilho para outros, descobriu um morro à margem direita do rio São Francisco, em 1691. Nas redondezas do lugar existiam apenas alguns currais de gado e empregados de Antônio Guedes. O monge, como mais tarde ficou conhecido, tinha por esse tempo uns trinta anos.

Distribuiu os seus bens, fez-se pobre, andou pelo sertão vestido de um grosso burel e carregando uma imagem do Bom Jesus. Caminhou cerca de duzentas léguas por entre tribos de índios, esteve exposto aos perigos das onças e outros animais selvagens que abundavam nas florestas virgens do sertão.

Em 1691, Francisco de Mendonça Mar descobriu o morro que viria a ser o Bom Jesus da Lapa. Numa de suas inúmeras grutas, começou uma vida de eremita, devoto do Jesus e de Maria da Soledade.

A cidade começou sua existência à sombra do Santuário do Bom Jesus. Na data em que o Monge chegou a esse lugar, havia entre o morro e o rio São Francisco apenas algumas palhoças de índios Tapuias. Mas com o tempo, foram agregando-se devotos que resolveram fazer sua moradia perto do lugar onde se achava a imagem do Bom Jesus. O Monge construiu junto ao Santuário, um hospital e um asilo para os pobres e doentes, dos quais cuidava. Assim começou a crescer ao lado da lapa do Bom Jesus um povoado, assumindo o mesmo nome de Bom Jesus da Lapa.

Graças às constantes peregrinações que se transformaram em grandes e permanentes romarias de fiéis, ao Santuário do Senhor Bom Jesus, o povoado foi se desenvolvendo, transformando-se em vila em 1870, atingindo a categoria de cidade em 1923 e chegando a ser município em 1953.

DISCURSO DE ABERTURA DO ENCONTRO

Por Osvanildo Ferreira de Souza¹⁶

Bom dia a todos e todas as autoridades presentes. O Coordenador do curso, o prof. Alfredo Mata, enviou a todos os presentes, votos de sucesso pela realização deste VIII Encontro de História/EAD que ora se inicia.

A Coordenadora Eiane Marques, a professora Tutora Gabriela Amorim, a Willis Péricles, e a Evalda Souza, aos colegas que vieram conosco para ajudar nessa empreitada maravilhosa para estarem contribuindo com a experiência deles, na mesa de hoje à noite e nas avaliações dos trabalhos que serão apresentados. Professora Ana Carla, prof. Jailton, profa. Aline, juntamente com o prof. Ivaldo que estamos aguardando para hoje à noite.

Ao abriremos o **VIII Encontro de História/EAD, por uma realidade pluricultural**, somos de imediato, remetidos ao texto do *folder* que nos convocou a estarmos presentes em uma das cidades mais importantes para o Brasil e para a Bahia, principalmente por sua cultura religiosa.

O *folder* do **VIII Encontro de História/EAD, por uma realidade pluricultural**, que deve estar nas mãos da maioria de vocês, apresenta esse evento, dividindo sua apresentação em **Justificativa, Objetivos e Público Alvo**. Na **Justificativa**, o *folder* informa que “uma das características da história baiana e brasileira é a riqueza da sua diversidade cultural.” O que tem sido comprovado ao logo das nossas experiências, nos sete encontros anteriores realizados nos diversos polos onde o Curso de História está presente, portanto, ao convidarmos as palavras cultura e história como vocativos para estarmos presentes nessa liturgia que é a abertura do **VIII Encontro de História/EAD, por uma realidade**

¹⁶ Filósofo; Coordenador de tutoria.

pluricultural, em Bom Jesus da Lapa, momento em que estamos elegendo e vivenciando a cultura dos municípios/polos de História. Nesse sentido, a cultura foi eleita para esse convívio, e para estar presente entre nós, nesse dia 02 de dezembro de 2014.

Nos objetivos: a palavra cultura aparece mais uma vez para privilegiar e “ampliar o debate acerca da pluralidade e do ofício do historiador”, portanto gozando do léxico de palavras da língua mãe, novos elementos vão sendo atraídos ao arcabouço desse escrito na medida em que o objetivo desse evento, convoca o professor e historiador para o centro dos debates.

O objetivo do encontro deixa claro que a eleição dos debates tem o propósito de premiar o professor e historiador, o que se evidencia estando em um encontro do Curso de licenciatura de História, nada mais eficaz do que nos seus objetivos, se convocar para o debate, para uma discussão cultural que auxilie, privilegiando os nossos formandos e futuros docentes com nível superior em história, diplomados pela UNEB, uma Instituição de Ensino de nome e projeção nacional, para estar presente nesse dia.

Portanto, vocês com esse curso e com a certificação da UNEB, a mesma de aluno presencial, estarão em breve levando a todo o município e adjacências o que aprenderam e apreenderam na UAB/UNEB/HISTÓRIA/EAD, mediados pela tecnologia da *internet*, através do espaço físico do polo de Bom Jesus da Lapa. Os outros mediadores que consideramos da mais alta categoria, se assim podemos dizer, são os professores que ocupam espaços diversos na estrutura como profissionais da tutoria, formadores e coordenadores que também estão presentes nesse recinto.

O público-alvo para este evento poder-se-á ser resumindo em: todas as pessoas da comunidade de Bom Jesus da Lapa interessadas em compreender o que vem sendo construído pelo curso de História nos do diversos municípios nos sete encontros realizados até então.

Após apresentação dos propósitos desse encontro, sentimos a necessidade de em rápidas palavras falar do histórico que nos fez construir esse encontro da forma que vimos demonstrando desde o início, com sua justificativa e objetivos primários.

Quando assumimos a coordenação do curso de História da UAB - Universidade Aberta do Brasil, na UNEB em 2010, sentimos necessidade de reunir os universitários EAD de História, na perspectiva de que pudessem, não só conviver com os profissionais

professores da EAD diretamente, já que as relações são, na sua maioria, construídas na plataforma do *MOODLE*, tendo o Ambiente Virtual de Aprendizagem - o gestor tecnológico das atividades mediadas na EAD.

O que nos movia à época e nos move hoje é a certeza de que somos construtores de nossos caminhos, de nossas vidas. Em nosso *ethos* de professores éticos e responsáveis por mostrar os caminhos do conhecimento, somos conscientes de que somos sujeitos construtores e responsáveis por nossa história.

O I Encontro de História/UAB/UNEB/EAD foi realizado em Irecê-Ba em 2011; por ter sido o primeiro e por falta de visão administrativa, encontramos muitas dificuldades para realiza-lo. Mesmo com a falta de apoio financeiro e a ausência de carros para nos levar, esse evento contou com a presença de dezoito polos EAD de História naquele município.

As dificuldades não impediram o sucesso do encontro; ao final tivemos um trio nordestino que entrou no salão, após última palestra, tirando todos das cadeiras e fazendo uma festa em pleno auditório.

O nosso lanche eu o batizei de frutas *break*, já que não tínhamos o *coffee*, pois foi produzida pelos alunos uma mesa de frutas e legumes todos oriundos da agricultura da região e autorizadamente surrupitados das cozinhas das famílias dos alunos, já que não contávamos com estrutura que nos permitisse maiores luxos. Para não perder o hábito nordestino, tivemos uma farofa com carne de sol, produzida na copa da UNEB da localidade por algumas alunas que vieram participar do evento após a produção da farofa, portanto, tudo artesanal, todavia sem fugir à cultura e à tradição do lugar.

O II Encontro de História/UAB/UNEB/EAD foi realizado em Lauro de Freitas-BA, onde é a sede administrativa da UAB/UNEB. Nesse segundo encontro experienciamos os primeiros minicursos e apresentações de pôsteres que também estaremos avaliando aqui, nesse *locus*.

Nesse encontro tivemos a presença do presidente da CAPES e a apresentação via *internet*, diretamente da Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro, do professor e historiador Alberto da Costa e Silva, além de outros tantos professores que foram convidados para o evento de três dias.

A história de Lauro de Freitas se confunde com a da região e por que não, com a

história da Bahia, pois próximo dali, em praia do forte, encontramos as ruínas do castelo dos Garcias D'Avila, que foram os primeiros proprietários de terras, considerados, inclusive pelos historiadores, como proprietários de toda região costeira de Salvador para cima, em direção ao norte.

A família dos Garcias teve sua origem em Portugal, mas após casamentos realizados no Brasil, a família de Diogo Álvares Correia o “Caramuru” que foi casado com Catarina Paraguaçu, constituído a primeira família oficialmente brasileira, entrou para esse morgadio.

A Casa da Torre, nome do morgadio de estilo feudal, teve início no século XVI e durou 250 anos, expandindo-se pelas regiões do nordeste do Brasil à custa das guerras de ocupação das áreas indígenas, com a escravidão desses para trabalho em plantação em áreas de cana-de-açúcar, criação de gado, de cavalos e mulas. Grande parte dos índios da região vivia nas missões ou mosteiros existentes nesse latifúndio, mesmo não comungando com todas as práticas dos senhores de engenho. O latifúndio da família da Casa da Torre ia de Itapuã a Pernambuco de um lado, fazendo fronteira com a Casa da Ponte exatamente no São Francisco. Duas famílias se encontravam no velho Chico, num marco de guerra e conquista. Nas vias de fato, dividiam a Bahia, através das bandeiras e de aventureiros autorizados pela coroa. Portanto à época, a Bahia tinha dois senhores, o da Casa da Ponte e o da Casa da Torre.

O III Encontro de História/UAB/UNEB/EAD foi realizado em Canudos-BA, em 2012, denominado Sertanias, educação e História. Nesse encontro tivemos como base os alunos de História de Euclides da Cunha. Por falta de estrutura em uma cidade pequena, nenhum outro polo foi convidado. A partir desse encontro, para além de manter os pôsteres e minicursos, adotamos encontros menores, nos quais alunos de outros polos pudessem também participar, vindo de suas cidades com sua cultura local.

A cidade de Canudos conta com um memorial suntuoso em homenagem à história da guerra de Canudos e a Antônio Conselheiro, mantido pela UNEB, guarda achados arqueológicos da região, roupas e máscaras usadas na produção do filme sobre a guerra de Canudos, de Sérgio Resende.

Na produção desse texto, vamos encontrando *modus operandi* da população e fatos históricos que ajudam a compor uma historiografia cultural. Sem contar com a força sertaneja desse povo com sua raiz na religião, na mestiçagem do caboclo com o índio, o português e

com o negro, como o sertanejo. Nesse sentido, o sertanejo vai introjetado na pele, na fala, nos jeitos, os trejeitos de ser dos baianos e das baianas.

O IV Encontro de História/EAD ocorreu em Santo Estêvão, em 2013. As atividades do encontro ocorreram no auditório da prefeitura, a qual prestou total apoio através da secretaria de educação. Para esse encontro, se deslocaram discentes de vários municípios. Nele avaliamos quarenta e oito pôsteres.

Conta a história oficial que o padre português José da Costa Almeida, que morava na região, possuía uma fazenda de criação de gado e lavoura. Por causa da seca que assolava a região onde hoje é a cidade, Antônio Cardoso, o padre, foi obrigado a sair procurando de pasto para o gado, encontrando fonte manancial de água doce no atual riacho salgado. O padre construiu uma capela, onde hoje é a cidade de Santo Estêvão.

Durante o século XIX vê-se o desenvolvimento de Santo Estêvão com a presença de senhores de escravos que cultivavam o fumo e criavam gado. O latifúndio exercido pelos senhores de escravos, conforme pesquisa de José Agnaldo, atual secretário de educação do município e tutor pertencente aos quadros de TD de história, aqueles senhores sempre foram temidos por manterem postura de coronéis, impondo terror à população da região.

Na diversidade desse município encontramos na sua fundação elementos que convergem para delinear uma cultura escravocrata a qual miscigena o português e os índios que fugiam da costa ao serem açoitados por portugueses. Tropeiros e outros se utilizavam da região para se deslocarem para o interior do estado e para se dirigirem às minas gerais, portanto, fatores de miscigenação étnico culturais estão envolvidos nessa área.

O V Encontro de História/EAD aconteceu em Jequié, em 2013. Nessa localidade tivemos três dias de encontro com a exploração principal do primeiro encontro temático que oferece carga horária de AACC para discentes do polo ao qual estamos realizando o evento. Esse é o principal elemento no encontro para podermos falar em diversidade cultural, pois é através desse trabalho de exploração temática que o curso avança, e professores, tutores e discentes se aproximam da dimensão cultural do município polo. Basta ver que nesse encontro tivemos a oportunidade de visitar um espaço quilombola e contar com explanação de pessoas que vivenciaram toda a relação de reconhecimento Palmares para a comunidade enquanto membros e remanescente de quilombos. Na mesma oportunidade visitamos o espaço

ODERE, entidade assistida e administrada por professores da UESC. Na oportunidade vimos o museu, a biblioteca e ouvimos atentamente a história local e a participação da comunidade indígena naquele espaço em Jequié.

Fica visível mais uma vez que a cultura local não é diferente dos outros lugares da Bahia, o que nos faz pesar o quanto essas culturas locais são parecidas e o quanto elas interpenetraram em nosso ser baiano, ajudando a compor uma diversidade cultural que tanto participa da singularidade do povo baiano.

O VI e o VII Encontros de História/EAD aconteceram em datas muito próximas, sendo o VI no início do mês de novembro e o VII no final, em Barreira, quando nos dirigimos a Bom Jesus da Lapa para construirmos com vocês esse evento que será singular, por suas peculiaridades, por suas propostas, contidas no *folder*, pela disposição de todos e todas em construir um momento historiográfico único que só poderemos falar *a posteriori*.

RELATÓRIOS DOS DOCENTES E TUTORES

Por Aline Assis Santos¹⁷

Ser plural é considerar as diferenças existentes nos comportamentos e formas de vida das pessoas presentes em diferentes regiões do mundo. Nesse tocante chegando a Bom Jesus da Lapa, conhecida como capital da fé católica, vivenciando as experiências e expectativas de estudos dos estudantes da EAD, foi possível observar que o plural está na mentalidade e nas práticas daquele grupo, sobretudo referente à religiosidade, em que as práticas de candomblé e umbanda, de regiões de moradia dos estudantes, aparecem como temas de pesquisas para conclusão do curso de História.

Compromisso, empenho, responsabilidade e transparência foram elementos que estiveram presentes naquele encontro onde o compartilhamento de práticas e saberes locais, associados às abordagens historiográficas, sobretudo no momento da apresentação dos pôsteres para complementação de carga horária e pendência em disciplinas, estiveram garantidos.

¹⁷ Professora formadora do curso de História EAD/Uneb-UAB.

A turma de História de Bom Jesus da Lapa mostrou o quanto são comprometidos com os estudos e participativos nas ações referentes à formação. O pleno acompanhamento da tutora presencial Gabriela Amorim Nogueira, ficou evidenciado na qualidade e organização dos pôsteres, bem como, nas boas e seguras apresentações. Observar estudantes fazendo anotações sobre os elementos que estavam sendo discutidos mostrou a importância daquele momento, não somente para eles, mas para todos os envolvidos.

Momento agregador foi também o da visita temática aos lugares históricos da região. Pudemos ver o Santuário do Bom Jesus da Lapa, local representativo da cultura local, mobilizador de milhares de pessoas anualmente em devoção ao santo católico. O museu e a Barrinha são outros lugares que merecem destaque na cidade, pois referenciam elementos importantes da cultura local como os expostos referentes à rádio de Bom Jesus da Lapa e a vista contemplativa ao rio São Francisco.

Neste sentido, o aprendizado constante foi garantido nas interações e diálogos entre estudantes, gestores e a comunidade, na observação de suas práticas cotidianas, pressupostos fundamentais da educação.

Por Gabriela Nogueira¹⁸

Relatar é uma prática muito importante para o aprimoramento das nossas ações. Nesse sentido, faço relato das vivências do Encontro de História realizado no último dia 02 de Dezembro de 2014, no Polo de Bom Jesus da Lapa, tendo como tema central História: uma vivência pluricultural.

Desde o momento inicial de preparação para o evento, os alunos demonstraram muito interesse em participar efetivamente, pois esse sempre foi um momento esperado por nossos alunos e também pela coordenação e tutoria presencial.

Então, partimos para a organização porque dentro de duas semanas deveria estar tudo preparado. A comissão formada pela coordenadora do polo Eliane Marques, Gabriela Nogueira, Tutora Presencial e os discentes Willis Pércles, Evalda, Fátima Cristina, Junieio Cangirana se empenhou em organizar o evento.

¹⁸ Tutora presencial do Polo de Bom Jesus da Lapa.

Solicitamos o auditório da Escola Paulo Freire (antigo CENFOR e sede da UAB), o qual foi preparado pela discente Evalda Souza Cruz com uma bonita ornamentação. Preparamos os certificados do evento, pastas e material de apoio. Como não recebemos apoio financeiro, os alunos se reuniram e todos colaboraram para o café da manhã e lanche do final da tarde. Foi uma correria, sobretudo devido ao tempo que tínhamos para organizar o evento, mas no final tudo deu certo.

Iniciamos com a acolhida feita pela Tutora Presencial Gabriela Nogueira, seguida pela mesa de abertura inicial composta pelo coordenador de Tutoria Prof^o. Osvanildo Ferreira; pela Prof^a Aline Santos; pelo Prof^o. Jailton Brito; e por Ana Carla Souza, da coordenação pedagógica do curso de História UNEB/UAB; Eliane Marques coordenadora do Polo de Bom Jesus da Lapa e o discente e representante da comissão organizadora Willis Péricles.

Tivemos participações de artistas da terra: Tiago Silva e Lucas, que abrilhantaram nosso evento com música instrumental, acompanhado de versos e rimas sobre a história da cidade apresentados pelo poeta Everaldo D'ela Carte.

Logo na sequência, o Prof^o Osvanildo Ferreira palestrou sobre a importância do evento para o curso de História, através de uma recomposição da trajetória deste evento que já está na sétima edição.

No decorrer, como estava previsto neste encontro de Bom Jesus da Lapa, foram realizadas apresentações de pôsteres de Pesquisa Histórica. Quatorze alunos apresentaram suas temáticas e percursos da pesquisa histórica que vêm desenvolvendo como TCC do curso de História. Abro aqui um parêntese para ressaltar o trabalho de acompanhamento e orientação de pesquisa histórica que a tutoria presencial vem desenvolvendo com o intuito de contribuir no aprimoramento dos trabalhos realizados pelos discentes do curso de História de Bom Jesus da Lapa.

O momento de apresentação foi muito relevante, pois os alunos, na maioria das vezes, carecem de uma orientação mais direcionada que deveria acontecer desde Pesquisa Histórica I. Todos os discentes que apresentaram aprenderam muito com as considerações, apontamentos, indicações de leituras e métodos de pesquisa. Eles ficaram muito felizes com esses novos aprendizados.

Após o almoço, foi realizada a **visita temática de campo**. Teríamos vários espaços interessantes para a realização dessa atividade como a Casa de Cultura de Sítio do Mato, lugar guardião de peças arqueológicas encontradas na região do São Francisco; visitar comunidades quilombolas do Território Velho Chico, como o Quilombo Rio das Rãs; ou visitar a comunidade de Gameleira da Lapa. Mas devido o tempo disponível ser pequeno, optamos por visitar o Santuário do Bom Jesus da Lapa, *locus* de vivências, romarias, trocas de experiências desde o século XVII entre os primeiros moradores dessa região do sertão do São Francisco, populações nativas, africanos e afro-brasileiros, portugueses, presentes nessa região desde o processo de colonização dos sertões.

Fomos conhecer o Museu do Santuário, que guarda importantes acervos documentais, arqueológicos, mobiliários, objetos sacros, vestimentas. A partir dos quais é possível reconstituir vestígios da história de Bom Jesus da Lapa e região do São Francisco. O último ponto da visita temática foi nas margens esquerda do Rio São Francisco, na localidade Barrinha, lá refletimos sobre o São Francisco como patrimônio material, imaterial e natural da cultura regional e local. Fator essencial para a sobrevivência do povo ribeirinho que pede socorro devido ao desmatamento e assoreamento que sofre o Velho Chico.

No retorno das atividades, no auditório, deu-se continuidade às apresentações dos trabalhos de Pesquisa Histórica como aproveitamento de AACC. À noite, a programação iniciou-se com o *Coffee Break* seguido das apresentações de Webia e Karina, alunas do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, de Bom Jesus da Lapa, e participantes do grupo FACE, que nos brindou com um momento cultural e de descontração. Na sequência, houve as apresentações de pôsteres para aproveitamento como reoferta de disciplinas. Após as apresentações, foi finalizado o encontro com agradecimentos.

Gostaria de ressaltar que fazer parte da comissão organizadora foi um desafio, pois não tínhamos recursos e nem tempo suficiente, porém houve uma colaboração financeira por parte dos discentes e fizemos tudo com carinho e satisfação. O tema: História, uma vivência Pluricultural, sem dúvidas foi bem sugestivo para o encontro. Pensamos em um lanche e uma ornamentação simples que destacasse a História de Bom Jesus da Lapa, cidade polo do nosso curso. (Evalda Souza Cruz/Comissão Organizadora).

Ressalto que esse encontro, apesar de ter sido corrido, foi muito proveitoso, sobretudo para os alunos que puderam refazer disciplinas e os demais que apresentaram seus trabalhos de Pesquisa Histórica e encontraram norteamentos para os próximos passos da pesquisa. Além dos conhecimentos adquiridos o encontro possibilitou vermos uns aos outros, já que somos tão conhecidos virtualmente foi fácil esse momento de encontro, de diálogos, de boas risadas, de aconchego e confraternização. Isso, sem dúvida, fortalece o curso de História para avançar sempre mais.

Por Jailton Lima Brito¹⁹

É com muita satisfação que relato as minhas impressões do VII Encontro de História/EAD ocorrido entre os dias 02 e 03 de dezembro de 2014, na cidade de Bom Jesus da Lapa. Abençoados pelo santuário do Bom Jesus e pelo Rio São Francisco que margeia a cidade, esse encontro foi muito proveitoso e agradável e fez valer cada um dos 800 km que separam essa acolhedora cidade de Salvador. Aliás, acolhimento é uma palavra muito feliz para qualificar a forma como fomos recebidos na cidade, tanto pela coordenação do polo e pela tutoria quanto pelo corpo discente.

As primeiras atividades foram iniciadas pela manhã, no auditório da Escola Paulo Freire. O evento foi aberto com a formação da mesa de abertura com a presença de autoridades locais, coordenação do polo e representantes do curso de História EAD da UNEB/UAB, tendo havido também a apresentação de artistas locais. Logo após, o professor Osvanildo Ferreira de Souza proferiu palestra em que historicizou os encontros do curso de História/EAD do qual o de Bom Jesus da Lapa está se tornando o sétimo. Na sequência, foi iniciada a apresentação dos pôsteres, sendo que na primeira parte, foram apresentados os trabalhos dos que tinham como objetivo a obtenção de carga horária de AACC; nesse momento foi possível observar as boas pesquisas que estão sendo efetuadas nesse polo e também a atuação firme da tutora presencial Gabriela Nogueira na orientação nos rumos das pesquisas e na confecção dos pôsteres.

¹⁹ Mestre em História Social; tutor à distância do curso de História EAD/Uneb-UAB.

Após uma parada para o almoço, foram iniciadas as atividades da tarde com a **Visita Temática** ao Santuário de Bom Jesus da Lapa, ao Museu do Santuário e à localidade de Barrinha. No Santuário, pudemos perceber a força da fé dos romeiros que no mês de agosto chegam aos milhares na cidade para demonstrar a devoção ao Bom Jesus. A visita ao Santuário me deixou a certeza que até o mais convicto ateu entenderia os motivos de tamanha devoção. Na visita ao Santuário, pudemos entender os motivos dessa devoção a partir da visualização dos objetos lá expostos. Já na localidade da Barrinha, foi possível apreciar um local de lazer e cultura da população de Bom Jesus.

O retorno ao auditório da Escola Paulo Freire foi iniciado com um *coffee break* e logo após fomos agraciados com as apresentações de voz e violão de duas alunas do ensino básico local. Ao final, iniciaram-se as apresentações de pôsteres, tanto para obtenção de AACC quanto para recuperação de disciplinas nas quais os alunos não conseguiram aprovação. Essa atividade se estendeu até horário avançado, sendo que todos os presentes até o final demonstraram a fibra que fez desse encontro o sucesso que ele foi.

Por fim, finalizo esse relatório ressaltando a minha satisfação em ter participado do VII Encontro de História EAD/UNEB-UAB, não só pela forma calorosa como fomos recebidos por todos, mas também pela qualidade de tudo que foi preparado e apresentado para nós, demonstrando que iniciativas como essas rendem frutos positivos e não devem ser descontinuadas, pois acrescentam, em muito, a essa modalidade de ensino.

ATIVIDADES DOS ALUNOS: PÔSTERES – AACC

01 - Discente: Sidiclea Maria da Conceição Santos (Matrícula: 201129960).

Título do Pôster: Historiografia e Prática Educativa: Ensino de História da escola municipal irmã Petronila Müller em Gameleira da Lapa – BA (1990 a 2014).

RESUMO: Este trabalho objetiva fazer uma análise da realidade da escola Municipal Irmã Petronila Müller, observando e descrevendo as práticas de ensino e a forte influência da vertente historiográfica positivista. Este estudo pretende promover uma ação educativa que

busque, de forma permanente, a transformação da realidade e a melhoria da qualidade do ensino de história, nesta escola.

02 - Discente: Willis Pericles Fernandes Batista (Matrícula: 201129964).

Título do Pôster: O Golpe Militar de 1964: a ditadura na microrregião do médio São Francisco (1964 -1985).

RESUMO: Este trabalho pretende fazer uma análise historiográfica do Brasil e das organizações de esquerda construídas no país a partir do golpe de 1964. Os ativistas perseguidos buscaram abrigo na microrregião do médio São Francisco estabelecendo contatos como os ribeirinhos do município de Bom Jesus da Lapa, o que despertou a repressão militar, que partir daí, com essa justificativa, plantou a repressão nesse município, dificultando a convivência social e a cultural de seus habitantes.

03- Nadijane Pereira dos Santos. (Matrícula: 201129951).

Título do Pôster: “Damas com áurea misteriosa”: Benzedeadas em Gameleira da Lapa (2001 a 2010).

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo o aproveitamento de carga horária para AACC e da reoferta de disciplina. Estudarei as Benzedeadas de Gameleira da Lapa, analisando a importância e repercussão no imaginário popular dos tipos de práticas usadas pelas benzedeadas para promover a cura, buscando compreender os fatores que levam as pessoas a procurarem melhorias junto às benzedeadas, mesmo existindo avanços medicinais.

04- Discente: Simara Souza Lima (Matrícula- 201129962).

Título do Pôster: “Ritos difundidos do catolicismo rural brasileiro”: Festejo de São Gonçalo de Amarante, Cultura e Religião em Gameleira da Lapa- BA (2002-2012).

RESUMO: O objetivo deste trabalho é pesquisar o festejo de São Gonçalo de Amarante, em Gameleira da Lapa, e o pagamento de promessas para agradecer as bênçãos alcançadas. No

trabalho, procurar analisar os processos históricos envolvidos nesse festejo e a relevância para a comunidade. A apresentação do trabalho no formato de pôster foi enriquecedora, pois a banca trouxe novas visões acerca dos vários caminhos que posso traçar nesta pesquisa.

05- Discente: Jean Carlos Ferreira Costa (Matrícula: 201129936).

Título do Pôster: Trajetórias de migrantes: Atingidos pela Barragem de Sobradinho migraram para Serra do Ramalho-Bahia (1975-1990).

RESUMO: O presente trabalho teve por objetivo inicial o aproveitamento de carga horária para AACC; o referido trabalho buscou mostrar meu campo de pesquisa, a fim de entender os motivos que levaram os migrantes a se deslocarem de seus lugares de origem e de que forma suas vidas foram afetadas e as consequências para essas pessoas na vinda para Serra do Ramalho Bahia.

06- Discente: Hildiane Araujo Nascimento (Matrícula: 201129932).

Título do Pôster: Educação para relações étnico-raciais ensino de história e cultura afro-brasileira lei: 10.639/03, no Colégio Estadual Thomaz Leite, Sítio do Mato- BA (2010-2014).

RESUMO: Este trabalho é para aumentar carga horária para AACC e reoferta de disciplina. Procuro entender a trajetória da lei 10.639/03 e sua aplicabilidade. Pretendo aplicar no Colégio Estadual Thomas Leite, da comunidade quilombola de Barro Vermelho. Analisar as fontes e demonstrar o que tem sido posto em prática no que tange à aplicabilidade da lei. Apresentar esse trabalho para uma banca de professores foi muito importante, pois pude compreender como o aspecto acima abordado é relevante para nossa sociedade.

07- Discente: Evalda Souza Cruz (Matrícula: 201129930).

Tema: Mestre Guarany: O Mestre Das Carrancas Do Francisco.

RESUMO: Esta proposta tem como objetivo investigar a trajetória histórica e cultural do artesão Guarany, compreender a relevância e atuação desse sujeito comprometido com as causas sociais e culturais na sociedade Santamariense. Com a influência e a difusão de sua arte seu nome foi projetado como para além de um cidadão participativo: Mestre Francisco de Biquiba de Lafuenty Guarany, artesão do Ciclo das barcas no Médio São Francisco.

08- Nome: Eliane de Souza Sá Teles (Matrícula: 201129925).

Título do Pôster: Sociedade Filarmônica 13 de Junho: Patrimônio musical e cultural de Paratinga- Bahia, de 1902 a 1904.

RESUMO: Este estudo é sobre a história da Sociedade Filarmônica 13 de junho, da cidade de Paratinga-Ba. Com 112 anos de existência, a Filarmônica atravessou a história desta cidade participando dos festejos, aniversários de casamentos, funerais, missas e carnavais com marchinhas. Apresentar nosso pôster foi importante para acrescer nosso AACC. A banca de professores foi para todos nós, um momento ímpar, inclusive para sanar as nossas dúvidas.

09- Discente: Mário Sérgio de Jesus Silva (Matrícula: 201129946).

Tema: História e Memória: a origem da comunidade negra do Brejo de São José, Riacho de Santana-BA.

RESUMO: Esta apresentação teve como foco aumentar a carga horária de AACC e a reoferta de disciplina. Pretendo estudar a comunidade negra do Brejo de São José, com base na origem e na semelhança de seus moradores. Utilizarei o método da História Oral, visitas à comunidade e entrevistas com moradores. Apresentar esta pesquisa em forma de pôster foi muito proveitoso, tendo em vista as orientações da banca de professores de História da UAB UNEB, presente no polo de Bom Jesus da Lapa-Ba, no VIII Encontro de História.

10- Discente: Ezinete Mendes de Araújo (Matrícula: 201129928).

Tema do pôster: Festa Junina: história, cultura e religião em Gameleira da Lapa – BA (1990 a 2003).

RESUMO: O objetivo deste trabalho é aumentar as horas de AACC e a reofeta de uma disciplina. O interesse desta pesquisa tem seu foco nas festas juninas de Gameleira da Lapa – BA, tradições cristãs, festas de santos católicos como: Santo Antônio, São João e São Pedro. Pretendo compreender qual a contribuição dos festejos juninos para a construção da história de Gameleira e para a formação do seu povo. Esclarecer que os comentários dos professores da banca de História reduziram minhas dúvidas e contribuíram para aperfeiçoar esta pesquisa.

11- Discente: Silvia Souza Bispo (Matrícula: 201129961).

Título do Pôster: Candomblé: história, cultura e religião em Gameleira da Lapa - BA (2001 a 2010).

RESUMO: Nesta pesquisa, farei um levantamento sobre o surgimento do candomblé em Gameleira da Lapa, desde a chegada até nossos dias. Quero verificar a influência do candomblé na vida dos participantes na sociedade de Gameleira. O candomblé é uma religião que tem a natureza e o universo como divindades.

12- Discente: Fátima Cristina Pereira De Matos (Matrícula: 201129931).

Título do Pôster: A trajetória histórica da Festa do Divino Espírito Santo, Bom Jesus da Lapa - BA (1995 a 2000).

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo investigar os significados históricos e culturais da Festa do Divino Espírito Santo. A escolha do tema se deu pela motivação de conhecer e entender questões ligadas às manifestações históricas e culturais no que se refere ao festejo na cidade de Bom Jesus da Lapa. Nessa festa centenária, presenciamos manifestações de fé, tradição e cultura.

13- Discente: Ellen Márcia Costa Alves.

Título do Pôster: É viva a palavra quando são as obras que falamos. Santo Antônio de Pádua: história, devoção e cultura em Gameleira da Lapa - BA (2000-2014).

RESUMO: Qual a importância dos festejos de Santo Antônio? Nesta pesquisa vou analisar e descrever a vida e a influência de Santo Antônio. Vou pesquisar a importância deste santo para a comunidade. Trabalharei com fontes orais, coleta de dados com os moradores e com as fotografias desse festejo, isso vai me fazer conhecer sua historiografia, trazendo sempre a problemática em questão: Qual a importância destas festas para Gameleira da Lapa?

PÔSTERES: RECUPERAÇÃO DE DISCIPLINA

01- Discente: Raquel Pereira Araujo (Matrícula: 201129956).

Reoferta Da Disciplina História Medieval I

Tema: Guerra Religiosa – As Cruzadas

RESUMO: O objetivo desta apresentação foi a reoferta da disciplina História Medieval I. Neste estudo, pude concluir que consegui apreender o conteúdo de forma abrangente e significativa. As Cruzadas foram movimentos militares cristãos em sentido à Terra Santa com a finalidade de ocupá-la. No século VII surgiu, no Oriente Médio, o Monoteísmo. O islamismo se expandiu através do profeta Maomé, seu crescimento criaria grandes embates com o cristianismo.

02- Camila Pereira da Silva (Matrícula: 201129918).

Reoferta da disciplina: Teoria da História II

Tema: História e Historicismo

RESUMO: Esta reoferta teve o caráter de recuperar a disciplina pendente, também contribuiu para aprimorar meus conhecimentos. O tema Historicismo provocou um choque na sociedade, alemã entre os séculos XVIII e XIX. Para alguns teóricos esse termo teria sido um contraponto para a historicização acerca do pensamento da humanidade, uma transformação cultural e social, uma reconstrução e uma nova visão de mundo, tipicamente moderno e ocidental.

03- Caroline Ribeiro Vieira (Matrícula: 201129919).

Reoferta da Disciplina: Educação e Novas Tecnologias

Tema: Educação a Distância

RESUMO: O presente trabalho foi objeto de aproveitamento da reoferta da disciplina Educação e Novas Tecnologias. Com o avanço tecnológico e a consolidação da *internet* como meio eficiente de comunicação, pesquisadores no mundo todo vislumbram uma oportunidade ímpar de suporte para inovações no processo educacional. A busca cada vez maior pela educação a distância torna-se um termômetro da confiabilidade.

04- Discente: Márcia Tânia Ribeiro Silva (Matrícula: 201129941).

Reoferta da Disciplina: História Indígena

Tema: Origem das populações indígenas

RESUMO: A apresentação desse trabalho teve como objetivo recuperar a disciplina História Indígena. A ocupação humana do Território Brasileiro começou há mais de 10 mil anos. Quando os europeus chegaram, na virada para o século XVI, havia povos espalhados do Planalto da Guiana ao Pampa gaúcho, do interior da Amazônia ao litoral. Expor este trabalho a uma banca de professores de História da UNEB contribuiu para aprimorar meus conhecimentos e me nortear para próximas apresentações.

05- Discente: Josimara Ferreira (Matrícula 201129938).

Reoferta da Disciplina: História e Região

Tema: História, região e cultura.

RESUMO: Apresento este pôster em reoferta para recuperar a disciplina História e Região. A cultura ampliou seus significados, antes restritos ao mundo das artes e das letras, a cultura passou a ser pensada como um conjunto de significados compartilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo, como uma forma de expressão e tradução da realidade que se

faz de forma simbólica. O cotidiano tem se constituído em uma vertente utilizada para abordar a história.

06- Discente: Marinilza Rosangela Barbosa.

Disciplina Seminário Historiográfico

Título do Pôster: História: ciência, método e processo coletivo de construção de conhecimento.

RESUMO: No século XIX, a historiografia polarizou os debates, entre as construções teóricas e metodológicas por definição da História. A escrita, na história, passa a ser ancorada no Positivismo, que propõe à existência humana valores completamente humanos e devoção à ciência; o Historicismo que aborda os fenômenos e as culturas humanas e o Materialismo Histórico que resvala para as ciências humanas na sua totalidade e atinge seus métodos, metodologia e sua historiografia.

07- Discente: Marinilza Rosangela Barbosa.

Disciplina: Disciplina Teoria da História II.

Título do Pôster: A Escola dos Annales.

RESUMO: A escola dos Annales promoveu um novo olhar sobre o conhecimento e sobre o ofício do historiador, trouxe a possibilidade de um diálogo entre a história e as ciências sociais dando veracidade a historiografia tradicional, baseando-se em fatos e demasiadamente voltada para os acontecimentos nativos e naturais do século XIX. Surgida na França, na primeira metade do século XX.

08- Nome Completo: Laiza Tatiane Santos Silva (Matrícula: 201129940).

Reoferta da Disciplina: História Indígena.

Título do Pôster: O Estatuto do Índio.

RESUMO: forma inédita, os indígenas passaram a ser protegidos por lei específica, mas embora essa lei tenha como uma de suas premissas a proteção da cultura indígena, ela dá maior ênfase à integração dos indígenas à comunhão nacional. Ao considerar os direitos indígenas como direitos “originais”, a Constituição de 1988 aceita o princípio de que os indígenas eram os proprietários originais das terras, e, portanto, que seus direitos antecedem todo ato administrativo do governo.

09- Discente: Laiza Tatiane Santos Silva (Matrícula: 201129940).

Reoferta da Disciplina: Educação e Novas Tecnologias.

Título do Pôster: Ler e escrever na cultura digital.

RESUMO: Nas culturas que não conheciam a escrita, a transmissão da história se dava através das narrativas orais: o narrador relatava as experiências a ouvintes do mesmo contexto. Na segunda etapa, mudaram as relações entre o indivíduo e a memória social. O sujeito pôde projetar sua visão de mundo, sua cultura, seus sentimentos e vivências, no papel. A conexão simultânea dos atores da comunicação a uma mesma rede traz uma relação totalmente nova com os conceitos de contexto, espaço e temporalidade.

10- Discente: Ênio Lavra dos Santos.

Reoferta da Disciplina: Historiografia Brasileira e Baiana.

Título do Pôster: Conjuração Baiana: uma revolta social de caráter popular ocorrida na Bahia em 1798.

RESUMO: A conjuração Baiana foi um dos elementos no processo de emancipação política do Brasil, teve como objetivos: Implantar uma república democrática e promover a igualdade social e racial. Assumiu imenso significado para a História do Brasil, na Bahia, como um marco na luta da independência. Compreender o contexto social, político e econômico da sociedade brasileira colonial no final do século XVIII e a influência que a conjuração baiana teve sobre a independência do Brasil.

LISTA DE ORGANIZADORES DO EVENTO

Eliane Marques – CP; Gabriela Nogueira – TP e os discentes: Evalda Souza Cruz, Fátima Cristina, Junieio Cangirana, Willis Péricles.

LISTA PARA CERTIFICAÇÃO DE AACC

(Matr.: 201129925) - Eliane de Souza Sá Teles, Ellen Márcia Costa Alves, (Matr.: 201129930) - Evalda Souza Cruz, (Matr. 201129928) - Ezinete Mendes de Araújo, (Matr.: 201129931) - Fátima Cristina Pereira De Matos, (Matr.: 201129932) - Hildiane Araujo Nascimento, (Matr.: 201129936) - Jean Carlos Ferreira Costa, (Matr.: 201129946) -Mário Sérgio de Jesus Silva, (Matr.: 201129951) - Nadjane Pereira dos Santos, (Matr.: 201129960) - Sidiclea Maria da Conceição Santos, (Matr.: 201129961) - Silvia Souza Bispo (Matr.:201129962) - Simara Souza Lima, (Mat.: 201129964) - Willis Pericles Fernandes Batista.

LISTA DE ORGANIZADORES DO EVENTO

Eliane Marques – Coordenadora do Polo;
 Gabriela Nogueira – Tutora Presencial;
 Evalda Souza Cruz – Discente;
 Fátima Cristina – Discente;
 Junieio Cangirana – Discente;
 Willis Péricles – Discente.

LISTA PARA CERTIFICAÇÃO DE AACC

Eliane de Souza Sá Teles (Matrícula: 201129925).
 Ellen Márcia Costa Alves.

Evalda Souza Cruz (Matrícula: 201129930).
Ezinete Mendes de Araújo (Matrícula: 201129928).
Fátima Cristina Pereira De Matos (Matrícula: 201129931).
Hildiane Araujo Nascimento (Matrícula: 201129932).
Jean Carlos Ferreira Costa (Matrícula: 201129936).
Mário Sérgio de Jesus Silva (Matrícula: 201129946).
Nadjane Pereira dos Santos (Matrícula: 201129951).
Sidiclea Maria da Conceição Santos (Matrícula: 201129960).
Silvia Souza Bispo (Matrícula: 201129961).
Simara Souza Lima (Matrícula- 201129962).
Willis Pericles Fernandes Batista (Matrícula: 201129964).

CONCLUSÃO

As impressões sobre o VIII Encontro de História/EAD, ocorrido na cidade de Bom Jesus da Lapa, foram as melhores possíveis. Desde a acolhida calorosa tanto da coordenação do polo quanto dos cursistas que nos receberam com muito carinho e atenção. Não ficou por menos a parte acadêmica do evento, em todos os seus momentos as atividades desenvolvidas foram enriquecedoras e acresceram conhecimentos aos presentes, principalmente os cursistas. Os pôsteres apresentados por eles também corresponderam às expectativas, sendo momento único no qual os alunos puderam exercitar a criação e apresentação de um trabalho científico. Por fim, acredito que momentos como esse são essenciais em qualquer espaço de construção de conhecimento e, em especial, num curso de graduação a distância.

**APÊNDICE E - UMA BREVE MEMÓRIA DO IX DO ENCONTRO DE HISTÓRIA
NO POLO UAB DE ITAMARJU EM DEZEMBRO DE 2014**



POLO DE APOIO PRESENCIAL DE ITAMARAJU-BA

**UMA BREVE MEMÓRIA DO IX DO ENCONTRO DE HISTÓRIA
NO POLO UAB DE ITAMARJU EM DEZEMBRO DE 2014**

Por: Délia de Oliveira Ladeia
(Coordenadora do Polo UAB de Itamaraju)



Itamaraju-Ba
Dezembro, 2014

A história constitui-se de fatos que por meio de contos e recontos anunciam e denunciam as ações de homens e mulheres que são ou um dia foram sujeitos históricos de um tempo presente, passado e futuro. Tais ações podem ser a causa e/ou consequência determinante de um fato histórico que dependendo da sua intensidade, de algum modo, mudam o curso da história.

Nesse contexto, mesmo com o calor frenético, anunciando o verão e a correria tradicional das festas de natal, recebemos da coordenação de tutoria a missão de sediarmos o **IX Encontro de História da EAD da UNEB-UAB**. Diante do compromisso desafiador, devido às dificuldades locais para atender com eficiência a logística do evento, sentimos que teríamos um importante papel enquanto construtores do processo histórico, tanto no curso de licenciatura de história, como no movimento e fortalecimento do programa da Universidade Aberta, especificamente do Polo de Itamaraju, assim como na vida dos alunos, dos professores e da comunidade local e regional. Afinal, além da comunidade local receberíamos, também, os acadêmicos do Polo de Itanhém.

Sabíamos da responsabilidade e do desafio, principalmente quando o Coordenador de Tutoria, Professor Osvanildo Ferreira, nos enviou um desenho da programação com a temática do Evento: *“Por uma realidade Pluricultural”*. Além de fomentar o debate acadêmico, a visita à comunidade Indígena abriria uma excelente oportunidade para vivenciar e dialogar um pouco com uma das culturas mais ricas do Extremo Sul da Bahia: a do Povo Indígena Pataxó.

Então, partimos imediatamente para o planejamento das ações envolvendo a equipe do Polo e juntamente com a tutora presencial, professora Esmeralda, mobilizamos todos os alunos da turma de história.

Considerando que através do simbólico o homem sempre procurou demarcar a sua identidade e trajetória histórica cultural, pensamos em um símbolo capaz de demarcar o encontro de História e ao mesmo tempo firmar a identidade cultural e histórica da nossa região. Concluímos, com a ideia de um globo terrestre, espaço representativo do velho e do novo continente, uma caravela simbolizando a sagacidade dos navegadores portugueses, que

nos muitos recontos históricos são personificados como “os descobridores, os dominadores dos povos silvícolas das Américas”. O mar, estilizado pela pintura do povo pataxó, os verdadeiros e legítimos donos da terra *Brasilis*, supostamente descobertos pelos portugueses, conforme registram os compêndios da História do Descobrimento do Brasil. E, finalmente, a esfinge do Monte Pescoço, majestosa formação rochosa com pouco mais de 500 metros, coberto com as exóticas espécies da Mata Atlântica que certamente foi e continua sendo o guardião dos inúmeros fatos que compõem a história plural da região do extremo sul da Bahia, em especial da cidade de Itamaraju.

A programação do evento contemplou um amplo debate entre a universidade e os acadêmicos sobre a postura e o ofício do professor historiador. Procuramos trazer para programação aspectos culturais locais representados pelo talento dos jovens na musicalidade, na dança e na poesia. Incluímos, também, um momento sobre a história da cidade de Itamaraju e sobre a vida de personalidades políticas reveladas nas palavras soltas de um cordel envolvente, e nos muitos “causos” contados durante a programação do evento.

Acreditamos que nada foi mais marcante no encontro do que a receptividade da comunidade indígena durante a visita à Aldeia do Trevo do Parque. Ao entrarmos na aldeia fomos recepcionados pelos índios que usavam vestuários tradicionais e o corpo todo marcado com as pinturas do povo pataxó. Ouvir a oração em *patxohã* e o ritual do *Awê* nos possibilitou um “religare” ao mundo espiritual do povo indígena. Foi emocionante! Os acadêmicos tiveram a oportunidade de conhecer e vivenciar a cultura dos primeiros habitantes das terras baianas através das muitas histórias reveladas pelos idosos da aldeia, assim como, através da exposição dos múltiplos artesanatos indígenas e plantas medicinais.

O diálogo foi aberto. Entre um comentário e outro dos visitantes, ficou evidente que muitos deles, naquele momento, tiveram a oportunidade de romper paradigmas e estereótipos que, por vezes, dificultam a compreensão e a comunhão de ideias, línguas, religião, enfim, a compreensão da riqueza da pluralidade cultural. A comunidade ofereceu aos acadêmicos um lanche para degustação das comidas indígenas e da exótica bebida feita da mandioca, o chamado *cãuin*. Tivemos uma aula de história em tempo real e lições de cidadania de um povo que luta pela sua identidade e demarcação do seu território, donos de uma diversidade cultural que traduz muito da riqueza da humanidade.

O último dia do encontro foi intenso e ao mesmo tempo tenso para os alunos. A exposição de pôster tinha como objetivo divulgar as produções científicas e acadêmicas dos alunos e o aproveitamento de disciplinas. Foi exigido aos alunos, durante a exposição, o rigor acadêmico que foi avaliado pela banca examinadora da UNEB, deixando os expositores ansiosos e preocupados com os resultados. Entretanto, percebeu-se a produtividade e a riqueza das apresentações e o empenho dos acadêmicos.

A realização do Encontro de História no polo UAB de Itamaraju foi muito importante e colaborou para elevação da autoestima da turma de história e ao mesmo tempo para equipe de trabalho do polo. Todos participaram efetivamente para organização do evento. Para a tutora presencial, professora Esmeralda Lacerda Santos, que se preocupou com a programação cultural revelando em depoimento que:

O encontro realizado em nossa cidade foi de grande valia, pois tivemos a oportunidade de reunir acadêmicos de dois polos com professores e coordenadores no intuito de discutirmos a história local, regional, fortalecendo dessa forma os pilares e os registros da nossa história. Os acadêmicos também tiveram a oportunidade de se expressar quanto produtores de conhecimento e participantes ativos da sua própria história.

Os alunos foram minuciosos no acolhimento aos colegas do polo de Itanhém e organizaram, em detalhes, o lanche para todo o evento. Mas o destaque da recepção foi o Monumento da Caravela, símbolo do encontro que o próprio acadêmico do polo de Itamaraju, Levi Moura, construiu utilizando sensibilidade, arte e habilidade. Ele mesmo nos relatou a trajetória:

Ao receber o comunicado de que o Polo EAD/UNEB de Itamaraju-Bahia, sediaria um encontro de História, ficamos muito felizes. Devido ao curto espaço de tempo, ficamos apreensivos quanto à organização do evento; mas não nos intimidamos; partimos logo para a divisão das comissões. O primeiro passo seria idealizar uma logomarca para o evento que identificasse ao mesmo tempo: a cultura, a história e a nossa cidade. Após algumas discussões chegamos a um consenso: a cultura seria representada por uma faixa retratando o artesanato do povo indígena (abundante em nossa região); a História seria representada por uma caravela (pois quando se fala em história do Brasil, logo nos vem à mente, as caravelas) e a nossa cidade seria representada pela pedra do gado bravo (popularmente conhecida como “pedra monte pescoço”), nosso cartão postal. Na divisão das tarefas, coube a mim, Levi Moura de Almeida, a confecção de uma caravela, que seria adicionada à decoração do ambiente onde aconteceria o evento. A princípio foi pensado em algo como um

painel para ser colocado na parede ou uma caravela confeccionada apenas com tecido. Mas eu queria algo mais próximo da realidade; algo que realmente chamasse a atenção para a importância do evento e a grandiosidade de nossa história. Daí eu resolvi confeccionar uma caravela com dimensões bem visíveis: 2,5 m de comprimento, 70 cm de largura e 2,5 de altura (aproximadamente). Com o projeto em mente, parti para o trabalho com madeira, pregos, taxas, papelão, cartolina, tnt, tecido e muita disposição. Após dois dias, medindo, serrando, pregando e forrando; a caravela ficou pronta. Tive bastante trabalho, mas vi o meu esforço recompensado, ao contemplar várias pessoas fotografando ao lado daquela singela caravela, por mim confeccionada. Mas esta foi apenas mais uma etapa que cumprimos em nossas vidas. Espero que no mar desta vida, a nossa caravela (como historiadores), sirva de orientação para muitas caravelas que estão à deriva.

Desta forma, faz-se necessário intensificar a realização de encontros dessa natureza, pois mesmo com as dificuldades inerentes a qualquer evento com essa dimensão, os resultados são significativos, sobretudo no que se refere ao diálogo e ao crescimento em prol da renovação do processo ensino aprendizagem bem como a troca de saberes e práticas entre os acadêmicos e a comunidade.

Registros iconográficos do encontro

Fotografia 01 – Equipe organizadora do encontro



Fonte: acervo do próprio autor em 2014

Fotografia 02 – Cerimonial de Abertura do Seminário



Fonte: acervo do próprio autor em 2014

Fotografia 03 – Homenagem do Polo de Itamaraju aos professores do curso de História e tutores presenciais



Fonte: acervo do próprio autor em 2014

APÊNDICE F – WHATSAPP: EXTRATO DAS INFORMAÇÕES COLHIDAS PARA ESTA PESQUISA - SANTO ESTÊVÃO – 13/07/15 a 19/08/15

O grupo de Santo Estêvão foi criado nessa data e os discentes que compareceram ao polo no dia da apresentação da proposta foram todos cadastrados.

12/07/2015, 21:29 - Você criou o grupo “SANTO ESTÊVÃO - História”

13/07/2015, 10:54 - Temos disposição de viver: Disponibilizei para todos e todas os arquivos de leitura para serem baixado por cada participantes no endereço:

01 - 13/07/2015, 14:03 - Sandra Maria: Sandra Maria NR(04).

02 - 13/07/2015, 14:50 - Adileia: Osvanilton, apos lermos o texto o que faremos ??

03 - 13/07/2015, 14:56 – **resposta do prof.:** Produzir o vídeo

04 - 13/07/2015, 15:00 - **Euvaldo** Santo Estêvão: O que faço para saber desse nr?

05 - 13/07/2015, 15:20 - **pergunta - desistente:** A produção do vídeo será feito por três pessoas como ficou combinado no encontro presencial, e a formação do grupo fica a critério de quem?

06 - 13/07/2015, 16:10 - Francilene: Professor já falei com Marcela

07 - 13/07/2015, 19:32 - Temos disposição de viver: Acabei de enviar a lista novamente. Peço para arquivar nós seu PCs para ajudar aos colegas qdo houver perdas. Osf/.

08 - 13/07/2015, 19:34 - **pergunta - desistente:** Osvanildo quais sao os proximos passos. O meu texto e a guerra fria da década de 1980 nas histórias em quadrinhos

09 - 13/07/2015, 19:40 – prof. responde: Moodle ainda não está na hora

10 - 13/07/2015, 19:42 - **pergunta - desistente:** Osvanildo passa uma orientacao geral no e mail como relacionar o assunto do texto com o video, pra gente andar.

11 - 13/07/2015, 19:47 - **resposta prof:** Eu não posso sugerir. Leia pensando na cidade. Na política, nas questões que a câmara do município resolve e a forma como usar as pessoas como marionete.

12 - 13/07/2015, 19:49 - Euvaldo Santo Estêvão: Vc vai no google abre a pagina do gmail e depois coloca o endereço que Osvanildo colocou e a senha

13 - 13/07/2015, 20:44 - Francilene: Como deve ser este vídeo, da uma explicação

14 - 14/07/2015, 09:12 - Dulce: Professor, o prazo para postar o vídeo vence realmente hj?

14/07/2015, 14:46 - Angela: Osvanildo eu não estou conseguindo falar nem com Joseane e nem Tamires, eu faço parte deste GRUPO o texto é Globalização o de 07 o vídeo só PODE ser confeccionada por 03?

15 - 14/07/2015, 15:15 - Laodiceia Bebe: O prazo para a postagem do vídeo está muito curto!

16 - 14/07/2015, 15:15 - Sandra Maria: Meu Deus! Pessoal leiam as postagens anteriores, para que não seja necessário respostas repetidas.

17 - 14/07/2015, 15:17 - Angela: Concordo até porquê eu soube agora.

18 - 15/07/2015, 13:12 - Francilene: Gente, quem faz parte do texto de nr 01? Precisamos nos encontrarmos urgente pra fazer o slide!

19 - 15/07/2015, 13:17 - Dulce: Professor não tô conseguindo enviar meu vídeo

20 - 15/07/2015, 13:18 - Francilene: Pois Osvanildo disse q o slide é pra amanhã!

- 21 -15/07/2015, 13:18 - Adileia: Enviei o meu, porém ainda nao chegou no ambiente
- 22 -15/07/2015, 13:21 - Dulce: O que fazemos professor?
- 23 -15/07/2015, 13:24 - Dulce: Meu vídeo tem 1 minuto e 29 segundos e não carrega
- 24 -15/07/2015, 13:25 - Dulce: Posso mandar por aqui?
- 25 -15/07/2015, 13:26 - Temos disposição de viver: Historiaeadumarealidade@gmail.com
- 26 -15/07/2015, 13:44 - Adileia: Pessoal este encontro p ver os videos sao as pessoas que pegaram os mesmos NR?
- 27 -15/07/2015, 14:08 - Euvaldo Santo Estêvão: Pelo que entendi pode ser de textos diferentes, mesmo porque não tem como juntar os 3
- 28 -15/07/2015, 14:13 - Adileia: Vc esta com qm Euvaldo?
- 29 -15/07/2015, 14:20 - Laodiceia Bebe: Bom, como estamos com o mesmo texto
- 30 -15/07/2015, 14:20 - Laodiceia Bebe: Achei que tivesse q fazer contigo
- 31 -15/07/2015, 20:33 - Temos disposição de viver: PEDIMOS NÃO LAÇAR NESTE ESPAÇO VÍDEOS NEM BRICADEIRAS. AQUI É UMA SALA DE INSTRUÇÕES.
- 32 -16/07/2015, 07:08 - Temos disposição de viver: 2 - no segundo dia pode ser feito o vídeo, todos estão fazendo;
- 33 -17 -3 - postado o vídeo partir para a produção do Poder Pont da equipe.
- 34 -18 -16/07/2015, 10:15 - Você adicionou Cláudia Goes UAB
- 35 -18/07/2015, 13:34 - Temos disposição de viver: Correto nossa âncora, para a socialização vcs escolhem o meio. Primeiro todos visualizam todas as publicações depois marcam um encontro q pode ser na pizzaria, no bar ou na lanchonete ou na casa de uma pessoa com bolo e café. Discutem o que viram faz uma fot coloca no Zap, faz uma lista de presença e fotografa enviando no Zap. Blz.
- xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
- 36 -18/07/2015, 18:10 - Angela: Meu amado seja flexível e tente entender que PARA domingo não será possível pois o tempo é pouquíssimo muitas pessoas tem seus compromisso com suas vidas religiosas, familiar, trabalho e com sigo mesmo TEMOS que assistir os vídeos forma opiniões e só depois em GRUPO formatar relatório, mesmo sendo em GRUPO VC há de admitir que a semana não foi nada fácil o pessoal mal respirou da maratona emposta pelas tarefas então vamos fazer assim teremos até à meia noite de terça para encerra a MARATONA.Certo ASSIM será melhor para todos e também preciso de tempo para fazer os BOLOS.
- TERÇA FEIRA – 21-07-15**
- 37 -18/07/2015, 18:14 - Temos disposição de viver: Ok. Vamos deixar para terça feira mas, não poderemos passar deste dia. Não tem muito vídeos não. É é só fazer um power point a partir daí.
- 38 -19/07/2015, 07:37 - Angela: Esta é a parte mais importante para encerrar a primeira etapa. Só recebe os 40 pontos quem completa está etapa. Só passa a etapa II quem cumprir está etapa.
- 39 -19/07/2015, 07:52 - Angela: GRUPO BOM DIA LEIA COM ATENÇÃO, E SO DEPOIS DE TER LIDO AI SIM DECIDA:
- 1- ONDE DEVE SE O ENCONTRO?
- 2- EM QUE HORÁRIO DEVEMOS NOS ENCONTRAR PARA DESENVOLVER A TAREFA E ENVIÁ-LÁ?

OBS.: ASSISTAM OS VÍDEOS TENHA UM PARECER DEFINIDO DOS VIDEOS, ESCREVE OU GRAVA SEU PARECER PARA QUE NO DIA DA SOCIALIZAÇÃO SEJA MAS FÁCIL OUTRA COISA SEJA LÁ O DIA QUE FOR ESCOLHIDO AS FOTOS O SLIDE SERAM TUDO ENVIADO NESTA DIA. NÃO FICARÁ NADA SEM FAZER OU ENTREGAR. CERTO.

OBS.: ASSISTAM OS VÍDEOS TENHA UM PARECER DEFINIDO DOS VIDEOS, ESCREVE OU GRAVA SEU PARECER PARA QUE NO DIA DA SOCIALIZAÇÃO SEJA MAS FÁCIL OUTRA COISA SEJA LÁ O DIA QUE FOR ESCOLHIDO AS FOTOS O SLIDE SERAM TUDO ENVIADO NESTA DIA. NÃO FICARÁ NADA SEM FAZER OU ENTREGAR. CERTO.

DESLOCAMENTO DOS PARTICIPANTES PARA O ENCONTRO QUE VAI FORMATAR O PP

40 -20/07/2015, 12:44h - Adileia: Grupo sairei daqui de feira as 16 pq estou tirando minha habilitação e chocou com o horário

41 -20/07/2015, 12:45 - Adileia: Mas estarei ai, vou ver se consigo sair um pouquinho mais cedo

42 -20/07/2015, 12:45 - Adileia: Abraços!!

43 -20/07/2015, 14:09 - Dulce: Em 10 minutos saindo de Feira .

44 -20/07/2015, 14:16 - Angela: NÓS PRECISAMOS LEMBRAR E PENSAR COMO GRUPO, AS PESSOAS VÃO VIR DE LONGE TAMBÉM PARA A REALIZAÇÃO DA TAREFA O QUE VAMOS DIZER A ELAS OU NÃO ESTAMOS PENSANDO NOS OUTROS DE LONGE.

45 -20/07/2015, 19:25 - Sandra Consa Sto Estêvão: Âncora gela a UEFS volta talvez quinta feira tem como tu pedir ao professor para não marcar o encontro na sexta-feira por causa da pós-graduação que é sexta-feira

46 -20/07/2015, 20:28 - Cláudia Goes UAB: Olá pessoal, como o professor Osvanildo disse, estou aguardando o vídeo de vocês. Ok! □

47 -20/07/2015, 22:34 - Âncora: Eu me sinto numa MATERNIDADE esperando o MOMENTO DE DÁ A LUZ.

48 -20/07/2015, 23:05 - Sandra Consa Sto Estêvão: Parabéns a todos nós pelo esforço e dedicação

49 -20/07/2015, 23:20 – Âncora : BOA NOITE CLG E CLG E A CLG QUE JUNTOS TORNARAM POSSÍVEL O ENVIO DESTA TAREFA HOJE. BOA NOITE OSVANILDO E A Âncora SEM ACENTO. BOA NOITE GRUPO. BOA NOITE A TODOS NÓS QUE SUPERAMOS JUNTOS MAS UMA ETAPA.

50 -20/07/2015, 23:25 - Sandra Consa Sto Estêvão: Ficou ótimo

51 -20/07/2015, 23:25 - Angela: Verdade.

52 -20/07/2015, 23:25 - Sandra Consa Sto Estêvão: Valeu Djalma

53 -20/07/2015, 23:26 - Sandra Consa Sto Estêvão: Boa noite a todos

54 -20/07/2015, 23:30 - Cláudia Goes UAB: Olá Djalma e componentes, informo que recebi o relatório. □

55 -20/07/2015, 23:30 - Cláudia Goes UAB: Boa noite!

56 -20/07/2015, 23:31 – Âncora: Valeu Claudia OBRIGADA por CONFIRMA. Noite boa pára vc.

57 -21/07/2015, 09:30 - Âncora: Bom dia amados GRUPO, . Estamos aguardando o nosso Comandante Osvanildo sinalizar em nossa direção que a primeira ETAPA, foi vencida e concluída com louvor. Estamos esperando o seu sinal de aprovação para que nossas com ciências possam descansar. E ai qual o veredito precisarmos JOGAR OS CHAPÉUS PARA CIMA. Confirme as HORAS prometidas.

58 - REPRODUÇÃO DE CAIXA DE VOZ – OLÁ MESTRE: Não sei se é possível continuar, não sei trabalhar sem organização .

59 – como vamos trabalhar com aquela bagunça, vamos criar um zap a parte. É só nós na fita. O zap foi a fuga do engarrafamento humano .

60 - 22/07/2015, 09:37h - Angela: Bom agora é nós na fita e na imagem e que imagem estamos FAZENDO HISTÓRIA. Este acontecimento ficará registrado nos ANAS da História do Polo e da UNEB. Um dia seremos lembrando como exemplo a ser seguido. Parabéns a todos que formam este GRUPO DO CURSO DE HISTÓRIA...

APÊNDICE G - QUESTIONÁRIO DO CURSO DE REGIONALIDADE BAIANA E POLIFONIA

As perguntas terão uma resposta de 1 a 10, em que um é igual 0 (zero) não compreensão de tudo, e 10 a compreensão total. 5 é o meio. Acima de 5 são pontuações positivas e para baixo 5 corresponde a entendimento a baixo da média, podendo chegar a 1 que é igual a zero.

Este questionário é para ser agregado como resultado final do programa **História/EAD - Curso de Regionalidade Baiana e Polifonia**, todavia não adiciona pontos para os candidatos, mas é um elemento importante para que os pesquisadores possam avaliar os resultados obtidos nesse curso desenvolvido a partir da pesquisa HISTÓRIA/EAD/UAB /UNEB.

OBS: O participante que responder ao questionário com todas as proposições iguais terá as respostas desconsideradas.

PENSAR HISTÓRICO – (MATTA, 2006, p. 145-152)

01 – Consciência da historicidade – É a consciência de tudo que pode ser interpretado historicamente - responda sua *percepção* como:

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 01 = (...)

02 – Consciência e valor social – Importância que a História tem para que as pessoas possam explicar sua existência e as relações com o mundo.

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 02 = (...)

03 – Capacidade de construir hipótese – A capacidade que o sujeito tem de criar nexos explicativos para os eventos da História.

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 03 = (...)

04 – Capacidade de tratar e analisar dados - Capacidade de absorver informações históricas e laborar uma construção explicativa a partir dos dados.

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 04 = (...)

05 - Se propõe a conclusões e resultados - O sujeito é capaz de tirar conclusões e produzir resultados a partir do conhecimento de informações históricas;

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 05 = (...)

DIVERSIDADE – (UNESCO, 2007)

06 - O Curso de História/EAD em sua opinião: criou condições para estimular e identificar a diversidade cultural existente nos municípios/polos?

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 06 = (...)

07 – O Curso de História/EAD em sua opinião: criou condições para que as diversidades culturais possam florescer e que os sujeitos/discentes possam promover ações que ser transformem dialeticamente em benefícios dos municípios/polos e dos sujeitos, transformando o conhecimento em ações praxiológicas?

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 07 = (...)

08 – O Curso de História/EAD em sua opinião: encorajou o diálogo entre culturas dos diversos municípios/polos - A relação dialogal entre as diversas culturas acontece quando o trânsito cultural permite mesclar as culturas de forma tal que o levar e o trazer conhecimento cultural de uma e outra região possibilite abertura de espaços para expor culturas dos outros lugares, principalmente nas feiras semanais.

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 08 = (...)

09 – O Curso de História/EAD, em sua opinião: fomentou a cultura e a interculturalidade das mesorregiões baianas - provocou o diálogo entre as diversas culturas dos diversos municípios/polos, através dos fóruns criados para esta pesquisa, numa perspectiva do socioconstrutivismo e da dialética?

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 09 = (...)

10 – O Curso de História/EAD permitiu que você aprendesse a história dos municípios participantes? – Os dados fornecidos pelas pesquisas realizadas, pelas produções disponíveis aos alunos e pelos alunos no interior do curso e por toda polifonia que se deu no fórum – GRUPÃO - permitiu um aprendizado dos outros municípios?

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 10 = (...)

11 - O Curso de História/EAD, em sua opinião: criou condições para que você aprendesse sobre a história dos outros, em sua diversidade e ao mesmo tempo possibilitou uma melhor percepção sobre sua própria diversidade a partir da experiência?

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 11 = (...)

POLIFONIA – (BAKHTIN, 2010, p. 295)

12 – A partir do fórum de estudo e discussão, você foi capaz de compreender o que é polifonia na perspectiva de Bakhtin? Conseguiu perceber quando cada personagem atuou no fórum como seres autônomos com visão própria do mundo e com posição própria e autônoma. Seria capaz de descrever este momento?

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 12 = (...)

SOCIOCONSTRUTIVISMO (MATTA, 2006, p. 152)

13 - O socioconstrutivismo, estudado nesse Curso de História/EAD, permitiu que você tivesse percepção da INTERATIVIDADE durante o curso - Intersecção entre as práticas sociais dos sujeitos engajados nas soluções de problemas. ?

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 13 = (...)

14 - O socioconstrutivismo, estudado nesse Curso de História/EAD, permitiu que você tivesse a percepção da CONTEXTUALIDADE – base concreta da cognição dos sujeitos engajados nas soluções de problemas?

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 14 = (...)

15 - O socioconstrutivismo, estudado nesse Curso de História/EAD, permitiu que você tivesse a percepção da COLABORAÇÃO – É vista e utilizada no projeto para criar soluções dos problemas de princípios de *design* no socioconstrutivismo, com três tipos:

Baseada em tarefas, em práticas e em conhecimento. Foi possível essa percepção?

1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 15 = (...)

15 - O socioconstrutivismo, estudado neste Curso de História/EAD, permitiu que você tivesse a percepção da MEDIAÇÃO - Utilizada devido ao uso dos computadores, celulares e sistemas de rede, encontrados entre os sujeitos e o seu labor diário. **1 - 2 -3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10 (...)**

Poste o número da resposta no interior dos parênteses: questão 16 = (...)

OBS: – Seguem abaixo, duas perguntas abertas a serem respondidas utilizando o máximo de dez linhas de *WattsApp*.

16 – Qual o conhecimento adquirido nesse curso, que você considera como mais importante e que deveria ser divulgado como um boa prática de ensino-aprendizagem durante o curso de **HISTÓRIA/EAD - REGIONALIDADE BAIANA E POLIFONIA?**

1-----

2-----

17 – O que você mudaria nesse curso, nos procedimentos e por quê?

1-----

2-----

MUNICÍPIO/POLO -

NOME:

RESPOSTAS:

PENSAR HISTÓRICO – (MATTA, 2006)

01 = (...) - 02 = (...) - 03 = (...) - 04 = (...) - 05 = (...)

DIVERSIDADE – (UNESCO, 2007)

06 = (...) - 07 = (...) - 08 = (...) - 09 = (...) - 10 = (...) - 11 = (...)

POLIFONIA – (BAKHTIN, 2010, p. 295)

12 = (...)

SOCIOCONSTRUTIVISMO – (MATTA, 2006, p. 152)

13 = (...) - 14 = (...) 15 = (...)

ANEXO A - CARTA DE IRECÊ-BA



PRIMEIRO ENCONTRO DE HISTÓRIA/EAD/UAB/UNEB 18 e 19 de março de 2011 – IRECÊ – BA CARTA DE IRECÊ – BA

É com grande entusiasmo e cheios de expectativas de sermos atendidos que nós, estudantes do curso de História/EAD/UNEB, estamos encaminhando esta carta à coordenação do Curso de História/EAD, tendo em vista que nossas dificuldades, expectativas e anseios estão sendo colocados neste documento com a intenção de que sejam analisados, discutidos e que possam ser atendidos, para que possamos construir juntos, um Curso de História de qualidade, capaz de despertar no estudante a verdadeira busca pela transformação da sociedade. Utilizando-se da metodologia de trabalho de grupo, os estudantes e tutores deste curso tiveram a oportunidade de falar, partilhar problemas enfrentados, mas principalmente, todos puderam socializar ideias e sugerir propostas de melhorias para o curso em cada polo. Cada grupo de trabalho ficou responsável por um aspecto do curso, que foi socializado em plenária e resultou neste diagnóstico e proposta a seguir: Com relação a:

01 – Metodologia e Avaliação:

- a) É preciso melhorar a organização didático/Metodológica do curso de História;
- b) É preciso estabelecer critérios mais claros e mais definidos com relação à avaliação das disciplinas e às atividades realizadas pelos tutores a distância;
- c) É preciso que as notas dos alunos sejam publicadas em tempo hábil para que os mesmos saibam se foram aprovados ou não, antes das provas finais;
- d) Os tutores presenciais e os a distância precisam dar um retorno mais rápido com relação às atividades e avaliações;
- e) Faz-se necessário um intercâmbio maior e mais rápido entre estudantes e tutores à distância;
- f) Fazem-se necessários intercâmbio e interação maiores e mais frequentes com o professor formador;
- g) Os módulos são importantes no processo de construção do conhecimento e precisam ficar prontos em tempo hábil;

02 – AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem:

- a) Os professores devem ser mais claros na elaboração das atividades para os alunos;
- b) Os prazos para postagem dos fóruns e para o envio de atividades devem ser coerentes com o grau de dificuldades dos mesmos;
- c) Os professores formadores e professoras a distância devem publicar as planilhas de notas ao final de cada semestre;
- d) É preciso criar um espaço virtual para acompanhamento e discussão do TCC;
- e) É preciso elaborar vídeos-aulas mais curtos a fim de que os alunos possam baixá-los com mais facilidade;
- f) Os TD's devem ser mais claros nos comentários e nos retornos que dão aos alunos sobre as atividades postadas.

03 – Estrutura – Gestão de polo e de curso

- a) Urge a construção de sedes próprias para os polos da UAB que funcionam em “outras” instituições como escolas;
- b) Urge a aquisição, pelos polos, de um acervo bibliográfico mínimo para consulta;
- c) Que as transmissões via *web*-conferência sejam melhoradas a fim de aperfeiçoar a interação *on-line* e obter os resultados esperados;
- d) Que a qualidade da transmissão da *internet* possa melhorar a fim de facilitar o acesso e navegação na rede;
- e) É necessária a intervenção das Universidades junto aos municípios para que estes deem mais apoio e assistência aos polos de apoio presencial da EAD.

4 – Questões Administrativas:

- a) É preciso que haja um posicionamento claro da administração quanto aos professores que “desaparecem”, deixando os alunos sem informações e sem notas;
- b) É necessária a implantação e manutenção do laboratório de informática nos polos que ainda não possuem;
- c) Os professores e tutores a distância (TD) devem conhecer os alunos dos polos nos quais prestam acompanhamento;
- d) É preciso regularizar bolsas e pagamentos de tutores e professores para que estes possam trabalhar de maneira mais satisfatória;
- e) É necessário promover mais encontros da área de História a fim de estimular a integração entre os alunos de todos os polos.

Considera-se esse documento como assinado pelos estudantes presentes ao encontro, já que foi fruto de discussão entre os mesmos, e produzido por uma comissão escolhida pelos participantes no próprio encontro.